

Kathleen Connell, RSCM

# UMA CAMINHADA NA FÉ E NO TEMPO

A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria

Volume II



Kathleen Connel nasceu em New York em 1940. Depois dos estudos secundários em Marymount Secondary School em Tarrytown, New York, entrou para o noviciado das RSCM em Setembro de 1957 e fez a primeira profissão dois anos mais tarde.

Terminando o bacharelado em Inglês, em Marymount College, Tarrytown, continuou os estudos em História, fazendo mestrado e o doutoramento em St. John's University, em New York. A tese de mestrado foi sobre os escritos de Alexis de Tocqueville e a de doutoramento sobre o clero bretão refugiado e exilado na Grã-Bretanha e no Channel Islands, 1792 – 1801.

Tem leccionado no History Department em Marymount College, Tarrytown, desde 1964. O seu actual centro de interesse inclui a História da Irlanda, Humanidades Antigas e Medievais, História da mulher e Escritura.

Além do ensino, investigação e mandatos em comissões do College, serviu a Província Americana de Leste em várias capacidades como: membro do Provincial Executive Board, Conselheira provincial, Directora da comissão-Missão Apostólica, membro de numerosas comissões provinciais e conselhos de administração de escolas secundárias e colleges associados à Congregação.

Dedicando os últimos dez anos de estudo das Fontes do Instituto, a autora fez muitas conferências e retiros sobre a História, Constituições e Espiritualidade das RSCM.

Kathleen Connell, RSCM

**UMA CAMINHADA  
NA FÉ E NO TEMPO**  
**A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria**

**2**  
**Crescimento do Instituto**  
**Fundações com a Madre Sainte-Croix Vidal**  
**1869-1878**

FONTES DE VIDA  
Estudo e Reflexões sobre a Herança das RSCM

*Titulo Original:*

A Journey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary. Vol. 2: The Growth of the Institute; The foundation during Mother Ste. Croix Vidal's leadership; 1869-1878

*Tradução Portuguesa:*

Margarida Maria Gonçalves RSCM

Vol. 1 na série: Rosa do Carmo Sampaio, RSCM,

Uma Caminhada na Fé e no Tempo: A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria Gênese do Instituto. Seu desenvolvimento com a Madre Saint-Jean: 1802-1869.

*Capa:*

Bianca Haylich, RSCM

*Fotocomposição, Montagem e arranjo gráfico:*

SELETRAÇO - ARTES GRÁFICAS, LDA.

*Impressão e Acabamento:*

CLIO - ARTES GRÁFICAS, LDA.

*Tiragem:*

1000 exemplares.

*Depósito Legal N. °: 8598/95*

*Edições das*

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE MARIA

## PREFÁCIO

Este é o segundo volume de uma série intitulada *Uma Caminhada na Fé e no Tempo - A História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria*. No primeiro volume, a autora, Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, faz investigação sobre o desenvolvimento da visão de fé do Padre Gailhac, desde a sua juventude até à fundação do Instituto em 1849 e estuda a vida da Congregação sob a orientação da Madre Saint-Jean Cure, sua fundadora e primeira superiora geral.

O presente livro continua essa história nos anos que vão de 1869 a 1878, durante os quais a Madre Sainte-Croix Vidal serviu o Instituto como segunda superiora geral. Pretende apresentar um relato bem documentado desta década, em que o Instituto começou a sua expansão fora de França.

São muitas as questões tratadas neste volume. Por exemplo: motivos da nossa expansão e o que determina os locais das primeiras fundações. Quais as circunstâncias que condicionaram as primeiras escolhas? Como foi governado o Instituto durante estes dez anos? Dons especiais com que a Madre Sainte-Croix enriqueceu o seu mandato? Quem foram as outras RSCM cuja influência marcou esta década? Qual a relação entre a Casa Mãe e as fundações e como foi preservada a unidade, apesar das distâncias? Como se exprimia o carisma de fundação nos diferentes ministérios e comunidades locais? E como se estimulavam as vocações nos outros países?

É simples o estilo deste livro. É uma narrativa acessível a todos. Quanto possível, usaram-se as palavras textuais das cartas, para que o leitor possa familiarizar-se com a linguagem, pensamento e preocupações dos correspondentes.

Ninguém no passado teve acesso à maior parte destas cartas. Outras eram lidas quase sempre fora do contexto, para fins devocionais. Neste volume, as cartas serão a primeira fonte de exploração e, para isso, colocadas ao longo da narrativa. Certas religiosas emergem do conjunto com qualidades naturais

de chefia, mas, na certeza de que as vidas de todas fazem parte da nossa herança comum, não foram poupados esforços por mencionar e nomear tantas “simples” RSCM, quanto foi possível.

A luz das fontes exploradas, foram examinados criticamente e se necessário, corrigidos os mitos tradicionais da comunidade. Houve a preocupação de documentar meticulosamente as versões e anedotas incluídas neste volume, para que outras irmãs interessadas em algum assunto específico aqui mencionado, possam encontrar caminho para novas investigações. A este fim se destina também a bibliografia, embora não exaustiva.

O trabalho compreende treze capítulos cronologicamente organizados. Os cinco primeiros capítulos realçam a decisão de expansão do Instituto com as fundações de Callan, (tentativa) Lisbum, Porto e Bootle. As lutas e sucessos destas três fundações, são objeto dos quatro capítulos seguintes. No décimo capítulo, o Instituto celebra o seu primeiro Capítulo Geral, o Jubileu sacerdotal de cinquenta anos de Gailhac e descreve a segunda fundação em Portugal, Braga. Nos capítulos onze e doze, as RSCM iniciam a sua missão em Sag Harbor e começam os preparativos para a fundação de Ferrybank. O último capítulo anda à volta dos últimos meses e morte da Madre Sainte-Croix, em 1878.

Uma palavra de agradecimento a todas as RSCM que colaboraram, na escrita ou na crítica desta história, realçando em particular os nomes de Rosa do Carmo Sampaio, Mary Milligan e Marjorie Keenan. Agradecimentos ainda a Maria Lúcia Brandão, às arquivistas John Bosco Gorla e Marguerite Greene e a todas as que leram as provas deste texto, Edna Lutton, Dimpna Haber e a Dra. Elisa Carrillo, professora de História em Marymount College. Uma palavra de agradecimento especial a Celine Allen que, pela sua competência, paciência e entusiasmo por este projeto, tanto ajudou na sua impressão. Finalmente um grande obrigada a todas as que, pela atenção a este estudo, pela reflexão e oração que dele fizeram em retiros e fins de semana da Província, provaram que esta história é um poderoso instrumento de união e de energia espiritual. Foi um privilégio escrever tal história.

Kathleen Connell, RSCM  
29 de Junho de 1992

## **Ultrapassando Béziers: determinação e desilusões (1868-1869)**

Decorridos são quase dois meses, após a morte da Madre Saint--Jean Cure, fundadora e primeira superiora geral, quando a comunidade da Casa Mãe se reúne, no dia 1 de Maio de 1869. Depois da Missa iniciada com o *Veni Creator*, as doze irmãs com direito de voto na comunidade<sup>1</sup>, são convocadas em capítulo geral para eleger a sucessora da Madre Saint-Jean, como superiora geral das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Não consta que, à semelhança do que hoje se faz, tenha havido um longo debate acerca das qualidades que a superiora geral devia possuir, nem que o capítulo tenha investigado ou descoberto novas orientações ou prioridades para o Instituto. Elas eram claras então. Já antes da morte da fundadora se tomara evidente que o Instituto era chamado a exercer as suas obras para além dos limites de Béziers. Agora é da competência da segunda superiora geral aplicar a sua imaginação com perseverança, energia e coragem para iniciar e explorar novas fundações. Mais importante, porém, é estar de tal maneira enraizada no espírito do Instituto e ser-lhe tão familiar a intenção e visão apostólica da comunidade fundacional, que ela se tome inspiração para as suas filhas, apesar de tão distantes. E ser fiel a este espírito e visão e manter forte a unidade, como herança transmitida pelo fundador.

A Madre Sainte-Croix Vidal é evidentemente bem conhecida

---

1. Estas irmãs eram Ste. Marguerite Cottés, Ste. Agathe Froment, St. Grégoire, St. Gaudens, Ste. Elisabeth Bousquet, Ste. Clotilde Bousquet, St. Thomas Hennessy, St. Louis Roger, St. Paule Mestre. Ste. Marie Hennessy, St. Charles MacMullen, St. Felix Maynard e Ste. Croix Vidal. *Registre d' Institution et des Professions des Religieuses du Sacré Coeur de Marie*, Referências posteriores Registre, 1.5.1869. Roma: Arquivos históricos das RSCM, Referências posteriores Arq. histJRSCM. Caixa 1, Pasta 1.

pelos membros do capítulo geral. Tendo nascido em Meyrueis (Lozère) em 1815, de uma família muito cristã, Eulalie Vidal é professora aos dezoito anos. Ensina em Millau, Lodève, Agde e Béziers, onde, sendo ainda muito nova, se toma diretora de um internato. Desejosa de crescer na vida interior, Eulalie dirige-se ao Padre Gailhac para orientação espiritual e toma-se um dos cinco membros da comunidade fundacional da congregação. Tem cinquenta e três anos, em 1869 e tinha sido diretora do internato na Casa Mãe desde o seu início em 1851, experiência esta que muito a ajudará no novo e importante ministério na comunidade<sup>2</sup>.

Fora também assistente da Madre Saint-Jean, assumindo muitas das responsabilidades da fundadora, durante a sua doença, particularmente no esforço de expansão do Instituto. Em carta a um sacerdote não identificado, em 1868, a Madre Sainte-Croix diz que, uma vez que a Madre Saint-Jean estava quase sempre doente, é ela (Madre Sainte-Croix) que, guiada pelo espírito e percepção da fundadora, tem a honra de lhe escrever “relativamente aos nossos projetos de fundação<sup>3</sup>”.

Quando no capítulo os doze votos secretos foram contados pelos Padres Gailhac e Jean Gibbal, a ninguém surpreende que a Madre Sainte-Croix tenha sido eleita segunda superiora geral do Instituto. O que talvez tenha sido surpreendente foi o fato de a eleição não ter sido unânime, pois os arquivos do Instituto referem o seguinte: “A Madre Sainte-Croix recebeu os votos de todas, exceto o seu próprio e o de outro membro da comunidade<sup>4</sup>”. E a 3 de Maio, com a aprovação formal do bispo de Montpellier, a eleição toma-se oficial. Durante os nove anos seguintes, até à sua morte em Setembro de 1878, esta extraordinária mulher servirá as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, como superiora geral.

---

2. Ver Rosa do Carmo Sampaio, RSCM, *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*, Vol. 1. (Lisboa: Graf. Clio 1990) 82-84.

Para outras informações sobre o Pensionat de Béziers dirigido por Eulalie Vidal e suas irmãs, ver *L'Indicateur de l'Hérault*, 10.9.1847, Béziers: Biblioteca Municipal.

3. M. Ste. Croix a Monsieur l'Abbé, 1868, encontrado em *Lettres d'affaires de fondations et autres affaires*, Arq. hist./RSCM, Caixa 16, Pasta 5.  
Referências posteriores Lettres.

4. Registro, 1 de Maio de 1876, 16b-17. Maynard é inexato quando escreve que foi eleita por unanimidade. Ver V. Maynard, *Révérénd Père Gailhac, sa vie et ses oeuvres*, 1.<sup>a</sup> ed. (Béziers: Librairie Bénézech-Rogues, 1825) 294. Referências posteriores Maynard. Uma edição inglesa desta obra, traduzida por M. Joseph Rogan, RSCM e Françoise-Thérèse Rogan RSCM, foi publicada em 1977 com o título *Jean Gailhac*. Neste texto usa-se a 1.<sup>a</sup> edição de Maynard.

## Motivos para a expansão

A Madre Sainte-Croix inicia o seu mandato, quando o Segundo Império de Napoleão III estava no ocaso. No princípio do seu reinado em 1852, o Imperador fora geralmente popular, a nação prosperara e cada ano vira subir os níveis de produção de carvão e aço, bem como a extensão do caminho de ferro. Porém, nos anos 60, começa a declarar-se uma reação contra Napoleão III. Apesar de ter prometido a paz ao Império, conduziu a França a duas guerras, a guerra da Criméia e a da Itália. Economicamente a França entrara em depressão, com um número cada vez maior de desempregados e com o sistema bancário prestes a ruir. Não faltavam críticas ao sistema ditatorial do governo. E as tendências para a república, com o inseparável anticlericalismo, cresciam constantemente.

Inicialmente a Igreja favorece a subida de Luis Napoleão ao poder. Embora apoiando, de princípio, a Revolução de 1848, a Igreja preocupa-se à vista dos abusos, nos primeiros meses. Muitos bispos franceses começam a temer uma revolução social que possa pôr em risco os bens da Igreja e dê lugar a uma perseguição ao clero. Napoleão dava a impressão de representar a ordem, sobretudo desde que prometera respeitar o poder temporal do Papa e fazer certas concessões favoráveis à Igreja. Embora a política de Napoleão III não lhe fosse sempre favorável, pode dizer-se que “os dezoito anos do Segundo Império, entre os anos de escassez de Luis Filipe e a Terceira República<sup>5</sup>, foram para a Igreja na França um período de benevolência oficial e de prosperidade”.

Os estudos sobre a Igreja na França, na segunda metade do século XIX, mencionam sempre o “*élan missionnaire*” que acompanhou a vaga do Novo Imperialismo. Nessa altura a expansão colonial para a Indochina, Síria, Argélia e outras partes da África, não era causada principalmente por motivos econômicos, mas pela necessidade de aumentar o prestígio da França e pela esperança de levar o cristianismo aos povos que então se consideravam atrasados. Uma notável e dinâmica atividade missionária animava então a Igreja em França<sup>6</sup>.

---

5. J.M. Thompson *Louis Napoléon and the Second Empire* (New York: Noonday Press, 1955) 229-232.

6. Gordon Wright, *France in Modern Times*, 3.<sup>a</sup> ed. (New York: W.W. Norton, 1981) 309. Ver também Roger Aubert *Nouvelle Histoire de l'Eglise*, Vol. V de *L'Eglise dans le Monde Moderne* (Paris: Seuil, 1975) 421-23.

Testemunha disto é uma verdadeira explosão exterior de congregações religiosas francesas, na década de 1840, em direcção a outras partes da Europa, Novo Mundo e Mundo Mussulmano, Índia e regiões de África<sup>7</sup>.

A pequena comunidade que procura dirigir as suas energias apostólicas para a expansão das obras de zelo em Béziers, é depressa impelida por um certo tipo de “élan missionnaire” que lhe é muito próprio. É chegado o tempo de o Instituto ultrapassar as obras da Casa Mãe e procurar estabelecê-las em outros lugares.

Já em 1863, catorze anos apenas depois da origem do Instituto, se haviam feito tentativas infrutíferas para uma primeira fundação em França. Uma carta do Arcebispo J.M. de Bonald, de Lyon, refere algumas razões do insucesso de tais tentativas. Recusando ao Padre Gailhac a oferta de religiosas para a sua diocese, o Arcebispo alega que o Instituto ainda não fora aprovado pela Santa Sé e que desconhece as suas Constituições. Além disso, já havia em Lyon muitas comunidades religiosas em 1863. Por estas razões o Arcebispo escreve a Gailhac: “O meu Conselho opor-se-ia totalmente à vinda de mais religiosas”<sup>8</sup>.

Pelo ano de 1868 o desejo de expansão é urgente. Nesse ano e nos anos seguintes, grandes esforços por avançar nesta direcção se reflectem na correspondência. Havia muitas razões subjacentes a este grande desejo de novas fundações. Uma delas era a necessidade de aumentar as vocações, para que o Instituto continuasse a crescer. Escrevendo a um sacerdote francês identificado como “Monsieur le Supérieur”, algum tempo antes da morte da fundadora, a Madre Sainte-Croix diz-lhe como se sentiria feliz se ele lhe pudesse recrutar vocações parisienses. Expõe-lhe como o Instituto, apesar de estar ainda na sua infância, abraça já todas as classes da sociedade, em grande número de obras. E por isso, conclui, precisa de um acréscimo de vocações religiosas. Estas, lamenta a Madre Sainte-Croix, são muito raras no sul de França, onde o desejo de prosperidade parece ter eclipsado o chamamento à vida religiosa<sup>9</sup>.

---

7. Para maiores detalhes sobre a atividade missionária e a internacionalização das congregações femininas francesas no século dezanove, ver Claude Langlois, *Le Catholicisme au Féminin: Les Congrégations Françaises à Supérieure Générale au XIX Siècle*, (Paris: Les Éditions du Cerf, 1984) 435-449.

8. J.M. Cardeal de Bonald a Gailhac, 4.7.1863, Arq.hist./RSCM, Caixa 6, Pasta 8.

9. M. Ste. Croix a Monsieur le Supérieur, s.d., Lettres, n.º 5b.

É possível que um dos sacerdotes, a quem a Madre Sainte-Croix escreve em 1868 se tenha referido à relação crucial entre o desejo de atrair vocações e a presença da comunidade em novas localidades. A Madre Sainte-Croix responde concordando: o único meio de ter vocações próprias para os trabalhos do Instituto, é estabelecer a comunidade em áreas onde haja muitas vocações. Parecendo-lhe intuir a abertura deste sacerdote a uma nova fundação, a Madre Sainte-Croix sugere a possibilidade de uma escola para crianças pobres, um orfanato e gradualmente outras obras existentes na Casa Mãe. E tranquiliza-o, dizendo-lhe que a nova fundação se adaptará aos desejos dos superiores eclesiásticos e às necessidades locais<sup>10</sup>. Apesar de ter havido uma certa correspondência, com este sacerdote, acerca da concretização possível de uma tal fundação, a ausência de informação certa não permite saber exatamente em que ponto ficaram as negociações e o que aconteceu aos projetos iniciais.

No mesmo ano, 1868, os fundadores começam a dirigir os olhares para fora de França - para a Irlanda. Por outras palavras, o Instituto começa a encarar seriamente a possibilidade de ultrapassar os limites da diocese e assumir dimensão internacional. Como já vimos, muitas congregações femininas transpunham as fronteiras da França durante estas décadas, mas o historiador Claude Langlois faz notar que as Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Béziers constituem um caso excepcional..." porque é a única congregação que tendo apenas uma casa na França decide expandir-se internacionalmente.

Comentando a importância de tal decisão observa:

*E verdade que, dada a impossibilidade de recrutamento no próprio local, a internacionalização toma-se a condição de sobrevivência do Instituto. Este deve a sua continuidade particularmente às irmãs irlandesas e portuguesas<sup>11</sup>.*

As congregações religiosas eram muito conhecidas na Irlanda. Apesar das leis penais do século XVIII que sistematicamente procuraram destruir o catolicismo neste país, as congregações femininas, nomeadamente as Carmelitas, Clarissas e Dominicanas continuaram a existir. Pelos fins do século, foram convidadas a ir para Cork, em Nano Nagle, as Ursulinas cuja influência levou, mais tarde à fundação das Religiosas da Apresentação, aprovadas canonicamente em 1805. Como os Católicos

---

10. M. Ste. Croix a Monsieur 1'Abbé, 1868, Lettres, n.º lb.

11. Langlois, 446.

se fossem emancipando nos princípios do século XIX, e como uma classe média católica se tornasse mais rica e tivesse mais voz, outras congregações irlandesas apareceram: as Brigittinas, as Irmãs Irlandesas da Caridade, o Instituto da Bem-Aventurada Virgem Maria (conhecidas, na Irlanda, como Irmãs do Loreto) e as Irmãs das Mercês. E na verdade, pelos meados do século, a atividade caritativa das senhoras católicas na Irlanda, ligava-se cada vez mais à vida religiosa<sup>12</sup>.

A população da Irlanda diminuiu consideravelmente como resultante da morte e emigração provocadas pela fome da batata, nos anos 40. Mas o número de conventos e de religiosas continuou a crescer notoriamente. No seu estudo sobre *Nuns in Nineteenth Century Ireland* Caitriona Clear escreve' sobre a "maior expansão" que teve lugar na segunda metade do século:

*As irmãs octuplicaram entre 1841 e 1901, apesar da população da Irlanda se ter reduzido quase a metade, no mesmo período. Em 1861 havia sessenta e oito por cento mais irmãs do que nos dez anos anteriores e, desde então até 1901, a taxa de crescimento em número, a cada dez anos, nunca desceu abaixo de vinte por cento*<sup>13</sup>.

Sensível a isto e ao crescente número de vocações na Irlanda, lembrando talvez a coincidência da entrada das duas primeiras jovens irlandesas, Rosanna MacMullen e Teresa Hennessy, em 1851, isto é, dois anos depois da fundação do Instituto<sup>14</sup>, Gailhac começa a descobrir o sinal da Divina Providência. E exprime-o claramente em carta dirigida ao Cardeal Paul Cullen, arcebispo de Dublin:

*Tendo em nossa comunidade um grande número de religiosas irlandesas, enviadas pelo próprio Deus, vemos nesta admirável ação divina o desígnio especial da Providência, de um dia sermos capazes de trabalhar para a glória de Deus, levando as nossas obras de zelo a este país eminentemente católico*<sup>15</sup>.

Porém, ao Bispo Edward Walsh, da diocese de Ossory, Gailhac exprime a sua fé na Divina Providência de maneira diferente:

*Tendo a Divina Providência ligado a nossa pequena comunidade*

---

12. Caitriona Clear, *Nuns in Nineteenth Century Ireland*, (Washington,D.C.: Catholic Univ.of América Press), 1988, 48-53.

13. *Ibid.Sl.*

14. Ver Sampaio e Maynard, I.ª ed., 329-32.

15. Gailhac ao Cardeal Cullen, 13.2.1870, Lettres, n.º 13.

*à Irlanda, por meio de dezanove irmãs irlandesas, é meu desejo exprimir a gratidão que sinto por esta nação tão católica. Tenho confiança em que este meu sentimento de gratidão atrairá as bênçãos de Deus sobre a nossa comunidade*<sup>16</sup>.

Voltando-se para a Irlanda, como local de uma primeira fundação no estrangeiro, o motivo *explícito* mencionado por Gailhac é a percepção de um desígnio especial da Providência, associando a comunidade a este país tão rico em vocações.

Ao lado deste, aparece outro motivo importante, embora secundário, para a expansão na Irlanda. É interessante notar a precisão e prudência nos termos desta comunicação. Grande parte da correspondência com sacerdotes irlandeses é entregue à responsabilidade da Madre Saint-Thomas Hennessy, de Kilkenny, que era então mestra de noviças. A um sacerdote irlandês escreve, em termos persuasivos, procurando movê-lo a solicitar a comunidade para uma fundação na área da sua atividade:

*Somos vinte e quatro irmãs irlandesas e temos um ardente desejo de nos entregarmos ao serviço do nosso país de origem, para o tomar, uma vez mais, a Ilha dos Santos*<sup>17</sup>.

Ao pedir licença ao Bispo de Montpellier para iniciar uma fundação fora da diocese, não é nem o desígnio da Providência nem o desejo das irmãs irlandesas que é apresentado. É antes, a preocupação com a saúde dessas irmãs, todas jovens, que é tida em conta.

Necessário se toma lembrar que a Irlanda tinha sofrido a severa fome da batata nos anos 1845-1848. À fome seguiu-se sem demora a febre, o tifo e a disenteria. Entre mortes e emigração desesperada, calcula-se que a população tenha diminuído de dois e meio milhões durante estes anos. Apesar da menor baixa da população (quinze e meio por cento) ser em Leinster, donde provinha a maior parte das vocações para Béziers, estas jovens, não eram fisicamente fortes, por terem nascido durante ou imediatamente após o período da fome<sup>18</sup>. Mesmo antes desta fome, parece que o sexo feminino não era tão bem

---

16. Gailhac ao Bispo Walsh 20.7.1869, Lettres, n.º 1.

17. M. St. Thomas Hennessy a Walter Cantwell, 11.9.1869, Lettres, n.º 11.

18. Para maior informação sobre esta fome, ver Cecil Woodham-Smith, *The Great Hunger* (London: New English Library Ltd., 1970) 182-200, 409. E um estudo exaustivo sobre os anos da fome na Irlanda. Ver também Mary E. Daly, *The Famine in Ireland* (Dundalk: Dundalgan Press, 1986).

alimentado como o masculino, por não ser considerado economicamente “rentável”. Em algumas partes da Irlanda era costume alimentar primeiro os homens, e comerem as mulheres o que sobrava. Examinando o senso de 1841, Caitriona Clear descobriu que a mulher irlandesa era “particularmente propensa a contrair a 'tuberculose pulmonar, a definhar e enfraquecer'. Esta propensão é devida à alimentação insuficiente e ao esgotamento...”<sup>19</sup>.

Depois da morte de algumas noviças ou jovens professoras irlandesas, Gailhac confia ao seu bispo:

*Temos que abrir uma casa na Irlanda porque o clima tão variável do Sul da França se toma, por vezes, fatal às nossas queridas irlandesas. Algumas de entre elas dão grandes esperanças, mas precisam de respirar o ar natal, quer para restabelecer a saúde, quer para a fortificar, segundo os médicos. E isto seria fácil se tivéssemos uma casa na Irlanda*<sup>20</sup>.

### **Tentativas de fundações**

A primeira tentativa de fundação na Irlanda é feita na cidade de Kilkenny, distrito de Kilkenny, diocese de Ossory. Era costume, na Irlanda, situarem-se os conventos de religiosas em áreas urbanas de preferência a áreas rurais. Investigações feitas mostram que as casas religiosas dependiam quer da proporção de católicos na área, quer do nível de urbanização e prosperidade locais, pois os Católicos, profissionais ou comerciantes, eram os principais benfeitores dos conventos. Um inquérito de 1864 indica que setenta e três por cento dos conventos se localizavam nas províncias eclesiásticas de Dublin e Cashel, áreas quase equivalentes a Leinster e Munster, as partes mais ricas da Irlanda<sup>21</sup>. Kilkenny era uma cidade bastante grande e próspera, mas o mais importante era que dos seus arredores vinha a maior parte

---

19. Clear. 11.23.

20. Gailhac a Mgr. Le Courtier. 13.2.1870, Ixtres, n.º 12. Conforme *Registre des Décès des Religieuses du Sacré Coeur de Mcirie de Béziers. Commencé le six Février 1853*. Roma: Arquivos Históricos da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada (referências posteriores Arq. hist./Cong.), Volume II-A, 38, duas noviças irlandesas morreram em Béziers - M. St. Cyprien Meagher (4.6.1864) aos 32 anos e M. St. Alphonse Murphy (4.10.1864) aos 20 anos. Outras duas morreram pouco depois da sua profissão - M. St. Leon Cahill (21.8.1869) aos 25 anos e M. St. Joseph Murphy (6.1.1870) aos 21 anos. E ainda outras adoeceram antes da profissão e voltaram para suas casas, mas não constam do registro.

21. Clear, 39, 42-44.

das vocações de Béziers.

No entanto, o que é surpreendente é que as RSCM projetavam vir para uma cidade onde outra congregação religiosa, as Religiosas da Apresentação, se encontrava já desde 1802. Esta ordem, de votos solenes e estrita clausura, tinha como objetivo fundacional “a instrução de crianças pobres do sexo feminino, nos princípios da religião e da piedade”, mas a sua regra proibia-lhes dedicarem-se a crianças ricas, a não ser por absoluta necessidade. Mais ainda, o convento em Kilkenny era pequeno e a sua capacidade não ia além das dezoito religiosas<sup>22</sup>.

Não há sinais do tempo nem do modo como as Religiosas do Sagrado Coração de Maria iniciaram negociações para uma fundação em Kilkenny. A indicação mais remota desses planos existe na cópia de uma carta escrita pela Madre Saint-Jean, na primeira metade de 1868. Respondendo ao Padre Kelly, um sacerdote que trabalhava numa das paróquias desta cidade, escreve: “Ao propor-nos a educação dos pobres da sua paróquia, dá-nos uma enorme alegria, pois os pobres são o principal objeto da solicitude, zelo e espírito de sacrifício das nossas queridas irmãs.”<sup>23</sup>. Mas, ao mesmo tempo, lembra-lhe que o Instituto abraça todas as classes da sociedade. Parece que as religiosas tinham já feito planos para a abertura de um internato em Kilkenny. A Madre Saint-Jean sugere ainda abrir uma classe para crianças pobres perto do internato, até que uma construção posterior permita receber todas as crianças que o padre esperava mandar para a escola. Pela carta, subentende-se que, por parte do bispo, não havia problema na aprovação do projeto e que estavam já a fazer-se, em Béziers, preparativos para mandar um pequeno grupo de irmãs para Kilkenny. A casa era bastante grande para instalar as alunas internas e para as crianças protegidas pelo sacerdote. Outra casa seria alugada, por um ano, até que se pudesse concluir a construção em projeto. Todavia, em apenso à cópia desta carta, existe uma nota escrita pela Madre Sainte-Croix, informando que os planos para esta fundação tinham sido frustrados pela chegada das Irmãs do Loreto, a Kilkenny<sup>24</sup>.

---

22. *Ibid.* 40, 104, 116-117.

23. M. St. Jean ao P. Kelly de Kilkenny, 1868, *Lettres*, n.º 24.

24. *Ibid.*

Esta congregação, como muitas outras nascidas na Irlanda em princípios do século XIX, trabalhava, principalmente, em serviços não especializados com os pobres. Contudo, depois dos anos 40, com a entrada de congregações do estrangeiro, as congregações religiosas irlandesas começam a receber alunas cujos pais tinham capacidade econômica para pagar as despesas da escolaridade. Em 1862 o Cardeal Cullen apoia este projeto, afirmando que “as classes médias tinham necessidade mais urgente e mais grave de educação católica, do que os pobres.” Em 1864, oitenta por cento dos conventos operam em escolas de vários tipos<sup>25</sup>. Parece que as Irmãs do Loreto decidem então estabelecer um convento em Kilkenny, aceitando um antigo convite do bispo, antes de ser tarde demais<sup>26</sup>. A Madre Sainte-Croix exprime a sua decepção:

*Bendito seja Deus. Isto era o princípio da nossa cruz e das contradições relativas às nossas fundações na Irlanda. E quando terminarão? Só Deus sabe. Fiat! Fiat! Fiat! e sempre fiat*<sup>27</sup>.

Em Julho de 1868 o fundador recebe a oferta de um sacerdote inglês, Padre Rogers, dizendo que a Madre Teresa Smithwich<sup>28</sup>, uma irmã da Apresentação do convento de Kilkenny, amiga da Madre Saint-Thomas, o tinha informado de que “Gailhac procurava na Inglaterra, um lugar apropriado para convento...já que desejava uma filial da Ordem do Sagrado Coração de Maria.” Rogers sugere a Gailhac que

---

25. Clear, 103-104.

26. Ao investigar esta questão, Marguerite Greene, RSCM. não encontra informação posterior nos arquivos da diocese de Ossory. Na história das Irmãs do Loreto, descobriu contudo, que o Bispo Walsh as tinha convidado a virem para Kilkenny em 1858. Elas vieram em 1860, mas permaneceram apenas um ano por insuficiência de instalações. Os jornais locais anunciaram a chegada das Irmãs do Loreto em Setembro de 1868 e os planos de abertura de um internato, em Outubro. Para um estudo excelente e pormenorizado sobre Kilkenny e sobre as fundações de Callan, ver o manuscrito não publicado de Marguerite Greene, RSCM., arquivista da Província Anglo/Irlandesa, encontrado em Londres: Arquivos das Religiosas do Sagrado Coração de Maria da Província Anglo/Irlandesa. Referências posteriores Arquivos do Sagrado Coração de Maria da Província Anglo/Irlandesa.

27. M. St. Jean ao P. Kelly de Kilkenny, 186r. Lettres n.º 24. É interessante notar que Clear, ao investigar sobre as congregações desse tempo na Irlanda, descobriu que “há com frequência menção de lutas e contrariedades escritas fui membros das mesmas congregações e de natureza não muito clara”. Ver Clear x 67.

28. Toma-se necessário levar mais longe a investigação sobre o papel desempenhado por esta irmã da Apresentação, nos primeiros tempos das RSCM. Era amiga da M. St. Thomas, de Kilkenny e o seu irmão aparece como conselheiro da comunidade para os aspectos temporais do projeto da fundação de Kilkenny, em 1868. Anos mais tarde, M. Teresa Smithwick mandou para Béziers, como postulantes, jovens que ela considerava aptas para o Instituto.

considere Coldham Hall, uma casa senhorial com cerca de oito mil metros quadrados de terreno, perto de Bury Saint-Edmunds a sessenta milhas de Londres<sup>29</sup>. Evidentemente, Gailhac estava interessado, especialmente desde que Rogers lhe assegurara que qualquer parte da propriedade podia ser comprada. Em 25 de Setembro Gailhac escreve perguntando ao Padre Rogers se era possível separar a casa da propriedade, mas nessa altura já tinha sido comprada por uma firma comercial de Londres<sup>30</sup>. Gailhac continua as suas tentativas escrevendo aos procuradores, em 26 de Outubro, mas eles respondem que “...neste momento não se admite a possibilidade de vender a casa separadamente...” No entanto prometem a Gailhac vender-lhe a casa, em data posterior, se decidirem separá-la do resto da propriedade<sup>31</sup>.

Mais tarde, na tentativa de uma possível instalação das religiosas na área de Bury Saint-Edmunds, a Madre Sainte-Croix escreve ao pároco informando-o sobre uma carta do Padre Rogers e perguntando-lhe quais as condições para a venda de Coldham Hall. Aproveitando esta oportunidade, diz-lhe que, se a compra da casa se tornasse impossível, talvez as religiosas se pudessem instalar na própria paróquia de Bury Saint-Edmunds<sup>32</sup>. Gailhac prepara-se então para se encontrar com o pároco em 1871, mas este escreve-lhe dizendo que não via nenhuma possibilidade de acolher religiosas na sua paróquia.

*Para as nossas crianças pobres, as escolas atuais são mais que suficientes, e para classes elevadas há dois conventos nas redondezas - Upswich e Norwich - nenhum dos quais está cheio, por isso um terceiro seria, a meu ver, desnecessário<sup>33</sup>.*

Evidentemente, o Padre Rogers era motivado pela esperança de que algumas religiosas ou monjas comprassem Coldham Hall, uma vez que ele próprio era capelão da casa e a compra da propriedade por seculares, poderia comprometer a missão da qual dependia a sua subsistência<sup>34</sup>.

---

29. P. Rogers a Gailhac, 20.7.1868, Arq hist./Cong., Vol. II-C, 49.

30. Rogers a Gailhac, 9.10.1869 *Ibid*.

31. Carlisle e Ordell a Gailhac, 6.11.1868, *Ibid*. 50.

32. M. Ste. Croix a um sacerdote anónimo, s.d. [por volta de 1871], Lettres n.º 9b.

33. Thomas Khigh a Gailhac, 10.8.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-C, 46.

34. Carta não assinada [provavelmente de M. Teresa Smithwick] a Fanny, 7.8.1868, *Ibid*, 47.

## Callan

Entretanto fazem-se tentativas para estabelecer uma fundação em Callan, situada em King's River, algumas milhas a sudoeste de Kilkenny. Interessado pela educação dos seus paroquianos, o Padre Robert O'Keeffe tinha já lançado a primeira pedra para uma escola dos Irmãos das Escolas Cristãs, como complemento às quatro escolas nacionais da sua paróquia. Não admira que ele queira proporcionar também às jovens da sua paróquia o benefício da educação. Em Agosto de 1868, um mês precisamente antes da abertura da escola dos Irmãos das Escolas Cristãs, o Padre O'Keeffe escreve a Gailhac sobre os preparativos para a abertura de um internato para meninas.

Não é claro o modo como o Padre O'Keeffe soube do interesse das Religiosas do Sagrado Coração de Maria por uma fundação na Irlanda. Talvez estivesse informado do insucesso na tentativa de começar uma escola na cidade de Kilkenny. Ou então, como o Padre Rogers, fora informado pela Madre Teresa Smithwich. Esta religiosa da Apresentação conhecia certamente o Padre O'Keeffe, pois ele fora capelão do seu convento em Kilkenny. Algum tempo antes, o Padre O'Keeffe deslocara-se a Dublin para visitar algumas comunidades religiosas, como por exemplo, as Dominicanas em Cabra e ver se estariam interessadas em ensinar em Callan. Na opinião de um historiador, é provável que a superiora das irmãs Dominicanas, Madre Meagher, o tenha orientado para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>35</sup>.

Considerando-se a si mesmo como “grande conhecedor na questão de escolas e conventos” - fora durante dez anos, professor e vice-presidente do seminário diocesano, antes de ser pároco, - O'Keeffe sugere que a comunidade chegue em Dezembro de 1868, a tempo de receber as alunas em princípios de Janeiro de 1869<sup>36</sup>. Durante uma visita do Padre O'Keeffe à Casa Mãe em Setembro

---

35. Notas de uma conferência subordinada ao título “Reds and Schismatics” feita por Patrick Hogan, em 19.11.1886, à seção Callan de Kilkenny Archaeological Society.

36. O'Keeffe a Gailhac, 5.8.1868, *correspondência de Callan*, 1, Arq. hist./RSCM Caixa 8, Pasta 5. (Esta correspondência consiste aproximadamente em 34 cartas, quer ao P. O'Keeffe, quer do P. O'Keeffe; muitas delas são dirigidas à M. St. Thomas Hennessy. O original desta correspondência de Callan está nos Arquivos do SCM da Província Anglo/Irlandesa. Daqui por diante esta correspondência será referida com as iniciais CC.)

de 1868, completam-se os planos para esta fundação. Havia naquela cidade uma casa grande, conhecida por Casa Callan que estava para arrendar e pertencia a um Senhor Valentine Smith, que então vivia em Paris. O Padre O’Keeffe concorda em projetar e superintender as alterações necessárias na casa, insistindo em “não me custa nada, é antes um prazer fazer tudo o que for preciso”. A Casa Mãe devia financiar estas alterações, que com o tempo, se tomaram muito mais dispendiosas, mas o Padre O’Keeffe anima a Madre Saint-Thomas: “As alterações que eu prevejo agora, vão ser mais custosas do que nós pensávamos, em Béziers, mas estão muito bem arquitetadas e seria uma imprudente economia não as fazer”<sup>37</sup>.

As renovações custaram à comunidade seiscentas Libras. Entre os papéis da correspondência de Callan há uma simples folha intitulada “Triste Affaire de Callan”. No livro de contas de Callan indica-se o dinheiro dado a O’Keeffe durante a sua visita a Béziers, em Setembro de 1868. Depois enviaram-lhe uma grande quantia em Novembro de 1868 e em Fevereiro de 1869. Parte deste dinheiro parece ter sido conseguido através de contribuições ou pagamentos feitos pelos pais das noviças ou jovens professoras irlandesas, uma vez que os pais das Madres Saint-Patrice, Saint-Dominique, Saint-Cyprien, Saint-Gabriel, Ambroise e Saint-Colomban são mencionados. Um total de cerca de seiscentas Libras foram enviadas àquele sacerdote<sup>38</sup>.

O *Kilkenny Journal* de 4 de Novembro de 1868 anunciava que a Casa Callan tinha sido alugada pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria para um internato e externato. O artigo acrescentava que havia catorze irmãs da diocese de Ossory no convento de Béziers, duas da cidade de’ Kilkenny - as Hennessys, sobrinhas do proprietário de Woodview, John Brennan. Segundo o mesmo jornal, uma delas, então mestra de noviças na Casa Mãe, seria a primeira superiora no convento de Callan<sup>39</sup>.

A notícia era correta, pois a Madre Saint-Thomas Hennessy deveria ser a primeira superiora de Callan. A última correspondência

---

37. O’Keeffe a St. Thomas, 6.11.1868, CC. n.º 3a.

38. Ver CC. Aproximadamente 445 Libras foram dadas ou enviadas pela Casa Mãe e 145 Libras foram o contributo dos pais das irmãs irlandesas.

39. *Kilkenny Journal*, 4.11.1868, CC n.º 3. Isto é verdade. Com excepção das MacMullens que eram de Dublin, todas as irmãs irlandesas da comunidade, nessa altura, parece terem sido da diocese de Ossory (Kilkenny, Durrow, Clara, Ballycallan e Muckalee).

entre ela e o Padre O’Keeffe indica claramente que ela faria parte da primeira comunidade. A data da chegada da comunidade tinha sido, entretanto, adiada para Abril de 1869.

A princípio, a comunidade ainda que decepcionada, compreende que as alterações justifiquem tal demora. “Há tantas paredes a estucar que a casa não pode ser habitada antes do tempo que eu fixei (Páscoa de 1869)”<sup>40</sup>, observa o Padre O’Keeffe. Em Maio escreve de novo sugerindo que não cheguem antes de de Julho [de 1869] e, defendendo-se contra qualquer possível queixa acerca da demora, acrescenta:

*De modo algum podem imaginar a grande importância dos trabalhos que eu empreendi pela comunidade, nomeadamente em alterações e aumentos numa casa senhorial e residência de família, de modo a convertê-la num convento capaz de alojar a comunidade de doze irmãs, quarenta alunas internas e, pelo menos sessenta a oitenta externas. Tenho acelerado tanto os trabalhos, que receio que alguns deles sejam mal feitos*<sup>41</sup>.

Só gradualmente a comunidade de Béziers se vai consciencializando de que O’Keeffe tinha dificuldades em obter a carta de assentimento do seu bispo, Dr. Edward Walsh. Esta carta do bispo de Ossory ao bispo de Montpellier era necessária, para que o bispo francês permitisse à comunidade de Béziers uma fundação fora da sua diocese. Numa carta dirigida à Madre Saint-Thomas Hennessy, o Padre O’Keeffe tranquiliza a comunidade: “Não há dúvida que as irmãs terão a aprovação e apoio do Dr. Walsh, como pedem, e só faço menção disto para lhes dizer que foi necessária uma pequena manobra na questão, a qual poderá causar alguma demora”<sup>42</sup>. Alguns meses mais tarde o Padre O’Keeffe comenta assim a relutância do seu bispo em enviar a carta de assentimento:

*O Dr. Walsh tem estado muito perplexo sobre a carta para França. Ele é muito inculto e, devido a isso e à muita idade que agora domina as suas faculdades, toma-se muito difícil lidar com ele. O assunto é tão estranho para ele, que fala em pedir instruções a Roma, de maneira que tudo seja feito como convém. Vou continuar a insistir com ele e logo que possa, enviarei o documento*<sup>43</sup>.

---

40. O’Keeffe à M. St. Thomas, 6.11.1868, CC, n.º 3a.

41. O’Keeffe à M. St. Thomas, 8.5.1869, CC, n.º 15.

42. O’Keeffe à M. St. Thomas, 29.1.1869, CC, n.º 7.

43. O’Keeffe à M. St. Thomas, 8.5.1869, CC, n.º 15.

A Madre Sainte-Croix responde ao Padre O'Keeffe dizendo que não compreendia a dificuldade do seu bispo em aceitar o pedido do fundador, uma vez que tudo o que o Dr. Walsh tinha de dizer era que permitia às Religiosas do Sagrado Coração de Maria a entrada em Callan, cidade da sua diocese, onde havia uma casa pronta para as receber. Que aceitava a fundação dependente da Casa Mãe, isto é, que a superiora local era responsável perante a superiora geral do Instituto. E que seria permitido às religiosas viverem na Irlanda, segundo as suas Constituições<sup>44</sup>. No fim da carta, a Madre Sainte-Croix acrescenta uma nota de esperança e de estímulo:

*Eu sei, Reverendo Padre, que triunfará de todas as dificuldades. Deus está conosco. E clara a sua vontade, mas os obstáculos e desafios são necessários para assegurar a prosperidade das nossas obras*<sup>45</sup>.

Porém a situação não melhora, pelo contrário, vai de mal a pior. Parece que o bispo começava a recear que ele ou o seu sucessor, se tornassem responsáveis pela comunidade, se esta não pudesse manter-se pelos seus próprios recursos<sup>46</sup>. Além disso, insistia em que o contrato de arrendamento com o Senhor Smith, proprietário de Callan, fosse bem definido, antes da vinda das religiosas<sup>47</sup>.

Na sua correspondência com Béziers, o Padre O'Keeffe nunca faz referência ao confronto que tivera com o bispo nem ao conseqüente processo judicial iniciado contra o Dr. Walsh<sup>48</sup>. No entanto, a notícia chega a Béziers, por uma carta dirigida à Madre Teresa Smithwick por Mary Darcy, em Junho de 1869<sup>49</sup>:

---

44. M. Ste. Croix a O'Keeffe, Maio ou Junho de 1869. Lettres, n.º 7.

45. *Ibid.*

46. O'Keeffe à M. St. Thomas, 19.6.1869, CC, n.º 16.

47. O'Keeffe à Madre St. Thomas, 28.6.1869, CC, n.º 17. Isto tornou-se difícil porque o Senhor Smith residia em Paris e viajava frequentemente.

48. Ver O'Keeffe à M. Teresa Smithwick, 30.6.1869, CC, n.º 18.

49. Mary Darcy parece ter trabalhado, de algum modo, no Convento da Apresentação de Kilkenny, cerca de 14 anos. Entrou depois na comunidade de Béziers a 15.10.1869, aos 48 anos. Na tomada de hábito recebeu o nome de M. St. Colomban. Fez a primeira profissão em 16.7.1872 em Lisburn e finalmente fez os votos perpétuos em 30.8. 1877. Grande Registro, n.º 80, Arq. hist./ RSCM, Caixa 17. O original deste registro (Referências posteriores Grande Registro) está em Béziers (Referências posteriores Arq. da Casa Mãe). Contém informação sobre todos os membros definitivos (de votos perpétuos) desde 1849 até 1950.

*No dia da conferência, [5 de Maio de 1869] o Padre O'Keeffe foi ao bispo tratar do documento. Na presença de outros sacerdotes, penso eu, Sua Excelência disse-lhe que, pela falta de cumprimento dos seus deveres, nunca lhe daria o encargo de religiosas. O'Keeffe ameaçou-o então com um processo judicial por difamar a sua reputação. Penso que se trata apenas de uma falta de reverência e submissão [sic] ao meu bispo. A população está numa excitação terrível. O bispo sabe que, de maneira nenhuma, a comunidade virá sem a sua total aprovação. Não se trata de querer ou não as religiosas, mas de quem possa vir a ser o seu capelão e confessor. Espero que tudo se resolva brevemente. Entretanto não faça muito caso destas brigas à maneira irlandesa. O bispo é bom, mas é o gênio de um [senhor] Edmond Ironside<sup>50</sup>.*

Apesar deste primeiro processo contra o bispo se ter resolvido fora do tribunal, as relações entre os dois homens foram muito afetadas. Em princípios de Julho de 1869, o Padre O'Keeffe é forçado a entregar a casa de Callan e o bispo dá-lhe quinhentas libras como compensação, pelo dinheiro gasto em alterações. Mary Darcy comenta assim o fato: “Ele [Padre O'Keeffe] está na posse de quinhentas Libras. Se as religiosas não vierem, ele lhas restituirá quando estiverem permanentemente instaladas” <sup>51</sup>. Algumas semanas mais tarde, a Madre Teresa Smithwick refere que, quando um pároco idoso, muito conhecido pelas irmãs da Apresentação, lhe perguntou em que data vinham as religiosas francesas, a Madre Teresa respondeu que “para termos certas notícias, devíamos informar-nos nos correios do céu” <sup>52</sup>.

A reação na Casa Mãe é de grande consternação. Havia meses que a comunidade estava pronta para partir para a Irlanda. Os pormenores da viagem tinham sido estudados detalhadamente - a viagem a Lyon, depois a Paris, a travessia do Canal, as passagens de Londres a Holyhead (o porto de Gales) a comprar na estação de Euston, a cabine para Dublin e finalmente a viagem a Kilkenny. Agora tudo é confusão.

Escrevendo ao Padre O'Keeffe que fora considerado pela comunidade como “o seu fundador na Irlanda”, Gailhac diz que ele e

---

50. Mary Darcy a M. St. Thomas, 15.6. 1869 Arq. hist./Cong., Vol. II-C, 15.

51. Mary Darcy a M. St. Thomas, 8.6.1869, *Ibid.* 16. O relatório textual do testemunho de O'Keeffe num dos últimos processos indica que as RSCM tinham adiantado 600 Libras; o bispo restitui 550 Libras a O'Keeffe como “compensação e custos”.

52. M. Teresa Smitwick à Madre St. Thomas, 20.7.1869, *Ibid.*, 18.

as suas filhas lamentam muito. E pede-lhe que faça tudo para alcançar a autorização do seu bispo, sem a qual o bispo de Montpellier, François-Marie Le Courtier, nunca consentirá numa nova fundação<sup>53</sup>. É então que Gailhac escreve diretamente ao bispo de Ossory. Referindo que dava graças à Divina Providência por ligar a sua pequena comunidade com a Irlanda, Gailhac diz-lhe que havia mais de um ano tinha preparado uma comunidade de religiosas para Kilkenny, mas que a Divina Providência decidira outra coisa. Este ano, a mesma comunidade<sup>54</sup> estava pronta havia muito tempo para iniciar a fundação de Callan, mas a demora levava-o a recear que o mesmo acontecesse a esta nova casa. Com grande simplicidade, Gailhac pergunta ao bispo porque temia dar a necessária autorização: “Tem receio de que um dia a comunidade se torne um fardo? Não tenha medo, Senhor Bispo. A Casa Mãe fará todas as despesas e nunca permitirá que elas sofram”<sup>55</sup>. Gailhac termina a sua carta com o pedido de não adiar por mais tempo o desejo que a comunidade tem de começar a fundação em Callan. Afirmando que ele próprio a acompanhará as suas filhas e as apresentará ao bispo, Gailhac acrescenta: “Tenho firme confiança de que elas serão a vossa alegria e a vossa coroa”<sup>56</sup>.

A reação do bispo é pronta e frontal. Escrevendo em nome dele, o seu secretário responde:

*Em resposta à sua carta ao Senhor Bispo de Ossory, pede-me este para lhe dizer que, com muito respeito, se recusa a aprovar a vinda das religiosas para Callan. Primeiro porque considera Callan um lugar muito pobre para a manutenção da comunidade. Segundo, porque tem algumas queixas contra o atual pastor de Callan, (uma das quais é que ultimamente ele promoveu uma ação judicial contra o seu bispo). Por isso nunca colocaria a comunidade das religiosas sob a sua direcção*<sup>57</sup>.

Durante as duas semanas seguintes, os superiores rezam muito na Casa Mãe, para decidir o que fazer então. O Padre O'Keeffe manda-lhes um documento da Propaganda Fide em Roma, autorizando a

---

53. Gailhac a O'Keeffe, 20.7.1869, Lettres, n.º 2.

54. Maynard escreve que no dia em que a M. St. Jean morreu, ela deu “...uma bênção especial às suas filhas, prestes a partir para a Irlanda”, 290. Ele deve referir-se às religiosas escolhidas para a fundação de Callan e não, como alguém pensou, ao grupo que eventualmente iria para a primeira fundação na Irlanda, Lisbum.

55. Gailhac ao Bispo Walsh, 20.7.1869, n.º 1.

56. *Ibid.*

57. P. Thomas Kelly [em nome do Bispo de Ossory] a Gailhac 28.7.1869, CC n.º 20.

fundação de Callan. Esperava assim que este documento satisfizesse o bispo de Montpellier, tornando desnecessária a autorização do bispo de Ossory<sup>58</sup>. A Madre Sainte-Croix informa-o, porém, de que este documento não satisfaria o bispo e de que a assinatura do bispo Walsh era essencial<sup>59</sup>.

O fundador e a Madre Saint-Thomas escrevem separadamente ao bispo de Ossory, no dia 12 de Agosto de 1869. Gailhac assegura-lhe a total submissão à sua autoridade por parte das religiosas, que o amariam como um pai. Quanto à pobreza de Callan, Gailhac insiste de novo, em que a Casa Mãe providenciaria a todas as necessidades da comunidade e não deixaria que nada lhe faltasse se esta não pudesse bastar-se a si mesma, através das obras<sup>60</sup>.

A carta da Madre Saint-Thomas é particularmente comovente. Apresenta-se como “sobrinha do Senhor Brennan, seu íntimo amigo” e expõe o seu pedido:

*Sou filha da sua diocese e desejo ardentemente que as nossas obras de zelo, capazes de dar muita glória a Deus, se expandam no meu país natal. Os meus superiores querem dar-me, como companheiras, religiosas professas quase todas minhas compatriotas e muito fervorosas. Somos portanto, todas suas filhas e atrevo-me a dizer que o amaremos como um pai<sup>61</sup>.*

Enquanto espera a resposta do bispo, Gailhac partilha com o Padre O'Keeffe a reação dos superiores de Béziers ao triste desenrolar dos acontecimentos: “Todos estes obstáculos são penosos, mas não me surpreendem. Durante os quase quarenta anos em que Deus se tem servido de mim para as suas obras, nunca pude fazer nada, senão depois de duras provações. Deus seja bendito”<sup>62</sup>.

Estas provas vão de fato continuar, pois a resposta do bispo é clara:

*Em resposta à sua última carta, Sua Excelência, o Bispo de Ossory manda-me dizer-lhe que consideração alguma o poderá levar, por agora, a consentir na vinda de religiosas para Callan, pelas razões suficientemente apontadas na sua última carta<sup>63</sup>.*

---

58. O'Keeffe a M. St. Thomas, 7.8.1869, CC. n.º 21.

59. M. Ste. Croix a O'Keeffe, 12.8.1869, Lettres, n.º 6.

60. Gailhac ao Bispo Walsh, 12.8.1869, Lettres, n.º 4.

61. M. St. Thomas ao Bispo Walsh, 12.8.1869, Lettres, n.º 3.

62. Gailhac a O'Keeffe, 12.8.1869, Lettres, n.º 5.

63. Thomas Kelly [em nome do Bispo Walsh) a Gailhac, 20.8.1869, CC. n.º 22.

Esta segunda comunicação negativa leva a comunidade a procurar outra diocese na Irlanda. Tinham ouvido dizer que Clonmel, em Waterford-Lismore, diocese vizinha, tinha necessidade de uma escola para crianças. Como consequência, a Madre Saint-Thomas comunica ao Padre O'Keeffe a sua intenção de escrever a um sacerdote de Clonmel, mas acrescenta: “mesmo que tenhamos sucesso ali ou noutra lugar, as nossas melhores religiosas serão para si e a nossa principal fundação será sempre em Callan”<sup>64</sup>.

No mesmo dia em que é enviada esta carta, uma outra cheia de otimismo do Padre O'Keeffe leva a Madre Sainte-Croix a responder-lhe imediatamente, dizendo que não fizesse caso da carta anterior escrita pela Madre Saint-Thomas. Apesar de todos os obstáculos, Gailhac fora tão sensível à confiança de O'Keeffe em que “casamentos se fazem no céu e creio firmemente que o contrato sagrado entre Béziers e Callan tem o selo da bem-aventurança”<sup>65</sup>, que os superiores em Béziers decidem não procurar outro lugar, mas deixar tudo nas mãos de O'Keeffe<sup>66</sup>.

Entretanto, o pároco procura desesperadamente um meio de alcançar a assinatura do seu bispo, em carta de convite às religiosas. Entrega o caso ao Cardeal Cullen, Arcebispo de Dublin e, conforme à sugestão deste, pede desculpas ao Bispo Walsh por ter levantado um processo contra ele. Em carta à Madre Saint-Thomas em princípios de Setembro de 1869, o Padre O'Keeffe escreve:

*Um poeta meu favorito diz: “A clemência pertence aos lesados, mas eles nunca perdoam a quem procedeu mal”, e digo-lhe que estas palavras nunca se aplicaram tão bem como no meu caso. Submeti-me, pedi humildemente desculpa e, apesar de não me ter sido pedido, li esta manhã o documento à congregação. Nada faria que o pudesse desonrar, mas beijaria o pó dos pés do Dr. Walsh, se tal fosse necessário, para remover os obstáculos à vinda das religiosas para Callan*<sup>67</sup>.

Este desejo do pároco se reconciliar com o seu bispo comove profundamente Gailhac. Dirigindo-se a ele, como “meu querido e venerando amigo”, o fundador diz-lhe que o aprecia desde o primeiro

---

64. M. St. Thomas a O'Keeffe, 25.8.1869, Lettres n.º 8. 65.

65. O'Keeffe à M. Ste. Croix, 21.8.1869. CC, n.º 23.

66. M. Ste. Croix a O'Keeffe, 25.8.1869, Lettres, n.º 9.

67. O'Keeffe à M. St. Thomas, 5.9.1869, CC, n.º 25.

encontro, mas que este ato de generosidade e lealdade enchera de admiração por ele, o velho sacerdote<sup>68</sup>.

Apesar da insistência de O'Keeffe, o bispo continua a recusar-lhe a autorização desejada. O Padre O'Keeffe começa então a desistir de a alcançar e decide levar ele mesmo a Roma esta causa, certo como está de que não terá dificuldade em obter tal autorização do Cardeal Barnabo, Prefeito da Propaganda Fide que tinha jurisdição sobre os religiosos em áreas de missão, incluindo a Irlanda<sup>69</sup>. Ao mesmo tempo tranquiliza Béziers dizendo que “a Casa Mãe não está de modo algum envolvida neste conflito” [o crescente desacordo entre ele e o Dr. Walsh]<sup>70</sup>. Contudo a luta pessoal entre os dois homens e os processos judiciais movidos pelo pároco contra o seu bispo e, mais tarde, contra outros superiores eclesiásticos, tornam impossível a fundação em Callan.

Uma carta de O'Keeffe ao Cardeal Cullen mostra bem o grau de antipatia para com o seu bispo. O'Keeffe roga ao Cardeal que não presuma que Walsh tem razão e ele não, pelo simples fato de um ser bispo e o outro, um simples pároco. Lembrando a Cullen que o Dr. Walsh, quando pároco, impedia os seus auxiliares de batizar uma criança “se as taxas não fossem pagas antes do ritual”, continua:

*Mas o Senhor Cardeal pode dizer-me que ele agora é bispo, portanto incapaz de explorar ou oprimir os pobres. Ainda assim, eu fui seu auxiliar durante dois anos e as instruções que dele tinha eram de não dar dispensas, nem mesmo simples publicação de banhos de casamento, a não ser que as notas de Libra viessem antes...<sup>71</sup>*

O'Keeffe tinha-se queixado também ao Cardeal Barnabo dos erros do bispo, dizendo-lhe como este repreendia publicamente os culpados de pecados reservados, - por exemplo, embriaguez ao domingo - fazendo-os vir a Kilkenny para a absolvição. “Nestes e noutros casos o bispo não dá qualquer atenção ao sigilo da confissão e isto é bem

---

68. Gailhac a O'Keeffe, s.d. Lettres, n.º 10.

69. O'Keeffe à M.St. Thomas, 21.10.1869. CC, n.º 27.

70. O'Keeffe à M. St. Thomas, 7.8.1869 e 21.11.1869, CC, n.ºs 21 e 29.

71. O'Keeffe ao Cardeal Cullen, 18.8.1869, Cidade do Vaticano: Arquivos Históricos da Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos (Referências posteriores Arq. hist./ Prop. Fid.), SC Irlanda, 1868-1873, Vol. 36, 1128-1129.

conhecido em toda a diocese. A sua avareza é igualmente manifesta... A sede de dinheiro, insaciável”<sup>72</sup>.

Sente-se que O'Keeffe tem pouco respeito pelo bispo a quem deve obediência. Tem dificuldade em aceitar que um homem, que ele considerava espiritualmente e, decerto intelectualmente inferior, tenha o poder de se opor aos seus melhores planos. Escrevendo de novo ao Cardeal Cullen, O'Keeffe insiste:

*Espero em Deus que, nem agora nem no futuro, eu faça a menor injúria à nossa santa religião, mas não deixarei de empregar todos os meios para realizar o que tenho em vista, isto é, trazer para Callan uma comunidade de irmãs irlandesas que agora vivem no convento do Sagrado Coração de Maria, em Béziers. Já gastei em Callan seiscentas Libras do seu dinheiro. Trouxe os Irmãos das Escolas Cristãs para educar os rapazes. Com a graça de Deus, espero ter religiosas para as meninas*<sup>73</sup>.

Num olhar retrospectivo, conclui-se que esta determinação do pároco torna praticamente impossível a reconciliação com o seu bispo e isto apesar das tentativas de desculpa. A convicção do sacerdote de que "... um santo contrato entre Béziers e Callan tem o selo do... [céu]", entusiasma de tal maneira os superiores de Béziers que não chegam a compreender a reação profunda expressa na mesma carta:

*O Dr. Walsh não tem qualquer direito a opor-se à vinda da sua comunidade para Callan e penso que todos me conhecem bem, para perceber que não sou um homem que se deixe tratar-me a mim ou às religiosas com injustiça. Os bispos são bastante estranhos neste país e embora o seu [país] esteja bem mais perto de Roma, também aí o são, por vezes. Mas nem aqui nem aí, ' podem continuar, por muito tempo, a não fazer caso do Direito Canónico*<sup>74</sup>.

O litígio processado pelo pároco pode ter sido, do seu ponto de vista, a legítima resposta de um homem tratado injustamente. De fato, ele apresenta-se à Madre Saint-Thomas como:

*... o homem mais moderado e razoável... muito cauteloso em nada fazer contra a religião ou a caridade. Procure convencer o Reverendo Padre de duas coisas. Primeiro, de modo algum as*

---

72. O'Keeffe ao Cardeal Barnabo, s.d., *Ibid*.

73. O'Keeffe ao Cardeal Cullen, 18.8.1869, *Ibid*.

74. O'Keeffe à M. Ste. Croix, 21.8.1869, CC, n.º 23.

religiosas estão envolvidas nas novas divergências entre mim e o Dr. Walsh e segundo, nada farei contra a honra e o dever<sup>75</sup>.

A atitude de Gailhac perante as numerosas e difíceis provações que acompanharam sempre as suas obras por Deus, nunca incluiria ações legais contra os seus superiores eclesiásticos. Só depois do Padre O'Keeffe e do seu bispo se reconciliarem e depois do bispo de Ossory convidar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria para a sua diocese, é que a fundação de Callan se faria<sup>76</sup>. Desde então a correspondência que vai de Béziers torna muito claro que a autorização do bispo da diocese é o *sine qua non* para continuar as negociações com a pessoa que requer a presença da comunidade. Assim o comunica mais tarde a Madre Sainte-Croix à Madre Saint-Thomas:

*... este espírito do nosso Instituto não pode deixar de ser um grande apoio à autoridade eclesiástica... Tal é o espírito e a opinião dos nossos venerados fundadores e os seus sentimentos são totalmente assumidos pelas suas filhas<sup>77</sup>.*

Mais clara se torna ainda tal disposição, quando a Madre Saint-Thomas finalmente escreve ao Padre Walter Cantwell, um homem que ela considerava “justamente respeitado e estimado na diocese de Waterford , limítrofe de Ossory”, tendo portanto “grande influência no seu bispo.” Escrevendo em nome da comunidade declara: “...resolve- mos procurar imediatamente outro local na Irlanda, o que não impedirá de ter uma filial em Callan, quando obtivermos a aprovação do Dr. Walsh”<sup>78</sup>.

Pergunta ainda se Clonmel precisava de um estabelecimento educacional ou se ele conhecia outra cidade “...onde houvesse maior bem a fazer”. A Casa Mãe suportaria todas as despesas necessárias. O que se pede a este sacerdote é ajuda e conselho sobre o melhor modo de prolongar na Irlanda as obras da comunidade. A Madre Saint-Thomas chega mesmo a perguntar ao Padre Cantwell se as receberia

---

75. O'Keeffe à M. St.Thomas, 21.11.1869, CC, n.º 29.

76. Ver Gailhac a Le Courtier, 13.2.1870, Lettres, n.º 12, e Gailhac a Cullen, 13.2.1870, Lettres, n.º 13.

77. M. Ste.Croix a M. St. Thomas, em princípios de Fevereiro de 1870, *Copie de Lettres Relatives à VAffaire de Callan et à La Fondation de Lisburn*, [Ms contendo cartas da M. Ste. Croix] Arq. hist./RSCM. Caixa 8, Pasta 5. (Referências posteriores Copie de Lettres.) Estas cartas em fragmentos não têm data, mas têm-se sugerido datas aproximadas e indicadas entre parêntese [ ].

78. M. St. Thomas a Walter Cantwell, 11.9.1869, Lettres n.º 11.

na sua pequena paróquia de Ardfinnan, acrescentando: “Talvez pense que é um lugar demasiado pequeno para um convento. É verdade que não faço ideia da sua população, mas não começou o Senhor a sua missão em Nazaré?”<sup>79</sup>

A comunidade tem que descobrir ainda a sua “Nazaré” na Irlanda.

---

79. *Ibid.* Não parece haver necessidade das RSCM em Clonmel, pois a cidade já tinha dois conventos em 1850. Ver Clear, 38-39.

## À procura da missão na Irlanda: o chamamento para Lisburn (1870)

### A Irlanda nos anos 1868-1870

Em Janeiro de 1870, Gailhac e a Madre Sainte-Croix decidem enviar a Madre Saint-Thomas em missão a Dublin. A Irlanda que a Madre Saint-Thomas deixara, quase vinte anos antes, parece-lhe agora um país bem diferente.

Durante estas duas décadas, a Irlanda restabelecera-se da desastrosa fome da batata e começara a desafiar os séculos em que a Inglaterra dominara a sua religião, as suas terras e a sua vida política. Com a colaboração do novo Primeiro Ministro Britânico, William Gladstone, algumas reformas começavam a agitar o *status quo*. Pondo termo a séculos de privilégio oficial de uma Igreja da qual apenas uma minoria fazia parte, o Primeiro Ministro separara da Irlanda a Igreja Protestante, em 1869, garantindo que a sua missão era “pacificar a Irlanda”. A Liga Agrária começara a agitar-se e a impor-se como lei que gradualmente faria justiça aos arrendatários irlandeses. O crescente movimento para a autonomia administrativa, devia ter sido uma grande surpresa para a Madre Saint-Thomas. Enquanto os Fenians, aprisionados depois da sua malograda sublevação, em 1867, planejavam alternativas mais radicais, os políticos irlandeses, em Westminster, começavam a debater e a planear estratégias em favor de um parlamento próprio, em Dublin<sup>1</sup>.

---

1. Na História da Irlanda, muitas obras analisam este importante período. Para um estudo breve, ver T.W. Moody and F.X. Martin, *The Course of Irish History* (Cork: The Mercier Press, 1967) 275-94. Ver também Roy F. Foster, *Modern Ireland 1600-1972* (New York: Viking Penguin Inc., 1988) 373-405 e F.S.L. Lyons, *Ireland Since the Famine* (New York: Charles Scribners Sons, 1971) 131-312.

## A Madre Saint-Thomas Hennessy em Dublin - uma dupla missão

É esta a Irlanda à qual a Madre Saint-Thomas regressa agora, encarregada do que poderia chamar-se a sua “dupla missão”. É de supor que, no Outono de 1869, em Béziers, os superiores tenham recebido de James Gaffney, sacerdote da paróquia de St. John em Clontarf, convite para uma fundação nesta cidade, situada nos subúrbios de Dublin. Lembrando ainda o malogro de Callan e sendo o sacerdote bem conhecido da Madre Saint-Thomas<sup>2</sup>, é provável que os superiores tenham decidido enviá-la como sua emissária, nesta circunstância. É, porém, a morte de uma jovem professa Madre Saint-Joseph Murphy, em 6 de Janeiro de 1870, que os move a agir. Esta tivera uma irmã mais velha, Madre Saint-Alphonse Murphy que falecera como noviça em Outubro de 1864. Quando a terceira irmã Murphy, agora noviça em Béziers e que recebera o nome da sua irmã falecida, Madre Saint-Alphonse, adoece, torna-se claro que para recuperar a saúde tem que regressar ao seu país natal, a Irlanda, ao menos temporariamente<sup>3</sup>. A Madre Saint-Thomas, então mestra de noviças e conhecida em Dublin, é a pessoa indicada para acompanhar a noviça doente à Irlanda. Mas isto é apenas parte da sua missão.

Em carta à Madre Saint-Thomas, a Madre Sainte-Croix confirma-a com muita clareza: “Tenha muita coragem, minha querida irmã, para levar a cabo a sua dupla missão. Não se deixe dominar pelas dificuldades dos começos. Deus estará sempre consigo.” A superiora geral aconselha a Madre Saint-Thomas a visitar o Vigário Geral de Dublin, seu conhecido, e a comunicar-lhe os interesses da comunidade. Devia ainda pedir-lhe que apresentasse ao arcebispo o desejo que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tinham em iniciar uma fundação, na sua diocese, em Clontarf<sup>4</sup>.

O arcebispo, Cardeal Cullen não estava em Dublin quando a Madre Saint-Thomas ali chegou. Encontrava-se em Roma para o

- 
2. O sacerdote, era James Gaffney que escreveu várias vezes à M. St. Thomas dirigindo-se-lhe como “my dear Teresa” Ele assina uma das suas cartas “Your old and faithful Killenny Boy”. Ver Arq. hist./Cong., Vol. II-C, 24-27.
  3. Havia ainda uma quarta irmã que entrou como RSCM, M. St. Irenée, que professou a 20.5.1866 e faleceu em 1880 com a idade de 41 anos. Ver Grande Registro, n.º 55.
  4. M. Ste. Croix a M. St. Thomas“ [fins de Janeiro de 1810], Copie de Lettres. Um estudo da distribuição de conventos na Irlanda em 1850, indica que existia já um convento em Clontarf. Ver Clear, 38.

primeiro Concílio Ecuménico, que devia reunir no Vaticano<sup>5</sup>. Os planos para o Concílio tinham sido elaborados alguns anos antes e o Papa Pio IX tinha anunciado os seus objetivos na bula *Aeterni Patris* reafirmar a fé católica em assuntos mal entendidos ou atacados; rever a vida clerical; salvaguardar o matrimônio cristão e a educação católica da juventude; rever alguns aspectos das relações Igreja-Estado<sup>6</sup>.

Eram aproximadamente setecentos e cinquenta os participantes neste Concílio, que teve lugar no transepto sul da Basílica de S. Pedro, de 8 de Dezembro de 1869 a 18 de Julho de 1870. Entre estes, encontravam-se alguns cardeais e bispos a quem a comunidade teria recorrido no seu desejo de expansão. É interessante notar que as primitivas negociações tiveram que ser feitas com vigários gerais, na ausência dos respectivos bispos, o que tornava as demoras inevitáveis. O debate sobre a infalibilidade do papa, tema que não constava da agenda inicial, era particularmente desgastante para os bispos que favoreciam a definição deste dogma, (Cardeal Cullen e o Arcebispo Henry Manning, entre outros). E lutavam com os seus colegas (incluindo o bispo de Montpellier, Mgr. Le Courtier) que a achavam inoportuna e controversa<sup>7</sup>.

Ao que parece, quando Gailhac é informado da ausência do Cardeal Cullen, escreve-lhe diretamente para Roma e pede-lhe que autorize a fundação em Clontarf "...onde os sacerdotes e a população muito desejam a nossa presença." Descrevendo as obras de zelo da comunidade, como abrangendo as altas classes da sociedade, os órfãos pobres e as jovens expostas a perigos nas ruas, Gailhac pede ao cardeal "humildemente mas muito ardentemente" que aceite o seu pedido, prometendo-lhe: "tenho a certeza que a simplicidade das minhas filhas, a sua humildade, o seu zelo e submissão serão motivo de consolação para Vossa Eminência e de edificação para a sua diocese"<sup>8</sup>.

No mesmo dia Gailhac escreve ao seu próprio bispo, Mgr. Le Courtier, que também estava no Concílio Vaticano. Lembrando-lhe como a comunidade, desde há muito lhe vem falando de uma fundação

---

5. Para um exame pormenorizado sobre o papel de Cullen no Concílio Vaticano, ver Emmet Larkin. 'The Irish Bishops at the First Vatican Council', *The Recorder* (Winter 1988) 34-60.

6. Philip Hughes, *The Church in Crisis: A History of the General Councils 325-1870*, (Garden City, N.Y.: Hanover House 1961) 338.

7. *Ibid.*, 333-65.

8. Gailhac a Cullen, 13.2.1870, Lettrcs n.º 13.

na Irlanda, tão necessária à saúde das irmãs irlandesas, Gailhac expõe-lhe a desilusão da comunidade quanto à diocese de Ossory e o desejo de começar uma fundação em Clontarf. Ignorando provavelmente as opiniões diferentes dos bispos em matéria de infalibilidade, Gailhac pede ao seu bispo que recomende a comunidade ao Cardeal Cullen, também presente no Concílio<sup>9</sup>.

A Madre Saint-Thomas está ainda em Dublin quando a Madre Sainte-Croix escreve de novo. Segundo o plano inicial, a Madre Saint-Thomas devia ir primeiro a Kilkenny visitar a Madre Teresa Smithwick e apresentar-lhe os agradecimentos da comunidade. Dali devia passar a Clonmel e arredores. Devia ainda parar em Callan para ver o Padre O'Keeffe, pois a comunidade tinha uma grande dívida para com ele e não queria parecer ingrata. Ele prometera-lhe hospitalidade e numa carta à Madre Sainte-Croix oferecera-se para conduzir a Madre Saint-Thomas a "...Clonmel, Carrick-on-Suir e outras cidades fora da diocese", acrescentando: "poderemos assim encontrar um lugar para uma fundação, enquanto durar a oposição à instalação em Callan que não se sabe por quanto tempo poderá continuar".<sup>10</sup>

A Madre Sainte-Croix, no entanto, previne a Madre Saint-Thomas e leva-a a aconselhar-se com a Madre Teresa Smithwick, pois começava a sentir que a presença do Padre O'Keeffe não seria bem vista nas diferentes localidades, por causa do segundo processo contra o bispo, em Dezembro de 1869. E lembra-lhe que a primeira coisa a dizer nos locais que visitar, é que a comunidade deseja apenas abrir um externato e uma escola livre, numa casa disponível, na região. Recomenda-lhe ainda prudência nas tentativas que fizer, para que nenhuma outra congregação religiosa interfira, como aconteceu no caso de Kilkenny<sup>11</sup>.

Estes planos mudam, todavia, quando o bispo de Ossory recusa à Madre Saint-Thomas licença de se hospedar no convento da Apresentação, em Kilkenny, mesmo por uns dias. A superiora geral convence-se neste momento, de que não há esperanças na fundação de Callan, durante a vida do bispo. Comunica então à Madre Saint-Thomas que visitar o palácio episcopal de Kilkenny seria uma perda de tempo. Mas tudo isto serve apenas para reforçar a determinação superior de tentar outro lugar. "Renove todos os seus contatos e conhecimentos,

---

9. Gailhac a Le Courtier, 13.2.1870, Lettres n° 12.

10. O'Keeffe à M. Ste. Croix, 29.1.1870.CC, n.° 30.

11. M. Ste. Croix a M. St. Thomas [princípios de Fevereiro de 1870], Copie de Lettres.

procure que a comunidade seja conhecida no país”, escreve à Madre Saint-Thomas. Sentindo que a oportunidade oferecida em Clontarf era providencial, a Madre Sainte-Croix diz-lhe que faça todas as viagens e dê os passos necessários. Aconselha-a também a encontrar-se em Clogheen, pequena cidade na diocese de Waterford, com um sacerdote que lhe escrevera em resposta ao seu apelo ao Padre Walter Cantwell. “Se tal for a santa vontade de Deus, gostaria de uma fundação perto de Dublin e outra na diocese de Waterford”<sup>12</sup>. Tais são as suas esperanças.

A Madre Sainte-Croix continua a escrever à Madre Saint-Thomas extensas cartas, com detalhadas instruções e notícias da Casa Mãe - as atividades do fundador, o progresso das noviças, o tempo em França e expressões amigas de irmãs na comunidade. Nem sempre lhe é fácil escrever estas grandes cartas, pois ela própria admite que sofre de fortes dores de cabeça ocasionadas pela preocupação com a doença grave de uma aluna interna. As dores tornam difícil a escrita é certo, mas ela está profundamente envolvida nesta “dupla missão” da Madre Saint-Thomas e constantemente a estimula e encoraja<sup>13</sup>.

Com muito carinho, a Madre Sainte-Croix escreve à noviça que tinha regressado à Irlanda, Madre Saint-Alphonse, diz-lhe que a comunidade reza por ela e que “ela nunca deixou de ser nossa filha, pelo contrário, é o nosso querido Benjamim”<sup>14</sup>. Todavia à Madre Saint-Thomas, a Madre Sainte-Croix comunica que o médico, prevenindo contra as temperaturas extremas no sul de França, recomenda que a noviça permaneça na Irlanda. Porém, apercebendo-se do desgosto da mestra de noviças, a Madre Sainte-Croix diz-lhe que os médicos em França acham que não se deve dar à noviça a esperança de regressar a Béziers, ao menos por um longo prazo e só se curar completamente. Se, porém, começar uma fundação na Irlanda, Gailhac talvez consinta que a Madre Saint-Alphonse lá fique com as religiosas. No entanto, a Madre Saint-Thomas nem sequer de longe deve mencionar tal probabilidade.<sup>15</sup>

Parece que a mestra de noviças tem relutância em admitir que a

---

12. *Ibid.*

13. *Ibid.* A saúde da M. Ste. Croix não era robusta, mas a causa da sua doença é raramente mencionada. A sua propensão para enxaquecas pode explicar as suas indisposições.

14. *Ibid.*

15. M. Ste. Croix a M. St. Thomas, [Fevereiro de 1870], Copie de Lettres.

sua noviça não possa voltar à Casa Mãe. Na carta seguinte, a Madre Sainte-Croix exprime surpresa pelo fato de a noviça estar ainda em Dublin e não ter sido enviada para casa de seus pais. É provável que a Madre Saint-Thomas tivesse esperança em que as melhoras da noviça fossem o sinal de uma recuperação que tornasse possível o seu regresso a França. Mas a interpretação da Madre Sainte-Croix é diferente:

*Estas melhoras só mostram como os ares da própria terra são bons para a sua saúde. Não podemos iludir-nos. Para já, aqui ela estaria no seu leito de morte. Coragem, minha querida irmã, mande-a para a sua família...Abrace-a por mim e diga-lhe da nossa parte que ela fica a pertencer sempre à comunidade<sup>16</sup>.*

Ficara decidido que a Madre Saint-Thomas fosse a Kilkenny e se hospedasse em casa de um sobrinho da Madre Teresa Smithwick para aí combinar com o Padre O'Keeffe a devolução do dinheiro que o Bispo Walsh lhe tinha restituído, depois da entrega da Casa Callan. Este dinheiro não era do Padre O'Keeffe, mas fora-lhe enviado pela Casa Mãe a quem pertencia por direito. Devia também pôr no seguro e remeter por navio para França as caixas de pano de linho (no valor de mil e oitocentos francos) que tinham sido enviadas para Kilkenny, em preparação para a fundação. Além disso, tinha instruções para avisar o sacerdote de Clogheen da sua chegada a Kilkenny e encontrar-se com ele, se fosse oportuno<sup>17</sup>.

Entretanto, a Madre Saint-Thomas parece ter ficado em Dublin com uma sua irmã<sup>18</sup> e, enquanto aí se encontra, recebe a visita de Michael Buckley<sup>19</sup>, notável advogado em Belfast e marido de uma sua

---

16. M. Ste. Croix a M. St. Thomas, [meados de Fevereiro de 1870], Copie de Lettres. Presume-se que esta noviça não voltou à comunidade porque o seu nome em religião, St. Alphonse, é atribuído a uma postulante que recebeu o hábito em 21.11.1871, M. St. Alphonse Keane.

17. M. Ste. Croix a M. St. Thomas, [princípios de Fevereiro de 1870], Copie de Lettres.

18. Se Maynard é exato dizendo que a M. St. Thomas tinha duas irmãs (ver 338) e se, através da correspondência, é evidente que a M. Ste. Marie Hennessy estava nessa altura na Casa Mãe, então essa irmã devia ser Margaret Hennessy. Esta senhora vivera em Portugal cerca de vinte anos, mas é possível que estivesse temporariamente na Irlanda em 1870, uma vez que não há referência dela como dirigindo uma escola no Porto em 1870. ( Ver *Almanaque do Porto e seu distrito*, 1870. Porto: Biblioteca Municipal.) É possível que houvesse uma quarta irmã Hennessy, mas não há outra menção de tal fato.

19. Embora o seu primeiro nome não seja mencionado, este é, sem dúvida *Michael Buckley*, citado em *Belfast Morning News*, 25.11.1870, como o proprietário anterior de Castle Hill House, que “foi adaptado a convento”. Arquivos do SCM. da Província A/I, Hlgi. *Charles Edward Buckley* posteriormente referido na correspondência, e provavelmente o filho de Michael, afilhado da M.St. Thomas.

grande amiga. Na tradição da comunidade existem várias versões sobre este encontro da Madre Saint-Thomas com Michael Buckley, mas a mais próxima da realidade parece ser a narração deixada pela Madre Sainte-Croix, explicando que a Madre Saint-Thomas convidada para passar alguns dias com a família Buckley em Belfast, responde que só poderá ir se houver alguma possibilidade de fundação naquela área. Segundo a mesma narração, o senhor Buckley comunica-lhe então que vai vender a sua casa em Lisburn e que esta seria perfeita para convento. Assim, depois de consultar a sua superiora, a Madre Saint-Thomas vai a Belfast<sup>20</sup>.

Os acontecimentos sucedem-se rapidamente. A Madre Saint-Thomas vê a casa Buckley na rua Castle Street e fica convencida de que fará um esplêndido conjunto convento-escola. O Senhor Buckley escreve então ao pároco de Lisburn propondo-lhe uma reunião, em Belfast, para discutir o assunto<sup>21</sup>. A Madre Sainte-Croix confirma a ida da Madre Saint-Thomas a Lisburn, espera saber os pormenores dessa viagem e escreve com otimismo: “São três as probabilidades - Clontarf, Clogheen e Lisburn. Não perca nenhuma de vista e tenhamos confiança que a Divina Providência nos há-de conduzir a uma delas”<sup>22</sup>.

Naquele meio tempo, a Madre Saint-Thomas, tencionando ainda visitar Kilkenny, é informada de que o Dr. McDonald, vigário geral da diocese de Ossory, a quem esperava encontrar, se recusa a recebê-la por causa da ação judicial de O'Keeffe contra o seu bispo. A primeira fase desta causa fora ouvida diante do Supremo Tribunal de Justiça, Queen's Bench em Dublin, em fins de Janeiro de 1870. O fato de um pároco levar o seu bispo ao tribunal, produz escândalo no país e as “irmãs francesas” ficam involuntariamente envolvidas no caso. Assim, alguns sacerdotes que conheciam bem Kilkenny informam a Madre Saint-Thomas de que ir lá, quaisquer que fossem as circunstâncias, seria imprudente para ela. E recomendam-lhe, ao contrário, que “*desista* de qualquer acordo com O'Keeffe e que empregue os meios

---

20. *Deuxième fondation à Lisburn*, Arq, hist./ Cong., Vol. II-C, 9. É uma agenda contendo cartas relativas a esta fundação desde Fevereiro de 1870 a 13.12.1870. A maior parte destas cartas são do P. Edward Kelly, mas copiadas pela M. St. Croix quer no original inglês, quer traduzidas em francês. (Referências posteriores Segunda fundação). Estas cartas encontram-se também traduzidas do original, em francês, no *Proc. ap.*, 5257-78.

21. Ver E. Kelly a Sr. Buckley, 18.2.1870, *Deuxième fondation*.

22. M. Ste. Croix à M. St. Thomas, (meados de Fevereiro de 1870] Copie de Lettres.

para ser *reembolsada imediatamente*”<sup>23</sup>. Os superiores, em Béziers, concordam com esta proposta. A Madre Saint-Thomas deve ficar em Dublin e se possível encontrar-se aí com o Padre Cantwell e com o seu amigo sacerdote de Clogheen. E os pais das RSCM irlandesas podem visitá-la em Dublin, se quiserem<sup>24</sup>.

Em princípio, tinha-se pensado que a Madre Saint-Thomas poderia deixar Dublin a 23 de Fevereiro ou, ao menos, estar em Béziers no primeiro aniversário da morte da Madre Saint-Jean a 4 de Março<sup>25</sup>. Tudo parecia movimentar-se rapidamente para uma fundação em Lisburn. Muitos amigos animavam o Padre Edward Kelly, pároco de Lisburn, a chegar a um acordo com a comunidade de Béziers<sup>26</sup> e, sem dúvida, o Senhor Buckley desejoso de vender a sua casa em Castle Street, apressava as negociações. Em 27 de Fevereiro, a Madre Sainte-Croix podia escrever à Madre Saint-Thomas, com respostas concretas às questões pormenorizadas: Sim, a comunidade dará ao capelão trinta Libras por ano e mobiliará os seus próprios quartos e os das alunas internas, mas a paróquia assumirá os custos da mobília das classes destinadas às crianças pobres<sup>27</sup>.

Assim, desde o início parece evidente que o convite à vinda para Lisburn incluía a oferta de subsídios da paróquia para a fundação. Em nenhum outro caso anterior isto se dera. Tinham sempre assegurado, o bispo ou o pároco que a comunidade financeira, não só o custo de viagens, mas todas as despesas das religiosas, no caso da receita das escolas ser insuficiente<sup>28</sup>. Em Callan, por exemplo, o total das alterações da casa Callan foi pago pela comunidade, que devia também assumir o pagamento da renda quando ocupasse a casa. O pároco de Lisburn mostrava-se bem mais generoso. Apesar de reconhecer que “a nossa comunidade católica é numerosa de fato, mas é pobre”, a paróquia estava disposta a dar um subsídio de mil trezentas e cinquenta

---

23. James Gaffney, um sacerdote de Clontarf, ã M. St. Thomas, 20.2.1870, Arq. hist./ Cong., Vol. II-C, 24.

24. M. Ste. Croix à M. St. Thomas, [meados de Fevereiro de 1870], Copie de Lettres.

25. *Ibid.*

26. James Gaffney refere que “O meu amigo, P. O'Neill de Marlboro St., pressioná-lo-á fortemente [o pároco de Lisburn] para que disponha tudo consigo”. Gaffney à M. St. Thomas, s.d. Arq. hist./Cong., Vol. II-C, 25.

27. M. Ste. Croix à M. St. Thomas, 27.2.1870, Lettres, n.º 18.

28. Ver, por exemplo, O'Keefe à M. St. Thomas, 21.10.1869, CC. n.º 27; Gailhac ao Bispo Walsh, 20.7.1869, Lettres, n.º 1; M. St. Thomas a Cantwell, 11.9.1869, Lettres, n.º 11; M. Ste. Croix ao sacerdote de Clogheen, 10.2.1870, Lettres n.º 14.

Libras para a compra da casa e do jardim em Castle Street. A propriedade estaria à disposição das religiosas livre de rendas e taxas, que eram bem pesadas naquela região do país. Mais ainda, o pároco estava pronto a levantar duzentas Libras para ajudar na renovação da casa Buckley. Mais tarde, a comunidade teria que dispendir muito dinheiro para estas renovações, mas é significativo que, em Lisburn, seria poupada a maiores despesas<sup>29</sup>.

A Madre Sainte-Croix sentindo que depressa se chegaria a acordo com o Padre Kelly, propõe à Madre Saint-Thomas pedir-lhe que o seu vigário geral, Padre Marnier, escreva ao Bispo Le Courtier, em nome do seu bispo, solicitando autorização para a fundação de Lisburn<sup>30</sup>. Por fins de Fevereiro, o Padre Kelly, muito contente com as negociações feitas até ali, já tinha escrito ao seu bispo, o Dr. Dorrian, prometendo à comunidade informá-la logo que recebesse uma resposta<sup>31</sup>.

A conclusão destas negociações iniciadas casualmente nas primeiras semanas de Fevereiro, tem que ser interrompida pelo fato do bispo de Down and Connor, a diocese a que Lisburn pertence, se encontrar no Concílio Vaticano preocupado com outras questões, entre as quais a infalibilidade papal. O Padre Kelly justifica a demora, em carta à Madre Saint-Thomas, a 23 de Maio de 1870:

*A decisão sobre a escolha de uma congregação para a nossa cidade pertence ao bispo. Esperamos que ele chegue no Verão<sup>32</sup>.*

O Dr. Patrick Dorrian era bispo da diocese de Down and Connor desde 1865. Convidara já para Belfast os Irmãos das Escolas Cristãs (1866) e convidaria as Irmãs Dominicanas, alguns anos mais tarde (1870), para a mesma cidade. O Padre Kelly confiava à Madre Saint-Thomas que o bispo desejava trazer uma congregação de ensino para Lisburn, a segunda maior cidade da sua diocese e, desde 1869, pensava nas Poor Ciars de Newry. Até durante o Concílio conversara com o Bispo John Pius Lealy, de Dromore, sobre as vantagens e desvantagens de convidar as Poor Ciars. Todavia a estrita clausura desta comunidade fora considerada como desvantagem<sup>33</sup>.

Esta demora deve ter constituído uma decepção para a Madre

---

29. E. Kelly à M. St. Thomas, 27.9.1870, Deuxieme fondation.

30. M. Ste. Croix à M. St. Thomas, 27.2.1870, Lettres n.º 18.

31. E. Kelly à M. St. Thomas, 5.3.1870, Deuxième Fondation.

32. E. Kelly à M. St. Thomas, 23.5.1870, *Ibid.*

33. *Ibid.*

Saint-Thomas e para a sua superiora em Béziers, que, em fins de Fevereiro de 1870, esperava ainda começar mais que uma fundação, ao mesmo tempo. Esta aconselhou a Madre Saint-Thomas a ir à diocese de Waterford evitando Kilkenny, se possível e ver aí o local proposto, fosse ele em Clogheen, ou noutra lugar. Antecipando uma resposta favorável, a Madre Sainte-Croix começa a programar as medidas a tomar - tal como o Padre Kelly em Lisburn, o sacerdote em Clogheen, devia pedir licença para uma fundação na sua paróquia, não só ao seu bispo, mas também ao bispo de Montpellier. Porém, isto só poderia fazer-se quando a comunidade estivesse estabelecida em Lisburn, para não acontecer que o Bispo Le Courtier se viesse a alarmar com todos estes pedidos ao mesmo tempo<sup>34</sup>.

Embora provável, não é certo que a Madre Saint-Thomas se tenha encontrado com o sacerdote de Clogheen. Podemos apenas presumir que as esperanças de fundação naquela terra, saíram frustradas, pois Clogheen não aparece mencionado em correspondência posterior. Decepcionada, a Madre Saint-Thomas regressa, em Março a Béziers, sem nada de concreto.

### **Novas tentativas para uma fundação**

Durante a Primavera e Verão de 1870, a comunidade considera novas perspectivas de fundações na Irlanda e parece que até alguns familiares de religiosas estão atentos a possíveis localidades. Um sacerdote, primo de uma jovem religiosa, Madre Sainte-Thérèse Butler, comunica que a casa e terreno do antigo pároco de Ballingarry estava à venda a baixo preço. “Teriam um esplêndido externato e uma grande escola para crianças pobres. O arrendamento do lugar não chega a trinta Libras por ano”, afirma ele aos superiores. E oferece-se para escrever ao bispo, então em Roma, se a comunidade estivesse interessada nessa sugestão. Mas não há sinais de que se tenha explorado tal proposta<sup>35</sup>.

Fazem-se tentativas no sentido da fundação de uma escola na vizinhança de Sandymount, a região em que a Madre Saint-Charles

---

34. M. Ste. Croix à M. St. Thomas 27.2.1870, Lettres n.º 18.

35. John Power, PP., à M. St. Thomas, 20.5.1870, Arq. hist./Cong., Vol II-C, 19.

MacMullen crescera. Esta religiosa escreve a seu irmão Bartholomew<sup>36</sup>, que ainda ali vivia, pedindo-lhe a sua opinião. Este procura informar-se de tal possibilidade com o seu pároco, Dean O'Connell, mas este que, uns vinte anos antes dirigira para Béziers algumas jovens, rejeita agora a ideia e trata Bartholomew com descortesia. Audaz e intrépido Bartholomew oferece-se para falar com o Cardeal Cullen acerca da fundação, se a Madre Sainte-Croix assim o entender<sup>37</sup>. Em rascunho, sem data, de resposta a seu irmão, provavelmente em fins de Agosto de 1870, a Madre Saint-Charles pede-lhe que fale com o Cardeal sobre a possibilidade de abrirem um bom externato e uma escola para pobres, na área de Sandymount<sup>38</sup>. Ao mesmo tempo, a Madre Sainte-Croix escreve de novo diretamente ao Cardeal Cullen. Lembrando-lhe a promessa de considerar o pedido que, em Fevereiro o Padre Gailhac lhe fizera, quando os trabalhos do Concílio Vaticano lhe permitissem o regresso a Dublin, a Madre Sainte-Croix insiste nas razões da expansão tão necessária à comunidade. E acrescenta que várias pessoas haviam sugerido diferentes áreas de Dublin, como Clontarf e Sandymount, para a fundação de um convento. Se o Cardeal o desejasse, a comunidade abriria uma escola livre e um externato numa destas áreas ou noutro local que o Cardeal decidisse<sup>39</sup>.

E difícil avaliar a influência e objetividade das “várias pessoas”, sem dúvida amigas das RSCM, que tinham indicado a necessidade da comunidade na área de Dublin. Segundo a investigação de um historiador sobre a distribuição de conventos, já em 1850 existiam em Dublin dezenove conventos, um dos quais em Clontarf. E tal número aumentava rapidamente. Em 1882 haveria “quase o dobro dos conventos entre a população católica da província de Dublin - um convento para sete mil e setecentos Católicos na cidade de Dublin - comparado com a razão de um convento para treze mil duzentos e trinta e oito fiéis em Cashel”, a província eclesiástica que se lhe seguia em

---

36. Bartholomew MacMullen, irmão da M. St. Charles, era pai de Fanny (M. Sacré Cheur) pela sua primeira mulher, Elisa Ward, e de Mary (M. St. Ligori) pela sua segunda mulher, Mary Cusack. A sua primeira mulher faleceu quando Fanny era ainda criança. Ambas as filhas e uma outra irmã, Emmy, frequentaram o internato da Casa Mãe. Ver *Registre du Pensionnat de Sacré Coeur de Marie*, Arq. hist./Cong., Vol. IV-A, 47.

37. B. MacMullen à M. St. Charles, 13.8.1870, CC, n.º 32.

38. Rascunho de uma carta da M. St. Charles a B. MacMullen, s.d.CC, n.º 33.

39. M. Ste. Croix a Cullen, 26.8.1870, Lettres n.º 20.

crescimento<sup>40</sup>. Com a possibilidade de escolha entre tantas congregações, o Cardeal Cullen poderia preferir uma congregação irlandesa de votos simples e sem clausura. Muitas destas dependiam diretamente do bispo, a nível diocesano e não tinham estruturas de dependência de uma superiora geral e capítulos, como acontecia com as congregações francesas vindas do continente para a Irlanda, na última metade do século XIX<sup>41</sup>. E não há dúvida de que a ligação das RSCM com o Padre O’Keeffe também não ajuda a situação.

Passada uma semana, a Madre Sainte-Croix escreve também ao Arcebispo Manning de Westminster. Depois de uma clara introdução, a superiora geral descreve as origens e missão da congregação, o seu espírito, os quatro votos (incluindo o voto de zelo) e a Regra. Se ele tivesse necessidade da comunidade na sua ou em outra diocese sob a sua jurisdição, as irmãs poderiam abrir um externato para estudantes, com possibilidades de pagar, e uma escola livre. Ao terminar pede uma palavra indicativa de resposta<sup>42</sup>.

Não seria exato afirmar, todavia, que o alvo das tentativas de novas fundações, fosse exclusivamente a Irlanda ou a Inglaterra. Por exemplo, numa carta de cumprimentos ao bispo de Tarbes, em França, pela sua nomeação, a Madre Sainte-Croix apresenta-se como irmã da Madre Joseph Vidal, Irmã da Caridade de Nevers, que por algum tempo estivera sob a sua jurisdição. Depois começa a descrever as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a sua missão e espírito e sugere uma fundação na sua diocese, se ele tivesse necessidade de alguns dos seus trabalhos<sup>43</sup>. A resposta, porém, não foi animadora.

### **A Guerra Franco-Prussiana: um temível catalisador**

A impressão que prevalece é que a Madre Sainte-Croix não omite nenhuma oportunidade de tentativas de possíveis fundações em muitos locais, convencida de que, nos planos de Deus, alguma havia de concretizar-se. Mas os acontecimentos mundiais vieram criar novas

---

40. Clear, 37-38.

41. *Ibid.* 55-59.

42. M. Ste. Croix ao Arcebispo Manning, 3.9.1870, Lettres, n.º 21. Não recebe a resposta até fins de Setembro.

43. M. Ste. Croix ao Bispo Pichenet de Tarbes, 6.9.1870, Lettres, n.º 17b; uma recusa evidente era expressa numa carta deste bispo, em Outubro de 1870. Arq. hist./RSCM., Caixa 6, Pasta 8.

urgências ao estabelecimento da comunidade fora de França, pois, durante os meses de negociações, rebentava a guerra entre a França e a Prússia.

Em Julho de 1870, a França reage fortemente contra a oferta do trono de Espanha ao Príncipe Leopold de Hohenzollern-Sigmaringen, primo de William I da Prússia. Apesar de Leopold renunciar a tal oferta, a 12 de Julho, a França continua alarmada com a possibilidade de se ver cercada pelo poder da Alemanha. E o governo de Napoleão III manda o seu embaixador ao rei da Prússia, insistindo em que ele, William, lhe garanta pessoalmente que não permitirá a sucessão de Leopold ao trono de Espanha. O rei da Prússia nega-se a dar tais garantias, alegando que a recusa de Leopold era suficiente. Não usa, porém, de falta de cortesia para com o embaixador francês. O Chanceler alemão, Otto von Bismarck, querendo provocar a guerra com a França, publica um telegrama de modo a dar a impressão de que o embaixador francês fora insultado. Este assim chamado Ems Dispatch surte o seu efeito. Bismarck consegue manipular a França, levando-a a declarar guerra à Prússia em 19 de Julho de 1870. Um historiador resume assim o acontecimento:

*Desta maneira, por uma trágica combinação de má sorte, estupidez e ignorância, a França, com o seu exército desprevenido, sem aliados e por uma causa infeliz, comete o erro crasso de entrar em guerra com o maior poder militar que a Europa jamais viu<sup>44</sup>.*

Porém, os franceses de então desejavam irresistivelmente a guerra. Alguns anos mais tarde, a esposa de Napoleão III, Imperatriz Eugénie, alegava essa mesma razão para dizer que a guerra não poderia ter sido evitada. E era citada como afirmando:

*Uma grande explosão de patriotismo varreu toda a França naquele momento. Mesmo Paris, até então muito hostil ao Império, mostrou grande entusiasmo, confiança e determinação. Agitadas multidões percorriam as avenidas gritando: A Berlin! A Berlin! Era humanamente impossível evitar a guerra<sup>45</sup>.*

---

44. Michael E. Howard, " 'Red Rag' and 'Gallic Buli': Hohenzollem Candidatura", encontrada em James Friguglietti and Emmet Kennedy (ed.), *The Shaping of Modern France: Writings on French History Since 1715* (Collier-Macmillan Limited: London, 1969) 323-331.

45. J. M. Thompson, *Louis Napoléon and the Second Empire* (Noonday Press: New York, 1955) 297-298.

Precisamente nessa altura, muitos dos bispos presentes no Concílio Vaticano deixam Roma, aproveitando “as férias” programadas, uma vez que o voto de 18 de Julho de 1870 sobre a questão da infalibilidade, fora positivo e tivera grande sucesso. Sessenta bispos, metade dos quais franceses, tinham saído de Roma antes da cerimônia para evitar a necessidade de publicação dos seus votos negativos.. Os bispos tencionavam voltar para a sessão seguinte, mas a 4 de Agosto, alguns dias apenas depois da declaração da guerra, Napoleão III mandava retirar as tropas francesas, que guardavam a cidade de Roma, para as enviar a combater contra a Prússia. Algumas semanas mais tarde, Roma caía sob o poder das tropas do Rei Victor Emmanuel II e a suspensão formal do Concílio Vaticano era anunciada em 20 de Outubro de 1870<sup>46</sup>.

Passadas algumas semanas, após o começo da guerra, a França vacila. A 2 de Setembro o exército é derrotado em Sedan e Napoleão III é capturado. O governo imperial cai dias mais tarde e a Imperatriz foge para Inglaterra, juntando-se-lhe sem demora o seu marido exilado. A 4 de Setembro de 1870, dois dos antigos opositores de Napoleão III, Jules Favre e Léon Gambetta, proclamam a República Francesa e formam um governo de Defesa Nacional. Em tais circunstâncias, quer os conservadores quer os radicais em França, apoiam o novo governo, ao menos temporariamente.

Béziers acolhe com entusiasmo a notícia da proclamação da República. O conselho municipal apoia o Governo de Defesa Nacional e nomeia um republicano, Emile Vernhes, como sub-prefeito. No dia seguinte uma longa e tardia homenagem é prestada às vítimas republicanas do golpe de estado de 1851<sup>47</sup>.

Apesar desta farsa de unidade em todo o país, a França é confrontada com um desastre militar. Em meados de Setembro, Paris é cercada pelo exército prussiano, de mais de duzentos e cinquenta mil homens e começa então o cerco, que devia durar até 28 de Janeiro do ano seguinte.

De Paris um sacerdote amigo escreve então para Béziers, alertando a superiora geral para a eminência do perigo e reavivando os seus

---

46. A. Latreille and R. Rémond, *Histoire du Catholicisme en France*, Vol. III (Paris: Spes,1962) 398. Ver também Hughes, 364-65.

47. Jean Sagnes, “La Suprématie Radicale”, *Histoire de Béziers* (Toulouse: Privat, 1986) 262.

receios e apreensões de que os efeitos da guerra ameacem a comunidade. A Madre Sainte-Croix escreve cartas urgentes ao Cardeal Cullen<sup>48</sup> e ao Arcebispo Manning<sup>49</sup>, agora nas respectivas dioceses, pedindo-lhes que acolham as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Tais cartas mostram claramente que ela partilha a opinião geral de que o exército prussiano avançava para o Sul de França. Mais imediatamente, porém, teme os revolucionários franceses que, à semelhança de 1793, atacaram com crueldade e profanaram alguns conventos em cidades não longe de Béziers. “Encontramo-nos na mais penosa ansiedade” participa ela ao Arcebispo Manning<sup>50</sup>.

É evidente que a grande preocupação do Instituto é, nesta altura, proteger os seus membros e salvaguardar a sua própria continuidade, como congregação religiosa. A Madre Sainte-Croix lembra ao Arcebispo que algumas das irmãs francesas poderiam acolher-se em suas famílias até ao fim do perigo, mas outras irmãs idosas e as irmãs irlandesas precisavam de um lugar seguro, fora de França, onde pudessem continuar as suas obras de zelo<sup>51</sup>.

E tal a ansiedade da Madre Sainte-Croix, que chega a escrever à Irma Mary Gertrude Hackett, superiora do convento da Apresentação de Kilkenny, pedindo-lhe que interceda em seu favor junto do Bispo Walsh! Aludindo à triste situação em França e ao fato de a maior parte das irmãs irlandesas, em perigo, pertencerem à diocese de Ossory, a Madre Sainte-Croix suplica-lhe que peça ao bispo para a comunidade ocupar Callan Lodge, ou mesmo estabelecer-se na cidade de Kilkenny e começar aí um externato e uma escola de pobres<sup>52</sup>. Algumas semanas mais tarde, a superiora da Apresentação responde que se encheira de coragem para apresentar ao Bispo Walsh o seu pedido, mas que “recebera uma severa e pronta recusa em as admitir na sua diocese”. E continua:

---

48. M. Ste. Croix a Cullen, 19.9.1870, Lettres, n.º 25. A encimar a cópia desta carta encontra-se, escrita pela mão da M. Ste. Croix, a seguinte oração: “Oh! Maria, nossa boa Mãe, fazei com que esta carta toque o coração daquele a quem se dirige. Que nós possamos começar a expandir-nos, se é chegado o momento fixo pela Providência. No entanto, nisto como em tudo, dizemos do fundo do coração fiat! fiat! fiat!”

49. M. Ste. Croix a Manning, 22.9.1870, Lettres n.º 26.

50. Ibid.

51. Ibid.

52. M. St. Croix à Irmã Mary Gertrude Hackett, 13.9.1870, Lettres, n.º 23.

*É com muito pesar que a informo que Sua Excelência, o Bispo de modo nenhum aceitará a sua comunidade na Diocese nem tão pouco dará ouvidos a qualquer coisa que venha das religiosas francesas*<sup>53</sup>.

A resposta do arcebispo de Westminster é, pelo menos, mais simpática, pois o secretário do Arcebispo Manning, W.A. Johnson mostra compreender a preocupação da Madre Sainte-Croix com a segurança de suas filhas e a necessidade extrema de um lugar fora de perigo. Compadecendo-se da "... pobre França nas suas grandes calamidades", o Arcebispo não dá todavia qualquer esperança:

*... nesta diocese onde já existem quarenta a cinquenta conventos, há tantas religiosas dedicadas à educação, que é muito incerto, que um outro convento com internato possa, para já, contar com quaisquer alunas. Também não existem pedidos para novos externatos de estudantes da classe média. A isto devo acrescentar que, todas as vezes que se requer do Estado auxílio financeiro para a manutenção das escolas pobres, é preciso que as professoras se submetam a um exame e obtenham um certificado do governo*<sup>54</sup>.

O secretário acrescenta, no entanto, que o Arcebispo acolheria as religiosas na sua diocese, se elas próprias encontrassem casa e "trouxessem com elas os meios de subsistência"<sup>55</sup>.

---

53. Hackett à M. Ste. Croix, 7.10.1870, Av. hist./Cong., Vol.II-C n.º 28. Tal reação não é de surpreender, uma vez que O'Keeffe tin.d »7do suspenso dos seus ministérios pelo Vigário Geral de Ossory, em princípios de Outubro de 1870. A suspensão tinha sido enviada por duas vezes e, em ambas, O'Keeffe se recusou a reconhecer a autoridade do Vigário Geral, nesta matéria. Ver a correspondência entre E. McDonald e O'Keeffe, Arq. hist./Prop. Fid. SC Irlanda 1868-1873, Vol. 36, 1128-29.

54. W.A. Johnson à M. Ste. Croix, 30.9.1870, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 1. (ver também Lettres, n.º 29).

55. *Ibid.* Ver correspondência da M. Ste. Croix a Manning, 9.10.1870, Lettres, n.º 30. É preciso notar que já existiam numerosas congregações francesas na Inglaterra naquele tempo. Em 1873, por exemplo, entre as seis congregações femininas mais importantes, as três primeiras eram inglesas, mas as outras três eram francesas: as Irmãs da Caridade, as Irmãzinhas dos Pobres e as Fiéis Companheiras de Jesus; Ver Langlois, 440.

## Lisburn - uma realidade

Quando esta resposta chega a Béziers, a situação tinha mudado em virtude de uma carta do Padre Kelly, com data de 27 de Setembro de 1870, em que comunicava à Madre Saint-Thomas a licença do seu bispo para iniciar uma fundação em Lisburn, nos termos previamente negociados. Desde o princípio, este sacerdote estava muito seguro sobre as necessidades da paróquia de que ele cuidava desde 1859:

*As nossas carências são principalmente de ordem educacional, isto é, temos necessidade de irmãs para o ensino, numa escola de crianças e jovens das classes mais pobres. Depois, com o decorrer do tempo, é muito provável que se possa abrir uma escola para as classes sociais mais elevadas. É claro que o sucesso de tal estabelecimento de ensino exigirá conhecimentos literários e qualificações superiores, tanto mais que terá de competir com instituições equivalentes, já em funcionamento<sup>56</sup>.*

Ao convidar as irmãs para educarem as crianças pobres numa Escola Nacional em Lisburn, reconhecendo ao mesmo tempo o seu interesse por uma “escola remunerada para classes sociais mais elevadas”, o Padre Kelly confirma a orientação geral da Irlanda, na segunda metade do século. Com efeito, as congregações religiosas são chamadas a desempenhar múltiplas funções e a ensinar simultaneamente em escolas nacionais gratuitas e em escolas remuneradas, muitas vezes lado a lado<sup>57</sup>.

Em todas as negociações, o Padre Kelly é muito claro acerca das responsabilidades de financiamento que a sua paróquia pode ou não assumir:

*Qualquer congregação que venha para Lisburn deve assegurar que os seus membros assumam as despesas de reparações, alterações ou novos edifícios, assim como a manutenção dos mesmos. E isto porque a população católica é pobre e apenas pode oferecer uma casa livre com pequeno jardim, às religiosas que, por amor de Deus e dos seus pobres, venham residir entre nós<sup>58</sup>.*

Tais disposições tão favoráveis à comunidade são todavia ameaçadas, e por alguém tão querido à mesma comunidade. Na

---

56. E. Kelly à M. St.Thomas, 23.5.1870, Deuxième fondation.

57. Ver Clear, 106-112.

58. *Ibid.*

Primavera de 1870, quando o Padre Kelly soube que um padre do Bom Pastor, Jean Gibbal, estava em Roma, sugeriu à Madre Sainte –Croix pedir-lhe que fosse visitar o bispo de Down and Connor e advogasse pessoalmente a causa da comunidade<sup>59</sup>. Alguns dias antes de deixar Roma, o Padre Gibbal visitou o bispo, mas tendo estado fora de Béziers havia já algum tempo, não estava a par do progresso das negociações tão cuidadosamente conduzidas pelo Padre Kelly e Senhor Buckley e agiu como se a situação fosse ainda incerta. Ao saber deste mal-entendido, a Madre Sainte-Croix escreve ao Dr. Dorrian, explicando-lhe a causa da confusão do Padre Gibbal e lembrando ao bispo os termos das negociações que ele conhecia muito bem. E, exprimindo a sua ansiedade, motivada pelas condições da França, pede-lhe uma resposta imediata e positiva<sup>60</sup>. Com imensa satisfação da comunidade, o bispo não tarda em responder – sim<sup>61</sup>.

O Padre Kelly não esquece os riscos da situação, na França, e escreve à madre Saint-Thomas:  
*A condição atual do continente parece indicar a Irlanda como lugar desejável para a residência de religiosas e como o mais próprio para o cultivo das virtudes simples, para a glória de Deus e salvação das pessoas*<sup>62</sup>.

Neste estado de operações e depois do fracasso da missão de Callan, não é de admirar a ânsia das religiosas em ultimar as negociações para o seu estabelecimento em Lisburn e para aí se fixarem logo que recebam a aprovação do bispo de Down and Connor. Ainda que não haja sinais de que a comunidade de Béziers tenha estado alguma vez em perigo imediato de ocupação prussiana, como em outras regiões da França, a ameaça deste risco parece ter influenciado o prazo da primeira fundação. Respondendo à Madre Saint-Thomas, o Padre Kelly escreve: “Posso compreender [pela sua carta] e na presente condição de guerra, a sua preocupação em vir para aqui, logo que seja possível”<sup>63</sup>.

---

59. *Ibid.*

60. M. Ste. Croix a Dorrian, Setembro de 1870, Lettres, n.º 28.

61. Ver E. Kelly à M. St. Thomas, 22.10.1870, Deuxième fondation.

62. E. Kelly à M. St. Thomas 27.9.1870, *Ibid.*

63. E. Kelly à M. St. Thomas, 22.10.1870, *Ibid.*

Ao receber o convite formal do bispo, Gailhac escreve confiando-lhe as suas filhas e pedindo-lhe que seja o seu pai, guia e protector. Começara a expansão da sua pequena comunidade e o fundador partilha a concretização do seu sonho:

*Por muito tempo alimentei o desejo e implorei, na presença de Deus, que enviasse algumas das nossas religiosas para a Irlanda a fim de trabalharem pela glória de Deus e salvação de muitos...<sup>64</sup>*

A partir de então, o “desígnio especial da Providência” reconhecido e reverenciado anos antes, torna-se realidade.

---

64. Gailhac a Dorrian, 10.11.1870, lhid.

**Católicos numa cidade protestante:  
a Fundação em Lisburn  
(1870-1871)**

**A cerimônia do envio**

No dia 13 de Novembro de 1870, aniversário do nascimento do fundador, a comunidade da Casa Mãe reúne-se na capela, com a presença das alunas internas e das órfãs, para a primeira de muitas cerimônias de envio, no Instituto<sup>1</sup>. Gailhac presidia sempre a estes envios que eram descritos como rituais muito comoventes. O esquema era geralmente o mesmo: orações litúrgicas de circunstância, um cântico - sendo o *Nunc Dimitis*, o *Magnificai* ou o *Veni Creator* geralmente escolhidos. Em seguida, Gailhac dirigia algumas palavras de estímulo às irmãs enviadas e apresentava formalmente a cópia da Regra à religiosa escolhida para liderar o grupo. Então, ele e os outros sacerdotes presentes à cerimônia, davam a bênção. Estes envios eram cuidadosamente arquivados no Régistre d'Institution et des Professions des Religieuses du Sacré Coeur de Marie. Neste registro existe uma nota, justificando a ausência da Madre Sainte-Croix, nesta primeira cerimônia por estar doente, de cama<sup>2</sup>. Mas apesar de não estar presente ao envio, esta mulher não esqueceria a comunidade de Lisburn, ela que

- 
1. Registro, 18. Há uma certa confusão acerca da data em que se realizou o envio. O Registro e a Segunda Fundação indicam que ele teve lugar a 13 de Novembro e que as religiosas partiram no dia 14. os *Annales de la Première Fondation* (Referências posteriores *Annales*) indicam que as religiosas partiram no dia 13 e o envio se realizou na tarde anterior. Estes *Annales* da comunidade de Lisburn (referidos pela autora como primeira fundação, assumindo que a Casa Mãe já existia, é claro) encontram-se na página 44 do livro de notas. Em 23 páginas de texto manuscrito, a não identificada autora descreve os maiores acontecimentos na história da comunidade de Lisburn, entre 2.11.1870 e Março de 1874. Arq. hist./Cong., Vol. II-C, 8. Os *Annales* podem também encontrar-se em *Proc. ap.*, 4308-4335.
  2. Registro, 18.

viria a ser responsável por orientar as irmãs, durante os primeiros anos de expansão. As irmãs enviadas a Lisburn partem de manhã cedo no trem de Béziers para Bordeaux. Gailhac acompanha-as até ali. Depois embarcam num navio para Liverpool, passando lá a noite. E continuam de barco para Belfast. É este o percurso que viria a tornar-se habitual às Religiosas do Sagrado Coração de Maria, à medida em que se expandia o Instituto<sup>3</sup>.

Os *Annales de la Première Fondation*, escritos anonimamente por uma das religiosas fundadoras de Lisburn, relatam que o pároco de Lisburn foi esperar as irmãs ao porto de Belfast e acompanhou-as de trem para Lisburn. A viagem da estação para o novo convento, em Castle Street, foi muito curta e em carruagens abertas, o que despertava a curiosidade dos habitantes da localidade. Os *Annales* esclarecem:

*Até o aspecto das religiosas era qualquer coisa de admirável e extraordinário para eles, pois a grande maioria desta pobre gente não tivera nunca a felicidade nem talvez a ocasião de ver uma religiosa*<sup>4</sup>.

E a autora continua explicando a composição de Lisburn: “Esta cidade é muito protestante. Os Católicos são menos numerosos, e pobres. Todos, à exceção de algumas famílias, dependem quase inteiramente dos seus adversários, que os empregam nas suas fábricas”<sup>5</sup>.

É na verdade irônico que as tentativas de fundação não se concretizem na Irlanda católica, mas que a primeira dessas fundações do Instituto seja no Ulster, na cidade protestante de Lisburn<sup>6</sup>.

---

3. Eventualmente foi surgindo o padrão das viagens. Deixariam Béziers de manhã e chegariam a Bordeaux na noite do mesmo dia. Na manhã seguinte tomariam o navio de Bordeaux para Liverpool. Este era ordinariamente o Lotus que partia algumas vezes por mês, saindo às quartas-feiras de manhã e chegando a Liverpool no sábado. Depois de pernoitarem na Inglaterra, seguiriam num barco diário para Belfast. (Ver M.Ste. Croix a M. St. Thomas, Arq. hist. /Cong., Vol. II-D, 59.)

4. *Annales*, 7. 5.

5. *Ibid.*, 7-8.

6. Em Antrim, condado onde Lisburn está situada, em 1871, 23,5% eram católicos e mais de 72% eram protestantes. Estes números contrastam com os de toda a Irlanda que referiam 76,7% católicos e cerca de 22% da Igreja de Irlanda, presbiterianos ou metodistas. (Ver W.E. Vaughan e A.J. Fitzpatrick, cd., *Irish Historical Statistics: Population 1821-1970* (Dublin: Dublin Royal Irish Academy, 1978) 49, 54.)

## Antecedentes de Ulster e Lisburn

Primitivamente chamada Lisnegarvy, esta cidade foi cedida por James I ao Senhor Fulke Conway, de Castle Conway, Wales, no tempo em que as terras irlandesas de Ulster foram confiscadas e “entregues” a colonizadores ingleses, escoceses e galeses. O Senhor Fulke entregara o seu território a rendeiros protestantes dos seus estados de Gloucester, Worcester e Warwick<sup>7</sup>. Durante as revoltas de 1641 a cidade fora incendiada e o nome mudado, mais tarde, para Lisburn. Pouco tempo depois tornara-se um refúgio para um outro grupo protestante, os Calvinistas franceses chamados Huguenotes. Perseguidos, depois da anulação do Édito de Nantes em 1685, muitos destes seis mil Huguenotes, que fugiram para a Irlanda, fixaram-se na área de Lisburn. Aí estabeleceram por algum tempo aquilo a que chamaram “Igreja Francesa”, em Castle Street, do lado oposto àquele em que o novo convento seria fundado, quase dois séculos mais tarde<sup>8</sup>.

Os Católicos continuaram a viver nessa área, apesar do seu número se ter reduzido tanto, que a paróquia encontrada pelas religiosas em 1870, incluía sete ou oito antigas paróquias irlandesas, um território de umas dezasseis milhas de comprimento e seis milhas de largura<sup>9</sup>. Depois da desagregação do Ulster, os Católicos reuniam-se clandestinamente para a Missa, em capelas improvisadas ou junto das ruínas das suas antigas igrejas. Em Lisburn tinham eventualmente, em Bow Street, Missa numa casa onde se reuniam para a oração e para mutuamente se animarem. Só nos fins do século XVIII puderam os Católicos construir em Chapel Hill, St. Patrick’s Church, um edifício quase completamente reconstruído cerca de trinta anos antes da chegada das religiosas. Nesse tempo, a população católica da paróquia de Lisburn “parece que era pouco mais de quatro mil”<sup>10</sup>.

Pode presumir-se que grande parte desses Católicos, mas não todos, eram empregados na tecelagem, no branqueamento ou indústrias

---

7. James O’Lavery, *Diocese of Down and Connor*, Vol.II (Dublin: M.H. Gill & Son, 1880) 252-262.

8. W.J. Greene, *A Concise History of Lisburn and Neighbourhood* (Belfast: T.H. Jordan, 1906) 12-13.

9. Mark McCashin, *The Book of the Bazaar: St. Patrick’s Catholic Church in Lisburn* (Lisburn: n.p., 1906) 13.

10. O’Lavery, 279-280, 235.

de fios de linho. A indústria de linho, sempre crescente na Irlanda, estava localizada em Lisburn, sobretudo depois de 1698, quando Louis Crommelin, Huguenote que vivia na Holanda, veio para Lisburn com umas setenta famílias, para começar a manufatura do linho fino<sup>11</sup>. As indústrias de algodão tinham também existido na cidade, desde o começo da Revolução Industrial. De fato, Lisburn era considerada como o centro do comércio de algodão, na Irlanda. Contudo, a Guerra Civil na América devastou severamente o comércio do algodão e produziu o que, em Lisburn, ficou conhecido como “fome do algodão de 1862-63”. Em Belfast o emprego nas fábricas de algodão, baixou de mil e quinhentos para trezentos, no Outono de 1862. Formaram-se comissões de socorro para fornecer alimento e vestuário aos desempregados do algodão e para ajudar muitos deles a emigrar para o Novo Mundo. Todavia, alguns daqueles foram empregados nas indústrias de linho existentes em Lisburn<sup>12</sup>, tais como a fábrica Coulson’s Damask Weaving, a fábrica de fiação de linho Robert Stewart and Sons Ltd, a Linen Thread Works in Hilden, ou a Island Spinning Company, situada numa ilha em River Lagan<sup>13</sup>.

Estas, as pessoas a quem as RSCM eram enviadas de França, para as servir e viver no meio delas.

### **As primeiras semanas em Lisburn**

O primeiro dia deve ter sido muito difícil. A comunidade de oito irmãs de coro e duas irmãs coadjuadoras<sup>14</sup> é conduzida à porta do convento pelo pároco que as deixa ali dizendo “...que bem poderiam

---

11. Greene, 15.

12. Esta informação é baseada num artigo escrito por J. L. McCracken e R.P. Maybin, que foi publicado no *Lisburn Standar*. Encontra-se em “Notebooks Compiled by James Beck Touching on the History of Late Nineteenth, Early Twentieth Century in Lisburn.” Esta colecção encontra-se em Belfast: Public Record Office for Northern Ireland (Referências posteriores PRO. N.I.) , D/ 1286/3/5.

13. Greene, 32-35.

14. Estas eram M. St. Thomas Hennessy, M. Sacré Coeur MacMullen (superiora), M. St. Benoit Comerford, M. St. Patrice Darcy, M. St. Irénée Murphy, M. St. Chrysostome Laughlin, M. St. Ignace Banim (noviça), M. St. Colomban Darcy (noviça) e duas irmãs coadjuadoras Ir. Rosalie Alvesque e Ir. Melanie Condoyer. Esta divisão entre religiosas de coro e religiosas coadjuadoras deve ter parecido vulgar na Irlanda, pois uma grande maioria das congregações religiosas, no século XIX, faziam, na Irlanda, esta distinção. Ver Clear, 187.

praticar a santa pobreza” nesta nova fundação. A casa era formada de três pisos, cada um com divisões bastante grandes, exceto o último andar, que era como que um sótão. Estava completamente vazia, sendo uma mesa de cozinha a única mobília abandonada pelo proprietário anterior. De provisões, nada. A única possibilidade de aquecimento, naquele dia de Novembro, é um pouco de carvão deixado pelo guarda noturno. Alguns vizinhos devem ter-se apercebido da situação das irmãs, pois uma boa mulher trouxe-lhes algumas provisões. Uma vizinha protestante deu-lhes algumas chávenas e um homem emprestou-lhes cobertores, pois os colchões e roupa de cama não tinham ainda chegado da Casa Mãe. Portanto, naquela noite fria de Novembro, as irmãs tomam de pé uma refeição frugal, dormem vestidas, lado a lado, na palha que espalham no pavimento<sup>15</sup>.

Por que é que a casa não tinha sido aquecida ou, ao menos, equipada com o estritamente necessário? Na tarde do próprio dia da chegada das irmãs, o pároco voltou com alguns sacerdotes de Belfast, que saudaram a comunidade, mas não há menção de qualquer gesto da parte deles para acudir às necessidades das irmãs. Do mesmo modo não há menção de qualquer ajuda vinda da família Buckley, tão amiga da Madre Saint-Thomas e que tinha sido o instrumento da vinda da comunidade para Lisburn. Talvez supusessem que as religiosas traziam consigo mobiliário e mantimentos. Em todo o caso o Padre Kelly afirmara várias vezes que a população forneceria a casa e o jardim, e ofereceria duzentas Libras para alterações. Mas, nada.

Os meses de Dezembro e Janeiro de 1871 foram extremamente difíceis para a comunidade de Lisburn, pois este Inverno é descrito como tendo sido muito rigoroso e o frio intenso. As notícias de França também não eram animadoras porque a Guerra Franco-Prussiana continuava e o cerco de Paris entrara nas suas últimas semanas, com fome, epidemias e grande desespero. O *Belfast Newsletter* anunciava nas primeiras linhas a derrota final: “Grande Vitória da Prússia em Orleans” e “Outra Derrota da França - A Ocupação Alemã de Rouen”<sup>16</sup>.

Entretanto as irmãs tinham apenas o lume da cozinha, como aquecimento. A autora dos *Annales* lembra o ritual das irmãs, que para se aquecerem saíam para a neve, depois da meditação da manhã,

---

15. *Annales*, 8-12.

16. *Belfast Newsletter*, 6 e 7.12.1870, PRO. N.I.

apanhar as aparas deixadas pelos carpinteiros. A princípio as irmãs faziam os seus próprios bancos de caixas de madeira, que colocavam à volta de uma mesa da cozinha, o ponto central da sua comunidade, nesses dias. Finalmente puderam comprar algumas cadeiras, uma para cada irmã. Assim tinham que as levar de sala para sala, segundo as circunstâncias.

Uma vasilha negra servia-lhes de bule, quando tinham a sorte de haver chá. Ordinariamente bebiam cacau que era mais barato. Carne de vaca ou vitela era rara. Quando havia alguma carne, era geralmente um pouco de presunto. Numa palavra, segundo a autora dos *Annales* que descreve esses primeiros tempos “...a pobreza da comunidade era extrema”<sup>17</sup>.

### **Início das obras de zelo**

Lembremos que o Padre Kelly tinha sido bem explícito ao chamar as religiosas para Lisburn: “As nossas carências são principalmente de ordem educacional, isto é , temos necessidade de religiosas para uma escola de meninas e mulheres ainda novas da classe mais pobre...”<sup>18</sup>. O que não é evidente, todavia, é se ele esperava que as religiosas abrissem uma escola deste tipo ou que continuassem o corpo docente da Escola Nacional Feminina que já existia em Lisburn, muitos anos antes da sua chegada. Esta escola estava situada junto da Igreja paroquial em Chapel Hill, no mesmo edifício, mas separada da Escola Nacional Masculina. Em princípios de 1852 a *Directoria de Belfast Ulster registrou* Patrick Mulholland e Miss Murphy como professores nas duas escolas. Além disso um exame dos arquivos mostrou não só que a Escola Nacional - edifício e pátio - ocupara locais junto da Igreja Saint-Patrick, mas que o pastor arrendara quatro pequenas casas contíguas, ao sacristão e aos professores<sup>19</sup>.

Pouco depois da sua chegada a Lisburn em 1859, o Padre Kelly requereu fundos ao governo para pagar os salários da professora assistente Isabella Doherty e para ajudar a diretora da Escola Feminina, Elizabeth MacLoughlin. Nesse tempo a Escola Nacional Feminina era descrita como consistindo numa única sala. Quando a

---

17. *Annales*, 13-14.

18. E. Kelly à M. St Thomas, 23.5.1870, Deuxième Fondation.

19. PRO. N.I., VAL 28/1/61 D.

abertura desta Escola Nacional foi aprovada em 1859, o registro indicava cento e vinte e duas jovens, embora a média da frequência diária não passasse de sessenta e uma<sup>20</sup>. A mesma Elizabeth MacLoughlin estava registada como professora na Escola Nacional Feminina em Lisburn, vinte e dois anos depois. E era realmente dedicada à educação das jovens católicas pobres, em Lisburn, embora não exista qualquer referência a tal fato na correspondência das RSCM<sup>21</sup>.

E importante sublinhar que nem os *Annales* nem a correspondência com Béziers fazem referência explícita às religiosas, como professoras, ou em qualquer outra função, na Escola Nacional Feminina, em Chapel Hill, embora uma irmã idosa lembre, muito mais tarde, que, nos primeiros tempos, as religiosas costumavam atravessar Lisburn para irem de Castle Street à escola em Chapel Hill<sup>22</sup>.

O que se sabe, todavia, é que a comunidade de Lisburn fez os preparativos para a abertura não só de uma escola para crianças pobres, *no próprio convento*, mas também simultaneamente, de um externato para crianças cujos pais pudessem pagar a sua educação<sup>23</sup>. Tempo e dinheiro eram necessários a fim de preparar as salas de aulas para os diferentes grupos de crianças que seriam educadas no convento<sup>24</sup>. Como era costume no século XIX, uma seção do edifício era reservada às alunas externas de todas as idades e que pagavam, e a outra, usada como sala de aula para as crianças pobres. O registro de impostos mostra que desde 1871, esta última seção do convento estava isenta de imposto, uma vez que era usada para a educação gratuita de crianças pobres. Eventualmente seria colocada sob a alçada do Conselho Nacional<sup>25</sup>.

---

20. PRO. N.I. 1/4/138.

21. Ver Belfast and Ulster Directory, 1880.

22. É possível que esta anedota tenha sido encontrada em reminiscências pessoais, sem título e sem data, compiladas num livro de notas manuscritas. (Ver Arquivos SCM Provincia Anglo- Irlandesa, Caixa Lisburn Hlhi.)

23. Devia ter sido registrado que isso tinha sido previsto pelo P. Kelly desde o princípio, se bem que ele tenha escrito: "...Talvez se possa abrir também e, à medida em que o tempo passar, uma escola não gratuita para as classes mais favorecidas..." Ver E. Kelly à M. St. Thomas, 23.5.1870. Deuxième Fondation.

24. No *Livre de Comptes de la Maison de Lisburn*, a M.St. Félix indicou que a Casa Mãe tinha dado, em Fevereiro de 1871, 1.000 Libras (25.000 francos) para renovações de início. Arq. histJ RSCM. Caixa 14, Pasta 1.

25. PRO. N.I., VAL 12B/14/9D.

As escolas abrem finalmente no convento a 2 de Fevereiro de 1871, uma data significativa para a comunidade, pois era a festa da Purificação de Nossa Senhora e o aniversário de nascimento da fundadora, Madre Saint-Jean. Matriculadas na escola não gratuita, são cerca de trinta meninas e doze rapazinhos “das mais respeitáveis famílias”<sup>26</sup>. Apenas umas vinte e cinco a trinta crianças pobres vêm para a escola gratuita, no convento, em Castle Street. A autora dos *Annales* lamenta que a estas pobres crianças falte “le stricte nécessaire”. O governo não reconheceu ainda oficialmente a escola gratuita do convento, como Escola Nacional, por isso as crianças pobres matriculadas não têm direito a receber livros e outros objetos escolares, que teriam com certeza na já existente Escola Nacional Católica, junto da Igreja em Chapel Hill<sup>27</sup>.

Os *Annales* referem que, apesar de as irmãs da Apresentação de Kilkenny enviarem ao convento de Lisburn, livros e cadernos para as crianças pobres, estas não tinham ainda o suficiente. Até carteiras, bancos e outras coisas indispensáveis faltavam. As pobres crianças chegavam frequentemente à escola todas molhadas e tentavam abrigar-se do vento e da chuva, num canto da sala de aula, mas as professoras, receosas de que elas adoecessem, tinham que as fazer regressar a suas casas<sup>28</sup>. É vulgar encontrar nos registos diários deste período dados que explicam porque se mandavam para casa: “Muito molhadas para permanecerem na escola!”

Parece portanto que no princípio, o número de crianças que frequenta a escola do convento, em Castle Street, é pequeno e que a maioria das crianças pobres de Lisburn continua a frequentar a Escola Nacional Feminina em Chapel Hill. Esta situação é invertida, no entanto, quando a ampliação do espaço permite a expansão da escola gratuita, no convento, e quando o Conselho Nacional a reconhece oficialmente como Escola Nacional<sup>29</sup>.

---

26. Sendo Lisburn considerada como missão, Gailhac concordou em que pudessem aceitar rapazinhos, contanto que fossem separados das meninas (Ver M. Ste. Croix a M. Sacré Coeur, Arq, hist/Cong., Vol. II-D, 58).

27. Os *Annales* insinuam que a Escola Nacional em Castel Street não fora reconhecida pelo governo, senão no fim de 1872. (Ver *Annales*, 39).

28. *Ibid.*, 15-17.

29. Os registos de instrução mostram que, em Janeiro de 1875, a média de frequência, na Escola Nacional em Castle Street, era apenas 38,5 (Ver PRO.N.I., Ed 1/8/179). No entanto em 1886 a média de frequência na Escola Nacional em Castle Street era 105,7 comparada com 30,3 na Escola Nacional Feminina em Chapel Hill. (Ver P~O. N.I., ED 1/9/74).

Além de ensinarem crianças pobres e ricas nas escolas existentes no convento, em Castle Street, seis irmãs da comunidade organizam a Escola de Domingo que reunia uma vez por semana, durante uma hora. Consistia em três classes de religião para crianças, jovens e mulheres de todas as idades. Os *Annales* descrevem essas pobres pessoas como muito ignorantes acerca da sua religião, mas cheias de fé, simplicidade e boa vontade, ávidas de instrução religiosa<sup>30</sup>.

Na Primavera de 1871, as religiosas começam a oferecer, três vezes por semana, aulas noturnas às mulheres pobres empregadas em fábricas, na área de Lisburn. Trabalhando estas constantemente durante o dia, não têm outra oportunidade para aprender. Muitas destas mulheres tinham deixado a escola aos nove anos de idade, forçadas pela necessidade de ganhar dinheiro. Em breve são oitenta mulheres na escola da noite, aprendendo a ler, escrever e fazer contas; costura e malhas, e estudando catecismo. Muitas destas mulheres pagam uma pequena quantia por estas classes e isto ajuda a comunidade, nos primeiros tempos de escassez<sup>31</sup>. As religiosas dão também extra-classes de francês e música a estudantes que podem pagar.

Em Abril de 1871 as religiosas estão preparadas para anunciar a abertura de uma “escola-internato para meninas” isto é, uma outra “escola”, no convento, além do externato e da escola gratuita existentes desde o princípio. Depois de explicarem que este convento era uma filial do Sacré Coeur de Marie de Béziers e por conseguinte, seguia o mesmo sistema de educação usado na Casa Mãe, “à exceção de algumas modificações impostas pela diferença de clima e de costumes”, o anúncio continua:

*O principal objetivo das Religiosas du Sacré Coeur de Marie, na instrução da juventude, é inspirar-lhes uma ideia elevada da nossa santa religião, formar os seus corações na virtude, cultivar a sua inteligência pelo estudo e conhecimento do que é mais importante na ciência, e assim tornar as jovens confiadas aos seus cuidados, não só o brilho da sociedade, mas, o que é mais importante, modelos de verdadeira e sólida piedade<sup>32</sup>.*

---

30. *Annales*, 17-18. 31. *Ibid.*, 19-20.

1. Daily Examiner, 1.4.1871, Arquivos do SCM da Província Anglo-Irlandesa, Caixa Lisburn Hlhi.

O currículo apresentado é muito ambicioso e não se sabe se as próprias religiosas tencionavam ensinar todas aquelas disciplinas ou se pensavam contratar leigos, como professores para as auxiliar. O anúncio descreve a lista das matérias da seguinte forma: As disciplinas oferecidas são: Inglês, Francês, Italiano, Espanhol e Línguas Germânicas; História, Geografia, Aritmética, Mitologia, Literatura, o uso de globos. Inclui-se Contabilidade para quem quiser. Elementos de Geometria, diferentes formas de escrita. Toda a espécie de trabalhos de agulha - úteis ou ornamentais. Todos os tipos de flores artificiais<sup>33</sup>.

As propinas anuais, incluindo roupa lavada, eram de trinta Libras, mas havia despesas extraordinárias para desenho e lições de música, assistência médica, artigos de papelaria, livros e correio. O externato “anexo ao Estabelecimento” era também mencionado no anúncio<sup>34</sup>.

Em Junho chega a primeira aluna interna, Miss Dunphy de Kilkenny<sup>35</sup> e em Setembro de 1871 o número de internas aumenta para cinco<sup>36</sup>. Este internato tornar-se-ia a maior fonte de receita para a lutadora comunidade de Lisburn.

### **Relações entre a Casa Mãe e a fundação de Lisburn**

Gailhac e a Madre Sainte-Croix seguem ambos, com grande interesse, os primeiros meses da fundação de Lisburn. Nos primeiros dias, tão cheios de dificuldades, uma das irmãs escreve à Madre Sainte-Croix, perguntando se ela e as outras tinham sido afastadas da Casa Mãe, por castigo. A Madre Sainte-Croix responde a esta religiosa, Madre Saint-Irénée Murphy, dizendo que, se castigo houvesse, não seria para as irmãs enviadas, mas para ela própria ao sentir-se separada das suas dez filhas. A Madre Sainte-Croix partilha, então pela primeira vez, o que ela sentiu acerca das primeiras “fundadoras” de Lisburn:

*Quando, alguns dias depois da partida da querida e pequena colônia, entrei na sala da comunidade senti, à minha volta, um tão grande vazio, que não pude conter as lágrimas. Facilmente se adivinha a razão - dez filhas faltavam e faltam ainda<sup>37</sup>.*

---

33. *Ibid.*

34. *Ibid.*

35. *Annales*, 22.

36. *Ibid.*, 28.

37. M. Ste. Croix à M. St. Irénée 24.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol.II-D, 33.

Uma das primeiras dificuldades de que a Madre Sainte-Croix e Gailhac têm conhecimento, é a depressão da superiora, Madre Sacré Coeur MacMullen. Gailhac sabia da sua “douleur de coeur” mas esperava que o regresso ao clima nativo lhe levantasse o ânimo<sup>38</sup>.

A Madre Sainte-Croix e Gailhac estão preocupados com o estado de saúde da superiora e insistem em que ela comunique com mais frequência. Numa carta de 5 de Janeiro de 1871, a Madre Sainte-Croix pede à Madre Sacré Coeur que lhe escreva a ela, de quinze em quinze dias, e ao fundador ao menos uma vez por mês, dando notícias do seu trabalho, da sua doença, das disposições de cada irmã na comunidade, dos assuntos da casa. A Madre Sainte-Croix queixa-se de que até então “... o nosso bom e Reverendo Pai não recebeu nem uma simples palavra da superiora, que ele mandou para Lisburn. Este bom Pai está muito decepcionado e eu estou muito triste”<sup>39</sup>.

Ao mesmo tempo, porém, tem sempre uma palavra de ânimo para esta superiora que ela conhecera desde que “Fanny MacMullen” era estudante no internato de Béziers. Agora, a Madre Sainte-Croix tem que ajudar a Madre Sacré-Coeur a *tornar-se* aquela superiora que ela imaginou, ao nomeá-la. “As faltas não são obstáculo a ser superiora,” assegura-lhe a Madre Sainte-Croix<sup>40</sup>.

“Habitue-se a ver Deus nos seus pequenos revezes” aconselha ela<sup>41</sup>. Descrevendo a relação que deve existir entre a superiora e a comunidade, a Madre Sainte-Croix reflecte não só o modelo de autoridade comum naquele tempo, mas a sua própria natureza maternal:

*Seja mãe e mais que mãe em tudo, para todas e cada uma. Minha filhinha, uma mãe esquece-se sempre de si para pensar nos filhos. Falo-lhe por experiência própria e em cada dia que passa esta experiência cresce em mim*<sup>42</sup>.

Ao mesmo tempo a superiora geral dá-lhe ajuda prática. Tem-se a impressão de que a Madre Sacré Coeur se sentia pouco à vontade por ter de fazer a conferência semanal à comunidade. Referindo-se a uma longa carta enviada por Gailhac à comunidade de Lisburn, a Madre Sainte-Croix sugere à superiora que se sirva dela como tema para quatro

---

38. Gailhac à M. St. Thomas, GS/20/I/71/A.

39. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, 5.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 31.

40. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, 22.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 33.

41. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, 8.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 32.

42. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, 26.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 34.

ou cinco conferências, comentando uma seção por cada vez e procurando *aplicá-la* à vida da comunidade de Lisburn<sup>43</sup>. Este conselho revela e exprime um dos maiores dons da Madre Sainte-Croix - a capacidade de se embeber na inspiração do fundador e de aplicar, de uma forma concreta, à vida do Instituto.

Felizmente a Madre Sacré Coeur não é enviada sem ajuda a liderar a comunidade. A Madre Saint-Thomas acompanha o grupo e é a ela que a Regra é entregue na cerimônia de envio da comunidade para Lisburn. Mas, apesar disso, ela não é nem a superiora nem a assistente. É a responsável pela formação da superiora. Deve agir como conselheira da superiora, uma função vaga destinada a apoiar as superiores novas e inexperientes, à medida que o Instituto se expande. Gailhac lembra-lhe esta grande responsabilidade, em carta de Janeiro de 1871: “Realmente, pode alguém fazer mais por uma comunidade, do que formar bem a superiora?”<sup>44</sup> Com efeito, a Madre Sacré Coeur devia satisfazer a todos os seus encargos como superiora e, ao mesmo tempo, pedir a opinião da Madre Saint-Thomas<sup>45</sup>.

A Madre Sacré Coeur não melhora da sua depressão durante a Primavera de 1871 e a Madre Sainte-Croix está muito preocupada. Não sabe se consolar a Madre Sacré Coeur, se estimulá-la a oferecer os seus sofrimentos pela comunidade da nova fundação, se insistir em que consulte um médico.

Também Gailhac não sabe se se trata de uma doença do espírito para a qual são necessários remédios espirituais, se de uma doença corporal. Por isso, ao exortá-la a submeter-se à vontade de Deus, Gailhac incentiva-a também a usar os meios que a Providência põe ao seu alcance e a consultar um médico<sup>46</sup>.

O que fazer nesta situação leva os superiores em Béziers alguns meses a decidir. Gailhac sofre, mas não o surpreende o sofrimento da superiora. Para ele faz parte da sua própria vida. Escrevendo à Madre Sacré Coeur, Gailhac comenta: “Têm-me chamado o homem da cruz e Deus quer que esta cruz seja partilhada por outros”<sup>47</sup>. Por outro lado a Madre Sainte-Croix aflige-se ao pensar nas consequências que esta

---

43. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, 3.2.1871, Arq. hist./Cong., Vol.II-D, 35.

44. Gailhac á M. St. Thomas, GS/20/I/71/A.

45. Gailhac à M. Sacré Coeur, GS/3/II/71/A.

46. Gailhac à M. Sacré Coeur GS/16/IV/71/A.

47. *Ibid.*

doença pode ter para a comunidade de Lisburn, bem como no sofrimento da superiora. E convence Gailhac a aceitar a resignação<sup>48</sup> da Madre Sacré Coeur e a nomear a Madre Saint-Patrice Darcy para a substituir.

Deve ter sido difícil para a comunidade, em Lisburn, comunicar as verdadeiras privações, nestes primeiros meses. Ao escrever à comunidade acerca da morte súbita do grande amigo e companheiro de Gailhac, o Padre Gibbal, em Fevereiro de 1871, a Madre Sainte-Croix suplica-lhes que enviem boas notícias a Gailhac para o estimular<sup>49</sup>.

Também ela deve ter necessidade de estímulo, pois a situação na Casa Mãe naquele Inverno é extremamente difícil. Numa carta para Lisburn, a Madre Sainte-Croix escreve:

*Posso dizer que vivemos o dia a dia... a colheita não se vende, a não ser que seja quase dada, vinte e cinco internas em vez de cento e dez e, ao lado disto, o mundo todo estremece. É certo que só um milagre nos pode salvar<sup>50</sup>.*

Em Janeiro de 1871 a guerra Franco-Prussiana está a terminar. Os oficiais franceses no Governo de Defesa Nacional aceitam os termos impostos pela Prússia para um armistício e Paris rende-se finalmente em 28 de Janeiro. No dia 1 de Março de 1871, a Assembleia Nacional assina obrigatoriamente o processo de paz ditado pelos prussianos, que exigem à França uma enorme indenização e insistem na anexação de partes da Alsace e Lorraine pelo novo Império Germânico. O historiador Paul Gagnon resume assim os custos de uma guerra tão curta:

*Pelo processo de paz de Versailles [de 1871] confirmado em Frankfurt em 10 de Maio, a França perdeu 1,6 milhões de habitantes, grandes extensões de floresta e propriedade rústica, incalculáveis indústrias, particularmente têxteis e metalúrgicas e a maior parte dos seus depósitos de minério de ferro. A guerra custou cento e trinta e cinco mil vidas de soldados, cento e quarenta mil feridos, pesados estragos nas áreas de combate. A dureza do cerco de Paris acrescentou ao menos vinte e cinco mil mortes prematuras. Em seis meses a França caiu da sua posição*

---

48. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur, s.d. Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 59.

49. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur 30.3.1871, Ibid., 36.

50. M. Ste. Croix à [M. Sacré Coeur], s.d. Ibid, 58.

*de líder da Europa durante duzentos anos, para a sujeição à Alemanha unificada, inquestionavelmente superior em números (quarenta e um milhões para trinta e seis milhões), recursos, indústria e poder militar*<sup>51</sup>.

Paris, que aguentara o aperto do cerco pelos prussianos, de Setembro de 1870 até aos fins de Janeiro, sente-se traída pela precipitada cedência da Assembleia e pela sua decisão de transferir a sede do governo de Paris para Versailles. Como provocação, a Junta Central de Paris separa-se do governo nacional e proclama a Comuna de Paris. Este repúdio resulta numa guerra civil de larga escala, “mais sanguinária do que qualquer confronto civil, na história moderna de França”<sup>52</sup>, que devia durar cerca de setenta dias. Karl Marx na sua obra *A Guerra Civil em França* (1871), afirma que este conflito marcou a primeira luta dos trabalhadores, por uma sociedade sem classes. Seguindo esta tradição, recentes historiadores marxistas acentuam as influências ativas do socialismo e do marxismo na Comuna. Historiadores ainda mais recentes, excluem a Comuna de Paris de uma classe motivada ascendendo ao proletariado e preferem interpretá-la como “espontânea combustão mais do que conspiração”<sup>53</sup>. Depois de estudar a Comuna de Paris, o historiador Edward Mason conclui:

*Não era socialista nem nas suas motivações nem no seu programa. O incentivo para a insurreição, influenciado sem dúvida pela propaganda socialista e comunista, tão abundante em Paris naquele tempo, surgiu principalmente dos acontecimentos do cerco e das humilhações da guerra*<sup>54</sup>.

No entanto, em Abril, os comunas, regressando ao anticlericalismo de uma Revolução anterior, decretam a separação entre a Igreja e o Estado, a nacionalização dos bens do clero seguida da confiscação das igrejas. O arcebispo de Paris, Arcebispo Darboy e alguns sacerdotes são presos, como reféns e executados mais tarde, a 24 de Maio, quando a Comuna caía.

Os anais franceses fazem poucas referências a tal violência contra a religião e o clero. Alguns anos mais tarde, os oficiais do país,

---

51. Paul A. Gagnon, *France Since 1715, revised ed. (New York: Harper and Row)* 203-204.

52. Wright, 226.

53. *Ibid.*, 227-228.

54. Edward S. Mason. “The Paris Commune: An Episode in the History of the Socialist Movement”, Friguglietti, 340-346.

lembrando tais excessos, consagram a França ao Sagrado Coração de Jesus, introduzindo uma espiritualidade de reparação coletiva, a que dão expressão concreta na construção da Basílica do Sacré Coeur em Montmartre, na década seguinte.<sup>55</sup>

Dado tão crítico contexto em França, a comunidade de Lisburn sente dificuldade em se queixar dos seus próprios sofrimentos e dura pobreza, especialmente quando Gailhac as exorta a aceitar, na fé, a sua condição. Escrevendo-lhes, mas refletindo sem dúvida também na situação em França, Gailhac comenta:

*Tudo o que se refere à querida família do Sagrado Coração de Maria tem o seu lugar na cruz. Em toda a parte encontra a cruz e Deus não a abandona. E por isso, a primeira fundação deve também ter lugar na cruz. Poderá fazer-se algum bem sem a cruz?*<sup>56</sup>

### **Primeira viagem de Gailhac a Lisburn**

No princípio de Verão de 1871, Gailhac viaja para Lisburn, chegando a 2 de Julho, com a Madre Saint-Charles MacMullen e três religiosas que deviam ficar na missão: Madre Sebastien Davis, Irmã Sophie Alvernhe e Irmã Saint-Epiphanie Salles<sup>57</sup>. Gailhac descreve esta primeira visita em três cartas para a Casa Mãe. Diz à comunidade de Béziers que tinha recebido “simpáticas boas-vindas” de todos. Até mesmo trinta famílias protestantes, desejosas de o ver, vieram à Igreja para o acolhimento<sup>58</sup>.

Depois dos encontros iniciais com sacerdotes e outras pessoas, o fundador prega um retiro à comunidade de Lisburn. E, depois de ter falado com cada irmã individualmente, dirige-se à comunidade reunida e faz-lhe as recomendações que julga necessárias. Todas as manhãs durante o retiro lhes faz a meditação e à tarde, uma conferência.

Gailhac é muito positivo na sua maneira de avaliar a situação: “Católicos e Protestantes, todos respeitam e estimam as nossas irmãs”<sup>59</sup>. O pároco assegura a Gailhac que as irmãs cumprem todas as promessas que ele tinha feito acerca delas. Gailhac sente-se feliz por ver, com os

---

55. Latreille, 403-406.

56. Gailhac a M. Sacré Coeur, GS/2/V/71/B.

57. M. Ste. Croix a [M. St. Thomas], 25.6. 118711 Arq. hist./ Cong., Vol. II-D. 59.

58. Gailhac a M. Ste. Croix, GS/3/VII/71/A.

59. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/10/VII/71/A.

seus próprios olhos que ao menos quatrocentas pessoas estão sendo instruídas na sua religião<sup>60</sup>. De novo escreve à comunidade de Béziers, dizendo que as religiosas em Lisburn estavam bem, que a casa era muito bonita e bem conservada, mais elegante que a de Béziers, e que as suas filhas eram apreciadas, queridas e estimadas por todas as pessoas<sup>61</sup>.

Enquanto lá está, não há referência nas suas cartas a qualquer tensão entre Católicos e Protestantes e certamente essas tensões deviam existir. Embora uma mulher protestante e muito gentil empreste às religiosas um colchão de penas e tapetes para o quarto de Gailhac, durante a sua estada, e algumas famílias protestantes venham ver de relance o sacerdote francês, a verdade é que as dificuldades sectárias se escondiam à superfície, para explodirem no ano seguinte.

A fundação de Lisburn de modo nenhum satisfaz totalmente a necessidade de expansão do Instituto. Gailhac e a Madre Sainte-Croix continuam a desejar fazer novas fundações, em que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria possam tornar Deus conhecido e amado, através das suas obras de zelo. Assim, antes do seu regresso a França, em 18 de Julho de 1871, Gailhac projecta ir a Dublin visitar o Cardeal Cullen "...esperando que ele não se oponha aos nossos planos" de fazer uma fundação na sua diocese<sup>62</sup>. Três cartas, pelo menos, são enviadas a este prelado, pedindo-lhe autorização para uma fundação em Clontarf ou Sandymount ou em qualquer outra parte da sua diocese, onde ele veja maior necessidade. Não há cartas de resposta nos arquivos da comunidade, nem há qualquer registro de encontro entre o fundador e o Cardeal, em Julho de 1871. O que é certo, no entanto, é que a fundação na Arquidiocese de Dublin só se fará muito tempo depois da morte do fundador.

Gailhac projecta também passar por Londres, no seu regresso a Béziers e ver dois sacerdotes que, ele pensa, poderão ser úteis para facilitar uma fundação na Inglaterra. Apesar de não haver nenhum registro destes encontros, é possível que Gailhac se tenha entrevistado com o Padre Rogers, o sacerdote que escrevera à comunidade acerca de Coldham Hall, quase três anos antes, pois a Madre Sainte-Croix

---

60. *Ibid.*

61. Gailhac à comunidade da Casa Mae, GS/6/VII/71/A.

62. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/10/VII/71/A.

tinha escrito a este sacerdote, preparando um encontro com o fundador, quando este estava na Inglaterra. Parece que os superiores estavam ainda interessados na compra de Coldham Hall, se pudesse ser vendido separadamente da propriedade. Mesmo que isto não fosse possível, a Madre Sainte-Croix estava interessada no local, “...poderíamos nós conseguir na sua paróquia e sob a sua direcção, uma casa conveniente na qual as nossas religiosas pudessem abrir um externato para pobres e outro para crianças mais favorecidas?” esceve ela, afirmando o seu desejo ardente de ver as suas filhas “trabalhar pela glória de Deus na velha genuína Inglaterra, a Ilha dos Santos”<sup>63</sup>. Este interesse por Bury Edmunds é contrariado por uma carta de Thomas Knight, o pároco, já que, como fora dito antes, não há qualquer interesse em convidar uma outra comunidade para aquela área<sup>64</sup>.

### **Correspondência da Madre Sainte-Croix com a comunidade de Lisburn**

É fácil sentir o espanto e a decepção de Gailhac quando, logo após o seu regresso a Béziers, ouve rumores e queixas de que as irmãs, em Lisburn, o não tinham compreendido. Gailhac responde-lhes imediatamente, insistindo em que nunca ninguém antes, o acusara de esconder o seu pensamento em enigmas. Ao falar, em particular ou em público, insiste: “Eu fui claro como o dia”. Gailhac começa então a suspeitar que as suas filhas, em Lisburn, não se tinham aberto completamente à direcção que ele lhes traçara<sup>65</sup>.

Embora a mensagem de Gailhac acerca das “três palavras”- renuncia a ti mesmo, toma a tua cruz e segue-me - seja difícil, a sua gentileza para com as religiosas é constante. Escrevendo à Madre Sacré Coeur, com palavras que devem ter parecido revolucionárias, no seu tempo, Gailhac lembra-lhe: “...Deus é não somente pai, mas é mãe e mais do que mãe. A sua ternura é incomparável... sabe que também o seu pai é mãe, e conhece a sua solicitude para com as suas filhas”<sup>66</sup>.

---

63. M. Ste. Croix a [Thomas Knight ou P. Rogers] , Junho de 1871, Lettres, n.º 9b.

64. Knight a Gailhac, 10.8.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-C,46.

65. Gailhac à comunidade de Lisburn, GS/16/VIII/71/A.

66. Gailhac à M. Sacré Coeur, GS/21/VII/ 71/A.

Esta afabilidade é confirmada nos *Annales* nos quais se lê que Gailhac sempre mostrou para com as suas filhas “...uma bondade, uma ternura paternal e maternal”<sup>67</sup>.

A Madre Sainte-Croix, como superiora geral da congregação em crescimento, também conhece muito bem as religiosas de Lisburn, não só pela sua própria convivência com elas na Casa Mãe, mas também através da sua correspondência frequente e perseverante. Dirige-se muitas vezes à superiora e a cada irmã da comunidade, que lhe escreve. Em carta à Madre Saint-Benoit, a Madre Sainte-Croix assegura-lhe: “A não ser que Deus queira reter-me na cama, nunca as suas cartas ficarão sem resposta. Prometo-lho, minha querida filha”<sup>68</sup>. As suas cartas são animadoras e cheias de inspiração, mas também muito concretas, revelando sensibilidade e compreensão da situação em que as irmãs se encontram. Ela estuda o caráter de cada religiosa e, através dos seus contatos com as irmãs, e dos relatórios mensais da superiora, conhece as capacidades e fraquezas de cada uma. Em muitos casos as irmãs contam à superiora geral as suas faltas. Também a Madre Saint-Thomas segue esta prática. Escrevendo à Madre Sainte-Croix, comunica-lhe os seus defeitos, implora o perdão das suas negligências e pede-lhe que reze por ela, para que se torne mais fervorosa<sup>69</sup>.

Depois que a Madre Sacré Coeur foi dispensada do cargo de superiora, a Madre Saint-Thomas fica ainda em Lisburn, dando aulas de inglês às irmãs mais novas e lições diárias às irmãs coadjuvas, que por terem tanto que fazer, pouco tempo podiam dar ao estudo. Porém, a principal função da Madre Saint-Thomas continua a ser a formação da superiora, agora a Madre Saint-Patrice Darcy. Ela devia não só animar a superiora, mas também dizer-lhe as suas faltas e verificar se tudo corria bem, sob o ponto de vista espiritual e temporal<sup>70</sup>.

Também a Madre Sainte-Croix emprega muito do seu tempo e energia a aconselhar, à distância, com as suas numerosas cartas, a nova superiora. E procura mostrar-lhe que a Madre Saint-Thomas, antiga mestra de noviças da Madre Saint-Patrice, está lá somente para a formar, não para a substituir nos seus deveres de superiora, que agora são da sua responsabilidade. A Madre Sainte-Croix continua

---

67. *Annales*, 22.

68. M. Ste. Croix à M. St. Benoit, 30.1.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D,34.

69. M. St. Thomas à M. Ste. Croix 4.10. [18711, *Ibid.*, 118.

70. *Ibid.*

Explicando: “...ela [a Madre Saint-Thomas] está aí apenas por algum tempo”<sup>71</sup>.

A Madre Saint-Patrice também precisa de orientação acerca de como lidar com a sua antiga superiora, Madre Sacré Coeur, que ainda estava na casa. A Superiora Geral explica que a ex-superiora tem um problema de nervos “uma doença imaginária” e aconselha a Madre Saint-Patrice a não dispensar do cumprimento dos seus deveres. Numa seção da carta, a Madre Sainte-Croix revela a sua compreensão de obediência no Instituto, como um grande e generoso desejo de responder a quem tem autoridade. Diz-lhe que ficara triste ao ler na carta que a Madre Saint-Patrice lhe escrevera, a expressão: “a Madre *ordenou-nos* que fôssemos para Liverpool”. A Madre Sainte-Croix explica:

*Esta [a palavra “ordenou”] é uma expressão muito forte, minha querida filha... Eu peço. Exprimo um desejo - isto significa uma ordem para uma boa religiosa que deve ter o mesmo espírito, desejo e vontade com as suas superiores*<sup>72</sup>.

Numa outra ocasião, a Madre Sainte-Croix esclarece a Madre Saint-Patrice sobre a melhor maneira de lidar com uma irmã difícil, aconselhando a superiora a permanecer firme, a mostrar-se “cheia de delicada firmeza”, mas nunca disputar. Refletindo na sua própria experiência, continua:

*Com caracteres difíceis, é necessário escolher o tempo e o momento em que as observações ou correções, até mesmo as ordens, possam ser bem recebidas, para evitar escândalo*<sup>73</sup>.

Pouco tempo depois de escrever esta carta à Madre Saint-Patrice, a irmã difícil na comunidade, escreve à superiora geral, acusando-se das suas faltas. Chegara o tempo e o momento propícios e a Madre Sainte-Croix dirige-lhe uma carta que é “ao mesmo tempo, cheia de energia, firmeza e consolação.” Ela concorda com a admissão da falta e sugere à irmã que peça à superiora licença para publicamente pedir perdão, durante três dias. E então escreve uma carta de estímulo à religiosa, depois de ela ter cumprido aquela penitência<sup>74</sup>.

---

71. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 13.8.1871, Arq. hist. / Cong Vol II-D, 38.

72. *Ibid.*

73. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 17.9.1872, Arq. hist. / Cong., Vol. II-D, 52.

74. M. Ste. Croix à M. St. Chrysostome, 17 e 30.9.1872, *Ibid.*, 53.

Esta mesma “firmeza e consolação” é característica na correspondência da Madre Sainte-Croix com todas as irmãs de Lisburn. Quando uma religiosa se acusa de uma sua falta e se compara ao Filho Pródigo, a Madre Sainte-Croix compara-se ao Pai do Filho Pródigo que deseja ardentemente apertar ao coração o seu filho. “Saiba que mais que nunca será a minha querida filha, se for fiel à sua resolução”<sup>75</sup>.

Muito elucidativo sobre a Madre Sainte-Croix, é o conselho que dá à nova superiora que ela ajuda a formar, pois é como se a superiora geral se descrevesse a si mesma:

Então, seja acima de tudo cheia de compaixão. Seja mãe e mais que mãe, minha filha. É o meio de ganhar os corações de todas as suas queridas irmãs, para Deus. Não esqueça que a bondade e o interesse maternal não excluem a firmeza, mas uma firmeza temperada pela mais doce afabilidade<sup>76</sup>.

Com o decorrer do tempo, a Madre Sainte-Croix mostra também grande interesse nos ministérios das irmãs em Lisburn. Como já vimos, em Lisburn a instrução dada aos pobres inclui também classes noturnas para mulheres das fábricas, que precisam de básica preparação profana e de instrução religiosa. E é com preocupação que a Madre Saint-Thomas informa Gailhac de que os números na escola da noite diminuem semanalmente e ela teme que durante o Inverno não haja quase ninguém:

*Reze muito, querido Pai, pela nossas estudantes da noite, pois o inimigo faz tudo quanto pode para impedir o bem, oferecendo-lhes toda a espécie de perigosos divertimentos*<sup>77</sup>.

A Madre Sainte-Croix comunga nesta preocupação e escreve à superiora de Lisburn, Madre Saint-Patrice, animando as irmãs a não interromperem as classes noturna para as pobres operárias<sup>78</sup>. É significativo que, mesmo nos primeiros tempos de expansão, as religiosas tenham consciência e se considerem responsáveis pela educação de todas as classes, sobretudo os pobres. Isto nem sempre

---

75. M. Ste. Croix a uma religiosa, 1.2.1872, *Ibid.*, 42.

76. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 19.3.1872, *Ibid.*, 43.

77. 77. M. St. Thomas a Gailhac, 30.10. [1871], *Ibid.*, 119.

78. M. Ste. Croix a M. St. Patrice, 7.11.1871, *Ibid.* 41. Não é claro que a escola da noite tenha fechado por algum tempo. Alguns anos mais tarde era preenchida uma inscrição para uma Escola da Noite fundada em 6.12.1886. Tinha 118 mulheres na lista de inscrições e reuniam-se na sala usada durante o dia pela National School, em Castle Street. Ver PRO. N.I., ED/1/9/75.

era possível, mas era a orientação característica do Instituto, desde o seu início.

Durante o Outono de 1871, a comunidade de Lisburn continua a ser estimulada e desafiada pela superiora geral. Certamente, por ter dirigido durante tantos anos o internato de Béziers, está particularmente interessada no andamento das escolas de Lisburn. Em carta de Outubro a Madre Sainte-Croix comunica a boa notícia de que “há agora oitenta alunas internas no internato em Béziers” e que esperam ter brevemente cem alunas,<sup>79</sup> um verdadeiro progresso a partir dos dias em que a guerra, em França, tinha ameaçado fechar o internato na Casa Mãe. Então a experiente educadora aconselha francamente a superiora de Lisburn:

*Sem demora e antes de mais, compre mapas e uma lousa. Não compreendo como pode dar as suas aulas sem esse material, e porque é que todas as classes têm as lições ao mesmo tempo. Se se der ao trabalho de fazer o que nós aqui em Béziers fazemos, os pais ficarão contentes com o progresso das filhas<sup>80</sup>.*

A Madre Sainte-Croix interessa-se particularmente pelas alunas internas em Lisburn e escreve-lhes cartas muito amáveis, prometendo visitá-las em breve e animando-as a praticar a língua francesa, para poderem comunicar com ela. O seu inglês, diz ela às estudantes, é “muito limitado e pouco correto”<sup>81</sup>.

O tempo passa depressa na comunidade de Lisburn e os *Annales* da comunidade registram alguns dos principais acontecimentos que marcam a aproximação do segundo Inverno. A festa de Santa Cecília assinala o primeiro aniversário da chegada das religiosas a Lisburn e, por conseguinte, é celebrada como dia da fundação. As alunas internas tinham preparado uma pequena representação para divertimento da comunidade e do clero das paróquias vizinhas, que tinha sido convidado. A Missa da Meia Noite, em 1871, é outra celebração memorável para a comunidade. Um grande número de pessoas está presente à Missa e a autora dos *Annales* recorda a sensação provocada pelos sinos de igreja, nesta cidade protestante, anunciando a Missa da Meia Noite de Natal<sup>82</sup>.

---

79. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 29.10.1871, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 40.

80. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 7.10.1871, *Ibid*.

81. M. Ste. Croix às alunas internas de Lisburn, 9.1.1872, *Ibid* 42.

82. *Annales*, 29.

## Ultrapassando Lisburn

No começo de 1872 a Madre Saint-Thomas escreve para a Casa Mãe dando boas notícias, pois um encontro fortuito que antes tivera, na Inglaterra, com o Padre Thomas Kelly, estava a ponto de resultar numa fundação! No Verão anterior, logo depois da Madre Sacré Coeur ter sido substituída pela Madre Saint-Patrice, esta e a Madre Saint-Thomas são solicitadas para irem a Liverpool esperar duas religiosas que vinham da Casa Mãe para Lisburn. Parece que uma destas irmãs vinha exausta, por isso as duas religiosas de Lisburn deviam acompanhar as viajantes na última parte da sua viagem<sup>83</sup>.

É durante esta curta estada em Liverpool, que a Madre Saint-Thomas se encontra casualmente com o Padre Thomas Kelly, pároco de St. James em Bootle. Esta área, perto das docas, não é desconhecida da Madre Saint-Thomas porque, ao passar para a fundação da comunidade de Lisburn, tinha ali dormido uma noite, sendo muito bem recebida pelo pároco de outra paróquia católica, na mesma zona de St. Alexander.

Informada disto, a Madre Sainte-Croix escreve de Béziers aos dois sacerdotes, agradecendo a hospitalidade dada às religiosas e convida-os para uma visita a Béziers, a fim de que a comunidade possa retribuir a sua amabilidade. Como característica sua, não pode deixar de fazer alusão à esperança de que, se as obras do Instituto fossem úteis na área de Bootle, as religiosas se sentiriam muito felizes por poderem saldar a sua dívida de reconhecimento, iniciando ali uma fundação<sup>84</sup>. A Madre Sainte-Croix termina a carta confiando em que a Divina Providência conduzirá a comunidade, neste ponto, e em que os sacerdotes de St. Alexander darão o seu parecer sobre a possibilidade de uma tal fundação. Não é claro o modo como os sacerdotes responderam, nem mesmo se chegaram a responder. Mas o que é certo, todavia, é que a Providência estava dirigindo a comunidade não para a paróquia de St. Alexander, mas para a de St. James, que lhe era vizinha.

As negociações entre a Madre Saint-Thomas e o Padre Thomas

---

83. Uma destas viajantes era, sem dúvida, M. St. Basil Davis que professara em 7.8.1871 e fora enviada para Lisburn no dia seguinte. Ver Registro, 19. A irmã "exausta" era provavelmente M. St. Raphael Cahill.

84. M. Ste. Croix ao pároco de St. Alexander em Bootle, e ao seu vigário, o Rev. Killeen, Dezembro de 1870, Lettres, n.º 31.

Kelly tinham começado em Agosto de 1871. Agora, em Janeiro de 1872, o sacerdote informa-a de que tudo está pronto para a fundação na Inglaterra, exceto a autorização formal do bispo de Liverpool<sup>85</sup>. Chegada tal autorização, Gailhac, acompanhado pela Madre Saint-Charles e por uma irmã destinada à nova comunidade, vai a Liverpool para concluir os ajustes. Porém, os inquilinos locais da propriedade de Bootle não puderam ser desalojados senão depois de alguns meses, por isso a fundação teve que ser retardada até à Primavera de 1872<sup>86</sup>.

Gailhac segue então para Lisburn, onde passa três dias com a comunidade. Visitas e cartas das primeiras superiores são de grande auxílio às religiosas, pois não é fácil reproduzir nesta casa filial, a vida da Casa Mãe, por mais que elas o desejem. Numa carta à Madre Sainte-Croix, a Madre Saint-Thomas procura explicar que, numa fundação, há muitas privações de ordem espiritual e temporal às quais não estavam acostumadas na Casa Mãe. Só uma grande virtude as podia sustentar e além disso, o bom espírito religioso era ainda débil em muitas das religiosas. É particularmente difícil para algumas das irmãs francesas, acrescenta a Madre Saint-Thomas. Por vezes tudo parece irritá-las - a língua inglesa, a confissão, a chuva, a mínima observação. Muitas vezes, é preciso abster-se de fazer comentários com receio de as exasperar<sup>87</sup>.

A Madre Saint-Thomas, tão eficiente na instalação da comunidade de Lisburn e nos projetos da fundação de Bootle, é chamada a Béziers, em meados de Março de 1872 para apoiar também uma outra fundação, agora em Portugal, Porto, e para a qual tinham aberto caminho as suas duas irmãs. Talvez porque, na Casa Mãe, se tenha pensado sempre em atribuir tal função à Madre Saint-Thomas, as primeiras superiores negligenciaram informar das suas intenções, quer o bispo de Down and Connor quer o pároco de Lisburn. Isto foi a causa de grande contrariedade para os dois homens que estavam habituados ao padrão da Irlanda, onde muitos conventos dependiam diretamente da orientação do bispo local. Havia até casos em que o bispo forçara a comunidade local a separar-se da autoridade centralizada da congregação. Além disso, na Irlanda “os conventos dependiam do apoio moral do

---

85. M. St. Thomas a Gailhac, 3.1.1872, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 107.

86. *Annales*, 30.

87. M. St. Thomas à M. Ste. Croix, 11.2.1872, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 107.

clero local e, decididamente, da boa vontade do bispo”<sup>88</sup>. Em carta para Lisburn, a Madre Sainte-Croix procura defender a atitude da Casa Mãe, fazendo realçar o respeito e deferência que Gailhac mostrou sempre para com a autoridade eclesiástica. Ele considerava como certo que, uma vez estabelecida a fundação de Lisburn, a Madre Saint-Thomas seria transferida para outro lugar. De fato, se a missão de Bootle não tivesse sido adiada, a Madre Saint-Thomas teria sido enviada para ali, na sua capacidade de orientadora e de apoio à superiora<sup>89</sup>.

O que o Bispo Dorrian e o Padre Kelly talvez ainda não tenham compreendido é que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria, uma vez decididas a tornar-se um Instituto internacional, estão determinadas à expansão. Portugal vai ser a fundação seguinte.

---

88. Clear 44, 56-61.

89. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 16.4.1872, Arq. hist./Cong., Vol II-D, 45.

## Uma segunda fundação - Porto (1871-1872)

Ao mesmo tempo que os superiores, em Béziers, procuram cuidadosamente fortalecer o espírito do Instituto na comunidade de Lisburn, a expansão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria não cessa de prosseguir. Em fins de Setembro de 1871, uma outra cerimônia de envio tem lugar na Casa Mãe: três religiosas, Madre Sainte-Marie Hennessy, a superiora, Madre Sainte-Appollonie Fenayrou e Madre Saint-Gabriel Moylan, são enviadas para iniciar uma fundação em Portugal, na cidade do Porto<sup>1</sup>. Duas postulantes francesas fazem parte do grupo<sup>2</sup>.

### Cenário de Portugal no século XIX

Portugal, o país para onde a Providência dirige em seguida o Instituto parecia naquele tempo ser o último dos lugares indicados a uma congregação religiosa francesa para aí começar uma fundação. Como em outros países europeus no final do século XVIII, manifestava-se ali um forte sentimento anti-clerical, dirigido sobretudo ao clero religioso. Quando o sistema liberal foi introduzido, na década de 1820, a influência e o poder exercidos pelas ordens religiosas começaram a ser contestados. Os dízimos foram abolidos, as propriedades da Igreja foram sujeitas a pesadas contribuições e em alguns casos confiscadas,

- 
1. A cerimônia do envio teve lugar a 26.9.1871, ver *Registre*, 19b.
  2. Os nomes das postulantes encontram-se no *Journal de la Maison de Porto*, 1871 (Referências posteriores *Journal*) como sendo Sainte-Madeleine e Sainte-Julie (Romieu). Ver *Arq. hisJCong.*. Vol.II-C,63. Este *Journal* de 23 páginas, é uma descrição manuscrita dos primeiros tempos no Porto. A autora não é identificada.

o clero religioso foi privado dos direitos de voto e de representação nas Câmaras<sup>3</sup>.

A situação do clero começa a melhorar quando o herdeiro do trono, D. Pedro IV, Imperador do Brasil, cede a coroa de Portugal a sua filha, a jovem D. Maria II. Esta fica noiva de D. Miguel, irmão de D. Pedro, que governa como regente. Em 1828, porém, D. Miguel dissolve as Cortes, promove novas eleições e proclama-se rei. D. Maria II vai para o exílio e D. Miguel governa com poder absoluto durante seis anos, perseguindo os liberais e contrariando a sua política. Irritado com tal usurpação, o primeiro herdeiro do trono, D. Pedro IV, abdica em 1831 do governo do Brasil, em favor de seu filho, e regressa a Portugal para disputar a coroa. Segue-se a Guerra Civil de dois anos em que a maior parte do clero religioso favorece D. Miguel, o pretendente absolutista ao trono, de preferência ao seu irmão mais liberal, D. Pedro. Esta Guerra dos Dois Irmãos, como é conhecida, termina com o exílio forçado de D. Miguel. Dentro de meses porém, D. Pedro morre e sucede-lhe de novo a sua filha, D. Maria II<sup>4</sup>.

O clero religioso paga duramente o ter apoiado o lado vencido desta guerra. Os Jesuítas são imediatamente expulsos. Uma lei proibindo a ereção de noviciados (1833), impede o crescimento das ordens religiosas e os mosteiros de homens são inteiramente abolidos, em 1834. Apesar dos conventos femininos não serem formalmente extintos, também às religiosas se proíbe a manutenção dos seus noviciados. E a situação agrava-se quando a propriedade das congregações femininas é nacionalizada. Em geral, estas ações "...são aplaudidas ou aceites com indiferença pela maior parte da população, incluindo o clero secular"<sup>5</sup>.

Na década de 1850, quando o caos político dá lugar a uma calma relativa, as ordens religiosas começam a aparecer de novo, em Portugal, mas disfarçadamente. Os Jesuítas regressam em 1858, os Franciscanos em 1861, os Padres do Espírito Santo em 1867, seguidos de outros. As congregações femininas aparecem também e, em alguns casos, são mesmo temporariamente toleradas, atendendo aos seus serviços de caridade, em tempo de epidemias. Não são, no entanto, oficialmente

---

3. A.H. de Oliveira Marques, *História de Portugal*, Vol. I, 2.<sup>a</sup> ed. (New York: Columbia University Press, 1976) 21-24.

4. *Ibid.*, 54-60.

5. *Ibid.*, 21-24.

autorizadas até 1901, por isso a maior parte das religiosas são muito cautelosas em não atrair a atenção<sup>6</sup>.

Além do anticlericalismo, havia em Portugal um forte sentimento contra a França. Durante as Guerras de Napoleão, Portugal fora pressionado por causa da sua fidelidade a dois rivais entre si, Inglaterra e França. Em 1806 Napoleão decretou um bloqueio continental, proibindo todos os países europeus de fazerem comércio com a Gran-Bretanha. Mas Portugal tardou em dar o seu consentimento porque fazia comércio com a Inglaterra e esta lhe dava assistência militar, que ele não podia dispensar. Quando Portugal recusou o ultimato francês de declaração de guerra à Gran-Bretanha, em Setembro de 1807, o exército francês invadiu Portugal, em Novembro, e a família real e o governo português partiram para a sua colônia do Brasil, transferindo a capital do reino para o Rio de Janeiro. Um exército francês de cinquenta mil homens, com a ajuda de algumas tropas espanholas, derrubaram a regência instalada em Portugal, ocuparam e espoliaram o país até que a resistência da guerrilha e o exército inglês os forçaram a retirar em Setembro de 1808. De novo os franceses ocuparam o país, de Fevereiro a Maio de 1809, invadindo-o uma terceira vez em 1810-11. Estas invasões francesas de 1807, 1809 e 1810 e consequentes ocupações de Portugal, marcadas por pilhagem, confiscação, devastação e crueldade, foram profundamente ressentidas. Depois de quatro anos de guerra, o país ficara empobrecido. “Mais ainda, as invasões francesas deixaram Portugal numa situação política muito peculiar. De 1808 a 1821 o país era ao mesmo tempo um protetorado inglês e uma colônia do Brasil”<sup>7</sup>.

Este sentimento contra a França foi agravado mais tarde por um incidente internacional, que tornou mais tensas as relações diplomáticas entre os dois países. O comércio de escravos tinha sido abolido nas colônias portuguesas em 1856 e o tráfico desse comércio, absolutamente proibido. Quando em 1857, um barco francês, o *Charles et Georges*, foi descoberto a transportar escravos de Moçambique para a colônia francesa da Reunião, os portugueses capturaram o barco e aprisionaram o capitão. Napoleão III exigiu a restituição do barco, a libertação do

---

6. *Ibid.*. 24. O autor indica que nos princípios do século XX havia centenas de religiosas em Portugal, membros de umas cinquenta congregações religiosas ou associações.

7. *Ibid.*. Vol I. 425-429.

capitão e o pagamento de uma indemnização. Os portugueses sentiram-se ultrajados, mas querendo a todo o custo evitar a guerra com a França, e sem o apoio da Inglaterra, tiveram que ceder<sup>8</sup>.

Não é de admirar, portanto, a existência de um sentimento fortemente anticlerical, dirigido com particular aversão contra as comunidades francesas, sobretudo na cidade do Porto, onde a influência maçônica era forte. Exemplo dramático é o das Irmãs da Caridade de S. Vicente de Paulo, francesas. Estas irmãs trabalhavam em Lisboa e no Porto desde 1857. A sua presença era tolerada pelo governo português, devido aos seus valiosos serviços junto dos órfãos e dos doentes, especialmente durante a epidemia da cólera. Todavia o preconceito contra a França era tão forte, que os adversários do governo procuravam forçá-lo a publicar um decreto, expulsando de Portugal as Irmãs Francesas da Caridade, gesto que irritou o governo francês. Embora o decreto nunca tenha sido publicado, a situação tornou-se intolerável e as Irmãs da Caridade regressaram ao seu país debaixo da proteção do governo francês<sup>9</sup>.

Então, pode perguntar-se, porque é que Gailhac envia irmãs para Portugal? Não havia ainda irmãs portuguesas na comunidade. A Divina Providência não podia, por este meio, indicar qualquer relação entre Béziers e a comunidade em Portugal. Mas os acontecimentos conduzem a comunidade a este país, de modo diferente, através de fatos que poderíamos considerar providenciais.

A família Hennessy ocupa lugar central nesta fundação. A já mencionada Madre Saint-Thomas, Teresa, tinha duas irmãs, Margaret e Bridget (a futura Madre Sainte-Marie)<sup>10</sup>. Margaret deixa a Irlanda

---

8. *Ibid.*, Vol II, 90.

9. *Ibid.*, 24. Ver também *M. de Chantal Carvalhaes, RSCM, Por Caminhos Não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931* (Lisboa: Instituto do Sagrado Coração de Maria, 1970/ 7-8. (Referências posteriores *Por Caminhos Não Andados*). E um estudo histórico excelente acerca das RSCM em Portugal. O primeiro volume estuda as fundações realizadas durante a vida do fundador (Porto, Braga, Chaves) e o segundo volume analisa as fundações de Viseu, Penafiel e Tuy, Espanha. Ver Arq. hist./RSCM., Caixa K. Esta obra existe numa tradução francesa abreviada (com fotografias e postais ilustrando os locais) como *Fondations de Père Gailhac au Portugal 1871-1886 e Histoire de la Province Portugaise: Deuxième Partie 1892-1933*. Ver Arq. hist./RSCM., Caixa J. Grande parte deste material (mas não todo) aparece, em forma mais popular, em *Vidas Vivas*, livro também escrito por [M.de](#) Chantal Carvalhaes, RSCM. M. Benedict Murphy, RSCM traduziu este último livro em inglês com o título *Lives Aglow with the Spirit*. Ver Arq. hist./RSCM., Caixa K.

10. Há grande confusão acerca da ordem de idades das irmãs Hennessy. Registros

e emigra para a cidade do Porto<sup>11</sup>, Portugal, antes de Teresa entrar para a comunidade de Béziers, em 1851. Nesse tempo o Porto era já uma grande cidade comercial com uma população sempre crescente de uns cem mil habitantes<sup>12</sup>. A classe mais importante da cidade era a burguesia que apoiava fortemente o regime liberal. O Porto era, de fato, o berço do anticlericalismo em Portugal e as leis decretadas contra as ordens religiosas no país, eram severamente aplicadas. Por conseguinte, não havia religiosas nos hospitais, hospícios, orfanatos ou escolas, durante este período.

A classe influente, no Porto, participa na preocupação do regime liberal, acerca da educação, no país. Durante o século XIX procura-se aumentar o número de escolas primárias oficiais para diminuir a excessiva falta de instrução, que flagelava cerca de setenta e seis por cento da população, em 1890. Para satisfazer os interesses da burguesia dominante, o governo português funda *liceus*, ou escolas secundárias baseadas no modelo francês de *lycée*. Em 1860 há *liceus* nas maiores cidades. Estas escolas dirigem cursos de estudo de cinco anos, incluindo humanidades, línguas clássicas e modernas, ciências, retórica e filosofia. O nível de estudos é muito elevado e os exames rigorosos<sup>13</sup>.

O Porto era uma cidade comercial, com muitos estrangeiros envolvidos no comércio e em negócios, daí uma maior necessidade de escolas, onde os jovens portugueses e de outros países pudessem

---

necrológicos do Cemitério do Carmo no Porto, indicam que Margaret tinha 78 anos de idade quando morreu a 9.3.1896, donde se conclui que ela nascera à volta de 1818. Porém, o certificado de batismo indica o dia 23.7.1820 como data de batismo e não é provável que o sacramento tenha tido lugar, dois anos depois do nascimento. O Grande Registro, n.º 23 indica o mês de Maio de 1823 como data do nascimento da M. Ste. Marie, mas o certificado de batismo tem a data de 24.6.1818. No caso da M. St. Thomas, o Grande Registro, n.º 13 aponta a data de 29.11.1824 como data de nascimento, mas o cura de Kilkenny, ao procurar entre 1824 e 1829 o registro do seu batismo não consegue encontrá-lo e acrescenta: “Feitas todas as diligências para o encontrar [o registro do baptismo] não hesito em afirmar que ele se perdeu. Lamento declarar que há grandes faltas de exatidão ao longo dos tempos, chegando a descontinuidades, no registro deste período”. Ver Carta de Edward Rowan, CC. da Catedral de St. Mary, Kilkenny a “Caro Senhor”, s.d., Arq. da Casa Mãe. O que se sabe com certeza é que a M. Ste. Marie era mais velha que Margaret.

11. *O Primeiro de Janeiro* com data de 30.9.1874, descreve Miss (Margaret) Hennessy, como tendo sido diretora durante os 24 anos anteriores. Isto significa que ela emigrara para Portugal em 1850. Ver Porto : Biblioteca Municipal.

12. A população do Porto aumentou de 86.000 em 1864 para 105.000 em 1870. O maior aumento regista-se até 1870. Ver Oliveira Marques. Vol. II, 20.

13. *Ibid.*. 30-31.

aprender respectivamente as línguas usadas no “mercado” e as suas próprias línguas. Desde meados do século XIX, era comum haver no Porto, muitas escolas para rapazes e meninas, com nomes, como “Colégio Francês”, “Colégio Inglês” ou “Colégio Alemão”. Margaret Hennessy era diretora de uma dessas escolas no Porto<sup>14</sup>.

Maynard conta-nos que a escola, na sua origem, pertencera a uma senhora de certa idade que, reconhecendo em Margaret dedicação e talento lhe dera a escola com mobília e equipamento<sup>15</sup>. Os anuários desse tempo indicam que este estabelecimento mudou várias vezes quer de local, quer de título. Em 1856, por exemplo, Margaret Hennessy é registrada como diretora do Colégio Inglês, na Rua da Torrinha, 132. No ano seguinte parece que a escola passa para o número 126 da mesma rua e é apresentado como Colégio Inglês, Francês, Alemão e Português. Esta escola que funcionou até 1863 tinha um corpo docente internacional pois, além de Margaret Hennessy, o anuário de 1857 registrava duas senhoras irlandesas, duas franco-alemãs e quatro homens portugueses. Portanto as línguas eram ensinadas por professores dos respectivos países. Além das quatro línguas, ensinava-se aritmética, geografia, dança, desenho, música e costura. Margaret Hennessy, a diretora, ensinava inglês, caligrafia e religião. Não há referência, na escola, a Miss Hennessy, durante o ano de 1864-1865, mas em 1866 parece ter reaberto uma escola, num outro local, Rua da Picaria, 96. Esta escola, chamada Colégio Inglês, existiu três anos e, depois do intervalo de uns anos, reabriu na Travessa da Fábrica, 45<sup>16</sup>. E para este estabelecimento que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria virão em 1871. Parece evidente que este Colégio Inglês, (ou Academia Inglesa, como será chamado neste estudo) é apenas um dos muitos existentes no Porto, nesse tempo. O edifício, a situação da escola e até mesmo o título parecem ser de menos importância do que a reputação da sua diretora, Miss Margaret Hennessy. Bridget Hennessy, a irmã do meio, conhecia também a escola pois, desde o início do ano de 1850, passara algum tempo com a irmã, no Porto, a recuperar de uma doença. Restaurada a saúde, entra para as

---

14. *Almanaque do Porto e seu distrito*, 1856-1871, Biblioteca Municipal, Porto.

15. *Maynard*, 338.

16. *Almanaque do Porto e seu distrito*, 1856-1871, Biblioteca Municipal, Porto.

Religiosas do Sagrado Coração de Maria em Béziers, em Outubro de 1854 e recebe o nome de Madre Sainte-Marie<sup>17</sup>.

### **O convite de Margaret Hennessy**

Não há certeza da altura em que Margaret Hennessy decide fazer a doação da sua escola à comunidade. Parece ter estado por algum tempo em correspondência acerca desse plano, com a Madre Sainte-Croix<sup>18</sup>. É também possível que tenha falado de tal oferta com sua irmã, Madre Saint-Thomas, quando esta se encontrava na sua “dupla missão” em Dublin, em Janeiro de 1870. Como quer que fosse, o que é certo é que a 16 de Agosto de 1871, Margaret escreve ao bispo do Porto, D. Américo Ferreira dos Santos Silva, expondo-lhe que ela, como diretora da Academia Inglesa, precisava da ajuda de algumas senhoras francesas e inglesas para o ensino da religião e de outras disciplinas, na sua escola, e conseguira interessar algumas senhoras de um Instituto em Béziers, França. Embora não mencionando abertamente que elas eram religiosas, Margaret declara ao bispo que estas senhoras não virão sem o seu consentimento<sup>19</sup>. Com grande surpresa, o consentimento é dado sem demora e Margaret assegura à Madre Sainte-Croix que uma simples anotação ao alto da página do requerimento - “Accordé, Lisbonne, le 18 août 1871, Américo, Evêque” - é o único meio de o bispo exprimir legalmente a sua autorização<sup>20</sup>.

E claro que Margaret fica encantada com a perspectiva da vinda da comunidade para Portugal: “...agora, suponho que nada haverá que a impeça de me enviar algumas das suas boas religiosas”, escreve ela à Madre Sainte-Croix. E continua informando que as religiosas a enviar devem estar preparadas para uma grande pobreza, pois à escola faltam

---

17. *Maynard*, 338-339.

18. M. de Chantal insinua que *logo depois* de 1856, Margaret Hennessy manifestou o desejo de que as RSCM. viessem para o Porto. Ver *Por Caminhos Não andados*. 19. *Maynard*, 339, diz que isto aconteceu “alguns anos”, depois de 1856. Não há a certeza da data exata.

19. Margaret Hennessy ao Bispo D. Américo dos Santos Silva, 16.8.1871, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

20. Margaret à M. Ste. Croix, 22.8.1871, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7. D. Américo Ferreira dos Santos Silva, (bispo do Porto 1871-1899), ainda não tinha entrado solenemente na sua diocese, nessa altura. O bispo nomeado mandou a licença de Lisboa. Ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol . 111, ( Porto-Lisboa: Livraria Civilização, 1970 ) 585-586.

os instrumentos de ensino necessários. Para além das privações materiais, previne ainda: “Elas podem esperar grande oposição e comentários, mas como nos vamos manter muito discretas, sem atrair as atenções, talvez eles [os seus adversários] depressa se cansem”<sup>21</sup>.

Margaret Hennessy deve ter compreendido muito bem a situação em Portugal, pois residia no país, havia então uns vinte anos. No entanto sugere que as religiosas passem alguns dias em Lisboa, conversando com outras religiosas vindas da Inglaterra e da França, para que melhor se informem sobre os costumes no país. Margaret é muito explícita num ponto:

*Um sacerdote disse-me que as religiosas devem disfarçar-se muito bem. As Irmãs de Santa Doroteia estiveram aqui durante anos, usando vestuário em cores (mesmo o amarelo), mas agora penso que vestem de preto. As Irmãs de S. Domingos usam na rua vestidos pretos, véus de caxemira preta, algumas usam mantos, chapéus pretos de senhora, sombrinhas. Como vêm em grupo, quanto menos o vestuário der nas vistas, melhor<sup>22</sup>.*

## **A Viagem para o Porto**

As religiosas deixam Béziers de manhã cedo, no dia 28 de Setembro de 1871, no meio de tristes despedidas e bênçãos. No *Journal de la Maison de Porto 1871*, encontra-se uma pormenorizada descrição escrita, alguns anos mais tarde, por uma testemunha ocular<sup>23</sup>. As três religiosas e as duas postulantes passam a primeira noite em Bayonne e tomam o trem de manhã cedo a 29 de Setembro, chegando à fronteira espanhola, Irun, às oito horas da manhã. O *Journal* refere que, por se encontrar pela primeira vez fora de França, a Madre Sainte-Appollonie chorou, mas a autora acrescenta cuidadosamente, que foi só por alguns minutos!

---

21. Margaret Hennessy à M. Ste. Croix, 22.8.1871, Arq.hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

22. *Ibid.*

23. M. de Chantal diz que este *Journal* era escrito, provavelmente, por M. Ste. Appollonie Fenayrou. Ver *Por Caminhos Não Andados*, 29. Isto parece correcto porque há indícios de que era escrito por uma irmã francesa, que fazia parte da comunidade fundacional do Porto e que era capaz de o escrever.

As viajantes têm que esperar até às duas horas da tarde pelo trem seguinte. Durante estas horas, ninguém lhes oferece lugar para se sentarem, nem sequer um copo de água. Pelo meio dia, depois de algumas horas ao sol, começam a sentir fraqueza. Algumas pessoas, ao vê-las na estação, tratam-nas com zombaria e desprezo. Mesmo o chefe da estação quando inspeciona as suas bagagens se mostra rude para com elas. Finalmente chega o trem e continuam a viagem até Madrid. Vestidas ainda com os seus hábitos atraem insultos, cada vez que param em alguma estação. Quando deixam o trem, em Madrid, são cercadas por uns trezentos espanhóis que fazem escárnio delas e ridicularizam os seus hábitos. Felizmente encontram um empregado de hotel que fala francês e que cuida das suas bagagens, oferecendo-lhes um auxílio tão oportuno, que as religiosas o consideram como um dom enviado pela Providência<sup>24</sup>.

Antes de partirem de Madrid para Portugal, mudam para trajes de viúva para serem menos notadas. Mesmo assim o seu vestuário “burlesco” atrai as atenções. Infelizmente, são reconhecidas como religiosas pelos estudantes, que vão de Madrid para a Universidade de Coimbra. O chefe da estação, Senhor de Varennes, francês, livra-as dos estudantes, acompanhando-as até ao trem e dando-lhes um compartimento reservado, que só deixariam no Porto. Este chefe da estação previne ainda os chefes das outras estações, pelas quais as religiosas têm de passar, pedindo-lhes protecção para elas<sup>25</sup>.

A sua partida de Madrid é retardada por uma chuva torrencial, mas pelas dez horas da noite chegam ao Porto. Margaret Hennessy está evidentemente na estação para as acolher. O seu encontro com a superiora, sua irmã, é particularmente afetuoso. Por ser já tarde vão imediatamente para sua casa, descrita pela autora do *Journal* como simples e pobre. E cantam o *Te Deum* em ação de graças, pela sua viagem livre de perigos<sup>26</sup>.

---

24. *Journal*, 1-5. 25.

25. *Ibid.*, 5-8.

26. *Ibid.*, 8-9. Esta escola descrita pela autora como existindo na Rua da Picaria, 1866-1869, foi transferida em 1871, para a Travessa da Fábrica do Tabaco, nº 45, na seção da Picaria. Esta nova localidade estava situada numa área menos salubre e a casa era pequena. Pode perceber-se uma certa decepção na descrição que o *Journal* faz sobre a chegada das religiosas. Ver Almanaque do Porto e seu distrito, 1871-1872, Porto: Biblioteca Municipal.

A comunidade de Béziers fica encantada ao saber que as irmãs tinham chegado ao Porto, fora de perigo. Comentando a viagem, o fundador escreve: “Louvor e graças a Deus que durante a vossa viagem vos guardou como a menina dos Seus olhos e, ao longo do caminho, colocou os seus anjos para vos proteger, dirigir e ajudar a alcançar a vossa missão”<sup>27</sup>.

### **Reações à fundação**

Margaret Hennessy parece ter informado inteiramente os superiores de Béziers de que aquelas que viessem iniciar esta fundação, encontrariam dificuldades. A necessidade de usar vestuário secular era apenas o sintoma da profunda animosidade para com as religiosas, nesse tempo, em Portugal. Tem-se a impressão de que Gailhac compreendeu bem esta informação, pois ele previne as religiosas:

*Não há dúvida de que ides passar por sofrimentos e provações, porque é o único meio de se fazer o bem. Mas se amardes a Deus, Ele vos defenderá em todas as dificuldades e vos confiará o seu coração*<sup>28</sup>.

A Comunidade tem apenas alguns dias para preparar às alunas o regresso das suas férias de Verão. *O Comércio do Porto*, jornal local, dera algumas semanas antes, a notícia da reabertura da Academia Inglesa de Miss Hennessy, em 2 de Outubro. Anunciava as inscrições para alunas internas, semi-internas e externas e a certeza de que Miss Hennessy continuaria a tradição, com professores nacionais e estrangeiros no seu corpo docente<sup>29</sup>. Só se inscrevem doze alunas internas, mas noventa externas frequentam a Academia Inglesa naquele Outono.

Como as religiosas são muito poucas no princípio e não conhecem a língua portuguesa, (embora a Madre Sainte-Marie deva ter dela alguns conhecimentos) há membros do corpo docente leigo que continuam na escola e Margaret Hennessy permanece como diretora. *O Journal*

---

27. Gailhac à comunidade do Porto, GS/17/X/7yB.

28. *Ibid*.

29. *O Comércio do Porto* 14, 17, 20, 23, 28. 9 e 1.10. 1871, Porto: Biblioteca Municipal.

refere, todavia, que apesar de tudo, a presença das religiosas se tornou conhecida. Grande parte dos pais das alunas ficam preocupados porque, como burgueses liberais, têm aversão às religiosas, desde que as suas congregações foram expulsas do país, no tempo de D. Pedro IV. E começam a retirar as filhas da escola. Em breve ficam apenas seis alunas internas<sup>30</sup>. Maynard menciona um incidente que não se encontra no *Journal*. Escrevendo acerca do antagonismo do espírito maçônico, violento entre os habitantes do Porto naquele tempo, refere:

*Os seus inimigos perseguem-nas de muitos modos, até ao ponto de procurarem incendiar o convento. Finalmente as religiosas hasteiam a bandeira inglesa para as proteger e tal expediente resultou, pois os seus inimigos renunciam aos seus intentos criminosos<sup>31</sup>.*

Segundo a tradição da comunidade, a situação torna-se tão grave que apenas duas estudantes permanecem na Academia Inglesa pois, mesmo os pais que teriam sido favoráveis à presença das religiosas na escola, começam a recear pela segurança das suas filhas e retiram-nas. Ainda segundo a tradição, a Madre Sainte-Marie escreve a Gailhac pedindo licença para a comunidade regressar a Béziers, mas ele responde: “Fiquem onde estão, mesmo que tenham apenas uma aluna”<sup>32</sup>. Embora não seja possível averiguar esta tradição, uma coisa é certa - a primeira comunidade do Porto tem que sofrer, de início, perseguição e privações, mas fica em Portugal.

### **A Madre Saint-Thomas enviada ao Porto**

As notícias desta nova fundação agradam particularmente à Madre Saint-Thomas, cujas irmãs são “fundadoras” da comunidade no Porto<sup>33</sup>. Escrevendo ao fundador, concorda que em Portugal “...onde a religião quase se extinguiu, há necessidade de uma tal

---

30. *Journal*, 11-12.

31. Maynard, 342. Esta história é repetida em *Vidas Vivas*, 55. Ver tradução inglesa, *Lives Aglow with the Spirit*, 34.

32. *Ibid.*, 37.

33. Por vezes presume-se que a M. St. Thomas estava com o grupo primitivo que foi para o Porto, mas é evidente que ela estava em Lisburn no Outono de 1871, e escreveu dali para a Casa Mãe.

fundação para que a fé seja reavivada nos jovens e, através deles, os adultos possam regressar a melhores sentimentos”. Dizendo a Gailhac que as irmãs em Lisburn rezam pela comunidade do Porto e pelo sucesso da nova fundação, a Madre Saint-Thomas acrescenta:

*Gostaria de saber se lá há um orfanato e uma escola para pobres. Então teríamos a garantia de sucesso, mas penso que devemos avançar cuidadosamente, no princípio, para não atrair demasiada atenção*<sup>34</sup>.

Esta observação da Madre Saint-Thomas é significativa, pois indica mais uma vez que o objetivo das Religiosas do Sagrado Coração de Maria era a educação de todas as classes da sociedade - as que podiam pagar em internatos ou externatos, bem como as crianças pobres, em escolas nacionais, paroquiais ou de órfãos.

Uns seis meses depois da chegada das RSCM a Portugal, a Madre Saint-Thomas é informada de que é necessária a sua presença no Porto, para ajudar a fortalecer quer o ministério quer a vida de comunidade das religiosas. Tendo apoiado a comunidade de Lisburn, no seu primeiro ano e meio, a Madre Saint-Thomas deixa a Irlanda e chega a Béziers no dia 20 de Março de 1872. À chegada encontra sua irmã Margaret que viera acompanhar à Casa Mãe uma das fundadoras do Porto, Madre Saint-Gabriel Moylan. Esta religiosa ainda jovem adoecera em Portugal e viria a morrer em Béziers, alguns meses após o seu regresso. Parece que a superiora, Madre Sainte-Marie, também não estava bem. Nunca fora robusta, mas a mudança de clima e as tensões dos primeiros meses no Porto, tinham minado a sua saúde.

O *Journal* lembra que, durante o primeiro ano algumas religiosas adoeceram, por ser doentio o local em que se encontrava a Academia Inglesa, na Travessa da Fábrica. A situação torna-se tão crítica que, Margaret Hennessy escreve ao fundador, pedindo licença para levar as irmãs para uma casa de campo, durante algumas semanas<sup>35</sup>. Além da situação doentia, as instalações eram pequenas e pouco iluminadas. Maynard cita uma carta sem data, do fundador a uma das irmãs do Porto que começava a sofrer de claustrofobia. Encorajando-a a procurar meditar na imensidade do céu, diz-lhe: “Lá seremos livres.

---

34. M. St. Thomas a Gailhac, 30.10. [1871] , Arq. hist./Cong. Vol. II-D, 119.

35. *Journal* A2-3.

Não haverá paredes. E veremos não apenas uma nesga, mas o céu todo, banhado na eterna luz. Gozaremos do oceano sem praias da felicidade, porque estaremos em Deus e Deus em nós”<sup>36</sup>. E Gailhac continua:

*Minha filha, ande na presença de Deus e não viverá mais num espaço estreito, mas ao contrário, no infinito. Em vez de olhar à sua volta, olhe para o seu interior. Deus habita no seu coração que é muito pequeno. Acha que Ele se sente aí apertado?*<sup>37</sup>

Além de afetarem a saúde das religiosas, as instalações apertadas podem bem ter acentuado outras complicações. Maynard refere que, à falta de uma forte orientação, a comunidade do Porto se deixou levar por influências seculares, na escola e o fervor religioso começou a decair<sup>38</sup>. Sem dúvida a escola devia parecer “secular” aos superiores de Béziers. E assim era, na realidade. Margaret Hennessy continuava diretora de fato e de nome<sup>39</sup>. Mais ainda, uma das características da escola era o conjunto de professores portugueses e estrangeiros, homens e senhoras e o *Journal* refere que, inicialmente, quer as alunas internas quer as externas tinham senhoras leigas como moderadoras.

Pretendendo as religiosas ocultar a sua identidade na escola e sendo o edifício pequeno, pode presumir-se que a seção conventual das instalações fosse insignificante, se é que existia. Por conseguinte, a comunidade do Porto deve ter lutado para se adaptar às exigências da situação, que forçosamente as levava a uma estreita colaboração com os leigos, para não provocar a atenção ou animosidade das autoridades portuguesas e não prejudicar a sua missão. Esta fundação portuguesa foi a primeira a fazer face a um importante desafio - como manter e desenvolver a identidade religiosa, num ambiente secular, sem a defesa do convento e do hábito, como sinais exteriores. Gailhac escreveria mais tarde às suas filhas: “É importante estudar os costumes do país e conformar-se com eles, em tudo o que for bom”<sup>40</sup>. Mas, é muito provável que nas circunstâncias presentes, ainda não compreendesse as modificações que isso exigiria em Portugal.

---

36. Maynard. 345.

37. *Ibid.*

38. *Ibid.*, 342-343.

39. Os jornais e almanaques do Porto, no período 1871-1878, continuam a referir Margaret Hennessy como diretora da Academia Inglesa. Não há menção alguma de religiosa ou comunidade religiosa associada à escola, até 1878.

40. *Por Caminhos Não Andados*, 42-44.

Em tal situação, não nos surpreende que a Madre Saint-Thomas seja enviada ao Porto na Primavera de 1872, provavelmente como guia da superiora local, a sua própria irmã. Acompanham-na duas religiosas da comunidade da Casa Mãe, recém-designadas para o Porto. Em princípios de 1873 quando o estado de saúde da Madre Sainte-Marie piora, a Madre Saint-Thomas é também nomeada superiora da comunidade, ao menos temporariamente. Nessa altura, a escola muda novamente de lugar, para uma propriedade espaçosa e bem situada<sup>41</sup>. Contudo, a luta por conservar a identidade e o espírito religioso, no meio de grande número de leigos, - situação não comparável a Béziers ou Lisburn - continuaria a desafiar a comunidade, nesta primeira fundação portuguesa.

---

41. *Journal*, 14.

## Fundação em Bootle: o contexto inglês (1872)

### Últimos preparativos

Quase em simultâneo com a ida da Madre Saint-Thomas para o Porto, a Madre Sainte-Croix escreve à Madre Saint-Patrice, em Lisburn. Para a tranquilizar, sem dúvida, depois da perda da sua orientadora, faz—lhe saber que ela, superiora geral, acompanhará a nova comunidade a Liverpool e dali, visitará a comunidade de Lisburn<sup>1</sup>. A Madre Sainte-Croix amava esta primeira fundação. E escreve-lhe uma carta muito afetuosa, pouco tempo antes de partir para a sua missão na Inglaterra:

*Conheço desde há muito, a amizade que tendes pela vossa mãe. Mas só Deus sabe a que a vossa mãe tem por vós. Sim, queridas filhas, Deus tão bom deu-me um coração maternal. Amo todas e cada uma de vós, tendo cada uma sempre presente ao meu espírito<sup>2</sup>.*

Na última carta, antes de deixar Béziers, a Madre Sainte-Croix comunica à superiora de Lisburn, os nomes das irmãs que irão com ela para Liverpool. Gailhac acabava de os anunciar à comunidade da Casa Mãe e a Madre Sainte-Croix sabe que as irmãs em Lisburn estão muito interessadas em tais notícias. A Madre Saint-Eugène Granier, sobrinha do fundador, fora nomeada superiora e a Madre Saint Joseph de Koka, sua assistente. Iriam também a Madre Sainte-Thérèse Butler, a Madre Saint-Dominique Hoyne, a Madre Saint-Cyprien Cahill e a Madre Saint-Ambroise Power. Se tudo corresse como tinham planejado, sairiam de Béziers em direção a Bordeaux na terça-feira, 18 de Junho,

---

1. M. Ste Croix à M. St. Patrice, 16.4.1872, Arq.hist./Cong, Vol. II-D.45.

2. M. Ste. Croix às religiosas de Lisburn, 6.5.1872 *Ibid.*, 46.

embarcando como de costume no Lotus, no dia seguinte. Juntar-se-lhes-iam em Liverpool duas irmãs da fundação de Lisburn, no sábado, 22 de Junho, dia da chegada<sup>3</sup>.

Um outro capítulo importante da vida do Instituto vai começar.

Liverpool, mais concretamente Bootle, está nos projetos de fundação, desde Agosto de 1871, no dia em que a Madre Saint-Thomas e a Madre Saint-Patrice são enviadas a Liverpool para acompanhar as duas religiosas da Casa Mãe, à sua nova comunidade, em Lisburn. Alguns anos depois deste acontecimento, a Madre Saint-Félix descreve o encontro providencial entre a Madre Saint-Thomas e o Padre Thomas Kelly:

*A Madre [Saint-Thomas] estava em casa de um dos seus amigos em Bootle. No dia seguinte de manhã foi à Missa, na Igreja de Saint-James. O pároco viu a religiosa e quis falar com ela sobre a Ordem a que pertencia, etc. No decurso da conversa, a Madre Saint-Thomas pergunta-lhe se, por acaso, ele precisava de religiosas para dirigir as suas escolas. O sacerdote responde-lhe que, bem consideradas todas as coisas, ele aceitaria algumas. Continuam a falar e ambos se interessam por este projeto<sup>4</sup>.*

Posteriormente, a Madre Saint-Félix conta que o Padre Kelly concordara em que a Madre Saint-Thomas enviasse aos seus superiores a planta de parte de uma propriedade, com três casas perto das escolas da paróquia. E acrescenta laconicamente: “A proposta foi estudada pelo Conselho que a achou digna de ser considerada. Os superiores informados sobre o preço e os termos da licença do bispo de Liverpool, começaram os preparativos para a fundação”<sup>5</sup>.

É quase certo que as negociações começaram imediatamente depois dessa conversa eventual, pois a 11 de Setembro de 1871, o Padre Thomas Kelly tinha já discutido o projeto com o bispo, Alexander Goss (1856-1872) e comunicara a Béziers as interrogações do bispo.

A resposta de Gailhac ao bispo chega em carta datada de 20 de Setembro de 1871. Descrevendo a congregação que ele fundara, vinte

---

3. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 15.6.1872, *Ibid.*, 50.

4. M. St. Félix Maynard, *Brief Histories of the Early Foundations*, N.º 14 (Referências posteriores *Brief Histories*). É uma tradução inglesa de notas breves nos Livros de Contas das 9 primeiras fundações, escrita em 1905 ou 1906. Arq. hist./RSCM., Caixas 14 e 15. *Brief Histories* faz parte das *Fontes de Vida*, Documento em Séries, N.º 1.

5. *Ibid.*

e dois anos antes, Gailhac diz-lhe que as irmãs “fazem votos perpétuos de Pobreza, Castidade, Obediência e Zelo” e continua explicando que, apesar de não fazerem voto de clausura “não saem dos seus conventos, exceto quando os interesses da Comunidade a isso absolutamente as obrigam”. Diz-lhe ainda que não praticam austeridades corporais. “Dedicando-se às obras de zelo, todas as suas energias e saúde são necessárias para o cumprimento dos seus numerosos deveres”, mas lembra ao bispo que elas procuram aperfeiçoar-se, através da mortificação interior<sup>6</sup>.

Gailhac não faz referência ao trabalho das religiosas em Lisburn, nem à projetada missão no Porto, mas usa a Casa Mãe, em Béziers, como modelo, descrevendo-a como “...um internato numeroso, um externato para meninas e um orfanato frequentado por mais de duzentas crianças, que ali recebem uma boa educação e aprendem toda a espécie de trabalhos simples e bordados”. Gailhac torna bem clara a sua intenção:

*O plano das nossas irmãs para Bootle seria responsabilizar—se pela missão da escola, organizar uma escola da noite, se isso fosse útil na localidade, um externato para meninas e um internato. Gostaria de abrir mais tarde um orfanato, se Vossa Excelência estivesse de acordo. A glória de Deus e a salvação das pessoas é o único objetivo que elas têm em vista<sup>7</sup>.*

Gailhac passa então à questão das finanças. Como remuneração financeira, na escola da missão e na escola primária para crianças pobres, as irmãs esperariam receber uma quantia anual, determinada pelo Padre Kelly, que ao mesmo tempo financiaria estas escolas. A comunidade faria as despesas inerentes à “Escola para Meninas”. Da Casa Mãe iria o dinheiro para a compra da propriedade e para as necessidades das religiosas enviadas, até que a escola se pudesse manter por si mesma. Gailhac conclui: “...numa palavra, Senhor Bispo, elas não serão um peso para a diocese, nem agora nem no futuro”<sup>8</sup>.

Gailhac termina a sua carta, dizendo que ele, como superior da comunidade, as recomenda:

---

6. Gailhac ao Bispo Goss, 20.9.1871, *Proc.ap.*, 6387-89.

7. *Ibid.* Não há provas a confirmar a existência de um “externato para meninas”, na Casa Mãe, nesse tempo. Gailhac estava decerto a pensar em Lisburn.

8. *Ibid.* Deve notar-se que a comunidade teve que comprar esta propriedade com os seus próprios recursos, o que não aconteceu na fundação de Lisburn.

*Posso assegurar-lhe, Senhor Bispo, que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria são verdadeiramente dóceis, boas e cheias de zelo, e farão imenso bem em qualquer diocese que as acolha*<sup>9</sup>.

Também o bispo de Montpellier envia ao Bispo Goss uma recomendação acerca da comunidade<sup>10</sup>.

Tudo está pronto e a 6 de Novembro de 1871, o Padre Thomas Kelly escreve ao bispo animando-o a aprovar a vinda das religiosas. Gailhac viria então imediatamente a Bootle para fazer os preparativos finais. O dono da propriedade deseja também concluir a venda, pois deve notificar os dois inquilinos do imóvel<sup>11</sup>. A licença chega finalmente em Dezembro. O Padre John A. Fisher, Vigário Geral da diocese, transmite a mensagem em termos simples:

*O Bispo pede-me para o informar da sua aprovação e confirmação da vinda [das religiosas] para a sua Diocese, a fim de se ocuparem das escolas pobres de Bootle e abrirem um externato e um internato naquela Missão*<sup>12</sup>.

Apesar da esperança de Gailhac em completar tudo no mês de Janeiro de 1872, só na Primavera o Padre Kelly e o seu advogado terminam as negociações com o proprietário, John Park, e enviam o documento de hipoteca a “ Miss Eulalie Vidal” para a assinatura. A propriedade devia custar seis mil e quinhentas Libras acrescidas dos juros. A assinatura inicial correspondia a cerca de três mil cento e quarenta e quatro Libras, o que incluía os juros, a partir de 1 de Abril, e as taxas legais. O restante devia ser pago em duas prestações anuais<sup>13</sup>.

A Madre Saint-Félix, no breve memorial da fundação de Liverpool, escreve: “O preço da propriedade foi sete mil Libras ou cento e setenta mil francos, bem como três anos de escolaridade para as duas filhas mais velhas do dono da propriedade”<sup>14</sup>. O pároco anima a irem sem demora: “A casa está pronta e muito limpa. Estamos todos

---

9. *Ibid.*

10. Le Courtier a Goss, 20.9.1871, *Proc.ap.*, 6379.

11. Thomas Kelly a Goss, 6.11.1871, *Proc.ap.*, 6380.

12. John A. Fisher à Rev. Madre {M. Ste. Croix} 21.12.1871 *Proc, ap.*, 6381. É interessante notar que não há referência a “uma escola da noite” nem a “uma escola de órfãos”.

13. Thomas Kelly à M. Ste. Croix, s.d., Arquivos SCM Província Anglo-Irlandesa, Caixa H2j.

14. *Brief Histories*, 15. Emma e Ada Park estão na lista de Régistre du Pensionnat du Sacré Coeur de Marie em 1873-74. Arq. hist./ Cong., Vol. IV-A n° 47.

ansiosos pela chegada, esperando que tenham uma boa e agradável viagem”<sup>15</sup>.

### **Viagem missionária e trágica**

A cerimônia de envio para esta terceira fundação tem lugar a 17 de Junho de 1872<sup>16</sup>. Seis religiosas deixam Béziers na manhã seguinte, como estava projetado. Acompanha-as a Madre Sainte-Croix. A Madre Saint-Félix recorda o acontecimento:

*Depois de receberem o envio, a bênção solene do Fundador e uma cópia das Constituições, foi a hora do adeus e da esperança de voltarmos a encontrar-nos umas com as outras. A partida foi cheia de alegria, o tempo maravilhoso, a travessia prometia ser calma. Todas estávamos felizes* <sup>17</sup>

Logo após o embarque no Lotus, Gailhac escreve à Madre Sainte-Croix, para que, à chegada a Liverpool, as irmãs possam ter a certeza da sua solicitude por elas. O fundador diz-lhes que as acompanha constantemente no vasto oceano, e pede ao Senhor a quem os ventos e o mar obedecem, que lhes dê uma boa viagem. Pede também a Maria, Estrela do Mar que dirija o frágil barco que as transporta. “Sim”, escreve o fundador, “temos a firme confiança de que todas chegareis com boa saúde”<sup>18</sup>.

Gailhac escreve outra carta à Madre Sainte-Croix a 23 de Junho, ansioso por notícias da comunidade, que chegara a Liverpool no dia anterior. Ele soubera que uma terrível tempestade se abatera sobre Liverpool:

*Como foi a viagem? Como estão? Como está cada uma das minhas filhas? Tiveram a proteção de Deus? E o seu santo anjo preservou-as de possíveis acidentes? Tenho tido momentos de muita ansiedade. Dê-me pormenores da viagem. Diga-me como estão, numa palavra, diga-me tudo, não me esconda nada*<sup>19</sup>.

---

15. Thomas Kelly à M. Ste. Croix, s.d. Arquivos SCM Província Anglo-Irlandesa Caixa H2J.

16. Registre, 20b.

17. *Brief Histories*, 15.

18. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/20/VI/72.

19. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/23/VI/72.

A Madre Saint-Félix continua a narrativa da fatal viagem do Lotus:

*Uma das religiosas de coro Madre Saint-Dominique Hyne, em quem tínhamos grandes esperanças para o futuro desta fundação, a mais saudável no momento da partida e a mais entusiasta durante a viagem, teve uma súbita hemorragia intestinal<sup>20</sup> na véspera da chegada. No dia seguinte estava muito doente e foi levada, com grandes precauções para um dos quartos preparados para elas. Chamaram o sacerdote e um médico que lhe prestaram todos os cuidados possíveis. A pobre irmã morreu naquele dia. Foi uma prova terrível para nós e para as nossas queridas filhas<sup>21</sup>.*

Quando o fundador teve conhecimento da triste notícia compreendeu porque sentia um certo mal estar e uma inexplicável tristeza, desde o dia em que o grupo partira para Liverpool. Gailhac confirma a descrição feita pela Madre Saint-Félix sobre a Madre Saint-Dominique - a esperança da nova missão, tão saudável, tão vigorosa, tão alegre! Foi para ele ocasião de lembrar que “os desígnios de Deus são impenetráveis” e que os planos humanos são frágeis e incertos. Confessa à Madre Sainte-Croix que desejaria estar com ela, no meio das suas religiosas, chorando esta querida filha e consolando as outras. Não obstante, com grande espírito de fé, o fundador pode escrever:

*Tenho a firme confiança de que esta prova atrairá novas graças sobre a recém-nascida missão. A nossa querida filha está no céu com todas as outras. Unida aos santos, vai interceder por nós<sup>22</sup>.*

Quantas vezes Gailhac lembrara às irmãs que só através da cruz se pode fazer o bem! Cabe à Madre Sainte-Croix ajudar a comunidade a compreender e integrar esta experiência, com fé e paz profundas. A cruz tinha marcado a tentativa da fundação em Callan, tinha sido visível nas doenças e primitiva pobreza da comunidade de Lisburn, tinha acompanhado as irmãs na sua viagem para o Porto. Mas talvez nunca, como em Liverpool, a cruz marcasse tão claramente, uma nova fundação das RSCM. A morte da Madre Saint-Dominique era na

---

20. O certificado de óbito refere que ela morreu vítima de uma amigdalite, isto é inflamação da garganta. Arquivos SCM, Província Anglo-Irlandesa Caixa D5e.

21. *Brief Histories*, 16. Há uma certa divergência acerca da data da morte da M. St. Dominique. Se o barco ancorou a 22 de Junho, como estava previsto, então a irmã morreu no dia da chegada. Porém o Grande Registro N.º 71, e a pedra tumular da M. St. Dominique, no cemitério Ford de Bootle, tem o dia 21.6.1872 como data da sua morte. O certificado de óbito tem a data de 23.6.1872.

22. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/28/VI/72.

verdade a semente lançada à terra e morrendo para que outros tivessem vida, através dos trabalhos de suas irmãs, na Inglaterra.

### **Antecedentes da vila de Bootle**

Antes da abertura da escola, as religiosas têm pouco mais de um mês para chorar a sua querida irmã, para se adaptarem ao local e se familiarizarem com a nova realidade. Mas qual é exatamente esta realidade social, eclesial e educacional na qual se encontra agora a comunidade de Bootle?

A vila de Bootle atravessava um período de grande crescimento. No princípio do século XIX, esta vila, mais velha que Liverpool, na fronteira sul, era usada como estância de águas para as famílias ricas da área. A sua linha de praia era matizada de residências luxuosas e as suas nascentes frescas forneciam água à cidade de Liverpool<sup>23</sup>.

Apesar de, na década de 1840, a população ser pequena, o número de católicos era suficiente para permitir a construção de uma igreja em 1845. Esta igreja, a Igreja de Saint-James, estava situada em Marsh Lane e Saint James Place, um local em Bootle que, em meados do século, era ainda descrito como “terras limítrofes, salpicadas aqui e ali com belas quintas e pomares e com algumas casas nobres, orgulhosamente erguidas nas suas propriedades”. Três anos mais tarde, em 1848, era construída uma escola junto da Igreja<sup>24</sup>.

A vila de Bootle mudou drasticamente na segunda parte do século XIX<sup>25</sup>. Como as docas de Liverpool se estendiam até à região de Bootle e como a rede de caminhos de ferro se desenvolveu mais, muita gente – a maior parte irlandeses que fugiam do país atacado pela fome - se deslocava para norte de Liverpool, na direção de Bootle, procurando emprego. Reflectindo sobre um tal aumento de população, um dos membros do conselho municipal concluía que, por causa da presença

- 
1. *Official Handbook of Bootle*, (Liverpool: Littlebury Bros., 1971) 64-68.
  2. Ver o opúsculo do *Church of St. James Centenary 1845-1945* (LiverpoolKilburn Ltd., 1945) 2-4.
  3. Segundo os recenseamentos, a população de Bootle era de 500 habitantes em 1801, 2.000 em 1841, 4.000 em 1851, 6.400 em 1861, 16.200 em 1871, 27.400 em 1881, 49.200 em 1891, 58.600 em 1901. Ver W.E. Marsden, "Social Environment in a Merseyside Town 1870-1900", encontrado em Phillip McCann, (ed.), *Popular Education and Socialization in the Nineteenth Century* (London: Methusen and Co. Ltd, 1977) 193-230. (Referências posteriores Marsden).

dos trabalhadores das docas e dos operários não especializados “...o caráter do distrito mudara completamente e a sua população se tornara estritamente urbana”<sup>26</sup>.

Com receio de que a cidade de Liverpool viesse a anexar a vila de Bootle, um grupo de cidadãos importantes pediu à Rainha Vitória que reconhecesse Bootle como pequena cidade independente. Isto foi concedido em 30 de Dezembro de 1868<sup>27</sup>.

Uma das primeiras preocupações do conselho municipal foi atender às condições de insalubridade e de excessiva população, na cidade, o que tinha como resultado a tifoide, o tifo, as bexigas, a cólera e outras doenças infecciosas e endêmicas<sup>28</sup>, e a mortalidade infantil até aos cinco anos, que era assustadora<sup>29</sup>.

### **Reações ao Decreto sobre Educação de 1870**

Um outro desafio que teve de enfrentar o novo conselho municipal foi uma lei que viria a ter enorme repercussão na Inglaterra e profunda influência na presença apostólica das RSCM, naquele país - o Decreto sobre Educação, de 1870. Escolas não mantidas pelo Estado, geralmente patrocinadas pelas igrejas, existiam já antes da saída deste decreto. Havia cinco escolas deste tipo em Bootle, três da responsabilidade da Igreja da Inglaterra ( Sainte-Mary's em 1833, Saint-John's em 1864 e Christ Church em 1866) e duas patrocinadas pela Igreja Católica (Saint-James e Saint-Alexander's). Este projeto de lei de 1870 tornava a educação obrigatória para crianças entre os cinco e os treze anos e submetia as escolas já existentes a regimes considerados perigosos e intrusos.

Os Católicos de todas as classes de Liverpool fizeram resistência

---

26. *Relatório Trienal do Conselho Escolar de Bootle 1885-1888*. Estes relatórios referências posteriores Relatório Trienal, encontram-se na coleção histórica local de Bootle Public Library.

27. Pat Herington, *Bootle in Times Past* (Chorley, Lancashire: Countryside Pub., 1979) 16.

28. *Ibid.*, Existe um estudo excelente acerca dos efeitos do meio ambiente de Bootle sobre as crianças da vila e os esforços para o melhorar. Millicent Regan, *Children of Bootle: A Socic- Medical History* (Bootle, 1968). (Referencias posteriores *Children of Bootle*).

29. Marsden diz que “a mortalidade infantil em Bootle, em 1879, era 55% do total de mortes e subiu para 70% durante a epidemia infantil da diarreia”, 198.

ao projeto de lei e manifestaram a sua oposição, por uma resolução tomada numa das suas reuniões, em Março de 1870:

*Sendo a religião a base da verdadeira educação, esta assembleia defende que qualquer sistema que tenda a secularizar a educação não pode ser aceite pelos católicos deste país*<sup>30</sup>.

A oposição dos Católicos só declinou quando este projeto de lei foi alterado, permitindo a instrução religiosa nas escolas, em tempos determinados. O bispo de Liverpool explica a situação numa carta pastoral datada de 11 de Setembro de 1870:

*As nossas escolas não serão lesadas por se abrirem a qualquer denominação religiosa nem pelo fato de serem de lado tempos especiais para a instrução religiosa*<sup>31</sup>.

Em Bootle foi eleito, em Dezembro de 1870, um conselho escolar para dar cumprimento às cláusulas do decreto. É interessante notar que as profissões dos membros eleitos os identificam com a classe influente e rica da comunidade<sup>32</sup>. Mais tarde, o conselho escolar parece basear-se na representação por igrejas<sup>33</sup>.

Com os juros dos impostos dos contribuintes, a prioridade do conselho escolar era utilizar ao máximo as escolas já existentes, antes de ser forçado pelo governo britânico, a aceitar a imposição de construir e operar em grandes e dispendiosas escolas<sup>34</sup>. Um primeiro passo era analisar as escolas existentes em Bootle e estabelecer a quota de ocupação ou “acomodação”. Na reunião de 11 de Fevereiro de 1871, a escola de Saint-James era avaliada como tendo lugar para trezentas crianças, embora a frequência, no dia do relatório, fosse apenas de oitenta e oito<sup>35</sup>. Assim, parece que no princípio, o número de crianças que frequentava as escolas, era consideravelmente inferior ao número

---

30. Thomas Burke, *Catholic History of Liverpool* (Liverpool: C. Tinling & Co. Ltd., 1910) 188.

31. *Ibid.*, 189-190.

32. Entre os membros contavam-se um mestre de estivadores, um procurador, um capitão de navio mercante, um corretor de algodão, negociantes de madeiras de construção, cereais e vinho, um gerente de uma companhia de madeiras e um armador. Ver Actas do Conselho escolar (5.12.1870 10.11.1876), 17. É um manuscrito encontrado no local da coleção histórica de Bootle Public Library.. (Referências posteriores Actas do Conselho Escolar).

33. Em 1894, por exemplo a comissão tinha 3 Igrejas da Inglaterra, 3 Não Conformistas e 3 Católicas, uma das quais era a paróquia de St. James. Relatório do Conselho Escolar.

34. Marsden, 199. Duas escolas comunais foram finalmente construídas em 1885 e mais duas, nos anos de 1890.

35. Actas do Conselho Escolar, 17.

de lugares de que estas afirmavam poder dispor. Esta situação mudou, todavia, quando o código foi revisto e a frequência fixada com base aproximadamente em um aluno por metro quadrado, quer nas salas em geral, quer nas salas de aula<sup>36</sup>. Nestas circunstâncias, a escola de Saint-James, como muitas outras, viram o número dos seus alunos diminuir consideravelmente. Descrita em 15 de Março de 1871, como tendo uma área de setenta e quatro metros quadrados, oficialmente a sua capacidade foi fixada em cem alunos. Apesar da frequência então ser de noventa e oito crianças, estavam inscritas cento e oitenta, quase o dobro da capacidade permitida<sup>37</sup>. Depressa se tornou evidente que a escola de Saint-James teria que aumentar as suas instalações e, por conseguinte, poderia reivindicar a oportunidade de educar as suas crianças católicas.

A concordância gradual dos cidadãos com a obrigatoriedade escolar, exigida pelo Decreto de 1870<sup>38</sup>, tornou necessária a expansão das escolas existentes ou a criação de outras escolas mantidas pelo governo.

O conselho escolar enviou circulares a todos os pais que ainda não tinham expresso a sua concordância. O estilo da circular era claro e direto:

*Informamos que, dentro de catorze dias, a partir da recepção deste ofício, é intimado a mandar à escola os seus filhos ou filhas, entre os cinco e os treze anos de idade, e a fazê-los continuar a frequentar a Escola Primária<sup>39</sup>.*

De princípio, os membros do conselho escolar convidavam os pais a “selecionar a escola na qual desejavam que os seus filhos fossem educados”<sup>40</sup>. Alguns preferiam inscrevê-los na escola chamada “Escola Experimental Privada” que já existia, antes do conselho escolar distrital estar habilitado a proporcionar às crianças lugares suficientes nas salas de aulas. Em Março de 1871 contavam-se vinte e duas escolas desse tipo. Ordinariamente tomavam o nome do diretor (por exemplo, Mrs.

---

36. *Ibid.*

37. O número de inscrições na escola de St. James era, em 15.3.1871, 26 entre os 3 e os 5, 148 entre 5 e 13 e 6 entre 13 e 21. Actas do Conselho Escolar, 20.

38. Eventualmente, o conselho escolar, teria feito planos para um dado número de lugares, calculando que 1/6 da população total era de idade escolar elementar. *Relatório Trienal 1888- 1891*, 9.

39. Actas do Conselho Escolar, 29.

40. *Ibid.*

Cross, Breeze Hill doze inscrições ou Mrs. Worthington's, Derby Road, vinte e quatro inscrições). O conselho escolar distrital desejava fechar estas escolas, porque em geral o número de inscrições não representava uma frequência suficiente, os espaços eram inadequados para ações escolares e o "diretor" não era muitas vezes qualificado<sup>41</sup>.

O mais comum era orientar as crianças para a escola da sua crença religiosa para permanecerem na sua própria paróquia ou área de residência. Era este particularmente o desejo dos Católicos. Escrevendo ao conselho escolar distrital, a 18 de Janeiro de 1872, o Padre Edward Powell, da Escola Católica de Saint-Alexander, dizia:

*Posso acrescentar que é desejo do nosso Bispo que todas as crianças católicas frequentem a escola da sua paróquia. Será um grande auxílio para cada sacerdote saber quem frequenta a escola e quem não frequenta. Peço-lhe, portanto, o favor de informar as suas repartições de que devem enviar para a escola Saint-Alexander, apenas as crianças pertencentes a esta área<sup>42</sup>.*

O Padre Powell continuava, indicando os limites da sua zona - desde o Dolphin Hotel e Laudy Lane até ao canal, no lugar do Coffee House Bridge e até ao Centro de Merton Street e Breeze Hill. Depois acrescentava: "Como a Nova Escola Father Kelly's estará brevemente concluída, bem depressa haverá amplas instalações para todos os que vivem do outro lado daqueles limites"<sup>43</sup>. Não há dúvida de que o Padre Kelly, ansioso por alargar a capacidade da sua escola, com uma nova construção, desejava também dotá-la com um excelente corpo docente de religiosas educadoras. E aproveitava a carta de 6 de Novembro de 1871, para pedir formalmente ao seu bispo que convide as Religiosas do Sagrado Coração de Maria para a sua diocese:

*A minha nova escola está crescendo rapidamente e elas podem vir no início do próximo ano. Espero então que Vossa Excelência leve para a frente tal projeto, que será do maior interesse para esta missão<sup>44</sup>.*

---

41. *Ibid.*, 20-21 Estas foram diminuindo gradualmente e quase se extinguiram no fim do século, quando as Escolas Comunais começaram a aparecer como complemento às escolas públicas elementares. Ver *Relatório Trienal 1891-1894*, 9. Em 1884 havia 434 crianças em 22 destas escolas, enquanto que em 1894 havia apenas 75 crianças em 3 escolas.

42. Actas do Conselho Escolar, 130-131.

43. *Ibid.*

44. Thomas Kelly a Goss, 6.11.1871, *Proc. ap.*, 6380.

Esta nova escola com a área aproximadamente de cento e sessenta metros quadrados, podia acomodar umas duzentas crianças e ficou sendo a escola das meninas. No ano seguinte foram construídas novas salas de aula na junção da antiga e da nova escola<sup>45</sup>.

Ainda que o Decreto sobre Educação estipulasse que todas as crianças das diferentes denominações religiosas eram livres de frequentar qualquer escola elementar, parece que o conselho escolar distrital foi cedendo gradualmente ao pedido reiterado pelo Padre Powell. O relatório do conselho escolar, citando embora o fato de ainda haver lugares livres na escola de Saint-James, acrescenta: “ ... mas esta escola satisfaz apenas as exigências das crianças da fé católica”. O mesmo se diz da escola de Saint-Alexander<sup>46</sup>. Assim, enquanto as outras escolas em Bootle tinham áreas definidas, os Católicos da localidade estavam divididos em dois grupos - os do Norte, indo à escola de Saint-James, e os do Sul frequentando a escola de Saint-Alexander<sup>47</sup>.

Os mais sórdidos e miseráveis bairros das docas situavam-se na zona sul de Bootle, onde a população era predominantemente católica<sup>48</sup>. Apesar da escola de Saint-Alexander ser mais central para os Católicos desta área, parece não haver dúvidas de que as crianças católicas dos operários não especializados e dos trabalhadores das docas vinham também progressivamente da zona norte da área dos estaleiros, a seção servida pela escola de Saint-James.

Os costumes da população desta área tombam difícil a imposição da escolaridade obrigatória. Em 1870, antes da chegada das RSCM, apenas trinta e três por cento das crianças inscritas em Saint-James frequentava a escola durante um mês, em média. No ano seguinte a frequência aumentou, mas apenas para trinta e oito por cento<sup>49</sup>. Em 1872, no ano em que as RSCM chegaram a Bootle, o conselho escolar distrital nomeou um, dois, quatro e eventualmente seis funcionários, chamados visitantes das escolas, cada um na sua própria área. Era um

---

45. *Catholic Family annual almanac for the Diocese of Liverpool 1884*, 20.

46. *Relatório Trienal 1888-1891*, 10-11.

47. Marsden, 202. 48.

48. *Ibid.*, 203.

49. *Actas do Conselho Escolar*, 295.

esforço por melhorar a tendência para uma frequência superior. As suas funções encontram-se descritas na acta do conselho escolar:

*A sua primeira obrigação é ver que na respectiva área todas as crianças, em idade escolar, se inscrevam em alguma escola. Além disso, passam grande parte do tempo visitando as casas dos alunos de frequência irregular, indo de casa em casa, preparando e dando contas à comissão e aos encarregados de fazer observar a lei<sup>50</sup>.*

Embora as atas da Comissão de Frequência Escolar nos dêem uma vaga ideia dos abusos a que foram submetidos estes visitantes das escolas, à medida em que percorriam a região<sup>51</sup>, a verdade é que a frequência aumentou consideravelmente em todas as escolas de Bootle, durante as décadas seguintes<sup>52</sup>. Apesar disso, o problema persistiu em alguns bairros, levando o conselho escolar distrital a refletir na relação entre frequência escolar e o meio social:

*O trabalho irregular dos operários não especializados, isto é, de grande parte da classe operária, bem como a falta de manufaturas para emprego de mulheres e jovens, resultam em hábitos de ociosidade, com as suas consequências. Mais ainda, a classe dos marinheiros é muito numerosa e a natureza do seu trabalho e costumes leva a grandes irregularidades, em suas casas. Por conseguinte, a dificuldade de assegurar uma frequência escolar pontual e regular, por parte de grande número de crianças, é muito maior do que nos casos em que a maneira de viver é mais estável<sup>53</sup>.*

Tal é a realidade que as religiosas encontram ao chegar a Bootle no verão de 1872. E, quase imediatamente após a sua chegada, as irmãs que deviam ensinar na escola Saint-James, começam a estudar para obter o certificado de professoras, exigido pelas escolas subsidiadas pelo governo. Numa carta à superiora, Gailhac insiste:

*Quero que a minha filha e as suas religiosas se organizem de tal maneira que em cada dia tenham tempo suficiente para, não só não esquecerem aquilo que sabem, mas para o desenvolverem. Devem esforçar-se em todos os aspectos do ensino<sup>54</sup>.*

---

50. *Relatório Trienal 1881-1891*, II.

51. Actas de Comissão de Frequência Escolar, 11.7.1884-10.9.1886, manuscrito encontrado no local da colecção histórica de Bootle Public Library.

52. A frequência real das crianças inscritas na Escola de St. James, por exemplo, era 70% em 1877, 79% em 1888, 83% em 1896. Ver Marsden, 212.

53. *Relatório Trienal 1885-1888*, 6.

54. Gailhac à M. St. Eugène, GS/4/VII/72/A.

Eventualmente, três das religiosas são destinadas ao estudo, tendo de fazer exames oficiais<sup>55</sup>. A Madre Saint-Félix registra os resultados. “Deus abençoou a sua boa vontade e aplicação. Passaram e, legalmente, tudo estava em ordem”<sup>56</sup>. Com o aumento de inscrições, tornam-se necessárias mais professoras e, por isso, outras irmãs são enviadas para Bootle a fim de prepararem os seus certificados de ensino. Escrevendo a uma irmã que negligenciava o estudo e que dissera que bastava saber ler, Gailhac exprime o seu pensamento com muita clareza:

*A Regra ordena que todas as Religiosas do Sagrado Coração de Maria estudem constantemente, para poderem realizar qualquer trabalho que lhes seja confiado*<sup>57</sup>.

Para a continuação da escola necessário se tornava que as professoras fossem profissionalmente competentes, pois de acordo com a prática conhecida como “pagamentos segundo os resultados”, todo o subsídio do governo, (incluindo salários) era baseado no número de aprovações e na medida de frequência. Os inspetores que notassem pouco aproveitamento das crianças, podiam recomendar uma diminuição do subsídio concedido à escola. Dado tal sistema, não era de admirar que o estipêndio dos professores qualificados fosse insuficiente, especialmente nas escolas onde a maior parte das crianças era muito pobre e a frequência irregular. Marsden conclui o seu estudo do meio social, em Bootle, com a observação de que, em alguns casos até a “respeitável classe trabalhadora e a classe média baixa começaram a apreciar a educação ...como meio de promoção e oportunidade para melhorar os seus empregos”. Estes dois grupos procuravam então defender-se do “...contágio dos mais pobres que começavam a entrar no sistema de educação”<sup>58</sup>.

Isto acontecia também na escola de Saint-James. O pároco justificava a abertura, numa seção diferente da vila, de uma Escola Seleta para crianças de um meio social um pouco melhor, explicando: “Os nossos comerciantes desejam que os seus filhos sejam educados

---

55. Estas eram provavelmente M. St. Alphonse Keane (enviada para Bootle em 8.1872). M. St. Basil Davis e M. St. Cyprien Cahill.

56. *Brief Histories*, 16-17.

57. Gailhac a [M. St. Hilarionl , GS/15/XI/74/A, 58. Marsden, 213-226.

em escolas separadas daquelas que são frequentadas pelas crianças mais pobres”<sup>59</sup>. Era árduo ensinar estas “pobres crianças”, cujo progresso, segundo Marsden, era “terrivelmente difícil... [devido à] fatalidade dos pobres pais, com salários de miséria e que nunca poderiam adaptar-se às características burguesas que marcavam o funcionamento da escola elementar”<sup>60</sup>. Ensinar tais crianças requeria preparação profissional e exigia muito amor e muito zelo.

Além de formar o corpo docente da escola de Saint-James, a comunidade começa um externato para meninas, na área do convento. Provavelmente não eram exigidos certificados às suas professoras, já que esta escola não era apoiada pelo governo. Ela diferia das muitas Escolas Experimentais Privadas, que existiam em 1872, em que o programa de estudos era organizado para alunos acima da idade escolar elementar. Uma escola privada semelhante, para meninas, existia em Bootle, nos princípios de 1870<sup>61</sup>, mas o externato dirigido pelas religiosas era provavelmente a única escola acessível a meninas católicas da vila.

---

58. PRO.N.I. ED File 21/9080 (Referências posteriores Marsden,) 208.

59. Marsden, 226.

60. Esta era dirigida pelas, Misses Donaldson. Esta escola para meninas dava cursos de Latim, Francês, Alemão, Ciências e Música. As alunas internas pagavam 48 Guinéus [21 xelinsj por ano. Os rapazes da área podiam frequentar a escola Merchant Taylor, em Crosby. Nos anos de 1880 abriu o Bootle College. Ver *Children em Bootle*, 14.



## **Conduzindo as primeiras Fundações (1872-1873)**

### **Função da Madre Sainte-Croix em Bootle**

A Madre Sainte-Croix interessa-se ativamente pelo sistema educacional inglês e pela preparação das religiosas, como boas professoras. Com efeito e, como já foi dito, ela era educadora experiente, antes de entrar na comunidade. Uma vez que as irmãs estão bem seguras no ensino, na Escola de Saint-James para crianças pobres e designada como escola-missão, a Madre Sainte-Croix começa os preparativos para uma escola secundária em Bootle, para alunas que pudessem pagar. Não é certo o dia em que este externato começou nem quando chegaram as primeiras alunas internas, mas a verdade é que, em Outubro de 1872, já havia algumas, pois Gailhac, dirigindo-se à superiora local, sua sobrinha, dizia-lhe que vigiasse bem “não só as alunas internas, como as externas e a escola-missão”<sup>1</sup>.

As responsabilidades da Madre Sainte-Croix estendem-se, todavia, muito para além dos limites da educação. E vem à Inglaterra com um tríplice objetivo: orientar as superiores de Bootle e de Lisburn, estimular as religiosas nestas primeiras fundações e fomentar vocações nesta área. As suas atividades de Junho de 1872 a Setembro de 1873, podem ser reconstituídas, tanto pela própria correspondência como, indiretamente, através de cartas e respostas que ela recebe, durante o tempo que passa na Inglaterra e Irlanda<sup>2</sup>.

---

1. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/9/X/72/A.

2. Com poucas exceções, as suas cartas ao fundador, nas quais deve ter descrito em pormenor as primitivas comunidades, parece não existirem. É possível que Gailhac tenha destruído algumas cartas para ele, de natureza pessoal.

## A primeira viagem da Madre Sainte-Croix a Lisburn

Algumas semanas depois da sua chegada a Bootle, a Madre Sainte-Croix faz a sua primeira visita a Lisburn. E muito feliz a ocasião desta primeira visita. Três noviças devem fazer a primeira profissão<sup>3</sup>. Gailhac autorizara-a a admitir à profissão aquelas que estavam determinadas a ser boas religiosas, dispostas a obedecer e a trabalhar com zêlo. “Eu admito aquelas que aí admitir”<sup>4</sup>, escreve-lhe ele. Esta confiança no bom senso da superiora geral é evidente em toda a correspondência de Gailhac com a Madre Sainte-Croix, quer em pequenas quer em grandes coisas.

A cerimônia da profissão, a primeira a ter lugar fora da Casa Mãe, é celebrada em 16 de Julho de 1872. O bispo de Down and Connor é solicitado para presidir à celebração e muitos sacerdotes e amigos são convidados. A autora dos *Annales* descreve pormenorizadamente o acontecimento. O Doutor Dorrian chegou ao convento às oito horas, entrevistou cada uma das três noviças individualmente e depois celebrou Missa. Após o sermão, foi testemunha dos votos das noviças. A cerimônia terminou com a Bênção, seguida do almoço para o bispo, sacerdotes e outros convidados<sup>5</sup>.

A Madre Sainte-Croix representa o Instituto e em seu nome recebe os votos, nesta profissão. A sua correspondência anterior mostra que conhecia muito bem as três noviças - Madre Sainte-Colomban Darcy, Madre Ignace Banim<sup>6</sup> e Madre Saint-Sebastien Davis. Por isso a sua presença deve ter sido profundamente apreciada. E fica em Lisburn cerca de duas semanas, regressando depois a Bootle, com duas religiosas para as escolas<sup>7</sup>.

- 
3. Antes de 18.5.1871, as religiosas faziam votos perpétuos imediatamente depois do noviciado, mas depois dessa data começaram a fazer votos temporários por cinco anos . Algumas eram enviadas para as comunidades, mesmo antes da primeira profissão, pois segundo a lei em França, tinham que ter vinte e um anos antes de fazerem votos. Isto explica que as “noviças” fossem enviadas para as fundações, antes da profissão.
  4. Gailhac à M. Ste. Croix GS/10/VII/72/A. 5.
  5. *Annales*, 34-35, *Proc. Ap.*, 4328-4329.
  6. O Grande Registro, n.º 84 indica o dia 15.8.1873 como data da primeira profissão de M. St. Ignace Banim, mas todos os relatos e correspondência mostram que ela tinha professado em Lisburn, no dia 16.7.1872. Talvez ela tivesse tido uma licença especial para fazer os votos antes de completar os vinte e um anos e a data oficial fosse retardada.
  7. E natural pensar que estas eram a M. St. Basil Davis e M. St. Ignace Banim porque há referências delas em Bootle, em Novembro de 1872. Ver Gailhac à M. Ste. Croix, GS/11/XI/72/A.

Um incidente ocasional exprime bem a atitude da Madre Sainte-Croix para com as irmãs e a suavidade e firmeza com que orienta a superiora. A Madre Saint-Patrice, superiora em Lisburn, queria que a superiora geral levasse também com ela para Bootle a Madre Raphael Cahill, pois esta irmã doente parecia ter-se tornado um peso difícil na comunidade. A resposta, por escrito, a este pedido é firme, mas isenta de qualquer apreciação:

*E ela [a Madre Raphael] causa de escândalo real para a comunidade? Isto seria uma razão legítima, mas não penso que tal razão exista. Tornou-se excêntrica? É possível, mas assim, ela dá-lhe a ocasião de praticar a gentileza, a paciência e o espírito de tolerância. Será por estar doente e a sua saúde exigir cuidados e preocupações? Oh! minha muito querida filha, como se deve sentir feliz por exercer a compaixão e a caridade com uma das suas irmãs, membro padecente do seu esposo celeste. Quantas graças nos atraem as doenças! Tem medo que ela morra ou que não aceite a vontade de Deus? Não, minha filha, não tenha medo. Sem dúvida, até os santos temeram este momento terrível. Jesus quis experimentá-lo para se solidarizar com a nossa fraqueza, mas ele está conosco nessa hora. Ceder ao seu pedido, minha querida filha, seria tornar-me gravemente culpada diante de Deus. E custe o que custar eu nunca consentirei em abreviar, de um dia que seja, a vida que Deus reserva a cada uma das minhas queridas filhas. A minha consciência e o meu coração não o consentem. O clima de Liverpool seria fatal para ela, e o de França ainda pior<sup>8</sup>.*

Apesar da sua estada em Lisburn ser breve, a Madre Sainte-Croix depressa se apercebe de que nem tudo corre bem. A resposta de Gailhac a uma sua carta, reflete inquietação: “Lisburn preocupa-me. Quando as bases não estão bem assentes é difícil que tudo seja como se quer”<sup>9</sup>. Gailhac estimula a Madre Sainte-Croix a escrever-lhe quando precisar dos seus conselhos, a dizer-lhe tudo o que ela julgar necessário, prometendo-lhe resposta a todos os seus problemas<sup>10</sup>. Mas a superiora geral não é específica na carta seguinte e Gailhac teme que ela minimize as dificuldades em Lisburn, por consideração para com ele. É muito possível que a Madre Sainte-Croix tenha comunicado de princípio, algumas frustrações acerca desta comunidade, pois ele escreve,

---

8. M. Ste. Croix à M. St. Patrice 28.8.1872. Arq.hist./Cong., Vol. II-D, 55.

9. Gailhac à M. Ste. Croix GS/23/VII/72/A.

10. *Ibid.*

lembrando-lhe a carta de S. Paulo aos Coríntios, cheia de estímulo, de maneira a tornar claro que eles, Madre Sainte-Croix e ele mesmo, são co-fundadores desta comunidade em Lisburn e corresponsáveis por ela:

*A semente que alguém semeia, a árvore tenra que alguém planta não dão fruto imediatamente. Têm que passar por diferentes fases para atingir o seu desenvolvimento, chegar à perfeição e produzir flores e frutos. Como pobres instrumentos que somos, nós semeamos, plantamos e regamos. Porém, só Deus dá o crescimento...*<sup>11</sup>

Só Deus é fonte de todo o bem, continua ele. Não podemos gloriar-nos de nada. Toda a glória deve ser dada a Deus só. Nós somos instrumentos inúteis, escolhidos por Deus para procurar a sua glória e a salvação das pessoas. Mas ao mesmo tempo, Gailhac anima a Madre Sainte-Croix a continuar a trabalhar com zelo. “Deus quer que nos apliquemos aos trabalhos que nos confiou, como se tudo dependesse dos nossos esforços”<sup>12</sup>.

O fundador tencionava visitar a nova fundação de Bootle, em meados de Agosto de 1872, mas a sua falta de saúde força-o a adiar esta viagem. Também a sua esperança de ir à Inglaterra no Inverno de 1873, se não pode concretizar<sup>13</sup>. E ele está ansioso pelo regresso da Madre Sainte-Croix à Casa Mãe, já porque ela lhe faz muita falta, já porque a saúde dela é a sua preocupação constante. Compreendendo, ao mesmo tempo, que era impossível para ela viajar frequentemente entre Béziers e a Inglaterra, ele pede-lhe que, antes de partir se assegure de que tudo corre bem nas duas comunidades e que todas têm “bom espírito”<sup>14</sup>. Consciente dos desejos de Gailhac, a Madre Sainte-Croix pensa regressar a Béziers em fins de Agosto ou meados de Setembro de 1872, mas depressa se apercebe de que a sua missão não fora ainda cumprida<sup>15</sup>.

---

11. Gailhac à M. Ste. Croix GS/28/VII/72/A.

12. *Ibid.*

13. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/23/VII/72/A.

14. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/15/VIII/72/A.

15. Parece que a M. Ste. Croix preferiu viajar por mar “Je préfère la voie de mer et le Lotus partira de Liverpool le 30 Août et le 21 Septembre”. Ver M. Ste Croix à M. Sacre Coeur 9.8.1872, Arq.hist ./Cong., Vol. II -D, 51.

## Formação da “Querida Superiora” de Bootle

Logo nos primeiros meses se apresenta difícil a situação de Bootle. As duas irmãs coadjuvadoras francesas não se sentem felizes e são um problema para a comunidade. O problema maior, porém, é a sobrinha do fundador, Madre Saint-Eugène Granier, a “querida superiora” como Gailhac lhe chama. Parece evidente que esta religiosa não tem muitas das qualidades necessárias a uma superiora, nos primeiros tempos de uma comunidade. No entanto, os seus superiores devem ter previsto algumas dificuldades, uma vez que a conheciam bem. Desde muito criança fora aluna do internato de Béziers<sup>16</sup>. Ao que parece, nunca pode dominar a língua inglesa, apesar da insistência constante de Gailhac em que a estudasse, para poder apresentar-se, receber os pais das alunas e tornar-se útil nas escolas. Ao mesmo tempo parecia muito tímida e isto era algumas vezes interpretado como indiferença ou até como indolência, o que para Gailhac era mais deplorável. Era também muito difícil para ela comunicar com a sua assistente, Madre Saint-Joseph de Koka<sup>17</sup>, e tinha uma certa aparência de frieza para com a comunidade.

Gailhac esforça-se por ser objetivo neste ponto. Em Agosto de 1872 exprime duas vezes o receio de que a falta de energia da superiora possa impedir o progresso da fundação. Se ela não puder vencer a sua timidez, escreve ele, os seus superiores ver-se-ão forçados a substituí-la. Se a Madre Sainte-Croix entendesse que a Madre Saint-Eugène não era capaz, aquela estava autorizada a organizar as coisas de outro modo, “pois, acima de tudo, Deus e a Sua glória...”<sup>18</sup>

---

16. Marie Jeanne-Francoise Granier (Francille) era filha da irmã de Gailhac, Anne Louise, cujo marido François Granier, morreu com a idade de 27 anos, menos de dois meses depois do casamento. Francille nasceu em Béziers cerca de oito meses mais tarde, em 4.4.1842. É a segunda aluna inscrita no Registre du Pensionnat du Sacré Coeur de Marie, que começou em 1851. Arq. hist./Cong., Vol. IV-A, 37-40 e 47.

17. Esta encontra-se também no Registre du pensionnat de Sacré Coeur de Marie, para o ano letivo 1862-63, como Mlle. Narcise de Coca, de Barcelona. Entrou no noviciado a 5.6.1870 com o nome de M. St. Joseph. Ver Registre des Prises d’Habit des RSCM de Béziers 1850-1870, Arq. hist./Cong., Vol. II-A. 38. Esta irmã não fez votos perpétuos e deixou a comunidade antes de 3.1.1877, quando o seu nome foi dado a M. St. Joseph Pancada. A nota seguinte ao seu nome no Registre du Pensionnat de Sacré Coeur de Marie indica “Religieuse en Espagne” o que faz supor que ela deixou as RSCM e entrou numa comunidade no seu país. Ver Arq. hist./Cong., Vol IV- A, 47.

18. Gailhac à M. Ste. Croix CS/6/VIII/72/A e GS/22/VI11/72.

Por outro lado, é evidente que Gailhac está determinado a fazer da Madre Saint-Eugène uma superiora perfeita, e as muitas cartas que lhe escreve, provam-no bem. Ele admite, em carta à Madre Sainte-Croix, que a Madre Saint-Eugène é ainda muito criança e reconhece que é motivo de grandes preocupações para a superiora geral<sup>19</sup>.

Escrevendo à Madre Saint-Eugène compara-a com o profeta Jeremias, mas aconselha-a a que não diga que é muito criança, pois aos trinta anos de idade já ninguém é criança. O que pode faltar é a experiência. Agora ela tem uma missão a cumprir. Agindo através dos seus superiores, Deus escolheu-a para ser uma superiora, uma mãe<sup>20</sup>.

O papel da superiora para Gailhac era, dentro da vocação, uma outra vocação com graças e responsabilidades especiais. E resume-a em dezesseis pontos que envia à sobrinha, a 1 de Agosto de 1872. Ela deve ser calma, refletida, imparcial, um modelo para todas as suas irmãs<sup>21</sup>. Mais tarde escreve perguntando-lhe qual o seu comportamento em quinze áreas específicas<sup>22</sup>. E pede à Madre Sainte-Croix que reflita com ela as cartas dele e que reforce as suas observações com avisos práticos: “Faça tudo o que lhe parecer melhor. Eu aprovo tudo o que fizer, pois quem aí está é que sabe o que é melhor”<sup>23</sup>.

Pode perguntar-se se a Madre Sainte-Croix, com o conhecimento intuitivo que tinha das pessoas, confiava em que a Madre Saint-Eugène pudesse vir a ser uma boa superiora. Como francesa que era, talvez compartilhasse os seus sentimentos e dificuldades quanto à língua inglesa, mas estava ela convencida de que a superiora poderia no futuro inspirar e servir a comunidade? Se ela própria, por ventura, permanecesse em Bootle, pensaria ela, talvez pudesse ajudar ao desenvolvimento da Madre Saint-Eugène. Pode no entanto estar certa de que fez o que pode.

A Madre Sainte-Croix deve ter-se apercebido, desde o princípio, de que Gailhac desejava que a Madre Saint-Eugène fosse uma Religiosa do Sagrado Coração de Maria capaz de ser superiora. O seu amor pela sobrinha era evidente. Numa das suas cartas escreve-lhe:

---

19. Gailhac à M. Ste. Croix GS/13/IX/72/B.

20. Gailhac à M. St. Eugène GS/8/VIII/72/B. Deve notar-se que ambas, a M. Sacré Coeur e a M. St. Patrice, eram novas (27 e 26 anos respectivamente) quando foram nomeadas superioresas.

21. Gailhac à M. St. Eugène, GS/1/VIII/72/A.

22. Gailhac à M. St. Eugène GS/13/IX/72/A.

23. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/6/VIII/72/A.

*Ó minha filhinha de quem cuidei desde o nascimento! Deus, que a privou do seu pai natural, ainda mesmo antes de vir ao mundo, quis que me ficasse tão unida logo ao nascer, que eu pudesse servir-lhe de pai. A minha filhinha sabe como tenho sido solícito para consigo, sabe os cuidados que lhe dispensei na sua juventude e como nada negligencie para a ajudar a corresponder aos desígnios de Deus<sup>24</sup>.*

A Madre Sainte-Croix, por sua vez, faz todo o possível por estimular a Madre Saint-Eugène a falar o inglês, ajudá-la a ser menos tímida e mais aberta com a comunidade, com as crianças e seus pais, e a partilhar mais com a sua assistente, Madre Saint-Joseph. Apesar de o sucesso ser mínimo, parece que a Madre Sainte-Croix nunca sugeriu formalmente, que ela fosse substituída por outra superiora. De fato, a Madre Saint-Eugène continuaria como superiora, na Inglaterra, até depois da morte do fundador em 1890.

### **Espírito de pobreza - opiniões diferentes**

Um dos maiores desafios, nas primeiras fundações, é a tensão entre viver pobremente, de acordo com o espírito de pobreza, e ter o bastante com que viver cautelosamente. Esta tensão que a Madre Sainte-Croix virá a notar na comunidade de Lisburn, aparece primeiro no Porto. Como vimos, a casa da Travessa da Fábrica do Tabaco, no Porto, era muito pequena e estava situada numa parte insalubre da cidade. Não admira, pois, que alguns meses depois da sua chegada, a Madre Saint-Thomas tenha desejo de procurar um outro local para a escola. Nesse tempo, no Porto, existiam várias escolas no Largo Coronel Pacheco, lugar muito central e saudável<sup>25</sup>. A Madre Saint-Thomas anima a sua irmã Margaret a considerar a mudança da Academia Inglesa para a casa número dois da Praça Coronel Pacheco, que tinha um parque e estava para arrendar<sup>26</sup>. A propriedade consistia

---

24. Gailhac à M. St. Eugène, GS/1/VIII/72/A.

25. *O Almanaque do Porto e seu Distrito*, Porto: a Biblioteca Municipal regista várias escolas nesta mesma rua, durante os anos de 1870.

26. A comunidade não tinha bastante dinheiro para pagar a renda inicial, mas um amigo da comunidade, o P. Richard Van Zeller, emprestou-lhes dinheiro para a renda do primeiro trimestre. Ver *Journal*, 14-15.

numa casa de dois andares, com portão de ferro e um terraço. A leste havia árvores entre o portão e a casa, a oeste, um jardim e a norte da casa, mais árvores e um poço. Além disso, toda a propriedade era murada<sup>27</sup>. Em Setembro de 1872, a comunidade mudava para o novo local, na Praça Coronel Pacheco, e as classes da nova Academia Inglesa começavam a 6 de Outubro.

De princípio, Gailhac mostra-se contente com o fato de a comunidade ter uma casa maior. A anterior não tinha condições que permitissem uma seção reservada às irmãs, o que poderia ter ocasionado uma crescente secularização da comunidade e o que Gailhac criticara na Primavera anterior. Ele espera que, na nova casa, a Regra possa ser mais fielmente observada e as irmãs possam respirar um ar mais puro. Ao mesmo tempo, porém, parece não deplorar a experiência anterior no Porto:

*E certo que, geralmente e sobretudo em países de missão, o Divino Salvador quer que tudo comece como Ele próprio começou e viveu sempre, enquanto esteve na terra. Tais condições não são decerto agradáveis, mas quando as religiosas as abraçam com coragem e amor, Deus derrama sobre elas abundantes graças e leva-as a experimentar consolações espirituais que as compensam amplamente<sup>28</sup>.*

Gailhac depressa se apercebe de que o espírito de pobreza vai enfraquecendo no Porto, pois sabe que um jovem e uma senhora trabalham na casa como empregados. Ele opõe-se e escreve à superiora: “as religiosas não podem viver como senhoras, mas como servas de Deus e da sua obra”<sup>29</sup>. O fundador não cede neste ponto e dá instruções à Madre Sainte-Croix para que escreva à Madre Sainte-Marie, no Porto, dizendo-lhe que ele não consente, sob nenhum pretexto, que rapazes ou leigos trabalhem no interior da casa. As comunidades devem bastar-se a si mesmas e fazer as despesas necessárias<sup>30</sup>.

---

27. A M. Chantal encontrou esta descrição da propriedade nos arquivos de um notário desse tempo. *Por Caminhos Não Andados*, 63. A descrição da nova propriedade da escola, pode também encontrar-se num dos jornais do Porto, a *Primeiro de Janeiro* de 14.9.1873, Porto: Biblioteca Municipal.

28. Gailhac a uma religiosa, GS/20/VIII/72/A. Embora a pessoa a quem esta carta era dirigida não seja mencionada, parece evidente que fora enviada à superiora, nesse tempo, M. Ste. Marie Hennessy.

29. *Ibid.*

30. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/II/IX/72/A.

Apesar de não ter provas evidentes, o fundador parece detectar a influência da Madre Saint-Thomas nesta tendência de empregar pessoas de fora para ajudar na manutenção da casa. Escrevendo para o Porto, refere-se a uma carta anterior escrita pela Madre Saint-Thomas à Madre Sainte-Croix, na qual aquela afirma que são necessárias, pelo menos três irmãs coadjuvadoras para o trabalho em Lisburn, pois "... elas trabalham como escravas"<sup>31</sup>. Escrevendo agora à Madre Sainte-Marie, Gailhac diz que esta frase "as irmãs trabalham como escravas" o entristeceu porque, por ela, se pode introduzir o mau espírito entre as irmãs<sup>32</sup>.

A Madre Saint-Thomas era a religiosa que devia representar um papel central nas primeiras fundações e na formação das respectivas superiores. Por isso nos surpreende ver Gailhac tão crítico acerca da influência que ela então podia exercer. Possivelmente esta tensão reflete a apreensão que ele tinha de que decisões práticas, feitas em circunstâncias locais, pudessem conduzir a uma diminuição da unidade do Instituto<sup>33</sup> e da pobreza, que ele via como vital ao seu espírito<sup>34</sup>.

Este assunto é muito importante, mas pouco claro. Seria a Madre Saint-Thomas motivada, no seu critério, pelo fato de as irmãs serem muito poucas e estarem, por isso, muito sobrecarregadas e com necessidade de ajuda ou, como Gailhac parecia recear, eram as ações da Madre Saint-Thomas indicativas de um estilo de vida mais próprio para senhoras do que para "servas de Deus e da sua obra"?

Semelhantes problemas começam a aparecer em Lisburn, onde a comunidade tem idênticas dificuldades em não gastar mais do que aquilo que possuíam. A Madre Sainte-Croix que tinha estudado as contas mensais das comunidades, acha que são enormes as despesas de Lisburn e adverte a superiora de que a comunidade não pode

---

31. M. St. Thomas à M. Ste. Croix, 3.1.1872, Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 107.

32. Gailhac à [M. Ste. Marie], GS/20/VIII/72/A. A frase "trabalham como escravas" devia ser familiar às irmãs que falavam inglês. Na verdade, Margaret Hennessy emprega a mesma expressão, escrevendo à M. Ste. Croix a respeito das postulantes, no, Porto. Ver a carta de Margaret Hennessy 9. 6 1877, Arq. hist./RSCM, Caixa 8, Pasta 7. Talvez tivesse conotação extrema em francês.

33. M. Chantal refere muito favoravelmente o papel da M. St. Thomas nas fundações de Portugal e admite que, nos primeiros tempos de uma fundação, sobretudo num país estrangeiro, eram possíveis dificuldades imprevistas. Dado o seu temperamento enérgico e decidido, é muito possível que, por vezes, a M. St. Thomas tome decisões por si mesma. Esta tendência deve ter causado ao fundador, algumas preocupações. *Por Caminhos Não Andados*. 53

34. Gailhac à [M. Ste. Marie], GS/20/VIII/72/A.

depende do auxílio da Casa Mãe, pois isto significaria tirar fundos necessários aos pobres de Béziers. O dinheiro que ainda restava da herança da fundadora era para ser usado em novas fundações ou na compra de terreno para as alargar, mas não em subsidiar o estilo de vida das irmãs. “Minha querida filha, acredite em mim. Sem prejudicar a saúde de ninguém, deve haver um pouco mais de pobreza em cada casa religiosa, se quiser ser abençoada por Deus”<sup>35</sup>, escrevera ela à Madre Saint-Patrice. Porém, meses mais tarde, a superiora tem ainda dificuldades financeiras. E pede para usar o dinheiro recebido pela Madre Saint-Sebastien Davis (talvez parte da pensão do noviciado ou dote) para pagar dívidas urgentes da comunidade, mas a Madre Sainte-Croix diz-lhe que precisa dele, pois o Instituto deve duzentos e cinquenta francos ao Padre Thomas Kelly<sup>36</sup>. A superiora geral fica decepcionada, ao descobrir que a Madre Saint-Patrice gastara o dinheiro, ainda antes de receber a sua resposta. Além do pagamento da dívida ao Padre Kelly, a Madre Sainte-Croix pensava usar esse dinheiro para pagar algumas das contas enormes, associadas aos princípios de Bootle. E mostra o seu descontentamento à superiora, dizendo-lhe que partilhe a sua carta de censura com os outros dois membros do conselho<sup>37</sup>.

Por esse tempo, a Madre Saint-Patrice, cuja saúde vai piorando progressivamente, cai doente. Por isso a superiora geral, ao escrever em seguida ao conselho da comunidade, em Lisburn, dirige a carta à Madre Sacré-Coeur. O tom da carta é excepcionalmente triste e a Madre Sainte-Croix confessa estar profundamente preocupada. Ela esperava que a sua visita a Lisburn ajudasse a comunidade, mas não tinha sido assim. Agora sente a necessidade de se humilhar na presença de Deus e pedir perdão para si e para as suas filhas, pelo abuso da graça<sup>38</sup>. Referindo-se a si mesma, a Madre Sainte-Croix reconhece que Deus lhe havia dado, sem mérito algum da sua parte, um tal sentido de integridade, que ela pode facilmente detectar a falta desta qualidade. Em Lisburn sente que qualquer coisa não está bem. Baseada nas suas observações, diz-lhes que não encontra o espírito de Jesus Cristo na comunidade, nesta querida e mais velha fundação. E interpela a

---

35. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 7.5.1872, Arq hist./Cong. Vol.II-D,46.

36. M.Ste. Croix à M. St. Patrice, 28.8.1872, *Ibid.*,55.

37. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 8.9.1872, *Ibid.*, 51.

38. M. Ste. Croix a [M. Sacré Coeur] 17.9.1872 *Ibid.*, 52.

superiora e as duas conselheiras, estimulando-as a unirem-se de alma e coração, para que possam insinuar este espírito em cada um dos membros da comunidade<sup>39</sup>.

Um exemplo concreto escolhido pela Madre Sainte-Croix, diz novamente respeito ao estilo de vida e às despesas na comunidade de Lisburn. Acentuando a ideia de que nada deve ser evitado em relação à saúde das irmãs, questiona a comunidade pelo fato de terem comprado um harmônio de setecentos francos, quando um, de trezentos francos seria suficiente e os restantes quatrocentos francos poderiam ser usados para coisas essenciais. E lembra à Madre Sacré-Coeur que a Casa Mãe não teve harmônio durante quase quinze anos! Parece que em Lisburn as superiores terão pensado que, se a comunidade pudesse receber algum dinheiro através de trabalhos e serviços extraordinários, elas poderiam decidir como usar essa soma. Mas a Madre Sainte-Croix desafia-as sobre essa maneira de pensar:

*E não pensam que dariam mais gosto a Deus, se essas pequenas quantias fossem utilizadas para aliviar a pobre Casa Mãe nas necessidades mais urgentes? É mais que certo, minha filha, que, se nos tivesse pedido para comprar um harmônio de setecentos francos, em consciência, não teríamos consentido<sup>40</sup>.*

A comunidade de Lisburn está permanentemente em dívida e espera que a Casa Mãe a ajude com o dinheiro da herança da fundadora. Ao mesmo tempo, independentemente e com o seu “dinheiro para alfinetes”, compra artigos considerados pela Casa Mãe como luxo desnecessário<sup>41</sup>. Esta situação será fonte de tensão durante vários anos.

### **Motins anti-católicos em Lisburn**

Entretanto, aumentava no Ulster a tensão religiosa. Baseando-se numa lei recente que revogava a proibição de paradas políticas, os Católicos decidem organizar, em Belfast, uma grande manifestação, no dia 15 de Agosto de 1872. Usando gravatas e faixas verdes e

---

39. *Ibid.*

40. *Ibid.*

41. *Ibid.*

transportando bandeiras com harpas sem a coroa e com as palavras “Deus salve a Irlanda” e “Lembraí-vos de Limerick”, marcham desde Donegall Street até ao campo de Hannahstown, onde lhes dirige a palavra Joseph Beggar, um dos chefes do movimento de Autonomia Administrativa.

A resolução tomada na reunião tem um tom moderno:

*Por este meio a população de Belfast declara, com profunda convicção, que, se os prisioneiros políticos ainda encarcerados, cometeram um ato contra as leis em cuja redação eles não participaram, têm direito, por justiça, a ser libertados e portanto apelamos ao governo por este meio, para que liberte os nossos compatriotas e os envie para as suas terras, pois por elas sacrificaram a sua liberdade<sup>42</sup>.*

Logo que o contingente de Católicos deixa Lisburn e se dirige para a manifestação, chega a notícia de que os Orangistas se iam juntar aos milhares em marcha para Hannahstown, para uma contra manifestação. Embora esta marcha nunca se tivesse realizado, uma grande multidão começava a juntar-se em Lisburn e alguns grupos tocam tambores de pele de cordeiro, como gesto provocatório contra os Católicos. Os Católicos que regressam de Belfast a Lisburn no trem das cinco e vinte da tarde, conseguem chegar a suas casas sem perigo, mas os que esperam pelo trem das seis e quarenta e cinco da tarde encontram-se na estação com uma tumultuosa multidão de Protestantes. O jornal desse dia descreve assim o encontro: “Pedras, paus e murros eram usados arbitrariamente. E os que tomavam parte na algazarra apoiavam e encorajavam os desprezos e insultos”<sup>43</sup>. Depois, a multidão dirige-se para a cidade destruindo as casas e os estabelecimentos comerciais dos Católicos e quebrando todas as suas janelas. O *Belfast Newsletter*, jornal protestante censurava “...a conduta indiscreta de alguns Católicos exibindo bandeiras verdes com harpa (símbolo da Irlanda), sem coroa (símbolo de Inglaterra) no dia da (recente) visita do Lord Lieutenant”, representante da Rainha. Esta atitude exaspera os Protestantes que, desde então, a cada nova provocação são levados à violência<sup>44</sup>.

---

42. *Belfast Newsletter*, 16.8.1872, PRO, N.I. 43.

43. *Ibid*, 17.8.1872.

44. *Ibid*.

Finalmente ao cair da tarde, depois da destruição de muitas casas dos Católicos, alguns elementos da Igreja Protestante e autoridades da cidade decidem proteger os Católicos que vão chegando a Lisburn, evitando assim novos embates. “A boa vontade de alguns destes Protestantes impediu que fossem atacados os conventos de religiosas e a casa do padre”<sup>45</sup>.

Alguns dias mais tarde, o *Belfast Newsletter* apresenta, acerca dos tumultos do dia 15 de Agosto, um longo comentário bem indicativo da maioria das opiniões no Ulster, nessa altura:

*Esta bela e próspera cidade (Lisburn), por largo tempo teve a reputação de ser muito pacífica e toda dedicada ao comércio. E é para lastimar que este estado de coisas tenha sido tão caprichosamente alterado, como aconteceu quinta-feira passada. A cidade é uma das mais protestantes na Província de Ulster e foi inútil, imprudente e injustificável a ideia dos Católicos se reunirem em grande número, reclamando autonomia administrativa e agitando ofensivas bandeiras em face dos seus adversários. O efeito não poderia ter sido outro senão despertar desagradáveis recordações e rancores. Foi justamente o que aconteceu*<sup>46</sup>.

A comunidade das RSCM em Lisburn parece não se ter ainda apercebido da profunda rivalidade entre Católicos e Protestantes em Ulster, quando isto a desperta. E uma vez que a superiora, de acordo com o Padre Edward Kelly, decide organizar um bazar a fim de obter dinheiro para pagar as dívidas, pede às autoridades da cidade licença para o realizar, quarta-feira, dia 9 de Outubro e quinta-feira, dia 10, no salão de festas, um local de grande importância para os Protestantes. Estes ameaçam, com força, impedir o bazar. Receando uma revolta, as autoridades da cidade destacam um contingente extraordinário de cem polícias, na terça-feira à tarde, 8 de Outubro. Usando tambores, grandes grupos fazem parada pela cidade. Os Protestantes invadem o salão de festas e hasteiam no edifício quatro bandeiras orangistas. Na manhã do dia 9 de Outubro são afixados cartazes em toda a cidade - o bazar deve ser feito no convento<sup>47</sup>.

O dia de quarta-feira é mais ou menos calmo. Porém pela tardinha, grandes multidões de empregados de fábricas e “gente da rua” começam

---

45. *Ibid.*

46. *Ibid*, 19.8.1872.

47. *Ibid*, 11.10.1872.

a aglomerar-se nas praças públicas. A polícia tinha destacado fortes patrulhas para a frente do convento, da Igreja Católica e da casa do padre. Na noite de quinta-feira, a segunda noite do bazar, a situação piora. Multidões de Orangistas dos arredores invadem a cidade e cento e cinquenta polícias do Condado de Antrim e cinquenta do Condado de Down patrulham as ruas para evitar distúrbios. Um contingente militar do septuagésimo oitavo destacamento das terras da Escócia chega também de Belfast, nessa tarde. Junta-se em Market Square uma imensa multidão a gritar e a aplaudir, enquanto a imagem do pároco é queimada. Então dirigem-se para o convento, mas são impedidos de o atacar pela polícia e pelos militares que para ali tinham sido enviados a fim de o proteger.

O correpondente de *Belfast Newsletter* faz o seguinte comentário:

*As precauções tomadas pelas autoridades foram as melhores e, a julgar pela agitação de todas as partes envolvidas, se não fosse a prontidão da defesa, as consequências teriam sido bem mais sérias*<sup>48</sup>.

Nem todas as forças de segurança cumpriram a sua obrigação. Na reunião dos Comissários da Cidade, a 16 de Outubro, alguns dos membros insistem em que “os tumultos da cidade” sejam considerados na reunião seguinte e que a Comissão dos guardas noturnos investigue a queixa de que membros desta Guarda tinham negligenciado os seus deveres. Porém o único relatório desta reunião consiste apenas na frase: “Tomamos nota da agitação na Cidade, que não deve voltar a ser considerada”<sup>49</sup>.

A religiosa que escreveu os *Annales* da comunidade de Lisburn, descreve vivamente o acontecimento: Os Orangistas amotinaram-se e procuraram impedir o sucesso do bazar. Atacaram e maltrataram as pessoas que entravam e saíam. A polícia teve que escoltar indivíduos até à estação de caminho de ferro e formar duas filas ao longo da rua, para impedir que a multidão atacasse o convento. Atiraram pedras às janelas do convento, obrigando as irmãs a dormir em quartos que não dessem para a rua. Finalmente, um dos magistrados ordenou que se ameaçasse com disparos da polícia, se a multidão não dispersasse imediatamente. No fim da sua descrição, a autora comenta tristemente:

---

48. *Ibid.*

49. Comissários da Cidade, Livro de Actas (Outubro de 1853-Fevereiro de 1873), manuscrito Ms encontrado em PRO.N.I., LA/48/2B/1.

*“A fadiga e ansiedade causadas pelo bazar foram grandes e o sucesso de pouco proveito”<sup>50</sup>.*

### **Reação da Casa Mãe**

As cartas do Padre Gailhac e da Madre Sainte-Croix não fazem menção alguma das ameaças de violência física nem da discriminação que as religiosas de Lisburn sofreram, em Agosto e Outubro de 1872. Os *Annales* são a única excepção, pois nem mesmo há referência de qualquer comunicação feita pela superiora local à Casa Mãe. Mais ainda, a Madre Sainte-Croix, que se encontra em Bootle durante ambos os incidentes, nunca faz comentários sobre eles, embora ela siga a vida de cada membro das duas comunidades, com grande atenção e amizade. Quando a comunidade de Lisburn a censura por não lhes ter amizade ela insiste:

*Ter-vos-ei eu esquecido ou não terei respondido a todas as vossas cartas? Não terei eu, em nome do nosso querido Reverendo Padre, feito tudo o que dependia de mim, para vos estimular, consolar e animar no caminho da perfeição? E seria eu capaz de fazer tudo isto sem vos amar? Oh, não, [queridas] filhas. Posso até dizer que vos amo demasiado. Por isso fico tão triste por pensardes assim<sup>51</sup>.*

Dados tais sentimentos, é desconcertante que, em vez de consolar as religiosas de Lisburn pelos ataques sectários sofridos, a correspondência de meados de Outubro de 1872, foque uma outra espécie de crise que alarma Gailhac. As circunstâncias não são claras. É preciso reunir pedaços das duas cartas escritas por Gailhac à Madre Sainte-Croix a 17 de Outubro, contendo insinuações. Parece que “pessoas de fora” se vão intrometendo nos negócios da comunidade e que a superiora local está procurando informações sobre finanças junto de alguém, fora de Béziers. Pior ainda, parece que algum dinheiro da comunidade tenha sido investido em negócios com o Senhor Bradley (ou Boely)<sup>52</sup>. Agindo rapidamente, Gailhac leva a superiora geral a

---

50. *Annales*, 37-39.

51. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 8.9.1872, Arq. hist.,/Cong., Vol II-D,51.

52. Senhor Bradley (ou Boely) parece ter orientado a comunidade de Lisburn em alguns assuntos relativos a negócios. Em Setembro de 1872, Gailhac leva a M. Ste. Croix a escrever-lhe, explicando que era da competência da superiora geral, dar as necessárias autorizações. Ver Gailhac à M. Ste. Croix, GS/2/IX/72/A.

retirar e guardar todo o dinheiro, pois pensa que ele se estava tornando uma tentação para a Madre Saint-Patrice que habitualmente sente falta de dinheiro. Além disso, esta superiora detivera uma postulante coadjutora, em Lisburn, em vez de a mandar para Béziers a fim de começar o noviciado e parece ter usado o seu dinheiro na comunidade local, em vez de o enviar para a Casa Mãe<sup>53</sup>.

Por esta altura, Dezembro de 1872, Gailhac está determinado a não deixar a Madre Saint-Patrice no seu lugar de superiora, pois lhe parece que ela perdeu o espírito da comunidade. No princípio desse ano, apesar de preocupado, resolve dar-lhe mais uma oportunidade, mas denuncia em termos fortes uma religiosa, sem a nomear. À Madre Sainte-Croix, ele confia:

*...penso que a Madre Saint-Patrice é uma boa religiosa e por isso espero que ela se possa libertar das falsas ideias incutidas por uma irmã, na qual nunca pude inculcar o espírito da comunidade<sup>54</sup>.*

Agora vão-se tornando claras as suspeitas de Gailhac de que é a Madre Saint-Thomas a causa deste problema. É para estranhar vê-lo atribuir este “mau espírito” à influência da Madre Saint-Thomas, mas ele pede à superiora geral que procure cortar as relações de amizade entre a Madre Saint-Patrice e a Madre Saint-Thomas, agora no Porto. Gailhac começa ainda a aperceber-se da influência da Madre Saint-Thomas no mau espírito expresso numa carta recente da Madre Saint-Eugène<sup>55</sup>!

Não se trata aqui do espírito de fé, que é o espírito das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. O “espírito da comunidade” a que se referem estas cartas, diz respeito à presença ou ausência do espírito de pobreza na comunidade. A maneira como a Madre Saint-Thomas interpreta as necessidades locais, parece frustrar ou até ameaçar aqueles que, à distância, estão preocupados com a ortodoxia das primeiras fundações.

Tendo ela sido a conselheira das primeiras superiores de Lisburn, a sua influência tornava-se suspeita, apesar de a verdadeira causa do

---

53. A postulante referida é provavelmente Anne Bergin, que mais tarde toma o nome Sr. Ste. Denise. Ver Gailhac à M. Ste. Croix, GS/17/X/72/A.

54. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/23/VII/72/A.

55. *Ibid.*

problema ser mais a incompetência para as finanças da parte da superiora, do que a extravagância ou má vontade. Contudo, Gailhac pede à Madre Sainte-Croix que vá imediatamente a Lisburn, se a saúde lho permitir, e procure compreender a situação falando com cada irmã em particular. No futuro devia haver apenas dinheiro para as despesas correntes e comprar só o indispensável, antes de pagar todas as dívidas. A Madre Sainte-Croix devia pedir para ver todo o dinheiro da casa e vigiar de perto as despesas<sup>56</sup>.

Não é certo se a saúde da Madre Sainte-Croix lhe permitiu ir a Lisburn, como Gailhac sugerira, pois em 24 de Outubro ainda está em Bootle, perguntando-se a si mesma se poderá ou não ir à Irlanda<sup>57</sup>. Não há menção de tal visita nos *Annales* de Lisburn. Gailhac, porém continua preocupado com o fato de Lisburn estar sempre em dívida e não ser capaz de se bastar a si mesma. No entanto reconhece que a causa disto é a má administração e não a má vontade da parte da superiora de Lisburn. Por consequência, a Madre Saint-Patrice continua como superiora local<sup>58</sup>.

Estes tempos devem ter sido bem difíceis para o fundador, que confia à Madre Sainte-Croix: “...é grande a minha ansiedade...as minhas ocupações são constantes e sinto a cabeça cansada.” Então descreve as suas atividades rotineiras- acabava de dar o retiro às órfãs, ia começar outro às oblatas e depois às alunas internas. Não pensava então poder ir a Liverpool, no Inverno, por não haver nenhum sacerdote livre para o substituir em Béziers<sup>59</sup>. É claro também que ele sente a falta da Madre Sainte-Croix: “Não imaginava que a sua missão fosse tão longa. Se o tivesse previsto, talvez a não deixasse partir”<sup>60</sup>. O fundador tinha então setenta anos.

Nos fins da Primavera de 1873, a Madre Sainte-Croix vai a Lisburn, por uns quinze dias, para estimular as irmãs e incutir nelas o sentido de unidade que caracteriza o Instituto, desde as suas origens. Uma expressão prática desta unidade é a transferência das religiosas de uma para outra casa do Instituto. Como a Madre Saint-Louis, na

---

56. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/18/X/72.

57. M. Ste. Croix à M. Sacré Coeur 24.10. 1872, Pro.ap., 2828-2829.

58. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/11/XI/72.

59. Gailhac à M. Ste. Croix GS/12/XI/72.

60. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/24/XI/72/A.

Casa Mãe, estava extenuada, a Madre Sainte-Croix devia trazer para Liverpool a Madre Sacré Coeur e daí mandá-la para Béziers<sup>61</sup>.

À medida que o tempo passa, Gailhac preocupa-se mais com as três fundações. Em Bootle, a sobrinha não fazia progressos na prática da língua inglesa e o pároco sugere a Gailhac que a retire da missão, se ela não for capaz de falar inglês <sup>62</sup>. O fundador está triste também por não receber notícias do Porto <sup>63</sup>. Mas é Lisburn e a sua superiora que maior ansiedade lhe causam. Ao mandar a Madre Sainte-Croix a Lisburn. em Abril de 1873, dá-lhe instruções específicas para prestar atenção a tudo e assim descobrir se o espírito da superiora reflete o espírito do Instituto. E lembra-lhe:

*Não esqueça que eu preferia vê-la [a fundação de Lisburn] desmoronar-se, a vê-la existir fora do espírito da comunidade. Em todas as nossas casas deve haver um só espírito<sup>64</sup>.*

### **Gailhac em Bootle**

No Verão de 1873, Gailhac sente-se bastante bem, para poder visitar as fundações da Inglaterra e Irlanda e ver se estas comunidades refletem o espírito da Casa Mãe. É evidente que para Gailhac a comunidade de Béziers é o modelo de todas as fundações. Escrevendo de Liverpool para a Casa Mãe<sup>65</sup>, é efusivo nas expressões de carinho e elogios para com a comunidade que ali deixara, mas mostra-se também satisfeito por ver que as religiosas de Bootle são dedicadas, edificantes e altamente consideradas por todos. Comentando apenas sobre o internato, manifesta a sua satisfação por ele ser contado entre os internatos de primeira classe<sup>66</sup>. Poder-se-ia perguntar se terá ficado igualmente satisfeito com os progressos em inglês de sua sobrinha e se terá achado que ela progredira também na sua missão de superiora. O retiro que ele dera à comunidade tinha corrido bem e, ao deixar a Inglaterra, espera que Deus seja mais amado pela comunidade.

---

61. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/28/III/73/A. A M. Sacré Coeur, porém, ficou na comunidade de Bootle.

62. Gailhac M. Ste. Croix,GS/10/II/73.

63. Gailhac à M. Ste. Croix GS/15/IV/73/A.

64. *Ibid.*

65. Gailhac à comunidade da Casa Mãe, GS/28/VIII/73/A.

66. Gailhac à M. St. Félix GS/25/VIII/73/A.

A 1 de Setembro de 1873, parte para a Irlanda com a Madre Sainte-Croix e começa o retiro à comunidade de Lisburn<sup>67</sup>. Apesar de o não mencionar na correspondência desse tempo, Gailhac deve estar preocupado com a saúde física da Madre Saint-Patrice, pois quer ele quer a Madre Sainte-Croix insistem em que a superiora deve ter cuidado consigo mesma e em que nada seja evitado para manter a saúde de todos os membros da comunidade<sup>68</sup>. Certamente queria também certificar-se quanto à dúvida que se levantava no seu espírito, acerca desta superiora.

Embora não gostasse de compromissos sociais, Gailhac vai com o Padre Edward Kelly e outros sacerdotes jantar na casa do pároco de uma freguesia vizinha. No dia seguinte, 8 de Setembro, ele e a Madre Sainte-Croix despedem-se da comunidade de Lisburn e passam a tarde em visita à família Buckley, em Belfast, onde tomam o barco para Liverpool. As duas alunas externas de Lisburn, que esperavam acompanhá-los para começar o postulante em Béziers, não puderam partir, porque os pais acharam conveniente que elas esperassem um ano, antes de ir para França. Gailhac e a superiora geral juntam-se na travessia com o padre Edward Kelly, que se dirigia para França, a fim de passar algum tempo com a comunidade de Béziers, depois de uma pequena peregrinação a Lourdes<sup>69</sup>.

A Madre Sainte-Croix descreve pormenorizadamente esta travessia: Gailhac, depois de uma pequena sesta, olha para o que ela escreve, interrompendo, com uma palavra aqui e além. O Padre Kelly passeia no convés e ela está encantada com a navegação tranquila. Tinha deixado a Casa Mãe em Junho de 1872, pensando ficar apenas fora algumas semanas. Mas as fundações de Bootle e Lisburn precisaram da sua orientação e apoio e sobretudo de se embeber através dela, do espírito do Instituto. Agora, prestes a chegar a Liverpool, terminada a primeira parte da sua viagem para a pátria pode finalmente escrever: “Amanhã, se Deus quiser, viajaremos para a nossa estimada França, para a nossa querida casa”<sup>70</sup>.

---

67. Infelizmente não foram conservadas as notas deste retiro.

68. M. Ste. Croix à M. St. Patrice, 11.1. 73, Arq. hist./Cong., Vol. IID, 55.

69. M. Ste. Croix à M. St. Charles, *Ibid.*, 57. Ver também M. Ste. Croix à “une mère de Béziers”, s.d. 4.9.1873 *Ibid.* 62.

70. M. Ste. Croix à M. St. Charles, 8.9.1873, *Ibid.*, 57.



**Peregrinos no coração da Igreja:  
encontro com Sarah Peter  
(1873-1874)**

**Pedido do *Decretam Laudis***

Durante os seus últimos meses em Bootle, um dos desafios da Madre Sainte-Croix é preparar, com Gailhac, o processo a dirigir à Santa Sé, pedindo o reconhecimento oficial do Instituto. A comunidade e as Constituições tinham sido aprovadas pelo bispo de Montpellier, Mgr. Thibault, em Abril de 1850. Porém, tendo o Instituto feito já algumas fundações e estabelecido casas filiais, não só para além das fronteiras da diocese, mas para além da própria França, impõe-se que a congregação seja aprovada como Instituto de Direito Pontifício. Sem dúvida muitas congregações francesas que, gradualmente se tornaram internacionais por causa das suas fundações fora de França, bem como muitas congregações missionárias francesas fundadas nos últimos anos, estavam também apelando para este reconhecimento papal<sup>1</sup>.

A aprovação da Regra das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, pela Santa Sé, fora já solicitada na Primavera de 1870. Por esse tempo, Jean Gibbal vai a Roma, como representante de Gailhac para tratar deste assunto, bem como do reconhecimento papal da congregação dos Padres do Bom Pastor, fundada por Gailhac em 1850 e da qual ele é membro<sup>2</sup>. Depois de ter entregue o dossiê da comunidade ao Bispo Philipanni, que representava o Instituto na Congregação dos

- 
1. Ver Langlois, 435-449, para um debate pormenorizado sobre a internacionalização de congregações francesas no século XIX.
  2. Ver carta de Gailhac, autorizando Gibbal a representá-lo, 19.5.1870, Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16. Para mais informação sobre os Padres do Bom Pastor, ver Maynard, 104- 148 e Sampaio 139-145.

Bispos e Regulares, Gibbal regressa a França, onde morre alguns meses depois<sup>3</sup>. Nos meses seguintes, o Bispo Philipanni parece nada fazer para avançar a causa. Os superiores escrevem-lhe de Béziers com muita diplomacia, aceitando que, talvez a rendição de Roma às tropas italianas, tenha suspenso as suas atividades ou que seja necessário mais algum dinheiro. Qualquer que seja a razão, esperam que ele consiga a aprovação o mais depressa possível<sup>4</sup>.

Numa carta, escrita mais tarde ao seu novo Bispo Mgr. Cabrières, Gailhac explica que os dossiês estão em Roma, desde o início do Concílio Vaticano, mas que o Bispo Philipanni nada fez. Mais tarde, porém, os superiores de Béziers conheceram Madame Charreyron de la Grave<sup>5</sup>, uma pessoa descrita por Gailhac como “altamente estimada pelo Papa”, que reclamou os dossiês e incumbiu Mons. Auge de os submeter ao Bispo de Lucca, para apresentação à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares<sup>6</sup>.

Tem-se a impressão de que o fundador e a Madre Sainte-Croix têm grande confiança nesta “excelente senhora, enviada pela Providência” para fazer avançar o processo de aprovação da Regra. Como o processo estivera suspenso durante vários anos, Madame Charreyron envia à Madre Sainte-Croix uma lista dos novos documentos exigidos e instruções sobre a maneira de preparar o dossiê<sup>7</sup>.

Muitos artigos deviam ser incluídos neste processo: uma carta e dois certificados do bispo de Montpellier, cartas de recomendação dos bispos de Down and Connor e Liverpool e a resposta do bispo do Porto ao pedido de abertura de uma casa na sua diocese, os registros das cerimônias de tomada de hábito e profissão, documentação sobre a

---

3. Jean Gibbal morreu repentinamente em 21.2.1871.

4. Rascunho de uma carta sem data e por acabar, a Chevalier Philipanni (escrita provavelmente pela M. St. Croix entre 1871 e 1873), Arq. hist./RSCM. Caixa 18, Pasta 16.

5. Pouco se conhece acerca de Madame Charreyron. A correspondência com Mons. Auge, tem várias indicações sobre ela: que ela durante muitos anos ia de Roma a França no mês de Julho, que levou cartas e relíquias importantes de Roma para Béziers, e ofertas e respostas de Béziers para Roma; que residiu, pelo menos durante algum tempo, com as irmãs da Aparição, em Roma; e que tinha grandes conhecimentos acerca de pessoas e de maneiras de atuar no Vaticano. É certo que ela ainda viajou de Roma para França em 1889. Ver cartas de Auge à M. St. Félix de 7.7.1883, 7.7.1884, 29.6.1887, 15.7.1887, 28.8.1888, 11.9.1889, Arq. hist./Cong., Vol II-E, 7-55. Parece não haver qualquer correspondência direta de Mme Charreyron, nos arquivos da congregação, exceto, uma carta de pêsames enviada à M. St. Félix, de Toulouse, a 29.1.1890, na ocasião da morte do Fundador. Arq. hist./Cong. Vol. I-B, 67.

6. Gailhac a Mgr. de Cabrières, 27.5.1874, Arq.hist./RSCM, Caixa 18, Pasta 16.

7. M. Ste. Croix a Le Courtier (fins de Junho de 1873), Arq. hist./RSCM, Caixa 8, Pasta

situação financeira da comunidade, uma carta do presidente da câmara municipal de Béziers, cópias dos três decretos imperiais de aprovação do governo francês, a história da comunidade desde a sua fundação até ao presente, um artigo do jornal *Le Publicateur de Béziers*, dando a notícia da morte e funeral da fundadora, uma cópia das Regras e Constituições aprovadas por Mgr. Thibault e Mgr. Le Courtier e uma petição formal da superiora geral, em nome de todas as irmãs, para a aprovação do seu Instituto e das Constituições<sup>8</sup>.

Nesta petição formal a Pio IX, datada de 24 de Junho de 1873, a Madre Sainte-Croix resume parte do material que a acompanha e explica a fundação do Instituto e o crescimento em número dos seus membros, à medida que as religiosas se expandiam em outras cidades e países, respondendo aos objetivos dos seus fundadores - a glória de Deus através do bem espiritual e material do próximo. Agora, continua ela, a comunidade tem mais de cento e trinta irmãs de coro e coadjutoras, distribuídas pela Casa Mãe, Lisburn, Liverpool e Porto. Têm meios suficientes para se manterem com os fundos provenientes da herança da fundadora, os pagamentos das alunas internas e com os seus trabalhos. Em 1856 o governo francês publicou também diversos decretos imperiais, pelos quais aprovou o Instituto como Instituição de Utilidade Pública. Por todos estes motivos, a Madre Sainte-Croix espera que Pio IX atenda o pedido da comunidade:

*... obter de Sua Santidade a aprovação apostólica das suas Constituições e Regras, para que sejam incluídas na larga e vasta família dos Institutos Religiosos existentes na nossa Santa, Católica, Apostólica, Igreja Romana*<sup>9</sup>.

Ambos os bispos de Down and Connor, Dr. Dorrian<sup>10</sup> e o bispo de Liverpool, Bispo O'Reilly<sup>11</sup>, enviam breves cartas recomendando a comunidade pelos seus bons trabalhos e adesão às suas Regras. A conselho de Madame Charreyron, a Madre Sainte-Croix prepara rascunhos dos documentos pedidos a Mgr. Le Courtier, para o aliviar da preocupação que isso lhe causaria. Apenas lhe é pedido que

---

8. Esta lista de artigos necessários pode encontrar-se em Arq. hist./RSCM, Caixa 18, Pasta 16.

9. Pedido de M. Ste. Croix a Sua Santidade 24.6.1873, Arq. hist./Cong. Vol. II-A,43.

10. Bispo Dorrian à M. Ste. Croix 29.6.1873, Arq. hist./RSCM, Caixa 8 Pasta 1. Ver também Cidade do Vaticano: Arquivos históricos da Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, M.30. (Referências Posteriores Arq. hist./CRIS.)

11. O Bispo O'Reilly à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, Junho de 1873 *Ibid*.

modifique os documentos, como achar melhor, assine e ponha o próprio selo<sup>12</sup>.

Como Madame Charreyron a convencesse de que a sua presença era necessária em Roma para pessoalmente apresentar o dossiê, a Madre Sainte-Croix, chegada tão recentemente da Irlanda e Inglaterra, parte de Béziers para Roma a 29 ou 30 de Junho de 1873<sup>13</sup>. Há poucos pormenores desta viagem, mas parece que a Madre Sainte-Croix passa em Roma algumas semanas, no mês de Julho. Embora não faça menção de companheiras de viagem, parece provável que a Irmã Sainte-Colombe a tenha acompanhado a Roma, bem como Madame Charreyron, no regresso a Béziers<sup>14</sup>.

Numa das suas cartas, escrita provavelmente em Julho, agradecendo ao Bispo Dorrian a carta de recomendação, a Madre Sainte-Croix menciona uma audiência particular com Pio IX<sup>15</sup>. É pouco provável que a Madre Sainte-Croix não tenha estado previamente em Roma e não se tenha encontrado com o Papa. Há, não obstante, uma troca de correspondência entre a Madre Sainte-Croix e o Papa Pio IX. Em Março de 1873 escrevera uma efusiva carta de apoio ao Papa, considerado então voluntário “Prisioneiro do Vaticano”, assegurando a Pio IX que “nós e os nossos muitos alunos de todas as idades e de todas as classes da sociedade e de diversas nações, confiados aos nossos cuidados”, não cessam de rezar por ele<sup>16</sup>. Ele responde, agradecendo a oferta enviada e especialmente as suas expressões de simpatia e de zelo pela Igreja<sup>17</sup>. Além de se encontrar com o Papa, a Madre Sainte-Croix encontra-se também com o sacerdote que viria a ser o representante da

---

12. Para a carta de M. Ste. Croix a Le Courtier, s.d. (fins de Junho de 1873) e rascunhos mencionados, ver Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 6.

13. M. Ste. Croix a Le Courtier, *ibid*.

14. Ver Auge à M. Ste. Croix, s.d. (fins de Julho 1873), Arq.hist./RSCM., Caixa 18. Pastan 16. Esta era provavelmente Ste. Colombe Dejean que professou em 1870 e deixou o Instituto em 1874.

15. Rascunho de uma carta de M. Ste.Croix ao Bispo Dorrian, s.d. (Julho 1873), Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 1. Esta carta indica que a M. St. Croix estivera em Belfast em princípios de Junho de 1873; voltou de novo no mês de Setembro seguinte. Nesta carta refere também ter encontrado um casal de Belfast, Senhor e Senhora Dudley B. Coopinger, amigos do bispo a quem pedem ser lembrados.

16. M. Ste.Croix a S.S. Pio IX, 18.3.1873, Arq.hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16.

17. Breve do Soberano Pontífice Pio IX, de 23.4.1873 *ibid*. O instituto costumava enviar contributos ao Papa, desde os princípios de Fevereiro de 1869. A M. St. Jean enviou 515 francos para a manutenção e treino do zuavo papal, um membro do corpo de infantaria francesa, ao serviço do Papa.(Cartas, 21b). Gailhac escreveu ao Papa, através do Cardeal Barnabo, a 3.9.1869

comunidade junto do Vaticano, Mons. Gioachino Auge<sup>18</sup>, pois este escreve-lhe em fins de Julho de 1873, dizendo que a acompanhara em espírito no seu regresso e ficara feliz por saber que ela chegara sã e salva. Nessa mesma carta, Mons. Auge diz-lhe que um consultor da Congregação dos Bispos e Regulares estava a ler o dossiê e prometera devolver os documentos à Congregação, com a sua opinião favorável, em meados de Agosto. “A causa de suas irmãs está a correr bem” assegura-lhe Mons. Auge. O secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, Mons. Vitelleschi, regressaria de férias pelos fins de Agosto e não se ocuparia senão do assunto da Comunidade. Confiando que as Regras não seriam sujeitas a grandes modificações, Mons Auge promete escrever-lhe por Madame Charreyron, esperando obter a desejada aprovação antes das férias de Outubro<sup>19</sup>.

Nos meses seguintes, porém, o bispo de Montpellier, Mgr Le Courtier, era forçado a resignar. Tinha tido dificuldades com os Padres Missionários Diocesanos, um grupo fundado na diocese pelo Padre Soulas, no tempo de Mgr. Fournier. Estes padres apresentaram um caso jurídico contra Mgr. Le Courtier, à Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Esta pronunciou-se contra o bispo, que não teve outra alternativa senão resignar, em Agosto de 1873<sup>20</sup>.

Além da preocupação pelo bispo, que tinha sido um grande apoio para Gailhac e as suas obras<sup>21</sup>, a superiora geral receia, sem dúvida, que a resignação do seu Ordinário possa comprometer ou, ao menos, adiar a aprovação do Instituto. Isto não aconteceu, todavia, pois um

---

agradecendo, a bênção papal que a M. St. Jean tinha recebido no seu leito de morte. E mandou outro contributo, com esta carta. A M. Ste. Croix escreveu ao Cardeal a 15.12.1869, dizendo que o Instituto se sentia feliz por contribuir um pouco para as despesas do Concílio Vaticano e que contribuiria também para a manutenção do “nosso zuavo papal”. (Estas cartas encontram-se no Arq. hist./Prop. Fid;S C Francia, 1869-1873, Vol. 7, 318-319, 338-389 c as suas cópias estão no Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16. É pois provável que a oferta ou contributo, feito em Março de 1873 tivesse a mesma finalidade.

18. Gioacchino Auge seria o representante da comunidade no Vaticano até à morte do Fundador. A sua correspondência com a M. St. Félix é muito extensa e a maior parte pode encontrar-se nos Arq. hist./Cong., Vol. II-E, 7-55.

19. Auge à M. Ste. Croix, s,d, (fins de Julho de 1873), Arq. hist./RSCM., Caixa 18. Pasta 16.

20. Mais tarde foi nomeado bispo de Sebaste e viveu em Paris, até à sua morte, em Agosto de 1885. Ver *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei a sacerdote V. Maynard concinnatae* (Cidade do Vaticano. Typis polyglottis Vaticanis, 1962) 432-433 (Referências posteriores *Inquisitio*).

21. 21. *Ibid.*, 433.

*Decretum Laudis*, com data de 16 de Setembro de 1873, declarava formalmente que Sua Santidade louvara e elogiara o Instituto, na audiência de 5 de Setembro<sup>22</sup>.

A aprovação final das Constituições devia ser adiada por algum tempo, até que nelas fossem incorporadas algumas mudanças recomendadas pela Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares. Por exemplo, o nome do Instituto devia ser mudado de Religiosas do Sagrado Coração de Maria em Irmãs do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada. De maior repercussão viria a ser a insistência de Roma em que o fim ou objetivo do Instituto devia ser mais específico. Assim, em vez de ser definido como abraçando "... todas as Obras de Zelo que podem contribuir para a glória de Deus e salvação das pessoas"<sup>23</sup>, deveria ser submetido de novo, como se segue: "O fim do Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, é a instrução e educação de jovens de todas as classes da sociedade"<sup>24</sup>.

Todavia o fundador sente-se feliz. Em carta a sua sobrinha em Bootle, diz-lhe: "este breve do Sumo Pontífice coloca-nos sob a sua jurisdição direta. Graças a Deus"<sup>25</sup>. A Madre Sainte-Croix escreve imediatamente cartas de agradecimento a todos os que em Roma tiveram alguma interferência nesta aprovação. Na sua carta ao Bispo de Lucca, por exemplo, ela agradece a apresentação do dossiê à Sagrada Congregação e acrescenta:

*Vamos aplicar-nos a observar as nossas Constituições com maior perfeição, conformando-nos com as instruções de Sua Santidade para que nada seja impedimento à aprovação final do nosso Instituto, quando Deus nos conceder essa graça, e a fim de termos a imensa consolação de ver as nossas Santas Constituições definitivamente aprovadas*<sup>26</sup>.

---

22. *Decretum Laudis*, 16.9.1813 Proc. ap., 6441-6443. Os Padres do Bom Pastor não receberam o *Decretum Laudis* nesta altura. A resignação do Bispo Le Courtier parece ter causado dificuldade à prossecução do pedido. Era necessário um atestado de Mgr. de Las Casas, nomeado Vigário Capitular interino e tinha de se solicitar o consentimento do novo Ordinário Mgr. de Cabrières. (Ver Gailhac O *Decretum Laudis* para os Padres do Bom Pastor, era emitido a 9.5.1874, mas as Constituições não foram aprovadas, por ser necessário fazer primeiro algumas modificações (Ver *Inquisitio*, 460. Também *Animadversiones*, s.d. Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16).

23. Ver Constituições de 1870, Arq. hist./Cong. Vol. II-A,9.

24. Ver Constituições de 1870, *ibid.*,8.

25. Gailhac à M. St. Eugène, GS/15/X/73/A.

26. [M.Ste. Croix] ao Bispo Lucca, s.d. Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16. Ver também cartas ao Cardeal Pizzari e Mons. Vitelleschi, s.d. *ibid* (Uma segunda aprovação

## RSCM peregrinas em Roma

Pelos fins de Maio de 1874, os superiores de Béziers decidem ir a Roma agradecer pessoalmente a Pio IX o favor concedido à Congregação e aos Padres do Bom Pastor, que tinham recebido o *Decretum Laudis*, em 9 de Maio de 1874<sup>27</sup>. Eram quatro os viajantes: Gailhac e um padre do Bom Pastor, Guillaume-Belmont-Galie<sup>28</sup>, Madre Sainte-Croix e a sua assistente Madre Saint-Félix Maymard. É possível reconstituir os dias de peregrinação em Roma, 30 de Maio a 18 de Junho de 1874, através da correspondência com a Casa Mãe.

Partem de Béziers a 30 de Maio, chegam a Marseille às quatro horas e trinta minutos da manhã de Domingo e caminham por entre uma multidão de peregrinos, que se dirigem para Notre Dame de la Garde. A Madre Sainte-Croix conta como se sentiram tocados e renovados na esperança, em meio da multidão vinda a este santo lugar, no último dia do mês de Maria. Na manhã seguinte quando o barco atracou em Génova, Gailhac e o padre Belmont puderam celebrar Missa na igreja de S. Filipe de Néri, antes de continuarem a viagem<sup>29</sup>.

Ao que parece, a Madre Sainte Croix apreciou a viagem por mar e passou parte do dia a escrever à Madre Saint-Charles, na Casa Mãe. O mar estava calmo e todos se sentiam bem. A Madre Sainte-Croix fez um belo retrato da Madre Saint-Félix, entusiasmada com a sua primeira viagem a Roma, por mar. “La chère petite Mère” que nunca tenta falar inglês, mostra um acentuado gosto pelo italiano, revela a Madre Sainte-Croix. Tradu-lo com elegância e exhibe, diante da superiora geral, as suas habilidades! A Madre Sainte-Croix procura animar a Madre Saint-Charles, assegurando-a das orações dos quatro peregrinos e da presença de Deus, ao assumir na sua ausência, a responsabilidade da Casa Mãe. Terminando a carta com expressões

---

seria pedida a 1.11.1879, ver Arq. hist./Cong., Vol II-A 43, 45. A aprovação final das Constituições foi recebida a 24.2.1899). Sobre a lista de recomendações feitas em 1873, bem como as sugeridas em 1880, 1890 e 1892, ver *Animadversiones*, Arq. hist./Cong., Vol. II-B2, 24 ff.

27. Maymard engana-se quando diz que Gailhac foi a Roma em 1873. Não foi em 1873, mas em 1874. Ver 466.

28. Guillaume Belmont-Galie entrou no Bom Pastor em Abril de 1871, mas saiu pouco tempo depois em 2.7.1880 e morreu em Fevereiro de 1906. Ver *Inquisitio*, 135-136.

29. M. Ste. Croix a M.St. Charles, 1.6.1874, Arq. hist./RSCM. Caixa 5, Pasta 3. (Estas cartas escritas de Roma e para Roma foram reeditadas num pequeno opúsculo intitulado *Un Pélerin Au Coeur de L’Eglise*, Arq. hist./RSCM., Caixa G.)

de carinho por cada uma das irmãs, a Madre Sainte-Croix pede também as orações delas pelos peregrinos, para que possam regressar em boa saúde e “inflamados em desejos de amar Jesus e de O fazer amar”<sup>30</sup>.

O barco atracou em Civitavecchia e eles continuaram a viagem, chegando a Roma cerca das onze horas e trinta minutos da manhã do dia 3 de Junho. A Madre Saint-Félix mostra pela cidade de Roma o mesmo entusiasmo que tinha mostrado pela língua italiana! Descreve a visita à Basílica de S. Pedro, no próprio dia da chegada e a emoção que sentiram diante da sua beleza e imensidão. No dia seguinte Gailhac diz Missa na Igreja da Madalena, no altar de S. Camillus de Lellis. Depois, enquanto a Madre Sainte-Croix e Gailhac descansam um pouco, a Madre Saint-Félix e o Padre Belmont, acompanhados por Mons. Auge, fazem pequenas excursões à volta de Roma. A Madre Saint-Félix não pode conter a sua admiração:

*Aqui, tudo nos fala. Não só as ruínas de antigos monumentos que encontramos por toda a parte, mas até as ruas, as praças, as mesmas pedras, tudo eleva o espírito e ajuda a rezar*<sup>31</sup>.

Na carta seguinte para a Casa Mãe, a Madre Saint-Félix descreve a audiência privada com o Santo Padre, na manhã de Domingo, 7 de Junho. Naquele dia tiveram a oportunidade de falar pessoalmente com o Santo Padre, oferecendo-lhe a sua simpatia. No dia seguinte encontraram-se com vários cardeais. Sem dúvida lhes exprimiram os seus agradecimentos pelo *Decretum Laudis* concedido a ambas as congregações e as esperanças de que com o tempo as Constituições receberiam a aprovação final<sup>32</sup>.

O dia 9 de Junho, terça-feira, foi um dia de inesquecíveis experiências para os quatro peregrinos. Primeiro, Gailhac disse Missa no túmulo de S. Luís Gonzaga e em seguida visitaram, não só o seu quarto, como o de um outro jovem e santo jesuíta, João Berchmans. Nessa mesma manhã participaram numa grande audiência com o Papa, que seria simbólica, por marcar uma nova direção para o Instituto. Era uma audiência de peregrinos dos Estados Unidos e do Canadá.

Escrevendo à Madre Saint-Charles, a Madre Saint-Félix narra uma anedota engraçada. Não querendo ser reconhecidas como religiosas

---

30. Ibid.

31. M. St. Félix à M. St. Charles, 4.6.1874, Ibid.

32. M. St. Félix à M. St. Charles, 9.6.1874, Ibid.

francesas, nesta audiência americana, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Félix vestem-se de preto, põem um xale e longas mantilhas pretas, na cabeça. Era esta a maneira de vestir das senhoras, que queriam ser recebidas pelo Papa. A Madre Saint-Félix conta-lhe ainda as várias reações a tal acontecimento. “O nosso querido Pai, divertiu-se imenso com isso, bem como o Padre Belmont. E eu estava admirada comigo mesma, ou melhor, com a minha audácia”<sup>33</sup>.

O Papa, continua ela, falou pelo menos durante vinte e cinco minutos, com grande convicção e, como estavam muito perto dele, foi-lhes possível seguir tudo com facilidade. A Madre Saint-Félix admite que a sua emoção é ainda tão viva, que mal pode descrever a experiência<sup>34</sup>.

A comunidade, em Béziers, segue atentamente os quatro peregrinos. E a Madre Saint-Félix termina sempre as suas cartas com a certeza de orações por todas e cada uma, sobretudo nos santuários dos padroeiros das irmãs. Os viajantes apreciam muito as notícias da Casa Mãe e a Madre Saint-Charles escreve-lhes três vezes, dizendo que tudo corre bem. A notícia mais relevante é a chegada de dois sacerdotes de Kilkenny, um dos quais, o Padre Dunphy, grande promotor das vocações irlandesas para a comunidade e que viria a ser o impulsionador da fundação de Ferrybank. A Madre Saint-Charles descreve-os a ambos como homens muito altos e diz do Padre Dunphy que “é extremamente jovial e inteligente e que quando fala ou ri, a sua voz é como a de uma águia”. Os dois sacerdotes sentem-se muito à vontade na Casa Mãe e parecem encantados com a França e com os franceses, segundo o relato da Madre Saint-Charles. A única decepção é não encontrarem Gailhac, mas decidem esperar por ele<sup>35</sup>.

Chega o fim da semana e os quatro começam a preparar o seu regresso. O calor principia a apertar e, apesar de todas as precauções, o fundador não pode dormir e tosse muito, durante vários dias. Ansiosa

---

33. *Ibid.*

34. *Ibid.*

35. Ver cartas de M. St. Charles a Gailhac 4, 7, 8, 6. 1874. Arq. hist./RSCM.; Caixa 3, Pasta 5. Um dos Padres do Bom Pastor Padre Combescure, concordava, definindo-os como “bons companheiros com quem trocamos solecismos e barbarismos em latim caseiro”. Combescure aos viajantes em Roma, 10.6.1874, Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16,

por chegar a casa, a Madre Saint-Félix mostra uma certa preocupação na sua última carta escrita de Roma: “Querida irmã, penso que o Senhor nos quer sempre no Calvário. Que Ele seja sempre louvado”<sup>36</sup>. Na única carta que existe de Gailhac para a Casa Mãe, este não mostra fadiga. Começa por agradecer à Madre Saint-Charles a boa administração durante a sua ausência e fala das bênçãos que o Santo Padre concedeu aos quatro peregrinos e às suas famílias religiosas. Gailhac informa-a sobre a terceira audiência com o Papa, no sábado, dia 13 de Junho. E diz-lhe ainda que outras pessoas influentes, que eles encontraram em Roma, lhes prometeram ajuda, em caso de necessidade. Gailhac, apesar de estar muito bem informado sobre a situação política na Itália e dar sinais de preocupação pelo fato de grupos subversivos procurarem destruir Roma, mostra-se comovido com a sua experiência da cidade:

*Em Roma sente-se ainda o perfume do sangue que os mártires derramaram por Jesus Cristo. Tudo respira uma fé viva e leal. Tudo fala da generosidade do mundo católico. É tão claro como o dia que Roma é a cidade do catolicismo e que todas as nações aqui depositaram as suas riquezas e os seus talentos, dando-lhe todo o seu ser. Roma é, na verdade, o coração do catolicismo*<sup>37</sup>.

Se tudo se realizar segundo os seus planos, eles saem de Roma para Civitavecchia, no Domingo de manhã, dia 14 de Junho e embarcam para Marseille nessa mesma tarde. Estava previsto dar entrada neste porto de mar quarta-feira à noite e seguir para Béziers, onde chegariam a 18 de Junho, por volta das sete horas da manhã. A Madre Saint-Félix escreve à Madre Saint-Charles, pedindo-lhe que mande a carruagem esperá-los à estação e que prepare um jantar festivo de boas vindas<sup>38</sup>.

---

36. M. St. Félix a M. St. Charles, 12.6.1874, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 3.

37. Gailhac a M. St. Charles 11.6.1874 Arq. hist./RSCM., Caixa 3, Pasta 3.

38. M. St. Félix a M. St. Charles, 12.6.1874. Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 3.

## Encontro com Sarah Peter

E estranho e significativo que nenhuma destas cartas escritas de Roma, mencione o encontro tão importante com Sarah Peter, uma senhora idosa e viúva, de Cincinnati, Ohio. Escrevendo, muitos anos mais tarde sobre o acontecimento, a Madre Saint-Félix recorda:

*Em 1874, o nosso Reverendo Padre fundador e duas superiores também fundadoras, deixam Marseille e embarcam para Roma, no Comte Valéry Line. A bordo viajava uma senhora americana convertida do protestantismo, alguns anos antes, e tendo sido batizada por Sua Santidade, Pio IX. Esta senhora era viúva do antigo governador de Cincinnati e dirigia uma peregrinação dos Estados Unidos. Era muito piedosa e estimada pelo nosso Santo Padre, o Papa. O nosso Reverendo Padre e as nossas superiores conheceram pessoalmente esta virtuosa senhora que lhes falou da América e do bem que aí poderia ser feito. Disse-lhes que chamara várias congregações para a sua cidade, que estas eram muito felizes,...etc. Como ficaria encantada se lá tivesse também a Congregação do Sagrado Coração de Maria! Que o Santo Padre abençoaria esta fundação e logo que chegasse aos Estados Unidos, trataria de tudo e nos escreveria. Tudo isto nos interessou muito, apesar de “não ficarmos com muita esperança”. Despedimo-nos desta senhora e a deixamos Roma. E não mais pensamos nesta fundação na América do Norte<sup>39</sup>.*

Talvez por “não ficarmos com muita esperança” e “não mais pensarmos nesta fundação na América do Norte”, enquanto estão em Roma, não haja menção deste encontro nas cartas então escritas. Todavia a Senhora Peter viria a ser o que Gailhac chamaria mais tarde “a nossa fundadora na América”<sup>40</sup>. Não é pois, fora de propósito determo-nos um pouco sobre a sua vida e sobre a sua função na Igreja da América, no seu tempo<sup>41</sup>.

---

39. *Brief Histories*, 21. Ver também *Livre de comptes de la Maison de Sag Harbor* Arq. hist./RSCM., Caixa 15, Pasta 4. Há alguns erros nesta narração: o barco deixou Marseille a 31.5; é certo que Sarah era conhecida do Papa, mas não foi batizada por ele. O seu pai tinha sido governador de Ohio e era viúva do cônsul britânico na Pennsylvania e New Jersey. Mais importante ainda é que as RSCM pensaram seriamente na proposta da Senhora Peter, logo que voltaram para Béziers.

40. Gailhac à Senhora Peter, 14.2.1847, Arq. hist./Cong., Vol.II-C, 64.

41. Há algumas biografias boas, desta notável senhora: Anna Shannon McAllister, in *Winter We Flourish* (New York: Longmans, Green and Co., 1889); (Margaret Rives King,

Tendo nascido a 10 de Maio de 1800 em Chillicothe, Ohio, Sarah era a segunda filha do sexto governador de Ohio, Thomas Worthington. Depois de receber uma excelente educação casou, na idade de dezesseis anos, com Edward King, um jovem advogado em Ohio. O casal teve quatro filhos e uma filha, mas apenas um, Rufus King, sobreviveu a 1851. Pouco tempo depois da família se mudar para Cincinnati, Edward King morreu de hidropisia, com a idade de quarenta anos, em Fevereiro de 1836. Com o desgosto, Sarah transferiu-se para Cambridge, Massachusetts, para ficar perto de seus filhos, que estudavam em Harvard. E aí continuou o seu estudo de línguas - francês, italiano e alemão. Mais tarde encontrou-se com William Peter, um viúvo inglês e cônsul britânico, na Pennsylvania e New Jersey, residente em Philadelphia. Casaram em 1844 e viveram em Philadelphia até à morte de William em 1853<sup>42</sup>.

Dois anos antes da morte do segundo marido, morreu Thomas King, filho de Sarah e esta levou a sua nora e três netos com ela, numa longa excursão na Europa e Palestina. Mais tarde Sarah revelava a seu filho Rufus que foi durante esta viagem à Palestina, que ela, embora episcopaliana, se começou a interessar pelo catolicismo. Este interesse inicial acompanhou-a e, depois da morte de William Peter, Sarah viajou pela Europa, uma segunda vez, em 1854, procurou instruir-se na fé católica e foi recebida na Igreja, em Roma, a 26 de Março de 1855<sup>43</sup>.

Logo após a sua conversão ao catolicismo, Sarah parece ter encontrado a sua vocação especial, na Igreja - ajudar os pobres da América, trazendo da Europa ordens religiosas para os servir. Em 1857, o arcebispo de Cincinnati, John Purcell, confirmou-a na sua vocação, delegando nela convidar, em seu nome, religiosas que servissem os pobres na sua diocese. Sarah devia fazer quatro viagens à Europa, com esse fim: em 1857, 1867, 1869-70 e 1874. Tendo-se encontrado com Pio IX e recebido dele uma carta de confirmação do seu trabalho, bem

---

*Memoirs of the Mrs. Sarah Peter*, 2 Vol. (Cincinnati, Robert Clarke and Co., 1889); M. Rose Agnes Kruthaupt, SFP, "Sarah Worthington King Peter's Influence on the Foundation and Growth of the Franciscan Sisters of the Poor in América 1858-1877" (M.A. diss., University of Dayton, 1965); há ainda um capítulo sobre a sua vida em Katherine Burton, *In No Strange Land: Some American Catholic Converts* (New York: Longmans, Green and Co., 1942); Há também uma biografia para crianças - Alma Power-Watts, *Sarah Peter: the Dream and the Harvest* (New York: Vision Books, 1965).

42. McAHister, 1-151. 43.

43. *Ibid.* 151-245.

como outras cartas de apresentação para pessoas notáveis, em Roma, passou algumas semanas na Europa angariando fundos de famílias ricas e interessando ordens religiosas na Irlanda, França e Alemanha, a fazer fundações na área de Cincinnati<sup>44</sup>. Tal era a senhora, com quem os quatro peregrinos de Béziers se encontraram no barco em direção a Roma!

Sarah Peter, viajando com o seu neto Tom e um Católico amigo, Senhor Smithson, em Junho de 1874, veio à Europa antes dos outros peregrinos americanos e embarcou em Marseille para Civitavecchia. No dia anterior à sua chegada ao destino, Sarah escreveu uma longa carta a seu filho, Rufus King. Nesta carta descrevia o que, para a comunidade RSCM, era um encontro de enorme importância.

*Nós somos os únicos passageiros, à exceção de duas inteligentes e simpáticas irmãs, a caminho de Roma. Talvez vejamos um dia a sua Ordem, (ordem de ensino) em Cincinnati, pois pensam fundar algumas casas nos Estados Unidos. Gostaria que elas se encontrassem com Ellie Piatt, e evangelizassem aquela região pagã<sup>45</sup>.*

É significativo que Sarah Peter informe o seu filho de que a comunidade já tinha tomado a decisão de ir para os Estados Unidos, enquanto que a Madre Saint-Félix dá a impressão de que é o convite de Sarah Peter que leva a comunidade a estabelecer-se na América. Talvez ambas as interpretações sejam verdadeiras. A Senhora Peter pode ter intuído da Madre Sainte-Croix e Madre Saint-Félix o seu forte, mas não formulado desejo de expansão do Instituto. As duas religiosas por outro lado, podem ter encontrado no convite de Sarah Peter, o necessário catalisador a provocar a sua visão e a impeli-las a agir.

Existem muitas questões acerca deste encontro com Sarah Peter. Porque é que não há referência aos dois sacerdotes que viajavam com as religiosas? Mais surpreendente ainda, porque é que a Madre Sainte-Croix não menciona esta senhora extraordinária na sua carta de 1 de

---

44. Atribui-se-lhe também o estabelecimento em Cincinnati das: Sisters of the Good Shepherd (1857), Sisters of the Poor of St. Francis from Aix-ia-Cappelle (1858), the Sisters of Mercy of Kinsale (1858), Little Sisters of the Poor from Brittany (1868). Foi ainda instrumento para chamar para Cincinnati as Religious of the Sacred Heart of Jesus (1869) e os Passionist Fathers (1871). Ver *Ibid.*, 246-305, 350,367-69.

45. Sarah Peter a Rufus King, 2.6.1874 encontrado em Mss of Sarah Peter: Cartas de viajantes estrangeiros, Chillicothe, Ohio: Ross County Historical Society.. (Referências posteriores. Mss of Sarah Peter, RCHS).

Junho, à Madre Saint-Charles? Poderá ter sido porque o encontro teve lugar no último dia, depois de ter terminado a carta<sup>46</sup>? Ou porque fora tão aliciante essa ideia de uma fundação na América, que os superiores decidem não a mencionar à comunidade, nessa ocasião? Escrevendo à sobrinha da Senhora Peter, Eleanor Watts Piatt<sup>47</sup> (Ellie Piatt mencionada na carta de Sarah) a Madre Sainte-Croix descreve o encontro pormenorizadamente:

*Durante a minha segunda viagem a Roma, tive o privilégio de conhecer pessoalmente a excelente e veneranda Senhora Sarah Peter, sua tia. Ao ouvir a descrição das obras a que o Instituto se dedica, a Senhora Peter manifestou o desejo de ter uma das nossas casas na vizinhança dela ou na sua. Discernimos a Voz da Providência neste acontecimento, pois os nossos venerandos fundadores sempre alimentaram a esperança de estender à América, as nossas obras de zelo, abraçando todas as classes da sociedade<sup>48</sup>.*

O encontro com Sarah Peter é, portanto, interpretado como manifestação da orientação da Providência. E acolhendo-o na fé, os superiores respondem com prontidão e zelo, quando regressam a Béziers.

Se, por hipótese, os superiores alguma vez duvidassem da distinção desta senhora de setenta e quatro anos, a graça da audiência com os peregrinos americanos, teria evidenciado não só o papel de Sarah Peter na Igreja da América, mas também o respeito de Pio IX para com ela.

---

46. M. Ste. Croix à M. St. Charles, 1.6.1874, Arq.hist./RSCM; Caixa 5, Pasta 3.

47. Eleanor Watts Piatt era a filha mais velha da irmã de Sarah Peter, Eleanor Worthington. Casou com Arthur Watts de Chillicothe e converteu-se ao catolicismo. Tendo nascido em 1834, Eleanor ou “Ellie”, como a família lhe chamava, foi segunda mulher do General Abram Sanders Piatt de Mac-a-cheek, West Liberty, Ohio, em 7.5.1863. A M. Ste. Croix refere-se a Ellie Piatt como “La comtesse”, mas não havia qualquer título de nobreza na família Piatt de Mac-a-cheek. Nem parece ter sido um apelido, pois os Worthingtons chamavam-lhe “Ellie” ou “Nellie” e os Piatta referem-se a ela como “Senhora P”. Abram tratava-a por sua “mulher”. Talvez a M. Ste. Croix supusesse que haveria algum grau de nobreza, pelo fato de Ellie viver num “castelo” construído por Abram, em Mac-a-cheek, em 1864. Não há nisto qualquer validade, mas é curioso que a Senhora Peter nunca tivesse corrigido tal equívoco.

48. M. Ste. Croix à sobrinha de Sarah Peter, s.d. (fins do Verão de 1874). Cópias de sete cartas da M. Ste. Croix a Sarah Peter e a sua sobrinha encontram-se num caderno de notas intitulado *Copie de Lettres d’Affaires de Com. Amérique et Porto, Portugal*, Arq.hist./RSCM Caixa 8, Pasta 6. (Referências posteriores Lettres en Amérique).

Um tanto confundida, Sarah explica ao seu filho a recepção entusiasta que acabava de receber em Roma:

*O corpo de peregrinos chegou logo depois de nós e temos tido tantas festas e tantas visitas, que eu pergunto-me como tenho ainda forças para escrever; mas os ares de Roma são sempre um tônico para mim e sinto-me forte no meio da fadiga. Não posso perceber como isto acontece, mas o Santo Padre parecia saber muita coisa a meu respeito. Deu-me uma audiência, dois dias depois da minha chegada e, no dia seguinte, mandou-me uma quantidade de presentes valiosos - estatuetas, quadros, rosários, medalhas e uma bela fotografia. O jornal Voce delia Verità publicou um artigo intitulado “La Signora Sarah Peter”, elogiando-me a mim e aos meus trabalhos, com belas palavras de louvor. Levar-te-ei uma cópia. Estou muito agradecida a este meu zeloso amigo, quem quer que ele seja, mas eu preferia menos publicidade<sup>49</sup>.*

Sarah volta ao mesmo assunto, em carta escrita a seu filho, três dias mais tarde:

*...se tiveres alguma vaidade acerca da tua Mamã, será plenamente satisfeita. Toda a gente me considera (não sei por que razão) como a pessoa mais distinta da peregrinação - o melhor lugar, as primeiras honras, são-me oferecidos<sup>50</sup>.*

Sarah Peter desempenhou papel importante na animação desta primeira peregrinação oficial de americanos a Roma, que teve como principal objetivo demonstrar, ao Papa, o apoio dos Católicos americanos. Duas cartas ao editor do semanário das dioceses de Brooklyn e New York, *The Catholic Review*, têm referências a Sarah Peter e indicam que ela colaborara na organização da peregrinação, alguns meses antes de partir de New York. Numa das cartas, o autor, identificado apenas como “pellegrinus” descreve-a como estando habituada a viajar para Itália e discorda da data da peregrinação, 4 de Julho. Acha que é muito tarde e sugere viajarem em Maio, antes do dia quinze, se possível<sup>51</sup>. A carta seguinte era uma resposta à decisão

---

49. Sarah Peter a Rufus King, 11.6.1874 Mss. of Sarah Peter RCHS.

50. Sarah Peter a Rufus King, 14.6.1874, *Ibid*.

51. *The Catholic Review*, 14.1.1874. (Era um jornal católico publicado em Brooklyn e New York depois de Janeiro 1872 e encontrado em New York: Arquivos da Arquidiocese). A data da peregrinação foi mudada para 16 de Maio. Era conhecido que Sarah Peter, que escreveu cartas para diários católicos, raramente assinava o seu próprio nome, mas preferia ficar anônima. Parece, portanto, que estas cartas de uma senhora de Cincinnati, assinadas “Pellegrinus” ou “Senhora decepcionada” são de Sarah Peter.

da Comissão da União Católica, organizadora da peregrinação, de que esta incluiria apenas homens, para poupar às senhoras os inconvenientes da inexperiência de uma primeira peregrinação. Uma carta de Cincinnati com data de 4 de Fevereiro de 1874 e com o título: “Queixa Acerba de uma Senhora Frustrada”, revela a sua posição com força e clareza:

*Depois de ler o relato da comissão sobre a peregrinação sinto que, como Católica, devo à minha consciência protestar contra o projeto de excluir senhoras do seu justo direito de nela participar. Que eu me lembre, nunca o belo sexo recebeu uma ofensa tão descortês*<sup>52</sup>.

Em meados de Março de 1874, *The Catholic Review* anunciava que a comissão mudara de ideias e aceitava senhoras *acompanhadas* na peregrinação<sup>53</sup>.

Ao ler alguns artigos no *New York Freeman's Journal* e no *Catholic Register*, semanário católico, tem-se a impressão de que o número de peregrinos aumentava lentamente, talvez porque as pessoas, antes de se inscreverem, queriam ter a certeza de que a ideia ia por diante, ou então porque o preço da inscrição, duzentos e cinquenta a trezentos dólares ouro, era tão elevado, que excluía as pessoas menos ricas<sup>54</sup>. Todavia, em meados de Maio, a lista dos passageiros era já de cento e oito pessoas.

A 16 de Maio, os peregrinos reunidos em New York e depois de uma Missa especial, celebrada pelo Arcebispo McCloskey, avançaram em procissão e à chuva, para o vapor *Pereire*, um navio da Linha Transatlântica Francesa<sup>55</sup>. A peregrinação que os organizadores tinham

---

52. *Ibid.*, 28.2.1874.

53. *Ibid.*, 4.3.1874.

54. *New York Freeman's Journal and Catholic Register*, 23.5.1874. (Este semanário católico encontra-se também em New York: Arquivos da Arquidiocese).

55. A maior parte dos peregrinos, descritos como pessoas de “bom caráter”, eram homens e muitos deles sacerdotes; havia também algumas senhoras. Os peregrinos eram das seguintes dioceses: Ft. Wayne, Indiana/ Cincinnati, Ohio/ Vincennes, Indiana/ Louisville, Kentucky/ Baltimor/ Erie/ Richmond/ Scranton/ Savannah/ Philadelphia/ Wheeling/ Wilmington/ New Orleans/ Galveston/ Mobile/ Natchez/ New York/ Albany/ Brooklyn/ Buffalo/ Newark/ St. Louis/ Chicago/ La Crosse/ Nashville/ Arizona/ San Francisco. Juntaram-se alguns canadianos da diocese de Toronto (1) Kingston (3) e Hamilton (4). *Ibid.*

como “grande ato de fé... e sinal de dedicação”<sup>56</sup> era também considerada pelos participantes como acontecimento religioso e, portanto, com os dias entremeados de devoções religiosas. Isto levou a grande descontentamento os outros passageiros, que ressentiram a ocupação de um ou dois salões, para os atos religiosos dos peregrinos. Relatos posteriores mencionam o “comunista” que, sentado, de chapéu, cigarro na boca e bebida na mão, esteve presente durante a Missa celebrada num dos salões, insistindo no seu direito. Nem o capitão do navio pode ajudar, uma vez que ele afirmava nada saber sobre os arranjos especiais, em favor dos peregrinos<sup>57</sup>.

O barco finalmente acosta ao Havre a 27 de Maio. Depois de alguns dias em Paris, os americanos vão a Lourdes, em seguida partem de Marseille para Civitavecchia e chegam a Roma, Domingo, dia 7 de Junho<sup>58</sup>.

Na manhã de terça-feira, dia 9 de Junho, logo depois das onze horas, os peregrinos<sup>59</sup> reúnem-se, usando ao peito o seu símbolo - um emblema do Sagrado Coração. O correspondente do *Freeman's Journal* descreve o acontecimento aos leitores americanos católicos, dizendo: “A Senhora Peter que foi, penso eu, uma das primeiras a inscrever-se na peregrinação, mas que foi obrigada a partir antes de nós, estava presente”. Estando todos reunidos, o assistente espiritual da peregrinação, Mgr. Gwenger de Fort Wayne, Indiana, saudou o Santo Padre em latim, após o que o juiz Paul E. Theard de New Orleans o saudou em francês, em nome dos peregrinos americanos. Durante estes discursos, diz o comentador, o Papa respondia frequentemente “bello, bello” e por fim levantou-se para agradecer a todos, numa longa alocução em italiano<sup>60</sup>.

---

56. *Ibid.* 11.4.1874.

57. *Ibid.* 20.5.1874.

58. *Ibid.* 11.7.1874.

59. Estavam presentes também outros americanos : os estudantes do colégio Americano, americanos estudando na Propaganda Fide, bem como o reitor do Colégio da Irlanda e outros residentes de língua inglesa, (*Ibid.* 11.7.1874). É claro que havia bilhetes de entrada disponíveis, porque o editor *Freeman s Journal* criticou o reitor do Colégio Americano em Roma, por ter dado um bilhete extra a um jornalista anti-católico de Philadelphia. (*Ibid.* 4.1AX14) É muito possível, portanto, que a Senhora Peter tenha podido dar bilhetes aos quatro peregrinos de Béziers.

60. Para os textos destes três discursos, ver *Ibid.* 11.7.1874.

Foi esta a cerimônia que tanto enterneceu o fundador, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Félix. Foi aqui que as duas tiveram que se disfarçar, identificando-se, pela maneira de vestir, com as senhoras americanas. Este relançar de olhos sobre a Igreja na América e a oportunidade de encontro com Sarah Peter, cuja missão era trazer para os Estados Unidos, comunidades religiosas que se ocupassem dos pobres, convenceram Gailhac e as superiores de que a Divina Providência os guiava nesta nova direção.

### **Planos para uma fundação na América**

Alguns dias depois do regresso a Béziers, a Madre Sainte-Croix escreve a Sarah Peter, que ainda estava em Roma. Depois de uma respeitosa saudação, a Madre Sainte-Croix diz-lhe que, tanto ela como Gailhac, falam com frequência dos seus dias de Roma e muito especialmente da audiência solene concedida aos peregrinos americanos. A superiora geral lamenta terem tido de deixar Roma tão depressa, obrigados pelos seus trabalhos. Convidando Sarah a passar alguns dias com eles na Casa Mãe, ao passar em França, a Madre Sainte-Croix dá-lhe a certeza de que:

*...não esqueceremos o nosso plano para a fundação da América, na sua vizinhança e sob os seus auspícios. E já que a Divina Providência a escolheu para esta obra, pode contar, excelente e querida Madame, com os nossos esforços por apoiar o seu zelo e dedicação<sup>61</sup>.*

Como Sarah Peter não respondesse, ela que prometera escrever depois do seu regresso a Cincinnati, a Madre Sainte-Croix começa a ficar preocupada. Evidentemente não faz ideia de que a Senhora Peter anda vagueando pela Europa, antes de regressar à América, parando em Siena, Firenze, Monte Catane na Toscana, Gênova, Lyon e Paris. Em carta à família, datada de 9 de Agosto, Sarah fala em embarcar para New York a bordo do Frisia, “do próximo sábado a duas semanas”, isto é, 29 de Agosto. Depois ficaria em New York o tempo

---

61. M. Ste. Croix a Sarah Peter, Julho 1874, Lettres en Amerique. (M. Ste. Croix diz que escreve esta carta alguns dias depois do seu regresso a Béziers, 18 de Junho. Sarah Peter ficou em Roma até ao dia 18 de Julho. Ver Sarah Peter a Rufus King, 17.7.1874, Mss, of Sarah Peter, RCHS).

justo de mandar compor o seu relógio. Só então regressaria a Cincinnati<sup>62</sup>.

Pensando que Sarah se encontrava já em Cincinnati, a Madre Sainte-Croix escreve-lhe de novo nos fins do Verão, pedindo notícias da sua saúde, da sua viagem de regresso e da projetada fundação na América. Mais uma vez afirma à Senhora Peter que os superiores pensam nessa fundação, sob os seus auspícios e com o acolhimento cordial de sua sobrinha. Diz-lhe ainda que um grupo de religiosas, espirituais e capazes, se está preparando já, com grande espírito de zelo. Que o Cardeal Franchi da Sagrada Congregação da Propaganda, lhes prometera recomendá-las ao bispo da respectiva área, mas que a comunidade sente a necessidade de conhecer os seus planos com uma certa antecedência. A superiora dá a entender que é preciso começar a obra “très petitement” confiando que a “Pobreza atrai as bênçãos do céu”. E a terminar: “a Sua glória e o bem das pessoas são o nosso único ideal”<sup>63</sup>.

A superiora geral, não tendo ainda resposta de Sarah Peter, estava tão ansiosa por notícias, que entra em contato com a sobrinha, falando-lhe do encontro em Roma e da fundação projetada. Desde o princípio Sarah Peter fala da fundação se localizar, ou na sua cidade de Cincinnati ou nos subúrbios de West Liberty, na proximidade de sua sobrinha, da qual Sarah dizia que era “uma região quente”<sup>64</sup>.

Não é muito evidente que a sobrinha de Sarah tivesse o mesmo entusiasmo que a tia, quanto ao estabelecimento das ordens religiosas nos Estados Unidos. Não há sinais de tal interesse. Pelo contrário, Ellie Piatt parece ser uma pessoa doente, não tem filhos e foi infeliz no casamento. Durante estes anos de expectativa sobre a fundação na América, o seu marido descreve-a como “...não tendo ninguém no mundo além de Tom (seu irmão Tom Watts) e a tia Sarah. Depois do

---

62. Sarah Peter a Rufus King 17.2.1874, Mss. of Sarah Peter, RCHS.

63. M.Ste. Croix a Sarah Peter.s.d. (provavelmente fins do verão de 1-874), Lettres en Amérique.

64. M. Ste. Croix à sobrinha de Sarah Peter, 1874, Lettres en Amerique, West Liberty, Ohio, é uma pequena cidade (em 1988 a população era de 1.200 habitantes). Não havia paróquia católica na cidade, todavia a família Piatt que era católica tinha uma capela na propriedade e uma capelinha no castelo de Mac-a-cheek. El la Piatt, cunhada de Ellie, pediu à diocese de Cincinnati para começar uma paróquia em West Liberty, mas sem resultado. As paróquias mais próximas na década de 1870 (e agora), são St. Mary's in Urbana (est.em 1852) e St. Patrick's em Bellefontaine. Não é claro o que Sarah Peter pretendia para as RSCM: se trabalhar numa destas paróquias já existentes, se em West Liberty *per se*.

casamento perdeu toda a sua família. E tem tido grandes inquietações, como só Deus sabe”<sup>65</sup>. Ao que parece, recebeu grandes ofensas de alguns dos sete filhos e da filha do primeiro matrimônio de Abram, uma situação agravada pelo fato de a maior parte destes sete filhos, permanecer em casa, em Mac-a-cheek<sup>66</sup>. Não é, pois, provável que Ellie Piatt tivesse tido energia ou influência, para preparar uma fundação de religiosas em West Liberty<sup>67</sup>.

Compreendendo que a inclinação de Sarah Peter para West Liberty como possível localidade, supunha o envolvimento ativo de sua sobrinha neste projeto, a Madre Sainte-Croix escreve a Ellie:

*Demos a nossa palavra e prometemos à Senhora Peter, enviar um certo número de religiosas para essa fundação, antes de Outubro de 1875. E estamos a prepará-las para tal missão sem perder um minuto*<sup>68</sup>.

Certa de que a Senhora Peter a terá posto ao corrente do assunto, a Madre Sainte-Croix diz-lhe que lhe escreve apenas porque está ansiosa por notícias e porque nada mais soube acerca da Senhora Peter, desde que esta partiu de Roma.

Esta tinha prometido escrever para Béziers à sua chegada a Cincinnati, ou até de New York, onde esperava encontrar uma carta da sua sobrinha, sobre o assunto<sup>69</sup>.

Parece que logo em seguida, a Senhora Peter escreve à Madre Sainte-Croix, que fica muito contente por saber que a viagem de regresso tinha corrido bem e a não deixara demasiado fatigada. O que motivou a carta à sua sobrinha, explica a Madre Sainte-Croix, foi a preocupação com a saúde da Senhora Peter e não qualquer dúvida

---

65. Abram S. Piatt a Arabella Piat Worthington, 15.5.1875, Mss.54, the Worthington Papers, Caixa 11, Pasta 6, Columbus, Ohio: Ohio Historical Society. (Referências posteriores Worthington Papers).

66. *Ibid.* Ver também uma carta de Anna Piatt a Arabella Piatt Worthington, 26.12.1875., *Ibid.*, para exemplo de tensões de família.

67. Escrevendo mais tarde a seu irmão e queixando-se de que não tinha dinheiro para comprar vestidos novos, Ellie lamenta-se: “Meu Deus! Já não posso mais. Sinto-me de novo como me senti na morte de Arthur (seu irmão), um sentimento de injustiça, - como se estivesse sempre a ser insultada ou caluniada. Não me vou abandonar ao desânimo, mas pedir a Deus que não prolongue uma vida tão infeliz, tão cheia de necessidades e sofrimento e tão vazia de alegria, afeto e conforto de toda a espécie”. Eleanor Piatt a Tom Watts, 1886, Mss.54, Worthington Papers. Caixa 20, Pasta 5.

68. M. Ste. Croix à sobrinha de Sarah Peter, 1874, Lettres en Amérique.

69. *Ibid.*

relativa às suas promessas. O triste relato sobre as necessidades espirituais do seu país, longe de desaminarem a superiora, dão-lhe ainda mais coragem para iniciar a fundação: “Quanto maior é o perigo, mais urgente se torna a necessidade de o remediar.” A comunidade faz então uma proposta concreta - enviar duas irmãs de coro e uma coadjutora, para os preparativos imediatos e quando a Senhora Peter achasse conveniente, outras irmãs se lhes juntariam. Estas primeiras irmãs partiriam para a América no mês de Julho ou Agosto seguinte (1875) se a Senhora Peter achasse bem<sup>70</sup>. Deduz-se desta carta que, para orientar a fundação, a Senhora Peter tinha já interessado um santo sacerdote”. É que a Madre Sainte-Croix garante-lhe que o sacerdote verificará que as irmãs são “simples, humildes, ativas e dedicadas a tudo o que é bem.” Tal era a experiência de outros sacerdotes nas várias fundações<sup>71</sup>. Mas encontraria a congregação, nos Estados Unidos, desafios diferentes, uma vez que, embora internacional, se confinara até então à Europa?

### **As religiosas na Igreja da América**

As primitivas comunidades religiosas no Norte da América tiveram também a sua origem na Europa. As irmãs Ursulinas francesas, já em franca atividade no Canadá, começaram uma fundação em New Orleans em 1727. Essa região viria a fazer parte dos Estados Unidos depois da aquisição da Louisiana em 1803. O primeiro convento nos Estados Unidos, em Port Tobacco, Charles County, Maryland, foi fundado por um grupo de carmelitas da Bélgica, algumas das quais naturais da América. O ano desta nova fundação, 1790, foi precisamente o ano em que a Igreja se estabelecia juridicamente na América com a ordenação episcopal de John Carroll, como seu primeiro bispo. No século XIX, milhares de religiosas viriam da Europa para começar, no novo mundo, o seu trabalho apostólico.

Múltiplas razões trouxeram à América estas religiosas. Como se diz no começo deste estudo, o século XIX na Europa foi teatro de uma extraordinária explosão de congregações religiosas apostólicas femininas

---

70. M. Ste. Croix a Sarah Peter, s.d. (fins de Outubro 1874), *Ibid.*

71. *Ibid.*

Animadas de ardente espírito missionário e muitas vezes ameaçadas pela instabilidade política nos seus próprios países, religiosas de congregações europeias cruzaram o oceano aos milhares, para responderem a pedidos de bispos americanos, ou especialmente no fim do século, para acompanharem os seus compatriotas emigrantes<sup>72</sup>. Estas religiosas, uma vez nos Estados Unidos, deviam desde o princípio desafiar os valores americanos e, algumas vezes, conformar-se com eles. O Arcebispo Louis William DuBourg, por exemplo, tinha esperança em que a estrita observância das ordens religiosas pudesse neutralizar a tendência americana para o individualismo. Em carta ao Cardeal Peter Caprano, da Congregação da Propaganda, e citada com frequência, DuBourg escrevia em 1826:

*Difícilmente se compreende que, até entre o clero e outras pessoas aliás bem dispostas, os princípios de independência e os abusos lhes entrem por todos os poros, nestes Estados Unidos. Por isso a minha convicção foi sempre de que todo o bem a esperar deve brotar das congregações ou ordens religiosas, entre as quais prospera a estrita observância*<sup>73 74</sup>.

Porém, a maior parte dos bispos da América insistia em que, nas suas dioceses, as religiosas se adaptassem aos costumes americanos, às necessidades e expectativas de utilidade geral, mesmo que isso exigisse a revogação de algumas partes das suas constituições. Não nos surpreende que essa adaptação fosse muitas vezes penosa. Em muitos casos, o clima extremo e as austeras condições locais pediam uma resposta nova e radical. Numa sociedade sem Católicos ricos para manterem as obras das irmãs, os ministérios tradicionais expandiam-se à medida em que as religiosas improvisavam os meios de atender às necessidades do povo e de se sustentarem a si mesmas. As mudanças impostas pelos ministérios e pelo estilo de vida levavam frequentemente as irmãs a conflitos com as suas casas-mães na Europa e com as constituições, então impossíveis de observar. Mary Ewens, O.P. descreve as consequências desta luta de adaptação:

---

72. Para uma análise dos motivos e contributos destas religiosas europeias, ver "Development of Religious Life in the United States from Its European Roots" palestra não publicada de Mary Milligan RSCM, no Colégio Americano de Roma, 18.3.1990.

73. Dubourg a Caprano, como é citado em Mary Ewens, O.P. "Women in the Convent", encontrado em Karen Kennelly.C.S.J., (ed.), *American Catholic Women: A Historical Exploration* (New York: Macmillan Pub. Co. 1889) 18.

74. *Ibid*, 20-21.

*A questão de descobrir a melhor forma de viver a vida religiosa na América, foi muito debatida em numerosas comunidades e entre bispos e pastores. Por vezes, o clero tinha razão em reclamar certas mudanças e razão tinham também as irmãs em pedir dispensas às suas casas-mães. Em outros casos, parece ter havido abusivas interferências nos assuntos internos da comunidade, dos quais só as irmãs podiam decidir. Com bastante frequência, as irmãs americanas tiveram que se desligar contrariadas, da jurisdição das suas casas-mães europeias. Mas em outras situações, foi a própria casa-mãe que as desligou. Quando se lida com números superiores a duzentas mil irmãs em quatrocentas comunidades independentes, não bastam simples generalizações<sup>74</sup>.*

Nem todas as comunidades religiosas fundadas nos Estados Unidos nos anos de 1790-1830, foram capazes de se adaptar com sucesso. Entre as dozes congregações que então se estabeleceram, apenas as seis iniciadas pelas religiosas americanas sobreviveram, e só uma das fundações europeias sobreviveu também, as Religiosas do Sagrado Coração<sup>75</sup>.

A adaptação aos costumes da América não foi o único desafio que as religiosas tiveram de enfrentar. À medida que aumentava a emigração para os Estados Unidos, aumentavam também os sentimentos de “nativismo”, assumindo expressão anti-católica. Sobretudo, nas décadas de 1830 e 1850, foi desenfreada a intolerância contra os Católicos e principalmente contra as religiosas. Tal situação só veio a ser drasticamente invertida na Guerra Civil Americana, durante a qual as religiosas trataram incansavelmente soldados doentes ou moribundos, de ambos os exércitos. Comentando esta mudança, um historiador escreve: “As irmãs, sem qualquer ajuda exterior, mudaram a opinião pública, e o hábito religioso, que antes provocava ódio e insultos, quando publicamente usado, passou a ser reverenciado por todos, como sinal de honra”<sup>76</sup>.

Sarah Peter conhecia, sem dúvida, os desafios enfrentados pelas religiosas da Europa, no meio americano. Ela fora diretamente responsável pela fundação, em Cincinnati, de comunidades da Alemanha, Irlanda e França e ajudara-as nas suas dificuldades de adaptação. Pessoalmente, participou também, durante a Guerra Civil,

---

75. *Ibid.* 24.

76. *Ibid.* 26.

nos cuidados dispensados aos feridos, prestando-lhes serviços de enfermagem e animando-os nos hospitais militares e nos hospitais de navios e visitando os prisioneiros de guerra de ambos os exércitos<sup>77</sup>.

O meio da década de 1870 era propício a iniciar uma fundação religiosa, nos Estados Unidos. Aproveitando a atitude positiva de americanos que tinham presentes os serviços das irmãs durante a Guerra Civil, as religiosas europeias procuravam responder à enorme necessidade de ensino e educação, quer dos nativos, quer dos imigrantes. Era também preocupação sua ajudar os bispos a estabelecer, na América, o sistema de escolas paroquiais católicas. Nos anos 1870-1900, quarenta e sete comunidades europeias fariam a sua primeira fundação americana. Algumas ocupar-se-iam com os americanos, enquanto outras, com os recém-chegados grupos étnicos. E todas continuavam a lutar por conciliar as suas constituições europeias com a cultura americana<sup>78</sup>.

Os planos das RSCM em participar neste grande desafio, não se realizariam tão rapidamente como desejavam. A Madre Saint-Félix, todavia, induz em erro quando, depois do encontro com Sarah Peter em Roma, escreve: “Não pensamos mais sobre uma fundação na América do Norte”<sup>79</sup>. A urgência da correspondência da Madre Sainte-Croix com a Senhora Peter e até com a sobrinha prova o contrário. A demora não é causada voluntariamente, mas por circunstâncias exteriores e inesperadas que a Senhora Peter encontra em Ohio, recursos limitados e preocupações com as fundações já existentes. Ao menos, por enquanto, a Madre Sainte-Croix tem que voltar a sua atenção para a primeira fundação em Portugal, Porto.

---

77. Para mais informações sobre as atividades de Sarah Peter durante a Guerra Civil Americana, ver McAllister, 306-321.

78. Ver Mary Ewens, O.P., *The Role of the Nun in 19th Century América: Variations on the Intemational Theme* (New York Arno Press, 1978) 259-278.

79. *Brief Histories*, 21.

**Renovando a comunidade:  
visita da Madre Sainte-Croix ao Porto  
(1875)**

O ano de 1875 foi muito importante nesta primeira década das fundações. Poder-se-ia considerar como um tempo de avaliação do estado da comunidade fundada um quarto de século antes. Na Primavera de 1875 a Madre Sainte-Croix passa quase três meses em Portugal, visitando pela primeira vez, a fundação do Porto. Em Agosto e parte de Setembro, visita as comunidades de Lisburn e Liverpool, fundações que ela bem conhecia, mas que necessitavam constantemente do seu renovado apoio e desafio. Pode dizer-se, sem errar, que nem Gailhac nem a Madre Sainte-Croix tinham ilusões acerca dos pontos fortes e fracos destas comunidades. Contudo, tal conhecimento e a experiência de imensas dificuldades na Casa Mãe, não os impedem de continuar a projetar a expansão do Instituto em novos lugares: Sag Harbor, nos Estados Unidos, Braga, em Portugal e Ferrybank na Irlanda.

**Visita à comunidade do Porto**

A visita da Madre Sainte-Croix ao Porto, desde meados de Abril até princípios de Julho de 1875, pode ser reconstituída através de oito longas cartas, escritas pela superiora geral a Gailhac e das respostas deste, bem como cartas da Madre Saint-Charles e da Madre Saint-Félix. Esta visita torna evidentes conhecimentos profundos, sobre as condições existentes na comunidade relacionada com uma escola antiga e sobre as qualidades pessoais e comunitárias consideradas essenciais pelas autoridades de todas as congregações.

A Madre Sainte-Croix prefere viajar de barco, quando possível, por isso embora outras irmãs, antes dela, tenham viajado de trem,

através de Espanha, ela embarca em Bordeaux para Lisboa. Ela mesma admite que a travessia poderia ter sido tempestuosa, mas que a sua viagem tinha sido particularmente calma. Desembarca na manhã do dia 14 de Abril e, depois de ter descansado um dia no convento das Irmãs Dominicanas, em Lisboa, toma o trem da noite para o Porto, chegando às oito horas e trinta minutos da manhã.

Desde o princípio, as suas cartas indicam que ela tinha consciência de que esta visita significava uma missão determinada, que ela queria cumprir perfeitamente e segundo os planos antes refletidos com o fundador. Parece que tinham recebido, em correspondência, algumas notícias inquietantes sobre a comunidade. Por isso a Madre Sainte-Croix vem em visita de observação conhecendo de antemão alguns dos problemas a remediar. Através da sua correspondência com Gailhac, a Madre Sainte-Croix informa sobre o seu infatigável trabalho para não só conseguir os objetivos da visita, mas para o fazer de acordo com o que ela sabe ou intui serem as intenções do fundador, prometendo-lhe uma narração mais minuciosa, quando se encontrar com ele<sup>2</sup>. Por sua parte, Gailhac parece confiar de tal maneira nos seus critérios e bom senso que lhe responde:

*Numa palavra, quem está no local é que vê tudo e pode orientar cada coisa para a glória de Deus e o maior bem da comunidade. Com toda a simplicidade, tome as decisões que achar melhor<sup>3</sup>.*

A Madre Sainte-Croix familiariza-se imediatamente com o contexto em que se situa, visitando cada classe e encontrando-se logo no seu primeiro dia, no Porto, com todas as estudantes e professores. Familiariza-se igualmente com o edifício e propriedade. Primeiro, descreve a sua esplêndida situação, dominando toda a cidade do Porto, com vista para o oceano de quase todas as janelas da casa. Depois, começa a percorrer a propriedade, descrevendo-a com pormenor e comparando-a com locais na Casa Mãe e em Liverpool, para que Gailhac pudesse imaginá-la: os jardins, os passeios com degraus, o pequeno bosque de árvores, “um pouco maior do que o pátio do orfanato”, o pomar, “mais ou menos com o comprimento e a largura

- 
1. M. Ste.Croix a Gailhac, 14.4.1875, Arq.hist/RSCM., Caixa 5, Pasta 1.
  2. M. Ste. Croix a Gailhac, ver 16.4.1875 e 24.6.1875, *Ibid.*
  3. Gailhac à M. Ste. Croix GS/11/5/75/A.

do corredor do internato”, a área cultivada “cerca de uma vez e meia o tamanho do nosso parque”<sup>4</sup>.

Parece muito satisfeita com a beleza da propriedade, com a grande construção da Academia Inglesa. A comunidade do Porto tinha alugado esta propriedade em Setembro de 1872, mas agora, diz a Madre Sainte-Croix, o proprietário anuncia que a quer vender<sup>5</sup>. Sem dúvida, isto era uma preocupação para a comunidade, sobretudo porque um provável comprador viera duas vezes medir o terreno<sup>6</sup>. E é mesmo em vésperas de deixar o Porto, que a Madre Sainte-Croix é informada, com grande satisfação sua, de que o dono decidira adiar a venda e alugar a propriedade por mais um ano<sup>7</sup>. Ao mesmo tempo, porém, ela deve ter sentido em primeira mão, algumas das desvantagens do aluguel da propriedade: a incerteza de que o dono não viesse de novo a querer vendê-la, com grandes inconvenientes para a escola e comunidade; o eventual problema de espaço, agravado pela impossibilidade de aumentar ou modificar as instalações, para poderem inscrever o número crescente de estudantes.<sup>8</sup> Estas desvantagens são referidas pelo fundador, em carta posterior e provavelmente contribuíram para que a comunidade decidisse, sempre que possível, comprar a propriedade em vez de a alugar.

A escola prospera. Em Abril de 1875, quase oitenta alunas, das quais quarenta são internas. Que diferença dos primeiros meses, em que a comunidade tinha arrumado camas, numa grande sala, para dar, às visitas, a impressão de que havia muitas alunas internas<sup>9</sup>. Agora, na perspectiva de cinquenta internas para o ano seguinte, as irmãs preocupam-se com a falta de espaço para as receber<sup>10</sup>.

A Madre Sainte-Croix aprecia a sua relação pessoal com as alunas que descreve “tão carinhosas, tão cheias de respeito e verdadeiramente enternecedoras”<sup>11</sup>. A escola começa a ter uma excelente reputação nos círculos educacionais da cidade. A Madre Sainte-Croix informa com

---

4. M. Ste. Croix a Gailhac, 16.4.1875, Arq. hist./RSCM.. Caixa 5, Pasta 1.

5. *Ibid.*

6. M. Ste. Croix a Gailhac, 9.5.1875, *Ibid.*

7. M. Ste. Croix a Gailhac, 24.6.1875, *Ibid.*

8. M. Ste Croix a Gailhac, 30.6.1875, *Ibid.*

9. Ver *Journal*, 17-18.

10. M. Ste. Croix a Gailhac, 30.5.1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

11. M. Ste. Croix a Gailhac 16.4.1875, ZbÍJ.

orgulho que duas estudantes fizeram exames na Escola Secundária Nacional do Porto e ambas passaram, uma com distinção e a outra, uma jovem francesa, quase com distinção também. A nota inferior de passagem era oito. A primeira aluna teve quinze e a segunda treze. Mais ainda, um inspector que visitou a escola e entrevistou as estudantes, comentou, mais tarde, que “a Academia é a melhor da área”<sup>12</sup>.

Com a sua candura característica, a Madre Sainte-Croix admite todavia que Deus tenha sido benigno com elas, pois não compreende que a fraca instrução que ela notou possa ter merecido um tal louvor. As classes ensinadas em francês são a sua principal preocupação. Logo no primeiro dia visitara a classe da Madre Sainte-Appollonie e notara imediatamente que ela dera muitos erros de pronúncia e gramática<sup>13</sup>. Mesmo depois de algumas semanas em que tinha procurado ajudá-la, a Madre Sainte-Croix tem que concluir que a Madre Sainte-Appollonie não era muito capaz. O mesmo era verdade da Madre Saint-Régis, francesa também. Segundo a Madre Sainte-Croix, esta irmã falava tão mal a sua própria língua que se tornava difícil ouvi-la. Uma das outras professoras, a Madre Saint-Augustine Walsh, que provavelmente ensinava inglês na escola, era considerada “bastante lenta” e muito sobrecarregada com outros serviços na rouparia<sup>14</sup>.

Embora muito interessada nas condições da escola, o que particularmente ocupa a Madre Sainte-Croix na sua visita ao Porto, é o estado espiritual da comunidade e os diferentes ministérios das irmãs.

Algum tempo antes desta visita, a presença de duas irmãs consideradas, em geral, como “tendo mau espírito” fez sofrer a comunidade do Porto. Estas religiosas, Madre Saint-Athanase e a Irmã Saint-Vincent Phalip foram enviadas para Portugal, na Primavera de 1872, mas quando a Madre Saint-Félix visitou a comunidade, dois anos mais tarde<sup>15</sup>, informou provavelmente sobre a situação difícil que se estava gerando no Porto, por causa delas. Como consequência, em

---

12. M. Ste. Croix a Gailhac, 30.5.1875, *Ibid*.

13. M. Ste. Croix a Gailhac, 16.4.1875, *Ibid*.

14. M. Ste. Croix a Gailhac, 24.4.1875, *Ibid*. Os anúncios dos jornais indicam claramente que a Academia Inglesa oferecia além do português, classes de francês, inglês e alemão com professores de diferentes nacionalidades. Provavelmente, tanto a M. Ste. Appollonie como a M. St. Régis ensinaram cursos em francês. Por esta razão, a M. Ste. Croix podia fazer a crítica do seu ensino e ajudá-las.

15. Ver três cartas da M. St. Charles à M. St. Félix no Porto, em 12 e 17/4 e em 4/5. 1875. Arq.hist./RSCM., Caixa 117, Pasta 14.

Fevereiro de 1875, a Madre Sainte-Croix pede a Mrg. Auge, em Roma, para iniciar o processo de dispensa de votos das duas religiosas, pois a comunidade era forçada a excluí-las.

Estas duas irmãs eram de bastante idade, cinquenta e cinco e sessenta e cinco anos, ambas de votos perpétuos. A Irmã Vincent fora do primeiro grupo de profissão, em 4 de Maio de 1851. No entanto, tomara-se a causa de “tormento, perturbação e escândalo” para a comunidade da Casa Mãe, durante muitos anos. Os superiores tinham tido esperança em que uma mudança pudesse ter influência positiva nelas, e por isso ambas foram enviadas para a pequena comunidade do Porto. Aqui, o seu mau espírito e linguagem grosseira levaram o confessor da comunidade a observar a sua conduta externa e a concluir que elas nem sequer cristãs eram. Já que a justiça para com a comunidade do Porto exigia a sua transferência e já que não era admissível mudá-las para outra fundação ou reenviá-las para a Casa Mãe, a Madre Sainte-Croix insiste com Mgr. Auge em proceder aos pedidos de dispensa, com a maior urgência possível<sup>16</sup>. Parece que a Madre Saint-Athanase voltou para a sua família e que a Irmã Saint-Vincent também deixou a comunidade antes da visita da Madre Sainte-Croix<sup>17</sup>. Mas outros problemas persistiam na comunidade. A parte mais importante da sua missão era pois, descobrir os pontos fortes e fracos da comunidade e de cada uma, com o fim de renovar o fervor primitivo.

Eram oito irmãs na comunidade do Porto, em Abril de 1875. Cinco eram religiosas de coro - Madre Sainte-Marie Hennessy, Madre Saint-Thomas Hennessy, Madre Sainte-Appollonie Fenayrou, Madre Saint-Régis Chavardes e Madre Sainte-Augustine Walsh. A identidade das três outras não é certa. Parece evidente que, ao menos uma das Oblatas de Maria - uma terceira ordem fundada por Gailhac em 1851, com o título original de Irmãs da Virgem<sup>18</sup> - tenha sido recentemente enviada para o Porto. A Madre Sainte-Croix menciona uma Irmã Albanie que, com grande relutância ensinou costura às alunas<sup>19</sup>. Quer no Grande

---

16. Rascunho de uma carta da M. Ste. Croix a Mons Auge 10.2.1875, Arq. hist./RSCM; Caixa Pasta 16. Ver também Caixa 3.Pasta 3.

17. *Journal*, 13. A comunidade continuou a apoiar financeiramente a Ir.St. Vicent até à sua morte. Ver M.St. Félix, Notas, *Proc. ap.*, 1328-1330.

18. Para a fundação e evolução das Irmãs da Virgem, ver Sampaio, 144-146 e Maynard, 89-103. Para informação sobre a mudança de título, ver *Inquiisito*, 427-429.

19. M. Ste. Croix a Gailhac [24.4.1875]. Arq. hist./RSCM.,Caixa 5, Pasta I.

Registro da Casa Mãe quer no Registro de Vestição das RSCM, não há menção alguma de uma Irmã Albanie na comunidade do Porto, em Abril de 1875, nem das outras duas, Irmã Sainte-Josphine e uma outra chamada Marie ou Raphael. Há, porém a inscrição de uma irmã Albine Carcenac no Registro de Vestição e Profissão das Oblatas<sup>20</sup>. E muito possível que ela tenha sido enviada para o Porto em substituição de uma das irmãs que, recentemente, tinha sido despedida do Instituto.

A Madre Sainte-Croix detecta facilmente certas fraquezas na comunidade. Não havia tempos determinados para a oração comunitária, por exemplo, mas isto facilmente se remediava, organizando um novo horário desde as quatro horas e quarenta e cinco minutos da manhã, hora de levantar, até à oração da noite, às oito horas e quarenta e cinco minutos<sup>21</sup>. A conversão pessoal de cada uma das irmãs era mais difícil. Em carta a Gailhac, a Madre Sainte-Croix é extremamente perceptível e franca, descrevendo as virtudes e fraquezas de cada membro da comunidade.

Primeiro informa acerca das duas Hennessys, Madre Sainte-Marie e Madre Saint-Thomas. Estas duas irmãs são muitas vezes referidas ao mesmo tempo e portanto as suas funções são algumas vezes indistintas. A Madre Sainte-Croix diz que, através de todos os relatórios, a dedicação destas duas religiosas não tem limites. Tem grande confiança nelas. Ao mesmo tempo, porém, alguns membros da comunidade queixaram-se de que a Madre Sainte-Marie, sua superiora local, exercia a autoridade de maneira desigual, sendo algumas vezes severa e rígida, e tendo outras vezes medo de agir, em face de resistências<sup>22</sup>.

A avaliação da Madre Saint-Thomas é ainda mais enigmática. A Madre Sainte-Croix comunica ao fundador que a Madre Saint-Thomas “...em pouco melhorou a sua natureza e não se domina bastante”<sup>23</sup>. Mais tarde, noutra carta, a superiora geral confirma a incapacidade da Madre Saint-Thomas para “dominar o seu temperamento”<sup>24</sup>. Todavia estes comentários negativos devem ser vistos num contexto mais amplo, pois

---

20. A Ir. Albanie recebeu o hábito em 26.5.1869 e professou em Dezembro de 1871. Registro das Tomadas de Hábito e Profissões das Irmãs Oblatas, 16.5.1872 a 25.10.1876, Arq. hist./ Cong., Vol. II-A, 48. Finalmente, ela foi formalmente incorporada nas RSCM, com outras irmãs Oblatas, em 1909 e morreu em Bayssan no mesmo ano. Ver Grande Registro, N° 412.

21. M. Ste. Croix a Gailhac, 30.4.1875, Arq. hist./RSCM., caixa 5. Pasta 1.

22. M. Ste. Croix a Gailhac, [24.4.1875], *Ibid.*

23. *Ibid.*

24. M. Ste. Croix a Gailhac, 9.5.1875, *Ibid.*

ambos, Madre Sainte-Croix e Gailhac conheciam bem esta religiosa e reconheciam as suas numerosas qualidades. Tinha sido mestra de noviças nas primeiras e importantes décadas do Instituto. Foi nomeada superiora na abortada fundação de Callan e depois encarregada de encontrar um local conveniente para uma fundação na Irlanda. Foi enviada como guia ou conselheira das primeiras superiores locais em Lisbum e depois enviada ao Porto, para orientar e apoiar a superiora focal, sua própria irmã.

A Madre Saint-Thomas não era perfeita e era a primeira a reconhecê-lo. Em cartas escritas antes, à Madre Sainte-Croix<sup>25</sup> e a Gailhac<sup>26</sup>, ela refere o seu ocasional mau humor e as suas faltas de caridade e de afabilidade para com as irmãs. Para uma pessoa tão dotada de iniciativa e capacidade de chefia, não era fora do comum impacientarse, por vezes. E é possível que a falta de domínio próprio mencionado pela Madre Sainte-Croix, se refira à luta da Madre Saint-Thomas contra a facilidade de se irritar. Quaisquer que fossem os defeitos, é certo que a Madre Saint-Thomas era muito aberta com os seus superiores e a superiora geral escreve a Gailhac que a Madre Saint-Thomas desejava ardentemente corrigir-se e fazer o melhor por amor à missão<sup>27</sup>.

A Madre Sainte-Croix acha que as duas Hennessys têm grande amor à Casa Mãe e fazem tudo por evitar qualquer desgosto ao fundador<sup>28</sup>. Reconhece, porém, que a Madre Saint-Thomas é a única na comunidade com autoridade inata para guiar as irmãs. E estas pedem que seja ela a presidir às orações. Por isso a Madre Sainte-Croix sugere que a Madre Saint-Thomas substitua a sua irmã, Madre Sainte-Marie, assumindo a função, mas não o título de superiora local, até que outra superiora seja nomeada<sup>29</sup>.

Parece que nenhuma das outras irmãs na comunidade seria capaz de ser superiora e até assistente. A Madre Sainte-Croix escreve sobre tal proposta, como sendo a “última esperança” para as irmãs. Assim, continuando a dar algumas aulas na escola, a Madre Saint-Thomas devia fazer conferências, presidir aos exercícios espirituais das irmãs

---

25. M. St. Thomas à M. Ste. Croix, 4.10. 1871, Arq. hist. /Cong.Vol.II-D, 118.

26. M. St. Thomas a Gailhac, 4.3.1872, *Ibid.*

27. M. Ste. Croix a Gailhac, 9.5.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

28. M. Ste. Croix a Gailhac, [24.4.1875

29. *Ibid.*

e assegurar que o novo horário da comunidade fosse observado<sup>30</sup>. Gailhac concorda com a opinião da Madre Sainte-Croix, isto é, que a Madre Saint-Thomas seja a superiora ou, ao menos assistente, e que se dedique à parte espiritual da comunidade, bem como à formação das irmãs jovens<sup>31</sup>.

E claro que Gailhac e a Madre Sainte-Croix conheciam bem as faltas da Madre Saint-Thomas e esta também se conhecia bem. Como já vimos existiu, nos primeiros anos das fundações, alguma tensão entre estas três personalidades fortes. Ao mesmo tempo, não há dúvida que os superiores maiores apreciavam as grandes qualidades de generosidade, iniciativa e liderança da Madre Saint-Thomas. Se houve alguma hesitação em a nomear formalmente como superiora, nesta ocasião, foi sobretudo por uma certa intuição de que ela viria a ser necessária noutro lugar, isto é, na nova fundação na América.

Tem-se a impressão de que, ainda antes da chegada da Madre Sainte-Croix ao Porto, a Irmã Albanie tinha vindo de Béziers, com o boato de que a Madre Saint-Thomas ia para a América. A Madre Appollonie, muito preocupada com tal notícia diz à Madre Sainte-Croix que a comunidade do Porto não pode sobreviver sem a Madre Saint-Thomas. A Madre Sainte-Marie dizia o mesmo. A Madre Saint-Thomas, porém, sente que não é indispensável em parte alguma e que está pronta a ir para onde a obediência a enviar. Ao mesmo tempo todas desejam que a fundação na América seja adiada, de modo a permitir treinar a sua substituta no Porto<sup>32</sup>.

Logo após este debate, a Madre Sainte-Croix recebe uma carta da Madre Saint-Charles incluindo carta da Senhora Peter. Esta trazia boas notícias para a comunidade do Porto, pois anunciava uma demora na fundação da América. A Madre Saint-Charles exprime um sentir geral de alívio:

*Jesus tudo fez pelo melhor, retardando a fundação na América até ao próximo ano. Teremos então elementos formados e tudo será melhor<sup>33</sup>.*

No princípio, os superiores na Casa Mãe tinham prometido à Senhora Peter que três religiosas seriam enviadas para a América, no

---

30. *Ibid.*

31. Gailhac à M. Ste Croix, GS /11/V/1875/A.

32. M. Ste Croix a Gailhac (24.4.1875), Arq hist./RSCM. , Caixa 5, Pasta 1.

33. M. St. Charles à M. Ste. Croix, 4.5.1875, *Ibid.*

verão de 1875<sup>34</sup>. Porém a Senhora Peter tinha dificuldade em encontrar lugar para a comunidade em Ohio. E não é de estranhar que o Arcebispo de Cincinnati tenha dificultado a entrada de uma outra comunidade religiosa, na sua diocese. Ele fizera isso noutra ocasião<sup>35</sup>. Havia já várias congregações de ensino na área-Notre Dame de Namur, as Irmãs da Caridade, as Ursulinas e as Religiosas do Sagrado Coração. As três últimas dirigiam internatos para meninas de Cincinnati e arredores.<sup>36</sup> Intrépida, a Madre Sainte-Croix escreve à Senhora Peter em Junho de 1875, convencida de que Deus a escolhera como instrumento para estabelecer o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, na América. Habituada a provas e decepções no seguimento da vontade de Deus, a Madre Sainte-Croix responde confiadamente à Senhora Peter: “Não desanimamos. Encontrar-nos-à sempre prontas a responder ao seu apelo”<sup>37</sup>.

Aliviada da urgência de uma fundação na América, a Madre Sainte-Croix assiste particularmente alguns membros da comunidade do Porto, cuja formação fora deficiente. Descreve rudemente as duas irmãs francesas: uma, embora teimosa por vezes, falta-lhe energia e parece muito frouxa<sup>38</sup>. A outra ainda preocupa mais a Madre Sainte-Croix. E verdade que gosta das crianças na classe, mas na comunidade é irascível e severa na crítica. A Madre Sainte-Croix interessara-se sempre muito pelo progresso da irmã ainda na Casa Mãe, e agora procura a todo o custo ajudá-la a superar as suas fraquezas, dando-lhe mesmo conselhos práticos, por escrito. Porém, no fim do ano, esta irmã, Madre Saint-Régis Chavardes, deixa o Instituto<sup>39</sup>.

---

34. M. Ste.Croix à Sra. Peter, s.d. (fins do Outono 1874), Arq. hist./RSCM. , Caixa 8, Pasta 6.

35. Não há nada a este respeito, nos documentos do Bispo Purcell, de 1874, 1875, 1876-79, nos arquivos da Arquidiocese de Cincinnati, mas o bispo opôs-se inicialmente à fundação das Irmãs Franciscanas dos Pobres em Cincinnati. Ver Rose Agnes Kruthaupt, SFP., “Influência de Sarah Wbrthington King Peter nas fundações e crescimento das Irmãs Franciscanas dos Pobres na América, 1858-1877”, não publicado na dissertação, M.A. Universidade de Dayton, 1965, 53-68.

36. Para os anúncios destes internatos ver a *Catholic Telegraph*, semanário católico de Cincinnati: a escola das Religiosas do Sagrado Coração de Jesus em 427 West 6th Street, Cincinnati (1.10.1872); A escola das Irmãs da Caridade em Fayetteville, Brown Co. (30.7.1874); a escola das Ursulinas em St. Martin, Brown Co. (semanal durante o ano de 1874).

37. M. Ste. Croix à Sra.Peter, Junho de 1875, Arq. hist./ RSCM., Caixa 8, Pasta 6. Mais tarde escreveu à sobrinha de Sarah Peter, agradecendo a sua intervenção em favor da Comunidade. Agosto de 1875, *Ibid*.

38. M. Ste. Croix a Gailhac, [24.4.1875] Arq. hist ./ RSCM. , Caixa 5, Pasta 6.

39. *Ibid*. ver grande registro, n.º 69.

Das outras três que foram oblatas ou estão ainda em formação<sup>40</sup>, a Irmã Albanie e a Irmã Saint-Joséphine não a preocupavam tanto como outra, chamada “Marie ou Raphael”. A Madre Sainte-Croix descreve-a como sendo “preguiçosa, rude, impertinente e severa mais ou menos com todos”<sup>41</sup>. Não é de surpreender que esta irmã não tenha perseverado na comunidade.

Assim é a comunidade do Porto, como a Madre Sainte-Croix a vê!. As suas descrições parecem assustadoramente ásperas mas parece que era isso mesmo o que ela tinha em vista. Eram confidenciais as suas cartas para Gailhac, que sinceramente lhe pedira para avaliar a situação no Porto. Durante esta década tão crucial na história do Instituto, os superiores tinham que conhecer as virtudes e fraquezas das suas religiosas pioneiras. A Madre Sainte-Croix faz o melhor que pode para comunicar uma avaliação objectiva:

*O que eu digo acerca de uma e de todas as irmãs é sem qualquer parcialidade, meu querido e Reverendo Pai. É diante de Deus o fruto da minha observação. Eu vi. Ouvi. Estudei os temperamentos de cada uma e fiquei ao fato da verdade e da realidade*<sup>42</sup>.

### **Renovando a comunidade do Porto**

O tom das palavras da superiora geral dá a entender que a comunidade do Porto está em crise e que a sua missão, em Portugal, era fazer o possível para renovar espiritualmente a comunidade. Como é que os superiores maiores trataram tal problema nas primeiras fundações? Por onde começaram?

Parece que a Madre Sainte-Croix passa muito do seu tempo no Porto a interpelar os membros da comunidade à luz da verdade, e a estimulá-los a corrigir as suas faltas - individual e comunitariamente.

Durante as semanas seguintes, ela vê as irmãs responderem positivamente, à exceção da Madre Saint-Régis e Marie ou Raphael, e consola Gailhac com boas notícias<sup>43</sup>. Convencida de que seria uma

---

40. A M . Ste. Croix nota que a Ir. Ste Joséphine estava longe de se encontrar preparada para a profissão , apesar de a pedir. Ver M. Ste. Croix a Gailhac (24.4.1875) Arq. hist./ RSCM., Caixa 5 , Pasta 1 .

41. *Ibid.*

42. *Ibid.*

43. *Ibid.*

ocasião de graça para as religiosas, promove uma renovação de votos, a primeira desde que a comunidade veio para Portugal. Como preparação para esse dia, a própria Madre Sainte-Croix orienta um retiro de 29 de Abril a 3 de Maio. Baseou as conferências nos ensinamentos do fundador, adaptando-os às circunstâncias do Porto<sup>44</sup>. Esta alusão às conferências do retiro, como aplicação da doutrina do fundador adaptada às circunstâncias é significativa, pois foi um dos maiores contributos da Madre Sainte-Croix para a vida do Instituto. Ela podia fazer referência ao pensamento do fundador de maneira simples e prática.

Assim, mesmo quando o fundador escrevia para a comunidade, dirigia a sua carta para a Madre Sainte-Croix, para que esta pudesse ler algumas partes, várias vezes, à comunidade. E acrescentava: “faça os seus comentários sobre ela, como o Espírito a inspirar”<sup>45</sup>. Deste modo, a comunidade era formada e renovada pelo espírito de Gailhac, interpretado e aplicado pela sua fiel colaboradora, a Madre Sainte-Croix.

Nas suas cartas à comunidade do Porto, Gailhac insiste nas virtudes de humildade e caridade. Referindo-se às irmãs que não faziam esforços para se renovarem, Gailhac escreve:

*Elas sabem muito bem que a comunidade apenas quer boas religiosas e que, se tolera defeitos, é para lhes dar tempo para se corrigirem, mas se não quiserem aproveitar dos avisos ou conselhos, sobretudo quando a sua conduta for escandalosa para a comunidade, as expulsará*<sup>46</sup>.

Apesar disso o fundador termina a carta com palavras de ternura, pedindo à comunidade do Porto que não lhe dê desgostos, na sua idade avançada, que o não faça descer ao túmulo com tristeza, por elas não terem o espírito religioso. E no final, deixa à Madre Sainte-Croix esta mensagem: “Diga a todas as minhas filhas que as amo muito e que as abençoo com todo o meu coração”<sup>47</sup>.

Mais tarde, numa carta também dirigida à Madre Sainte-Croix e em parte à comunidade, Gailhac sugere o uso fiel do exame particular e do exame de prevenção, como meios de renovação. Exorta as

---

44. M. Ste Croix a Gailhac ,30. 4. 1875, *Ibid*.

45. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/26/IV/75/A.

46. *Ibid*.

47. *ibid*.

religiosas a lembrar também o exemplo da vida de Jesus Cristo, que pode ser resumida nas suas palavras: “Se alguém me quer seguir, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz todos os dias e siga-me”<sup>48</sup>.

É claro para a Madre Sainte-Croix, que a comunidade tem poucos recursos espirituais a que deitar mão. Todavia, é exceção o confessor, um jesuíta, a quem a superiora geral descreve como “um santo”, apesar de estropiar a língua francesa nas suas excelentes conferências à comunidade, cada três semanas, e comenta com Gailhac que este sacerdote compreende perfeitamente a vida religiosa e é um sinal de que Deus vela pela comunidade do Porto. O capelão residente, ao contrário, parece não ter nenhuma influência na comunidade. A Madre Sainte-Croix descreve-o como “bondoso”, mas parece ter medo de todos. E nunca fala a ninguém quando chega como que inapercebido para celebrar a Missa, ouvir confissões ou dar instrução às crianças<sup>49</sup>.

Na casa havia uma pequena capela do tempo do proprietário, mas a comunidade nunca conseguira ter lá o Santíssimo. A Madre Sainte-Croix compreendia bem esta privação. Parece que o bispo do Porto tinha dado licença para a Missa diária, mas não permitiu que o Santíssimo Sacramento fosse conservado na capela, sem consultar o governo, consulta essa que ele sentia relutância em fazer, dado o sentimento anti-religioso na cidade. A Madre Sainte-Croix esperava poder rodear a questão, recorrendo diretamente à Santa Sé. Por consequência escreve ao Núncio Apostólico de Paris, Mgr. Chigi<sup>50</sup> e a um sacerdote não identificado, em Roma<sup>51</sup>, explicando-lhes a situação e pedindo-lhes que obtenham licença para terem o Santíssimo Sacramento e bênção frequente, na comunidade do Porto e em todas as outras casas que se fundassem no país. Durante a sua primeira viagem a Roma, a Madre Sainte-Croix tinha pedido a intervenção do Núncio em Lisboa e parece que ele concordou, pois a Madre Sainte-Croix escreve-lhe comunicando a enorme consolação que era para a comunidade do Porto possuir o Santíssimo na sua capela e agradecendo a sua intercessão<sup>52</sup>. Esta alegria porém, foi passageira,

---

48. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/7/VI/75/A.

49. M. Ste. Croix a Gailhac, 30.5.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

50. M.Ste. Croix a Mgr. le Prince Chigi , Núncio Apostólico em Paris, 5.1.1872, Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16.

51. M.Ste.Croix-a Mons. 1'Abbé, s.d. Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

52. M. Ste. Croix ao Núncio em Lisboa, s.d., *Ibid*.

pois a licença parece ter sido anulada pelo Padre Luigi Matera, o sacerdote encarregado de tais assuntos, na ausência do Núncio. Como o decreto governamental de 1833-34 estava ainda em vigor e a perseguição, quase à superfície, Matera lembra à Madre Sainte-Croix que as religiosas tinham sido chamadas ao Porto, por uma senhora, para assumir a direção de uma escola e não para abrir uma casa religiosa, o que era contra a lei. E ameaça as irmãs de que, se persistirem em obter a licença diretamente da Santa Sé, isso lhes causará problemas e até porá em perigo a sua presença em Portugal<sup>53</sup>. Por consequência a comunidade do Porto está novamente privada do Santíssimo Sacramento por algum tempo.

### **Postulantes retidas no Porto**

Durante os meses que passa no Porto, a Madre Sainte-Croix observa o trabalho das irmãs na comunidade e faz alguns ajustes, porque havia irmãs muito sobrecarregadas. Porém, em 30 de Maio de 1875, escreve a Gailhac dizendo que o problema da falta de pessoal para o trabalho pode ser aliviado: "A Providência veio em auxílio das irmãs...", pois duas simpáticas jovens chegaram como postulantes. Imediatamente as puseram ao trabalho, uma na cozinha com a Irmã Sainte-Joséphine e a outra como porteira e com a responsabilidade de pôr as mesas para as alunas internas<sup>54</sup>. Esta decisão provoca algumas questões: se a comunidade se encontrava em tal estado de crise, porque tinha admitido as duas postulantes e porque as tinha posto imediatamente ao serviço da casa? Iria a Madre Saint-Thomas dirigir o seu postulariado, enquanto estivessem no Porto? Teriam elas sido aceitas tão rapidamente como postulantes, por serem de grande auxílio nos trabalhos domésticos e tornarem menos necessário o emprego de pessoas de fora, no interior da casa?

Parece que se tinha tornado habitual receber candidatas nas comunidades locais e observá-las durante algum tempo. Esta observação informal destinava-se a evitar viagens desnecessárias a Béziers, a pessoas não aptas para a vida religiosa. Os problemas surgem, quando

---

53. Luigi Matera à M. Ste. Croix, 26.9.1873, *Ibid*.

54. M. Ste. Croix a Gailhac, 30.5.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

a superiora, dependendo de tal modo do trabalho doméstico delas, se mostra relutante em as mandar para Béziers, a fim de começarem o seu noviciado formal.

Deve ter sido o que aconteceu com estas duas postulantes, pois Margaret Hennessy, em carta escrita dois anos mais tarde, informa que as postulantes estão ainda no Porto. Pedindo desculpa pela sua interferência nos assuntos da comunidade, diz à Madre Sainte-Croix que as postulantes estão muito descontentes:

*Dizem que não querem ficar como empregadas, que, quando entraram, não pensavam ficar tanto tempo sem receber o hábito e que a sua partida é adiada de mês para mês<sup>55</sup>.*

Florinda, uma das postulantes, continua Margaret Hennessy, afirma que lhe disseram que, se ela pudesse pagar as suas despesas, seria enviada para França. Agora que ela tem o dinheiro e até pode viajar com alguém que vá para França, dizem-lhe que não há ninguém para a substituir. Ainda segundo Margaret Hennessy, as postulantes queixam-se de que não têm sequer tempo para as suas obrigações de regra. Veem profissões em outras ordens religiosas, mas por amizade ou respeito humano, não ousam mudar de congregação. Margaret conclui a sua carta:

*Eu procuro minorar a dificuldade, mas acho que não é fácil para já. Penso que elas têm razão para se queixar e que trabalham como escravas... Começam a pensar que foram enganadas... Estão muito desedificadas... e na verdade, devo dizer que eu tamhém estou. Conhecendo embora as minhas próprias misérias, não há ninguém tão desejoso de fazer concessões a outrem<sup>56</sup>.*

Parece que esta carta produziu o seu efeito, pois por essa altura há três portuguesas que receberam o hábito e professaram<sup>57</sup>. No começo da sua carta, Margaret Hennessy explica que, uma vez que a sua irmã Madre Sainte-Marie "...tem estado muito doente e está ainda muito fraca", ela teve relutância em lhe apresentar este

---

55. Margaret Hennessy à M. Ste. Croix, 9.6.1877, Arq hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

56. *Ibid.*

57. As datas de entrada não correspondem provavelmente à altura em que chegaram a Béziers. É possível que tenham entrado em linha de conta com o tempo passado em Portugal. Estas irmãs St. Zoé (Maria Pedro da Silva entrou a 4.5.1877), Ste. Leocadie (Florinda Moreira entrou em 30.5.1877) e Ste. Sylvie (Ermelinda Araújo Pereira entrou a 3.6. 1877), tomaram o hábito em 22.1. 1878 e professaram em 20.3.1879. Ver Grande Registro n.º 133, n.º 122, n.º 121.

problema<sup>58</sup>. A questão porém, é esta: qual era a função da Madre Saint-Thomas, naquele tempo? Não poderia Margaret ter falado às suas duas irmãs acerca da maneira injusta como eram tratadas as postulantes?

### ***Dames Auxiliatrices***

Há ainda outro acontecimento relativo à necessidade de ajuda sentida pela comunidade do Porto, no exercício do seu ministério. Logo que a Madre Sainte-Croix chega ao Porto, encontra outra “postulante” que parece ter vivido algum tempo com a comunidade. A Madre Sainte-Croix descreve-a como “uma menina boa e que se tornara muito útil”, mas era filha ilegítima. Segundo normas vigentes da Igreja, era-lhe impossível ser admitida como irmã de coro. Como consequência, a Madre Sainte-Croix introduz uma nova modalidade e pede a opinião de Gailhac. Poderia essa jovem ficar como “*dame auxiliatrice*”? Poderia Gailhac escrever uma simples regra para estas “*auxiliatrices*” que fariam apenas voto de castidade? A Madre Sainte-Croix conhece ainda uma outra jovem muito competente que talvez concorde em vir a ser também *dame auxiliatrice*. A superiora geral contém a custo o seu entusiasmo, com a ideia:

*Dada a situação política do país, esta modalidade de “auxiliatrices” poderia ser de grande ajuda, fosse ela para as classes de ricos, ou para as classes de pobres, ou para o catecismo ao Domingo uma vez que as religiosas são obrigadas a permanecer ocultas. E isso seria a meu ver, um enorme alívio para a casa Mãe<sup>59</sup>.*

Dois fatores motivam a Madre Sainte-Croix a dar esta sugestão. Está convencida de que “é quase indispensável [ter *dames auxiliatrices*] nos países onde as religiosas não podem aparecer em público”<sup>60</sup>. Aquelas poderiam sair e entrar em casa livremente, pois não sendo religiosas *per se*, nunca usariam hábito. Dadas as restrições à existência de ordens religiosas em Portugal nessa época, isto poderia ser de grande auxílio na comunidade.

---

58. Margaret Hennessy à M. Ste. Croix, 9.6.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

59. M.Ste Croix a Gailhac [24.4.1875], Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

60. M. Ste. Croix a Gailhac, 9.5.1875, *ibid*.

Como já foi dito, a Irmã Albanie parece ter sido uma Irmã Oblata enviada da Casa Mãe ao Porto para ajudar especialmente as alunas na costura. Isto certamente obedeceria a um dos objetivos das Oblatas que era "... ajudar as mestras de classe da instituição [a Preservação] na vigilância das crianças e na costura"<sup>61</sup>. A Irmã Albanie ensinava na verdade as crianças no Porto, porque a Madre Sainte-Croix comenta a sua aversão por esta função e a sua relutância em a desempenhar. Parece, porém, que o que era aceitável nas classes da Preservação, não era aceite pelos pais das alunas da Academia Inglesa do Porto. A Madre Sainte-Croix explica ao fundador que, mesmo com a habilidade com que a Irmã Albanie era capaz de ensinar as crianças, tinha que se esconder, porque a mãe de uma aluna se queixara de sua filha ser formada ou educada por domésticas. Daí a ideia da Madre Sainte-Croix, que esta "postulante" poderia usar os seus dons e ser de maior ajuda à comunidade, como *dame auxiliatrice* do que como irmã, pois a sua perícia, na classe, iludiria as expectativas dos pais<sup>62</sup>.

Gailhac responde afirmativamente à sugestão da Madre Sainte-Croix, mas põe condições precisas e rigorosas:

- (1) Ninguém deve entrar como *dame auxiliatrice* sem um longo período de prova, no qual, pela regularidade de comportamento, santidade de vida e retidão de espírito e de carácter, dê à comunidade a certeza moral de que é capaz de ser de ajuda e edificação para todos os seus membros.
- (2) As *auxiliatrices* devem ter dois anos de provação antes de fazerem os três votos que serão renovados anualmente, durante dez anos. Depois destes dez anos, podem fazer votos perpétuos, se a comunidade as julgar aptas.
- (3) Devem submeter-se á Regra e aos superiores, como todas as religiosas, mas poderão sair quando a obediência ou o bem da comunidade o pedir. Não poderão sair sem estas condições.
- (4) O vestido deve ser preto. Dentro de casa usarão um toucado e quando saírem, um chapéu preto com veuzinho<sup>63</sup>.

A resposta de Gailhac não corresponde ao novo tipo de associação previsto pela Madre Sainte-Croix, em que cada uma faria apenas o voto de castidade guiada unicamente por uma regra própria e tendo maior

---

61. Ver Regra das Irmãs Oblatas de Maria, Arq. hist. / Cong., Vol II-A, 48.

62. M. Ste. Croix a Gailhac, 24.4.1875 , Arq. hist. / RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

63. Gailhac à M.Ste. Croix, GS/11/V/75/A.

mobilidade. Pelo contrário, a *dame auxiliatrice*, segundo a descrição de Gailhac parecia-se mais com as Religiosas do Sagrado Coração de Maria do que as Oblatas, pois as *auxiliatrices* deviam observar a mesma regra das RSCM e poderiam eventualmente fazer votos perpétuos. A Madre Sainte-Croix não insiste no seu ponto de vista. Agradece a sua resposta assegurando-lhe:

*Fico contente, meu querido e Reverendo Pai, com as suas propostas para as dames coadjutrices*<sup>64</sup>. *A jovem candidata ilegítima que aqui temos, reúne todas as qualidades requeridas*<sup>65</sup>.

Não se sabe até que ponto esta nova associação floresceu na família RSCM, que nesse tempo consistia em religiosas de coro e coadjutoras(as RSCM) e as Oblatas de Maria. Como estas, as *dames auxiliatrices* devem a sua existência a uma necessidade concreta e particular. Não parece que tenha havido *dames auxiliatrices* em outros países, além de Portugal. Não há registro de membros, nem há correspondência relativa ao seu status canônico. Numa carta datada de 15 de Junho de 1876, Gailhac autoriza a Madre Saint-Thomas a aceitar, como *dame auxiliatrice* uma professora portuguesa que ensinara durante cinco anos<sup>66</sup>. Ainda assim, a associação *per se* parece ter tido uma existência breve.

### **Convite para uma fundação em Braga**

Em meio da renovação em curso, na comunidade do Porto, e apesar dos problemas sérios que aí havia, a Madre Sainte-Croix entusiasma-se com uma outra fundação, em Portugal, sobretudo quando se dá conta de que a fundação na América fora adiada. Margaret Hennessy tinha informado, por várias vezes, a Casa Mãe, de que um sacerdote de Braga mostrara interesse em ter as RSCM nesta cidade. A Madre Sainte-Croix prometera até mandar, um dia, algumas

---

64. Gailhac usa o termo “*religieuse coadjutrice*” \ibid\ Mais tarde a M. Ste. Croix usa o termo “*dame coadjutrice*” talvez para o diferenciar de *Soeur Coadjutrice* (irmã coadjutora).

65. Nesse tempo a M. Ste. Croix sugeriu enviá-la para Braga quando a fundação se realizasse, para que a sua ilegitimidade não viesse a ser conhecida através das visitas de sua mãe e pai, no Porto. M. Ste. Croix a Gailhac, 19.5.1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

66. Gailhac à M. St. Thomas, GS/15/V/76/A.

religiosas. Mas agora a situação muda completamente pois o sacerdote, Luiz Maria Ramon, é nomeado professor de teologia no seminário de Coimbra e sai de Braga. A Madre Sainte-Croix envia-lhe uma calorosa carta de felicitações, em nome do Instituto<sup>67</sup>. E escreve-lhe de novo para o seminário de Coimbra, perguntando-lhe se, apesar da sua transferência de Braga, as religiosas seriam ainda aí bem acolhidas. Se ele o julgasse conveniente, ela e Miss Hennessy iriam a Braga para fazer os preparativos preliminares. E pede-lhe que as recomende na cidade a alguém que as possa receber e ajudar, em vez dele<sup>68</sup>.

A Madre Sainte-Croix informa imediatamente Gailhac de que escrevera ao sacerdote, pois o fundador estava a par do seu pedido inicial de religiosas para Braga. Apesar de dar a entender que fez isto apenas para não perder tal oportunidade, se for para a maior glória de Deus, a Madre Sainte-Croix mostra-se convencida da necessidade de outras fundações em Portugal. Escreve: “Há aqui em Portugal, imenso bem a fazer, até mais do que na Inglaterra”<sup>69</sup>. Pensava ir a Braga logo que recebesse resposta do sacerdote, pois queria aproveitar a vantagem das viagens experimentais de trem na nova via férrea do Porto a Braga, que acabara justamente de ficar concluída. A viagem seria de quatro horas e os bilhetes eram grátis! A Madre Sainte-Croix assegura ao fundador que não tomará qualquer compromisso em Braga. Esta ida será unicamente para examinar a nova zona e confirmar os interesses da comunidade<sup>70</sup>.

O padre Ramon responde imediatamente, dirigindo a carta em português a Margaret Hennessy, uma vez que teria de a escrever em francês, se a dirigisse diretamente à superiora geral. Esta carta era muito animadora, dizia que o projeto devia andar por diante e prometia ajudar tanto quanto pudesse. Otimista como estava, falaria com o novo bispo<sup>71</sup> acerca de tudo, durante as celebrações da festa de S. João

---

67. M.Ste. Croix ao Rev. Luis Maria Ramon, Pároco em Braga,s.d. (Primavera 1853), Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

68. M. Ste. Croix ao professor de teologia do Seminário Maior de Coimbra [9],5. 1875,Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 6.

69. M. Ste. Croix a Gailhac 9.5.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

70. *Ibid.*

71. Este novo bispo D. João Crisóstmo de Amorim Pessoa, foi notável pelas suas reformas na disciplina e formação eclesíásticas. Durante os seus primeiros anos, como bispo, várias congregações religiosas de irmãs enfermeiras, vieram para Braga. Ver Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol VIII; (Porto-Lisboa: Livraria Civilização, 1970), 512-513.

Baptista, em Braga, no dia 24 de Junho. Entretanto sugeria que contatassem o capelão das carmelitas que, na sua opinião, poderia ajudar muito. Embora suspeitasse que a casa que lhes ia ser cedida em Braga, seria modesta, o Padre Ramon estava convencido de que Deus abençoaria esta obra e providenciaria a todas as suas exigências. Afirmava que uma instituição para a educação de meninas, em Braga, era uma grande necessidade, a que ninguém dava resposta. Um grupo de sacerdotes religiosos começara três anos antes uma escola para rapazes, numa casa muito pequena, e agora a frequência era de mais de oitenta alunos <sup>72</sup>. O padre dispunha-se a parar no Porto, a caminho de Braga para as festividades do dia 24 de Junho e a encontrar-se com a Madre Sainte-Croix (e Miss Hennessy) para começarem a projetar as primeiras fases da fundação<sup>73</sup>.

A Madre Sainte-Croix está ansiosa por aproveitar esta oportunidade de uma fundação em Braga e parece recear que outra congregação abra uma escola nesta cidade, se as RSCM demorarem a sua intervenção<sup>74</sup>. Ainda antes de saber a opinião de Gailhac, a superiora geral começa a imaginar como podiam preparar a nova fundação. Duas religiosas de coro e uma coadjutora seriam suficientes, sobretudo se a *dame auxiliatrice* se lhes juntasse. A Madre Sainte-Croix antecipa a interrogação seguinte de Gailhac, o que confirma a dificuldade experimentada nestes primeiros tempos: “Mas eu estou a ouvi-lo perguntar-me: quem será a superiora”? Se não houver outra, a Madre Sainte-Croix pensa que a Madre Sainte-Augustine poderá ser nomeada e, como se pode ir e vir entre Braga e Porto no mesmo dia, a Madre Saint-Thomas, que é enérgica, será capaz de lá ir, ao menos uma vez por mês, para ver como tudo se passa e assim firmar solidamente ambas as fundações. Além disso, algumas irmãs destinadas à América, poderiam ser enviadas para o Porto ou Braga e a Madre Saint-Thomas organizaria, durante as férias, tudo o que fosse necessário à fundação<sup>75</sup>.

---

72. Esta era provavelmente a Escola do Espírito Santo, fundada em 1872.

73. Ramon a Miss Hennessy, 12.5.1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 8, pasta 6. Segundo Maynard havia, em Braga, senhoras que desejavam uma escola religiosa para a educação das suas filhas. E dirigiram-se às RSCM levadas pela boa impressão causada por uma menina de Braga educada no Porto, como interna. Esta antiga aluna, Maria José Perry, entrou depois na comunidade com o nome de Maria de Jesus. Ver Maynard, 354.

74. A Congregação de Sta. Doroteia desejava colocar irmãs, expulsas do Brasil, e a M. Ste. Croix desconfiou que elas poderiam abrir uma escola em Braga e/ou no Porto. Ver M. Ste. Croix a Gailhac, 19.5. 1875, Arq.hist./ RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

75. *Ibid.*

Margaret Hennessy, por sua vez oferece-se para ajudar o projeto tanto quanto puder.

A Madre Sainte-Croix não visitou a cidade de Braga. Alude ao fato de toda a família real se encontrar no Porto, para o rei inaugurar o trajeto Porto-Braga. E assim lá se foi o seu bilhete grátis! No entanto, fica no Porto até ao fim de Junho, para se encontrar com o Padre Ramon<sup>76</sup>.

Entretanto o fundador é muito mais cauteloso: “Relativamente à fundação de que fala faça tudo com prudência e não esqueça a nossa extrema pobreza, em todo o sentido”<sup>77</sup>. A Madre Sainte-Croix tranquiliza-o, dizendo que fará o menos possível até poder submeter tudo à sua apreciação. Em todo o caso, quando o sacerdote vier visitá-la, apenas dará indicações verbais<sup>78</sup>.

### **Margaret Hennessy e o espírito e missão das RSCM**

Através da correspondência da Madre Sainte-Croix, há referências frequentes a Margaret Hennessy, cuja persistência em convidar as RSCM para virem para Portugal, tinha sido atendida quatro anos antes. Ela é que conhecia Portugal, a sua língua, a sua política e o seu povo. Ela é que frequentemente iniciava os projetos assumidos depois pelas RSCM. Tinha uma larga visão e o seu desejo de servir todas as classes da sociedade refletia a missão do Instituto.

A 13 de Maio de 1875, enquanto a Madre Sainte-Croix se encontra ainda em Portugal, Margaret vai a Lisboa procurar fundos para comprar uma casa no Porto onde possa educar gratuitamente crianças pobres. Devia ter na capital amigos importantes que a estimavam e contribuían para o sucesso de tal projeto. E escreve até para o Brasil pedindo dinheiro<sup>79</sup>. Depois decide interessar na sua escola para os pobres o cônsul francês em Lisboa, conhecido como homem religioso. Por esta razão e porque a Madre Sainte-Croix é francesa, Margaret pede-lhe que escreva uma carta de apresentação ao cônsul francês<sup>80</sup>.

---

76. *Ibid.*

77. Gaihac à M. Ste. Croix, GS/7/VI/75/A.

78. M.Ste.Croix a Gailhac, 24.6.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta I. Não há nos arquivos do Instituto, registro deste encontro com o Padre Ramon.

79. M. Ste. Croix a Gaihac, 30.5.1875, ZZhíZ.

80. *Ibid.*

Nesta carta, a Madre Sainte-Croix descreve Margaret Hennessy como uma senhora que dedica à educação da juventude todo o tempo e às obras de caridade os seus limitados recursos financeiros. Explicando ao cônsul como Margaret encontrara nas RSCM colaboradoras suas, a Madre Sainte-Croix continua: “As nossas religiosas trabalham aqui há já uns quatro anos, mas discretamente e sem serem reconhecidas como irmãs.” É particularmente significativo o que a superiora gerai escreve a seguir dizendo que, embora esteja satisfeita com o sucesso da Academia Inglesa, o trabalho das religiosas está longe de atingir os seus fins. E insiste: “As nossas religiosas devem dar também a sua atenção aos pobres”<sup>81</sup>. A Madre Sainte-Croix continua prestando homenagem a Margaret Hennessy, por ter compreendido isto e por se ter dado ao trabalho de procurar os meios necessários para tal serviço aos pobres. É esta a obra de zelo que a Madre Sainte-Croix recomenda ao cônsul francês<sup>82</sup>.

Mais adiante, um artigo saído num jornal de Lisboa, descreve os objetivos de Margaret Hennessy, dizendo que, ao viajar para França dois anos antes, ela visitara um estabelecimento de ensino, segundo o qual desejava moldar o seu próprio projeto, pois reconhecia o bem que aquele fazia em favor de crianças pobres e de outras crianças das classes mais elevadas, também. As crianças pobres recebiam uma sólida educação cristã e, de acordo com a sua posição na vida, eram formadas no amor ao trabalho para assim se tornarem úteis à sociedade, através dos serviços que lhe pudessem prestar. Aquela instituição protegia também as crianças órfãs bem como juvenzinhas que, de outro modo, poderiam ficar expostas a perigos. O artigo terminava com um apelo à doação de fundos para comprar uma casa com idêntica finalidade, em Portugal<sup>83</sup>.

Não há dúvida de que o estabelecimento francês referido no artigo, segundo o qual Margaret desejava moldar a sua escola para os pobres, era o Orfanato/Preservação, em Béziers. As obras da Casa Mãe deviam ser copiadas em Portugal, através da Miss Hennessy. O que não é claro é até que ponto ela própria iniciou estes projetos. Foi ela o catalisador, ou apenas a voz dos membros da comunidade que, em

---

81. M. Ste. Croix ao Cônsul em Lisboa, Junho 1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 8, pasta 6.

82. *Ibid.*

83. Artigo de um jornal de Lisboa sem título (Junho 1875) cópia manuscrita de M.Ste. Croix. *Ibid.*

vista de leis repressivas e anti-religiosas, deviam permanecer em silêncio aos olhos do público? A irmã de Margaret, Madre Saint-Thomas deve certamente ter apoiado o estabelecimento de um orfanato no Porto. Não escrevera ela a Gailhac quando se preparava a primeira fundação em Portugal, em 1871: “Gostaria de saber se lá haverá um orfanato e um externato para pobres. Então teríamos a garantia do sucesso”<sup>84</sup>. Compreendera depois que era “preciso agir lentamente no início, para não agitar demasiado a atenção pública”<sup>85</sup>. Mas, em 1875, a Madre Saint-Thomas e a comunidade devem ter sentido que era tempo de começar a atender as necessidades de todas as classes da sociedade e pediram a Margaret que usasse da sua boa reputação, em Portugal, para solicitar fundos. Certamente, como se pode ver pela carta de Madre Sainte-Croix ao cônsul francês, as RSCM achavam que a sua ação não era completa enquanto não pudessem oferecer aos pobres as suas obras de zelo.

Todavia, seria injusto para com Margaret Hennessy insinuar que ela era apenas o agente público da comunidade, neste assunto. Correspondência posterior mostra que era muitas vezes Margaret quem iniciava um projeto e depois convidava as RSCM a participar nele, se assim o desejassem. Em Junho de 1877, por exemplo, escreve à Madre Sainte-Croix acerca do plano de abrir uma escola para a classe média, isto é, para quem não podia pagar muito pela sua educação. E continua:

*Eu pensava consultar o Reverendo Padre Gailhac, mas como ele não vem, tenho que procurar uma casa...Acabo de ler um anúncio sobre uma casa para alugar e mandei saber informações. Note que isto não se fará com o seu dinheiro. Farei a experiência por um ano, com o que os alunos pagarem<sup>86</sup>. Se for um sucesso, do que eu não duvido, passá-la-ei para o Instituto ou para quem a quiser aceitar das minhas mãos. Vou lá de hoje a quinze dias. Esta ideia tem crescido em mim desde os princípios de Junho, por isso penso dedicar a escola ao Sagrado Coração de Jesus<sup>87</sup>.*

---

84. M. St. Thomas a Gailhac, 30.10.1871, Arq. hist./Cong. Vol.II-D, 119.

85. *Ibid.*

86. Margaret Hennessy dirigiu também uma escola para rapazes, no Porto, mas fechou-a em 1887, no ano em que os Padres do Espírito Santo transferiram a sua escola, Santa Maria, para junto da Academia Inglesa. Ver M. Chantal, *Por Caminhos não Andados*, 89.

87. Margaret Hennessy à M. Ste. Croix, 9.6.1877, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 7.

Realmente, depois da compra da propriedade do Porto, em 1879, inicia-se para a classe média uma escola elementar, de baixas mensalidades e ligada à Academia Inglesa por uma passagem coberta. É ainda fundado no Porto um externato gratuito para crianças muito pobres, às quais se distribuía uma refeição diária e roupas. Quando Gailhac é interrogado sobre a escola para pobres, a resposta é inequívoca: “Autorizo-a com todo o meu coração”<sup>88</sup>.

Margaret Hennessy nunca foi membro das RSCM, como as suas duas irmãs. Nem parece que se tenha associado à comunidade como *dame auxiliatrice*, apesar de tal opinião ter existido. Viveu com as religiosas da comunidade do Porto desde 1871 até à sua morte, em Março de 1896, e está sepultada no jazigo da comunidade, no Cemitério do Carmo, no Porto. No entanto, procurou sempre não interferir nos assuntos internos da comunidade, a não ser que, em casos extremos, sentisse que havia alguma injustiça grave para com outrem. Pessoa independente, de energia e iniciativa sem limites, muitas vezes submetia as suas ideias e projetos a Gailhac ou à Madre Sainte-Croix, não para pedir licença, mas para ter a sua opinião e possível colaboração. Possuía as virtudes de fé e zelo características das RSCM, em elevado grau e trabalhou tão ardentemente como as religiosas para estender as obras de zelo da comunidade a todas as classes sociais. Na verdade, ela colaborou intensivamente com as RSCM entregando-se toda à sua missão em Portugal. De fato, pode quase dizer-se que foi a comunidade que colaborou com ela e tornou possível a missão de Margaret Hennessy, pois de um lado e do outro, era comum a visão apostólica.

Em fins de Junho de 1875, a Madre Sainte-Croix prepara-se para terminar a sua visita de três meses ao Porto. A última carta de Portugal para Gailhac tem a data de 24 de Junho de 1875<sup>89</sup>. Não faz referência ao projetado encontro com o Padre Ramon, que prometera ficar no Porto aquele dia, na sua ida às festividades de Braga. Em vez disso, faz referência ao pequeno retiro que ela iria dar em preparação para a cerimônia de primeira comunhão, a 28 de Junho. Logo em seguida, espera ir para Lisboa, para tomar o barco que partirá para França no dia 2 de Julho. Não lhe é possível dizer a Gailhac quando poderá

---

88. Gailhac à [M. St. Thomas], GS/24/2/79/A.

89. M. Ste. Croix a Gailhac, 24.6.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

encontrar-se com ele em Béziers, porque ievido a uma epidemia de febre amarela no Brasil, os passageiros embarcados em Portugal têm sido retidos e isolados em Bordeaux, durante alguns dias. Pede-lhe que não se preocupe com isso mas que a abençoe e reze para que tenha boa viagem. E terminada a sua missão, embarca rumo a Béziers, sem imaginar que nunca mais viria a Portugal.

A autora do *Journal de la Maison de Porto*, recorda muito mais tarde (25 de Setembro de 1891) a visita da Madre Sainte-Croix, em 1875: “Devo dizer que durante todo o tempo, em que esta boa Mãe esteve na casa do Porto, ela se sacrificou sempre pelo bem da comunidade, com a ternura comovente de uma mãe”<sup>90</sup>.

---

90. *Journal*, 19.

## Dificuldades e esperanças (1875-1876)

### Dificuldades financeiras na Casa Mãe

Depois de falar com Gailhac das suas impressões a respeito da comunidade do Porto<sup>1</sup>, a Madre Sainte Croix passa algumas semanas na Casa Mãe, quer a descansar quer a responder a cartas chegadas na sua ausência. Em meados de Agosto, porém, vai à Inglaterra com a Madre Saint-Charles para uma visita à comunidade de Bootle e à de Lisburn, na Irlanda. A Madre Sainte-Croix está preocupada com a falta de notícias destas duas comunidades, durante a sua estada em Portugal, e por isso é com uma certa ansiedade que inicia esta viagem.

A visita às comunidades nesta altura significa um grande sacrifício para a Casa Mãe. Há já alguns meses que a comunidade de Béziers vem sendo ameaçada por desastres financeiros. Já em Abril de 1875, a Madre Saint-Félix escrevera à Madre Sainte-Croix, então no Porto, sobre o “triste resultado da questão Savignal e a destruição de Lautrec”<sup>2</sup>. Estes reveses, ou talvez bancarrotas, devem ter prejudicado de alguma maneira as disponibilidades da Casa Mãe, pois a superiora geral, ao confortar Gailhac, anima-o "... com um pouco mais de economia aqui, um pouco mais de precaução ali, e com algumas pequenas privações tudo correrá bem. Eu compreendo a sua grande preocupação neste momento, bem como a das nossas queridas mães”.<sup>3</sup> As dificuldades financeiras parecem persistir, todavia, pois em resposta a uma carta da Madre Saint-Félix para Bootle, a Madre Sainte-Croix refere as suas

---

1. Ver Gailhac à comunidade do Porto, GS/17/VII/75/A.

2. M. St. Félix à M. Ste. Croix, 23.4.1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 3. Não é possível identificar os acontecimentos a que esta narração se refere.

3. M. Ste.Croix a Gailhac, 30.4.1875, Arq.hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

próprias ansiedades, agravadas pelo fato de não estar presente para tomar parte nelas, com Gailhac e com a Madre Saint-Félix. Depois de apoiar certa decisão que a Madre Saint-Félix tomara relativamente a propriedades rurais, a Madre Sainte-Croix assegura à sua assistente geral que: “Dias virão em que Deus nos há-de consolar”<sup>4</sup>.

As cartas de Gailhac à Madre Sainte-Croix refletem uma grande preocupação a respeito da pobreza, em geral, na Casa Mãe: pobre em dinheiro, mas particularmente pobre em religiosas santas e talentosas. “De todas as casas, a Casa Mãe é a mais pobre em pessoas.” E considera “grande infortúnio” que numa comunidade tão numerosa, todas as responsabilidades se concentrem numa única pessoa e que, quando a mestra de noviças adoeceu, não havia ninguém para a substituir. A falta de religiosas com qualidades é para ele particularmente preocupante, pois está persuadido de que a Casa Mãe deve servir de modelo às casas filiais. Por isso Gailhac informa a Madre Sainte-Croix de que não poderá ir à Inglaterra, contrariamente às suas promessas anteriores. A sua presença é necessária em Béziers. No fim da carta à superiora geral, Gailhac confessa: “Os meus pensamentos são muito sombrios e sofro muito interiormente”<sup>5</sup>.

#### **As comunidades de Bootle e Lisburn em 1875**

Descrever ao fundador o estado em que tinha encontrado a comunidade de Liverpool, quando aí chegou com a Madre Saint-Charles, devia ter sido tarefa muito difícil para a Madre Sainte-Croix, já que conhecia bem as preocupações de Gailhac. Era evidente que a Madre Saint-Eugène, a querida sobrinha de Gailhac, abandonara muitas das suas responsabilidades desde a última visita da Madre Sainte-Croix, havia alguns meses. A Regra não era observada e a Madre Saint-Eugène

---

4. M. Ste. Croix [à M. St. Félix], 27.8.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 1. Sem dúvida, uma das razões, foi a má administração do Padre Guillaume Belmont-Galie. Este padre do Bom Pastor, ainda jovem, convencera Gailhac a deixá-lo assumir o lugar de Jean Gibbal, como administrador da propriedade de Bayssan, uma das maiores fontes de receita da comunidade RSCM. Ele, porém, falhou em conservar as contas em dia e até em registrar alguns empréstimos feitos em nome da comunidade. Para retificar a situação, a comunidade teve de pagar entre 38.000 a 40.000 francos.

5. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/29/VIII/75/A. Ver também GS/13/VIII/75/A e GS/22/VII1/75/A.

negligenciava os seus deveres espirituais, sobretudo as conferências semanais à comunidade. Não dava às irmãs liberdade de escreverem aos seus superiores, em Béziers, nem informava sinceramente Gailhac a respeito dela própria e da comunidade. Fechava-se às opiniões das irmãs, mas parece que se deixava influenciar indevidamente por uma delas que, ao mesmo tempo, a tratava com desprezo, acusando-a de agir como criança<sup>6</sup>. Além disso continuava a recusar-se a falar inglês e receber visitas, duas práticas insistentemente recomendadas por Gailhac<sup>7</sup>. Em resposta a este relatório tão negativo, Gailhac não sugere a demissão da sua sobrinha, mas leva a Madre Sainte-Croix a designar um novo governo para a comunidade de Bootle, organizando um conselho capaz de, ao mesmo tempo, desafiar e apoiar a superiora<sup>8</sup>.

Depois de ficarem algum tempo em Bootle, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Charles passam oito dias na Irlanda. Chegam a Lisburn a 27 de Agosto às 10 horas da manhã e dentro de cinco horas, podem avaliar o estado da comunidade e redigir uma lista de recomendações, que enviam a Gailhac. Parece não ter havido quaisquer incidentes como o que se verificou no dia de S. Patrício, em 1874, no qual segundo a autora dos *Annales* da comunidade: “Orangistas e Protestantes partiram os vidros da frente da casa”. As religiosas foram forçadas a pagar os prejuízos pois pensaram ser vão o recurso às autoridades protestantes. E uma irmã dizia com ironia: “...teria sido como se se recorresse à lei e Câmara dos Comuns no inferno”<sup>9</sup>.

Segundo as visitadoras, um dos graves problemas na comunidade de Lisburn eram as doenças. A superiora, Madre Saint-Patrice, tinha pouca saúde e nem tinha assistente. A Madre Sainte-Croix descreve esta superiora como sendo “muito boa” e pede a Deus que a conserve ainda por algum tempo. Uma outra irmã na comunidade, Madre Sainte-Irénée Murphy, era também muito doente e tornara-se um tormento para a superiora, quer pelas suas necessidades físicas quer pelo seu mau espírito. A superiora geral sugere chamá-la à Casa Mãe<sup>10</sup>. Uma

---

6. Esta religiosa Sr. Melanie Condyer deve ter conhecido a M. St. Eugène desde criança, do internato.

7. Gailhac à M. St. Eugène, GS/23/VIII/75/B.

8. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/13/VIII/75/A. As conselheiras eram M. Thérèse, M. Sacré Coeur, M. St. Ciprien e M. St. Basil.

9. *Annales*, 44-46.

10. M. Ste. Irénée morreu em Béziers a 28.8.1880. Ver Grande Registro, n.º 55.

outra irmã já doente quando chegou, em 1871, vivia como que por milagre, apenas com uma parte de um pulmão, mas fazia as contas da comunidade e trabalho de secretaria”<sup>11</sup>.

As visitadoras aconselham algumas mudanças de irmãs entre Bootle e Lisburn. Na verdade, tinham conhecimento das necessidades nas diferentes escolas e das capacidades pedagógicas de cada uma das irmãs. Sugerem ainda o reenvio de uma irmã jovem, a Madre Saint-Hillarion Walsh, para casa da sua família. Acham também que a Madre Saint-Thimothé precisava de passar um mês na Casa Mãe, antes de partir para o Porto e assim preparam a sua viagem<sup>12</sup>.

Antes de terminar esta carta, a Madre Sainte-Croix acrescenta que o bispo de Down and Connor, Dr. Dorrian, visitara a comunidade e entrevistara cada uma das religiosas. Apesar de não concordar com a composição da comunidade, mostra-se muito feliz por todo o bem realizado e muito compreensivo com a doença da superiora, Madre Saint-Patrice. Comentando esta visita, a Madre Sainte-Croix escreve: “Este santo bispo aprecia as irmãs e tem grande estima por elas, mas diz que a comunidade tem que se reorganizar. Penso que o que nós sugerimos, é a melhor solução”<sup>13</sup>. Uma outra dificuldade mencionada é a falta de espaço e a necessidade de o ampliar, pois a sala de comunidade era usada como quarto de dormir. A Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Charles tencionam visitar o dono da propriedade adjacente, o Senhor Wallace, para investigar possibilidades de expansão<sup>14</sup>.

Gailhac recebe esta carta depois de três dias e escreve, aceitando a maior parte da lista de recomendações, mas opondo-se fortemente a que se retire alguém da Casa Mãe: Não podemos mandar para Lisburn a Madre Sainte-Philomène, pois ela é muito necessária na Casa Mãe. Não vejo absolutamente ninguém para a substituir. Veja se alguma irmã em Liverpool seria capaz de ser assistente da Madre Saint-Patrice. Para o lugar dela mandaremos uma das jovens professoras para Liverpool<sup>15</sup>.

---

11. Esta irmã era Rapheel Cahill. Ver M. Ste Croix a Gailhac 28.8.1875, Arq.hist/RSCM., Caixa 8, Pasta 1.

12. *Ibid.*

13. *Ibid.*

14. *Ibid.*

15. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/30/V1II/75/A. Mais tarde a M. Ste. Croix explica a sua sugestão de tirar a M. Ste. Philomène, porque o próprio Gailhac tinha decidido mandá-la para Lisburn. Ver M. Ste. Croix a Gailhac, 3.9.1875. Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

## Primeira visita a Ferrybank

Antes de regressarem a Liverpool, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Charles viajam para o sul da Irlanda, onde são calorosamente recebidas, por toda a parte. “Foi uma grande festa”, comenta a Madre Sainte-Croix. Visitam Kilkenny e, embora não pudessem encontrar-se com o Dr. Patrick Francis Moran<sup>16</sup>, bispo de Ossory que sucedera ao Bispo Edward Walsh, em Agosto de 1872, falam com vários sacerdotes e com as Irmãs da Apresentação e deduzem que o projeto de Callan de há seis anos, tinha realmente caído no esquecimento<sup>17</sup>.

Embora na sua carta a Gailhac, não tenha feito referência a tal acontecimento, a correspondência seguinte mostra que, durante esta visita, o Padre Dunphy de Ferrybank tinha indicado um terreno para construção e procurara interessar a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Charles numa fundação, na sua paróquia, lugar rico em vocações<sup>18</sup>. Nessa mesma ocasião, as duas religiosas chegam a negociar o preço da construção do convento e o Senhor Walker, o futuro arquiteto, avalia os custos em três mil Libras<sup>19</sup>.

A superiora geral deve ter dado a impressão de grande interesse, pois o bispo de Ossory escreve-lhe, em menos de um mês, expondo-lhe uma série de importantes questões. A Madre Sainte-Croix responde-lhe e explica a relação de interdependência entre a Casa Mãe e as casas locais, relação essa, acrescenta logo a seguir, que não compromete a submissão filial ao seu bispo. Em resposta a outra questão, a Madre Sainte-Croix esclarece que sendo as religiosas de coro de semiclausura, não poderão visitar os doentes. Porém, as irmãs coadjutoras, não sendo obrigadas a tais restrições, poderão assumir essa função, se forem em número suficiente. A casa Mãe forneceria o capital para a construção do convento e o internato pagaria renda. Sublinha com ênfase que as contribuições prediais, as falências, as tempestades de granizo e outras calamidades no sul da França,

---

16. Para maior informação sobre o Dr. Moran, ver William Corrigan, C.C., *The History and Antiquities of the Diocese of Ossory*, Vol I (Dublin: Scaly, Bryers and Walker, 1905) capítulo XXV.

17. M. Ste. Croix a Gailhac 3.9.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

18. Ver M. Ste. Croix ao Dr. Moran, 14.12.1877, encontrada num caderno manuscrito de cartas, entitulado Cahier de négociations pour une fondation à Ferrybank Slieverue, Diocese de Ossory, Co. Waterford, Irlande, 4, Arq. hist./Cong., Vol II-C, 28. (Mais tarde referido como Cahier des Négociations - Ferrybank).

19. M. Ste. Croix ao P. Dunphy, 27.2.1878, *Ibid.*, 20.

deixaram a Casa Mãe, por algum tempo, sem dinheiro. Sugere ainda que, se o Padre Dunphy pudesse construir a escola de crianças pobres, um pouco maior, com dois apartamentos simples por cima, as religiosas poderiam aí viver, enquanto se construísse o convento<sup>20</sup>. Desta maneira e apesar de todas as dificuldades financeiras, o Instituto podia ainda acalentar a perspectiva do novas fundações nos Estados Unidos, Braga e agora Ferrybank, perto do local que as rejeitara seis anos antes.

Depois de oito dias na Irlanda, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Charles regressam a Bootle. A superiora geral comunica a Gailhac que a Madre Saint-Charles embarcaria para França no dia 8 de Setembro, acompanhada por quinze ou dezesseis postulantes. Mas ela própria deveria ficar mais algum tempo, para completar alguns ajustes nas comunidades. Poderia talvez embarcar a 22 de Setembro ou até mais cedo, se fizesse a viagem por terra, via Londres e Paris<sup>21</sup>.

### **Conselho de comunidade em Bootle**

A maior preocupação da Madre Sainte-Croix continua a ser a atitude da superiora de Liverpool. E informa Gailhac de que, durante a sua ausência, a comunidade tinha procurado observar a Regra, mas a Madre Saint-Eugène continuava a não fazer esforço por falar inglês e receber visitas. Mais ainda, as cartas do fundador tinham tido efeito negativo, tornando-a inacessível por alguns dias, depois de cada uma que recebia<sup>22</sup>. Deve ter sido difícil para a Madre Sainte-Croix não sugerir a demissão da Madre Saint-Eugène, pois tinha-a seguido de muito perto durante o seu primeiro ano de superiora e agora vê pouco progresso. Porém, depois de ter feito as suas observações a Gailhac, a sua convicção é que só ele pode agir com a sabedoria que Deus lhe dá, como fundador. Espera que o conselho de comunidade, depois de organizado, a ajude a tornar-se uma boa superiora. Expressando esta confiança ao fundador, a Madre Sainte-Croix escreve:

*Vamos fazer nova tentativa, meu bom Pai. Tudo será tão bem mastigado para ela, perdoe-me a expressão, que ela só terá de*

---

20. M. Ste. Croix a Moran 24.10. 1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 4.

21. M. Ste. Croix a Gailhac, 3.9.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 1.

22. *Ibid.*

*engolir. E se for de mal a pior, meu querido Pai, a querida irmã poderia ser útil na Casa Mãe e escolher-se uma superiora entre as suas filhas de Liverpool, sem tocar na Casa Mãe. Mas façamos ainda nova experiência, meu bom Pai e esperemos que o resultado seja positivo*<sup>23</sup>.

Ao designar uma nova forma de governo para a comunidade, a Madre Sainte-Croix traça a minuta do que ela chama a “Pequena Regra”. Esta descreve o conselho de comunidade formado pela superiora, a sua assistente e quatro conselheiras. O conselho devia reunir-se todos os domingos de manhã durante vinte minutos apenas, para cada uma dizer as faltas e negligências que observou na comunidade e os meios a serem empregados para as remediar. A assistente da superiora devia ser a ecônoma da comunidade. Uma outra conselheira era encarregada de dizer à superiora as suas falhas, sempre com grande espírito de fé e respeito<sup>24</sup>.

Sem se consultarem umas às outras, a assistente e as quatro conselheiras deviam apresentar mensalmente um relatório sobre o estado da comunidade. Cada uma devia escrever o seu relato separadamente numa folha de papel, metê-lo num envelope comum que seria posto no correio, ao irem para a igreja. Todas deviam “sob pena de pecado”, guardar absoluto segredo acerca de tudo o que acontecesse nas suas reuniões, nunca falando delas, mesmo entre si<sup>25</sup>.

A ecônoma devia fazer a contabilidade, usando a receita para as necessidades da comunidade, mas sempre com autorização da superiora. As contas deviam estar sempre em dia, para que a superiora pudesse facilmente fazer o balanço da receita e despesa, no fim de cada mês. A ecônoma era responsável por apresentar as contas do dinheiro recebido e do dinheiro gasto. As conselheiras, por sua vez, não deviam consentir em toda e qualquer despesa supérflua<sup>26</sup>.

A superiora devia também prestar contas minuciosas das religiosas e da comunidade, da sua fidelidade e da maneira como os pontos da Regra eram observados. Depois das suas conferências, cada religiosa devia dizer sem nomear ninguém, o que tinha notado contrário á Regra

---

23. *Ibid.*

24. Ver Petit Règlement établi dans notre chère Maison Branchede Liverpool, Bootle, 15.9.1875, Arq. hist./RSCM., Caxa 18, Pasta 4.

25. *Ibid.*

26. *Ibid.*

e ao seu espírito. Se alguma se sentisse alvejada devia aproveitar a correção sem dar qualquer sinal exterior. As religiosas eram proibidas de discutir sobre o que se tinha passado na conferência<sup>27</sup>.

As conselheiras deviam ser modelos de espírito de renúncia, sacrifício e imolação. Não deviam conversar entre si sobre as fraquezas que pudessem notar, exceto nas reuniões do conselho, e nunca permitiriam, com as visitas, a mínima palavra sobre os acontecimentos da comunidade<sup>28</sup>.

Tal era a “Pequena Regra” feita pela Madre Sainte-Croix, num esforço de estabelecer um governo local que ajudasse a Madre Saint-Eugène a orientar a comunidade. Antes de partir, a superiora geral escreve ainda um detalhado plano de advertências dirigido à superiora e expresso em trinta pontos, três dos quais eram particularmente reforçados:

*Nº 20 Não é preciso insistir na necessidade de falar inglês, se não quer distanciar-se, bem como à sua missão, das bênçãos de Deus.*

*Nº 22 Deve receber sempre as pessoas que vêm visitá-la, bem como as alunas internas, fazendo-se acompanhar pela assistente ou por uma conselheira, enquanto o seu inglês for pobre.*

*Nº 23 Deve acolher sempre, com muita afabilidade, a religiosa encarregada de lhe manifestar as suas faltas e agradecer-lhe as suas observações<sup>29</sup>.*

A superiora geral regressa à Casa Mãe em fins de Setembro de 1875. O Outono estava sendo difícil para a comunidade de Béziers. Escrevendo a uma superiora em princípios de Dezembro, Gailhac refere a experiência de perdas financeiras e de inundações devastadoras: “Nunca estivemos tão pobres, desde o princípio da casa. Não sabemos como agir no próximo ano, sem fazer ainda mais dívidas”<sup>30</sup>. Contudo a Madre Sainte-Croix é de novo enviada à Inglaterra, em Fevereiro de 1876, e fica lá até ao mês de Julho seguinte. Ela vai a Bootle, sem

---

27. Ibid.

28. Ibid.

29. Ver Plan de conduite détaillé pour la chère Supérieure, 21.9.1875, Arq.hist./RSCM Caixa 18, Pasta 4.

30. Gailhac [à M. St. Patrice], GS/11/XII/75/A. Até em New York e outras cidades da América se fizeram subscrições para ajudar os franceses arruinados com estas inundações. Ver *Catholic Review*, 17 e 24.7.1875.

dúvida, para ver se a nova “Pequena Regra” e a existência do conselho de comunidade tinham ajudado a superiora. Gailhac que continuava a escrever à sua sobrinha sobre as obrigações de uma boa superiora, escreve em tom suplicante à Madre Sainte-Croix, logo que esta chega a Liverpool: “Diga à Madre Saint-Eugène que me queira bem, como eu lhe quero a ela”<sup>32</sup>.

A insistência de Gailhac em que a Madre Saint-Eugène falasse inglês, não significava que as irmãs usassem a língua do país em que se encontravam, quando falassem entre si. Gailhac é muito claro em carta dirigida a uma superiora, provavelmente a Madre Saint-Patrice: se Roma queria que as casas filiais fossem uma duplicata da Casa Mãe é porque essas casas eram “francesas”. A língua francesa falada em todas as casas, era o sinal da sua união com a Casa Mãe. Ainda que as aulas fossem em inglês, a língua francesa devia ser falada por todas as religiosas, para que as alunas se habituassem a falá-la também. As irmãs deviam portanto, falar francês entre si, e todos os exercícios de piedade deviam ser em francês. Gailhac esperava que com o tempo e aplicação, cada religiosa viesse a dominar o francês. Aquelas que não o pudessem ainda compreender deviam fazer os seus exercícios de piedade com a comunidade, sim, mas usando livros em inglês enquanto não aprendessem a língua francesa<sup>33</sup>.

### **Vocações para congregações femininas na Irlanda**

No seu estudo sobre a mulher irlandesa, no século XIX, Caitriona Clear diz que em geral de uma ou outra maneira ela faz a experiência da pobreza, porque na Irlanda, o seu trabalho ou não é pago ou é remunerado com salários muito baixos. Além disso, é muito limitado o seu acesso ao ensino. Muitas eram forçadas a ficar solteiras, por causa das práticas matrimoniais de então. Quer estas quer a mulher irlandesa casada, dependiam com frequência e totalmente dos homens, nas suas famílias e eram obedientes às suas vontades. Por isso conclui:

*Usar o véu e fazer os votos não podia ser visto pela mulher irlandesa como um passo estranho. Os três votos (pobreza,*

---

31. Gailhac à M. St. Eugene, GS/4/I/76/A.

32. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/14/II/76/A.

33. Gailhac [à M. St. Patrice], GS/10/III/76/B.

*castidade e obediência) eram, direta ou indiretamente, expressões concretas de realidades, com as quais ela era familiar, no seu dia a dia. A adoção da identidade religiosa revestia tais fatos de sentido, utilidade e dignidade*<sup>34</sup>.

Continuando a aprofundar a questão da vocação, Clear explica a razão por que a vida religiosa podia ser uma opção atraente para a mulher irlandesa de todas as classes, em fins do século XIX:

*Para a mulher da classe média, tornar-se religiosa não era perda de prestígio. Em alguns casos significava até elevação de classe social. A alternativa era, muitas vezes, a escolha entre uma luta exaustiva para manter um respeitável padrão de vida, próprio de muitas mães de família da classe média baixa, e a frivolidade, sem sentido, de uma irmã mais rica*<sup>35</sup> [solteira].

A mulher irlandesa da família de operários e classe trabalhadora, podia até sentir o atrativo para irmã coadjutora numa das congregações. “Isto significava para ela uma irrevogável categoria de subordinação, mas o mesmo se podia dizer das ocupações a que tinha acesso, fora do convento”<sup>36</sup>.

Embora estas considerações não possam explicar o mistério da vocação religiosa, apresentam-nos um contexto social que ajuda a explicar o fenomenal aumento de vocações religiosas, na Irlanda, durante a segunda metade do século XIX. Como se disse atrás, entre 1841 e 1901, o número de religiosas cresceu oito vezes mais<sup>37</sup>.

A esmagadora maioria das congregações religiosas na Europa e na Irlanda, faziam distinção entre irmãs de coro e irmãs coadjutoras. Depois de estudar as biografias e histórias de congregações e os Diretórios Católicos desse tempo, um historiador conclui que noventa e sete por cento dos conventos na Irlanda em 1850, observava esta distinção e, em 1900 era pelo menos setenta e três por cento<sup>38</sup>. Estas congregações eram irlandesas ou estrangeiras, incluindo as Irmãs da Apresentação, as Irmãs Irlandesas da Caridade, as Irmãs das Mercês,

---

34. Clear, 1-35, 136-137.

35. *Ibid.* 140.

36. *Ibid.*

37. Clear escreve: “Em 1861 havia mais 60% de irmãs do que nos dez anos anteriores e desde então até 1901, a taxa de crescimento, em cada dez anos, nunca desceu abaixo dos 20%”.

38. Clear, 187. Bon Secours, as Irmãzinhas da Assunção, a Pequena Companhia de Maria, as Irmãs francesas da Caridade, as Irmãs de S. Luis e as Pobres Servas da Mãe do Verbo Incarnado não aceitavam irmãs coadjutoras.

as Irmãs do Loreto, as Fieis Companheiras de Jesus, as Clarissas, as Irmãs do Bom Pastor, as Dominicanas, as Ursulinas, as Religiosas do Sagrado Coração e as Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

Dedicando-se a maior parte destas congregações à educação, durante a segunda metade do século, atraíam candidatas da classe média, sobretudo através das suas “escolas especiais” e internatos. Em alguns casos uma das finalidades explícitas de tais escolas era o fato de elas serem a chave do recrutamento da congregação. As escolas gratuitas unham a mesma finalidade em relação ao recrutamento de irmãs coadjutoras<sup>39</sup>. Caitriona Clear insiste, contudo, em que a “linha divisória entre as duas classes, no convento, não se baseava fundamentalmente na diferença, facilmente remediável, entre ignorância e saber”<sup>40</sup> mas que tal distinção, cuidadosamente mantida nos conventos da Irlanda, se fundamentava nas classes sociais<sup>41</sup>. Por isso a posição, trabalho e até hábito usado nos conventos indicavam a distinção não contradita, mas copiada da estrutura social do tempo. Clear explica:

*Muitos pensavam que a razão de haver irmãs coadjutoras se devia ao fato de estas serem necessárias para o serviço e que, ao mesmo tempo, seria prejudicial à disciplina do convento e injusto para com elas, não lhes dar a oportunidade de fazerem votos<sup>42</sup>.*

### **Papel da Madre Sainte-Croix na promoção vocacional**

Logo nos primeiros tempos do Instituto, a Madre Sainte-Croix se mostra bem ativa no recrutamento de postulantes para a comunidade<sup>43</sup>. Durante o seu mandato, como superiora geral, um número sempre crescente de vocações chega da Irlanda. A Madre Sainte-Croix comunica-se pessoalmente com estas futuras postulantes e com os sacerdotes e amigos que as recomendavam. Apesar da falta de escolas no Sul da Irlanda, as vocações continuam a vir desta parte do país,

---

39. *Ibid.*, 82-86 .

40. *Ibid.*, 92 .

41. *Ibid.*, 99.

42. *Ibid.*, 95.

43. Maynard menciona que foi ela que visitou Millau e recrutou a sua irmã, M. St. Felix. mesmo antes do Instituto RSCM, estar oficialmente ereto. Ver 169.

especialmente de Kilkenny, graças sobretudo a duas pessoas: padre Dunphy de Ferrybank e Madre Teresa Smithwick do convento da Apresentação da cidade de Kilkenny.

Em Junho de 1874, enquanto os superiores se encontram em Roma, o Padre Dunphy visita a Casa Mãe para ver as jovens de Kilkenny que ele dirigira para o noviciado de Béziers<sup>44</sup>. Também a Madre Teresa Smithwick fala de cartas das “suas filhas de Béziers”: “Tive belas cartas da irmã Bernard [Saunders] e da querida irmã Visitation [Moylan]. Que alegria ter notícias das minhas queridas filhas”<sup>45</sup>. Esta irmã da Apresentação, amiga do Instituto desde o princípio, continua a recrutar vocações para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Escrevendo para Béziers, em 1877, por exemplo, menciona:

*Tenho ainda em vista uma outra que, se eu pudesse [interessá-la] em nós ou em vós, seria muito desejável... a pessoa a quem faço alusão é realmente completa e exatamente o tipo de candidata que convém a Béziers*<sup>46</sup>.

A Madre Teresa Smithwick assina: “Sua muito amiga no Sagrado Coração de Maria”. Não é exagero dizer que muitas das primeiras vocações de Kilkenny foram direta ou indiretamente influenciadas por esta religiosa, quer porque pensasse que elas eram “exatamente o tipo de candidata que convém a Béziers” quer, porque o convento de Kilkenny, construído no princípio do século, para dezoito religiosas, não podia alojá-las<sup>47</sup>. E porque as irmãs da Apresentação não tinham qualquer centralização congregacional, a Madre Teresa Smithwick não se sentia coagida a mandar estas vocações para qualquer outro convento da Apresentação, na Irlanda.

Sem dúvida, um outro fator importante a fomentar o recrutamento era, em meados do século XIX, a tendência para orientar pessoas do mesmo parentesco para a mesma congregação. Não era raro que várias irmãs da mesma família entrassem na congregação, ou que ao entrarem,

---

44. Ver M. St. Charles a Gailhac, 4.6.1874, Arq. hist./RSCM., Caixa 3, Pasta 5.

45. M. Teresa Smithwick [à M. St. Croix] , 31.7.1877, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 1. M. Visitation Moylan tinha duas irmãs que morreram na comunidade, M. Gabriel Moylan (Maio 1872) e uma noviça também chamada Gabriel (Março 1876).

46. *Ibid.*

47. Um historiador escreve “... no último quartel do século, um convento, numa cidade, como Ferrybank, devia ser, pelo menos, três vezes maior” para acomodar todas as vocações latentes. Ver Clear, 42.

as postulantes encontrassem parentes mais idosas na comunidade. Por isso as primeiras vocações RSCM da Irlanda conduziram gradualmente as sucessivas gerações da mesma família ou vizinhança<sup>48</sup>.

É possível descobrir o dinamismo da Madre Sainte-Croix no campo do recrutamento de vocações através da sua correspondência da Primavera de 1876<sup>49</sup>. As suas cartas ao Padre Murphy, um jesuíta de Dublin interessado em orientar vocações para a comunidade RSCM, revelam a sua compreensão das qualidades desejáveis nas vocações para o Instituto. E as suas cartas às que desejavam entrar revelam extraordinária bondade e calor.

Na sua primeira carta ao Padre Murphy, diz-lhe que, dedicando-se as religiosas às obras de zelo, se requerem nas candidatas certas qualidades: critério são, bom espírito, vontade generosa e, ao menos, um certo nível de instrução ou capacidade de desenvolver. Acrescenta que o total das despesas de entrada são umas quinhentas Libras, mas apressa-se a informar que esta quantia, incluindo o dote, despesas do noviciado e enxoval, podia ser reduzida segundo os recursos das famílias, especialmente para uma jovem com uma boa educação e outras qualidades<sup>50</sup>.

A Madre Sainte-Croix insiste em que a comunidade faria todas as concessões possíveis às jovens recomendadas por ele.

Continua a sua carta ao Padre Murphy, dizendo que as que entrassem para trabalhos domésticos precisavam de ter forças e aptidões para os vários serviços da casa. A estas pedia-se-lhes apenas um terço do dote. Também aqui a Madre Sainte-Croix insiste nas concessões que a comunidade faria às que fossem recomendadas por ele<sup>51</sup>.

---

48. Há, nas primeiras gerações RSCM, muitos exemplos de irmãos de sangue, em França (Mestres e Sabatiers), mas sobretudo na Irlanda. As Hennessys, MacMullens, Murphys, Moylans, Cahills, Delaneys, Kennys, MacEvoy, Davises, Goughs, para nomear apenas algumas. Os casos de parentes ou vizinhos nas RSCM, são demasiado numerosos para serem nomeados. Ver Grande Registro. Para exemplos disto mesmo, nas Irmãs das Mercês. Bom Pastor e Apresentação, na Irlanda no século XIX, ver Clear, 144-148.

49. Estas cartas encontram-se, em Edinburgh, num caderno escolar intitulado, *Letres d'affaires de comunauté*, Arq. hist./ Cong., Voi II-D, 64. (Referências posteriores *Lettres d'affaires*). Podem ainda encontrar-se traduzidas em francês no *Proc. ap.*, 5280-5313.

50. Esta soma era normal para um dote. Por exemplo as Irmãs da Apresentação de Galway, nos princípios do século estipulavam 500 Libras, como dote. A média requerida pelas Irmãs das Mercês de Galway era de 375 Libras, entre 1840 e 1857. O dote não era rígido; Candidatas de famílias ricas traziam dotes bem maiores. Ver Clear, 87.

51. M. Ste. Croix ao P. Murphy, S.J.,s.d. *Lettres d'affaires*, 2-4.

O padre Murphy não entende muito bem a distinção entre as qualidades exigidas para umas e para outras, por isso a Madre Sainte-Croix esclarece que, no mínimo, uma postulante não poderia ser admitida como religiosa de coro "...sem possuir, ao menos, uma boa educação básica, instrução suficiente para a missão [nas escolas para os pobres] e um dote de cem Libras". Porém, acrescenta logo em seguida que uma boa candidata seria recebida com um dote de cinquenta Libras, um pequeno enxoval e dez Libras para a viagem<sup>52</sup>. Parece que, com muita frequência, as candidatas eram dispensadas de parte do dote exigido pelas Constituições. A prová-lo existem cartas dirigidas a Roma, pedindo tal dispensa<sup>53</sup>.

Seria portanto um erro pensar que todas as candidatas a religiosas de coro tinham meios econômicos, e que era esta a diferença entre elas e as candidatas a irmãs coadjuvadoras. Um sacerdote de Kilkenny descreve a situação de uma "Miss Cody" que era ou Marie Cody (Madre Saint-Ildefonse) ou Johanna Cody (Madre de l'Incarnation), ambas recebidas como noviças de coro, em Maio de 1876. Escreve ele:

*O pai de Miss Cody foi um homem que sempre lutou pela vida, conseguindo a todo o custo sustentar a sua numerosa família, pois dos vinte filhos que a mãe deu à luz, apenas quatro sobreviveram. A sua subsistência vinha-lhe de um pequeno comércio seu e da sua mulher e das economias procedentes de uma loja e casa pequenas, e ainda uma outra casa pequena também. Agora faz tudo quanto pode por esta querida filha que Deus chamou para Si. Certifico tudo isto em seu favor, pois conheço-o a ele e aos seus, há muitos anos<sup>54</sup>.*

O padre Murphy recomenda quatro candidatas e a Madre Sainte-Croix escreve-lhes, comunicando que são aceitas. Pede-lhes depois que lhe escrevam logo que possam, respondendo às seguintes perguntas:

1) Que idade tem? 2) Tem boa saúde? 3) Ser-lhe-ia difícil ir para França ou para qualquer país a que a santa obediência a enviasse? 4) De quanto pode dispor para o enxoval, a viagem para França e despesas de noviciado, se possível? E termina a sua carta: "Não tenha receio, minha

---

52. M. Ste. Croix a Murphy, S.J., Abril de 1876, *Ibid.*, 15-17.

53. M. Ste. Croix a Pio IX, 15.6.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16. Embora não fosse norma, quer Catherine McAuley (Mercês), quer M. Teresa Bali (Loreto) insistiam em que nunca recusariam uma postulante por falta de dote. Ver Clear, 88.

54. P. B. Scoot (St. John's Place, Kilkenny) [à M. Ste. Croix] 14.4.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 117, Pasta 14.

querida filha. Já lhe tenho muita amizade e desejo fazer tudo por si, com dedicação maternal”<sup>55</sup>. A Madre Sainte-Croix fica muito satisfeita com as respostas delas. Parece que elas mostram certa apreensão por terem de ir para Liverpool, a primeira pausa na ida para Béziers. E ela responde-lhes com delicada compreensão:

*Não tenham receio, minhas filhas. Os ingleses não são tão insensíveis, como se imagina. Além disso, nós não somos religiosas inglesas, mas francesas e irlandesas. Por conseguinte, encontrarão quer aqui quer em França ou em outro qualquer lugar, a mais maternal dedicação, assim como boas irmãs*<sup>56</sup>.

As candidatas percebem que devem ficar algum tempo em Liverpool, como era costume, mas a Madre Sainte-Croix tranquiliza-as: “As postulantes que ficam aqui, por algum tempo, começam o seu noviciado, como se estivessem na Casa Mãe, e participam em todas as graças inerentes Pa missão”<sup>57</sup>.

Em Abril chegam a Liverpool duas destas postulantes, as gêmeas McEvoy, Maggie e Lizzie<sup>58</sup>. Como não iriam para França senão no verão, com a Madre Sainte-Croix, o Padre Murphy pergunta se uma delas não podia ser enviada à Madre Saint-Patrice, na comunidade de Lisburn. A Madre Sainte Croix responde que as candidatas deviam pelo menos, passar parte do seu noviciado, na Casa Mãe. Não eram nunca enviadas para uma comunidade local durante esse tempo, mas permaneciam aí apenas temporariamente, para se certificarem da sua vocação. Isto evitava também despesas desnecessárias de viagens para Béziers, no caso de a candidata se não adaptar<sup>59</sup>.

O Jesuíta informa-se acerca do eventual envio dessas jovens quando forem professoras, e pergunta quem tem autoridade para as enviar. A resposta da Madre Sainte-Croix é categórica:

*Enquanto a comunidade tiver a graça de o possuir [o fundador] a superiora geral ceder-lhe-á a orientação, o envio ou a transferência das súditas. Vossa Reverência sabe que um fundador tem sempre a visão e graças especiais, para a Obra que Deus lhe confiou*<sup>60</sup>.

---

55. M.Ste. Croix a quatro postulantes coadjutoras s.d., Lcttres d'affaires, 4-5.

56. M. Ste. Croix a quatro postulantes coadjutoras. Abril 1876, *Ibid.*, 8.

57. *Ibid.*

58. 5 8 Margarct e Elisa McEvoy receberam na tomada de hábito os nomes de Ir. Claire e ir Suzanne. Ver Grande Registro, n.º 133 e n.º 115.

59. M.Ste. Croix a Murphy, S.J., Abril 1876, Lcttres d'affaires, 16.

60. *Ibid.*

Apesar da sua dificuldade de escrever em inglês, a Madre Sainte-Croix é muito convincente e compreensiva para com as postulantes a quem se dirige. Ao escrever às irmãs McEvoy<sup>61</sup>, ou a Mary e Kate<sup>62</sup>, outras postulantes do Padre Murphy, recomenda-lhes que não se preocupem com o dote. Todavia era costume insistir em que as candidatas pagassem as despesas da viagem, estimadas aproximadamente em oito Libras<sup>63</sup>.

Em carta a uma outra postulante da Irlanda, que devia ir diretamente de Liverpool para Béziers, a Madre Sainte-Croix explica-lhe cuidadosamente o itinerário. Devia chegar a Liverpool no dia 26 de Junho, pois o barco partiria para França às 2 horas da tarde do dia seguinte. Logo que chegasse a Liverpool, devia tomar o autocarro para o convento das RSCM em See View Road, Bootle, Liverpool. Dali, a superiora a acompanharia, bem como a outras duas postulantes, ao trem para Béziers. E alguma irmã da Casa Mãe aí estaria a esperá-las<sup>64</sup>. A superiora geral é muito solícita em escrever acerca dos progressos das candidatas. Assim escreve aos pais das gêmeas McEvoy, assegurando-lhes que as suas filhas são “boas meninas”<sup>65</sup>. Escreve ainda ao pároco<sup>66</sup>, bem como ao Padre Murphy<sup>67</sup>, certificando-os também sobre o progresso dessas gêmeas. Não é menos atenta às postulantes que não tiveram capacidade de permanecer na comunidade. Escrevendo em 1877 a uma delas no seu original inglês, a Madre Sainte-Croix compartilha os seus sentimentos:

*Acredite, minha querida filha, que nós lamentamos sinceramente que o clima do nosso Sul da França tão iluminado pelo sol, seja incompatível com a sua constituição física. O nosso mais ardente desejo é que se possa consagrar ao nosso divino Salvador, em algum convento mais favorável, na sua bela e antiga ilha dos santos. Acompanha-me o alegre rebanho que a conhece bem e*

---

61. M. Ste. Croix a Maggie e Lizzie [McEvoy], s.d. *Ibid.*, 5-6

62. M. Ste. Croix a Mary e Kate, s. d. *Ibid.*, 6-7 “Kate” é Kate Marley de Kings Co. que foi Ir. Agathe. Ver grande Registro nº 107. A data da sua entrada é 7.5.1876. A única “Mary” a entrar por essa altura é Mary Curran que tomou o nome de Ir. Evangeliste. Ver a lista de tomadas de hábito [3.1.18771, Arq. hist./Cong, Vol. II-A.

63. M. Ste. Croix a uma postulante, s. d., *Lettres d'affaires*, 30. Nessa altura a viagem de Liverpool a Béziers custava 8 Libras, em 2.ª classe.

64. M. Ste. Croix a uma postulante, s. d., *Ibid.*, 28.

65. M. Ste Croix ao Senhor e Senhora McEvoy, Maio 1876, *Ibid.* 18-19.

66. M. Ste Croix ao pároco dos McWvoy, Junho 1876, *Ibid.*, 19.

67. M. Ste Croix a Murphy, SJ, 1876, *Ibid.* 17.

*cada irmã da comunidade. Pedindo-lhe um grande lugar nas suas orações, sou sempre, minha querida filha, sua mãe muito amiga em Cristo*<sup>68</sup>.

Os últimos Capítulos Gerais<sup>69</sup> e orientações<sup>70</sup> deviam desenvolver e aperfeiçoar cada vez mais as normas de admissão de postulantes no Instituto. Estes poucos exemplos mostram claramente o papel da Madre Sainte-Croix no recrutamento de vocações, durante o seu mandato, como superiora geral.

## **Outros planos**

Gailhac e a Madre Saint-Félix resolvem juntar-se à Madre Sainte-Croix na visita às comunidades de Inglaterra e Irlanda. Uma vez que não pode ir no mês de Setembro, Gailhac deseja partir da Casa Mãe, logo a seguir à cerimônia, na qual vinte e sete postulantes tomaram o hábito das Religiosas do Sagrado Coração de Maria. A Primavera de 1876 foi difícil para Gailhac. Escrevendo à Madre Sainte-Croix, no mês de Março, diz que está cada vez mais fatigado e debilitado de alma, espírito, coração e corpo<sup>71</sup>. Em princípios de Abril teve um sério acidente, em França, caindo à água. Segundo o seu próprio relato, não sofreu consequências de saúde, embora tenha estado encharcado “como um rato na água”<sup>72</sup>! Apesar de tudo, ele e a Madre Saint-Félix deviam ir ter com a Madre Sainte-Croix à Inglaterra, em Junho de 1876.

Além de atender às necessidades espirituais das suas filhas, em Liverpool e Lisburn, Gailhac ocupa-se das mudanças das irmãs, pois, para ensinar nas escolas de pobres na Inglaterra, eram necessários novos exames oficiais<sup>73</sup>. A preocupação maior, porém, é o progresso do novo convento, que está a ser construído num terreno adquirido em Bootle, Sea View Road. Já em princípios de 1874, era evidente a

---

68. M. Ste. Croix a uma postulante, provavelmente a Miss Purcell mencionada em carta da M. Teresa Smithwick à M. Ste. Croix, 31.7.1877, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 1.

69. Ver Processo Verbal do I.º Capítulo Geral, 17.8.1876, Arq. hist./Cong., Vol. II - B2, 12.

70. Ver directivas de Gailhac, intituladas Admission des Postulantes, 19.1.1888, Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 7.

71. Gailhac à M.Ste. Croix, GS/2/III/76/A.

72. Gailhac (à M. St Eugène), GS/4/IV/76/A.

73. Gailhac à M. St. Patrice, GS/20/IV/76/A.

exiguidade do convento, para o número de religiosas e alunas externas. Em Setembro de 1874, o pároco, Padre Thomas Kelly, tinha pedido ao seu bispo, em nome da comunidade, licença para construir um edifício novo e maior<sup>74</sup>. O bispo concedera a licença, mas recomendando: “Como se deve lembrar, foi acordado entre nós, que elas [RSCM] deveriam pagar os custos da construção e mobilar o convento, sem ajuda de auxílio exterior”<sup>75</sup>.

Porém, passados alguns meses, a companhia de caminhos de ferro de Bootle decide ampliar a sua via lateral e requisita à paróquia o terreno em que se encontrava a Igreja de Saint-James, demolindo esta Igreja e oferecendo a compensação necessária para construir uma outra. Em tal emergência, o bispo e o pároco pensam que o melhor local, para a nova igreja, é o terreno recentemente adquirido para a construção do convento. Gailhac fica assim na embaraçosa situação de ter de recusar tal proposta. E insiste: “A saúde das religiosas e das crianças exige espaços maiores e mais ar livre. A nova construção, que vamos começar brevemente, reduz um pouco os inconvenientes do atual edifício”. Gailhac continua explicando que a questão do espaço era extremamente grave, pois noviças havia que deviam ser enviadas a Bootle, para completar os seus estudos. Gailhac diz ainda ao Padre Kelly que até pensou em comprar o terreno adjacente para assegurar o espaço suficiente. Não pode, portanto reduzir a propriedade à terça parte, segundo os seus cálculos, prejudicando a saúde de toda a gente da casa. Felizmente, a companhia de caminhos de ferro adiou os seus planos de construção até princípios de 1880<sup>76</sup>.

Dadas as dificuldades financeiras dos anos de 1875-76, a construção planejada era extremamente desgastante para as finanças da comunidade de Béziers. A construção ainda não estava acabada e Gailhac não via fim ao seu custo. O pároco decepcionava-o com as suas atitudes perante esta dificuldade: “Ele quer religiosas, mas não quer sacrificar-se!” Durante a estada de Gailhac em Liverpool, o Padre Thomas Kelly perguntou-lhe se estava satisfeito com as contas. Gailhac respondeu-lhe consisamente: “Padre, nós não temos dinheiro. Desista

---

74. Thomas Kelly ao Bispo O'Reilly, 8.9.1874, *Proc. Ap.* 6383.

75. O'Reilly a Thomas Kelly, 2.11.1874, *Proc. Ap.* 6384.

76. Rascunho de uma carta de Gailhac a Thomas Kelly, 3.3.1875, *Arq.hist./RSCM.*, Caixa 8, Pasta 1.

todo o que não é estritamente necessário”<sup>77</sup>. Apesar da repetida insistência de que era necessário parar a construção até a comunidade se recompor da difícil situação financeira, o pároco continuou a avançar até a execução total do projeto primitivo<sup>78</sup>.

Estas despesas constantes em Bootle e o precário estado financeiro da Casa Mãe, forçam a comunidade a declinar o convite do Padre Dunphy para uma fundação na diocese de Ossory. De fato, numa fase anterior a comunidade tivera a esperança de concretizar esse projeto, mas agora vê claramente que não pode dispor de três mil Libras para construir o convento e escola remunerada, em Ferrybank. Tal decisão deve ter sido particularmente difícil, pois o Padre Dunphy era um grande amigo da comunidade, havia muitos anos, e o distrito de Kilkenny era rico em recordações. Compreendendo que o Padre Dunphy tinha necessidade urgente de religiosas para a sua nova escola de pobres, a Madre Sainte-Croix escreve:

*É provável que o bispo lhe tenha já conseguido religiosas. Quanto a nós é-nos impossível nesta altura construir um convento. "Bendito seja Deus e que a sua santa vontade se faça sempre". Esta contrariedade não diminuirá nunca a nossa estima e gratidão para consigo, meu querido Padre, que é para nós um tão grande amigo*<sup>79</sup>.

No meio destas hesitações, o Padre Gailhac, a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Félix, que se encontram em Liverpool, são informados de que o bispo de Braga dera o seu consentimento verbal para uma fundação naquela cidade e que a comunidade espera que uma casa lhes seja cedida. Em carta, provavelmente à Madre Saint-Charles, Gailhac é categórico: “A palavra de um bispo tem mais valor do que uma folha de papel. Agradecemos a Sua Excelência a atenção especial que lhes promete”<sup>80</sup>. Gailhac, a superiora geral e a sua assistente concordam com o sacerdote que as ajuda em Braga: “Compreendemos a sua ideia e

---

77. Ver Gailhac à M. Ste Croix, GS/6/VII/76/B.

78. Thomas Kelly a Gailhac, 22.9.1876. Arq.hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 3. Ele cita arquitecto, como fazendo a estimativa de que o custo da ala não completa da capela, seria agora adicionado de mais 1500 Libras, sobre a estimativa prévia.

79. M. Ste. Croix a Dunphy, Maio 1876, Lettres d'affaires, 20-21. Ela precisava tanto de dinheiro naquela altura, que chegou a pedir ao bispo de Ossory a recuperação das 600 Libras (15.000 francos) adiantadas para a aventura de Callan em 1869. Ver M. Ste Croix a Moran, Junho 1876, Ibid. 24-25.

80. Gailhac à [M. St. Thomas], GS/15/VI/ 76/A.

não há tempo a perder. Temos que começar imediatamente, ainda este ano. A expectativa da população não deve ser desiludida”. Pedem, então, à Madre Saint-Thomas que faça a estimativa do número de religiosas de que virá a precisar para as duas comunidades portuguesas e que traga consigo as irmãs quando voltar de França<sup>81</sup>.

Todas estas vicissitudes, quais nuvens a ensombrar o impulso do Instituto para o exterior, começavam a desvanacer-se. Uma nova vaga expansionista estava prestes a começar.

---

*81. Ibid.*

## Capítulos, Jubileus e novos empreendimentos (1876-1877)

Algumas semanas depois do seu regresso à Casa Mãe, Gailhac escreve às superiores locais de todo o Instituto, anunciando o primeiro Capítulo Geral a realizar-se em Béziers, em Agosto de 1876. E aconselha a Madre Saint-Patrice a começar, com a comunidade de Lisburn, uma novena ao Espírito Santo e a partir para Liverpool a 26 de Julho, a tempo de viajar, para França, com a Madre Sainte-Croix e a Madre Saint-Eugène. Gailhac dá-lhe a entender que ela regressará à Irlanda, pois sugere-lhe que compre um bilhete de ida e volta<sup>1</sup>. Dois dias mais tarde, escreve à Madre Sainte-Croix, comunicando que já tinha informado sobre este Capítulo, tanto a Madre Saint-Thomas, como a Madre Sainte-Marie, em Portugal. A superiora geral devia acompanhar a Béziers as superiores locais da Irlanda e Inglaterra, pelos fins do mês<sup>2</sup>.

### A Cura da Irmã Jeanne Moreau

Imediatamente antes da abertura do Capítulo, dá-se na Casa Mãe, um notável acontecimento. Na noite de 12 para 13 de Agosto, uma Irmã Oblata que estava a morrer com um cancro, é curada por intercessão de Nossa Senhora. A Irmã Jeanne Moreau<sup>3</sup> estava gravemente doente

- 
1. Gailhac à M. St. Patrice, GS/7/VII/76/A.
  2. Gailhac à M. Ste. Croix GS/9/VII/76/A.
  3. Marie Moreau, conhecida em religião como Ir. Jeanne Moreau recebeu o hábito em 26.5.1869 e professou como Irmã Oblata em 1871. Ver *Registre des Prises d'Habit e Professions éo Soeurs Oblates, 16.6.1852 a 25.10.1876*, Arq. Hist./ Cong., Vol. II-A. Não há relato algum sobre a morte da Ir. Jeanne, pois o registro do sepulcro n° 1800 das Oblatas, em Béziers, data apenas de 1898. Os nomes das Oblatas que foram enterradas antes, não estão arquivados. Tendo uma mra Oblata recebido o nome de Jeanne (Mallet) antes de 1898 (Ver Grande Registro, n° 416), pode presumir-se que a Ir. Jeanne Moreau já não vivia em comunidade nesse tempo.

e pouco tempo tinha de vida, segundo o diagnóstico médico. A 3 de Agosto, toda a comunidade começou uma novena a Nossa Senhora de Lourdes, na capela das Oblatas. Na última noite da novena, aplicam ao tumor canceroso, uma compressa embebida em água de Lourdes e, depois de duas horas e meia de sono, a Irmã Jeanne acorda, notando que o tumor tinha desaparecido completamente. Na manhã seguinte, apesar de estar ainda muito fraca, vai à Missa e sente uma cura profunda. No fim da Missa exclama: “Estou curada! Cantem o Magnificat!” Mais tarde Gailhac escreve ao seu bispo: “A alegria geral não cabe em palavras. A cura é completa. O tumor e as dores desapareceram e a Irmã tem pleno uso dos seus membros”. Para realçar o seu ponto de vista, Gailhac acrescenta que dois dias depois da cura, a Irmã Jeanne participou numa longa procissão, levando uma bandeira, sem se cansar. E três dias mais tarde tinha ido com as órfãs numa peregrinação a Nossa Senhora da Consolação, em Bayssan, a cinco quilômetros de Béziers. “e agora” acrescenta Gailhac “tem uma boa saúde”. Esta cura foi confirmada pelo médico Dr. Joseph Martel, que, tendo-a deixado a morrer, a examinou depois, a 14 de Agosto e afirmou: “Numa palavra, foi completamente curada, como ela diz”<sup>4</sup>.

### **Conclusões do primeiro Capítulo Geral**

Embora se não mencione nas atas, os membros do Capítulo deviam sentir uma profunda impressão por esta presença e cuidado maternal de Nossa Senhora para com a comunidade, quando, às dez horas da manhã do dia seguinte, 15 de Agosto, entram na sala do Conselho. Segundo as atas, eram 11 os membros do Capítulo. À exceção de três, todos são identificados: Gailhac, a superiora geral (Madre Sainte-Croix), a assistente geral, (Madre Saint-Félix), a “superiora e fundadora” de Portugal e a superiora local do Porto (Madre Saint-Thomas e Madre Sainte-Marie - de novo em funções indefinidas), a superiora local de Lisburn (Madre Saint-Patrice), a superiora local de Bootle (Madre Saint-Eugène), a visitadora para as Ilhas Britânicas

---

4. M. Ste. Croix enviou ao bispo a carta de Gailhac, na qual descreve a cura, e mandou também o atestado médico aos *Annales de Lourdes*. Isto foi descoberto e publicado em *La Semaine Religieuse de Montpellier*, provavelmente em 1877; Ver também Maynard, 165-168.

(Madre Saint-Charles)<sup>5</sup>. As outras três eram provavelmente membros do conselho da Casa Mãe.

É evidente que desde o primeiro dia os membros do Capítulo estão conscientes de que o Instituto se expandiu e continuará a expandir-se. Aceita esta realidade, torna-se prioritária a unidade que caracterizou o Instituto desde a sua origem. E é reconhecendo a Casa Mãe como padrão e modelo em todas as coisas, que esta unidade será salvaguardada:

*... sendo a Casa Mãe como que o coração que comunica a vida ao corpo todo, cada casa filial deve permanecer intimamente unida a ela, tendo para com ela e para com as suas observâncias, toda a estima e afeição de um filho muito querido. (Agosto, 17, n.º 1)*

Esta estima e afeição pela Casa Mãe<sup>6</sup> devia ser estimulada por todas, mas particularmente pelas superiores locais, que tinham obrigação de ser instrumentos de unidade<sup>7</sup>.

O aspecto internacional do Instituto devia exprimir-se na ordem prática. Assim, nos diferentes países, cada casa filial devia, se possível, ser formada por irmãs de todas as nacionalidades do Instituto, mas a língua francesa devia ser comum a todas. As religiosas não falariam, entre si, da sua nacionalidade, família ou meio social. O espírito de família da Casa Mãe devia ser o espírito das comunidades locais. E uma vez que a Casa Mãe era de vital importância para a vida e unidade do Instituto, as casas filiais deviam “interessar-se por ela”, vir em seu auxílio nas dificuldades financeiras e contribuir anualmente para a manutenção do noviciado. Além disso, para fomentar a unidade na diversidade, prescrevia-se a uniformidade de orações, hábito e horário<sup>8</sup>.

O estudo das conclusões deste Capítulo, mostra claramente que as superiores locais eram consideradas de utilidade vital para o futuro crescimento do Instituto. Antes disso, já Gailhac tinha escrito muitas

---

5. *Procès Verbal du 1er Chapitre Général de l'Institut du Sacré Coeur de Marie nu à Béziers dans la Maison Mère en Août 1876*, manuscrito Ms, Arq.hist./Cong. Vol. II-B2; 10-18 e no *Proc.ap.*, 2716-2736. A ata consistiu em 109 disposições regulamentares feitas pelos membros do Capítulo. A forma é simples. Dividida pelos vários dias, lê-se como título: “Na reunião — foi decidido: — Citações directas das deliberações serão aqui identificadas, com data e número.

6. Esta veneração pela Casa Mãe era típica de muitas congregações francesas, no século XIX. Ver Langlois, 376-380.

7. *Ibid.*

8. *Ibid.*

vezes sobre a importância desta função<sup>9</sup>. Na verdade, logo nos primeiros dias da formação da Madre Saint-Jean, ele descrevera o papel de superiora como uma vocação dentro da vocação<sup>10</sup>. Não admira, pois, que os membros do Capítulo insistam no seu significado. Não havia, então, limites canônicos à duração do mandato de superiora, que era tão longo quanto o bem da comunidade e do Instituto o exigisse. Mesmo no caso de uma superiora afrouxar ou se tomar um obstáculo ao bem comum, era chamada à Casa Mãe para se renovar no espírito da sua vocação e voltar ao seu lugar, a não ser que a julgassem incorrigível. E o que à primeira vista parece insignificante - o lugar da superiora local na capela e refeitório, durante a sua visita à Casa Mãe - é indicativo da mentalidade hierárquica daquele tempo e da importância atribuída a essas poucas irmãs escolhidas entre todas as outras, nos primeiros tempos do Instituto. É certo que a chegada da visitadora suspendia a sua autoridade, na comunidade local, mas tal suspensão era apenas de oito dias, pois passados estes, ela reassumia o seu papel, mesmo que a visitadora continuasse na comunidade. Uma superiora de visita a outra comunidade local, de modo nenhum podia interferir nos assuntos da comunidade, a não ser em caso grave, no qual devia avisar a superiora da casa<sup>11</sup>.

Numa palavra, promover a unidade entre as irmãs do Instituto foi considerado neste Capítulo Geral como responsabilidade importante das superiores locais, que deviam falar da Casa Mãe frequentemente e com amor:

*Não contente em guardar, no seu próprio coração, os sentimentos de que se embebeu, na Casa Mãe, fará tudo para os difundir em sua casa, procurando pelas suas palavras e exemplos, gravá-los profundamente no coração de suas filhas. (17 de Agosto, n.º 1)*<sup>12</sup>

No dia seguinte, incutia-se o mesmo sentimento:

*“[As superiores devem]... falar muitas vezes às suas filhas na Casa Mãe, para manter em seus corações o amor filial por esta mãe que lhes deu uma existência tão preciosa”. (18 de Agosto, n.º 12)*<sup>13</sup>

---

9. Ver, por exemplo, as cartas de Gailhac à M. St. Eugène, GS/I/VIII/ 72/A e GS/13/IX/72/A.

10. Para a formação da M. St Jean como superiora, ver Sampaio, 76-83.

11. Procès Verbal du 1<sup>er</sup> Chapitre Général, 10-18.

12. *Ibid.*M.

13. *Ibid.*,\3.

Por sua vez, a superiora tinha a responsabilidade de manter a Casa Mãe informada sobre os diversos acontecimentos, por meio de francas e frequentes comunicações. Trimestralmente, por exemplo, devia enviar aos superiores maiores uma relação sobre a situação espiritual e material da comunidade e de cada irmã. Em certo modo, a superiora devia “dirigir” as religiosas na sua comunidade, atendendo não somente a observância da regra e dos votos, mas também às suas conversas, recreios, visitas, relação entre elas e as crianças, leituras e até o tipo de canções usado. Mais importante, porém, era garantir que nada faltasse às religiosas e, ao atender às suas necessidades, evitar toda e qualquer parcialidade: “cuidados e dedicação não olham a nacionalidades nem prioridades”. (18 de Agosto, n.º 16)<sup>14</sup>

Acima de tudo, o Capítulo descrevia a superiora local como modelo na compreensão que as religiosas deviam ter dos votos. O exemplo da sua vida devia fomentar o amor à obediência: “Cada superiora deve ter a mesma vontade dos superiores maiores. Opor-se-lhes, seria rebelião.” (21 de Agosto, n.º 11) Pelas suas palavras e exemplos deve também incutir nas suas religiosas o espírito de pobreza, não querendo senão o necessário. Lembrando-se de que ela é apenas a administradora dos bens da comunidade, deve geri-los com economia, evitando o supérfluo e contentando-se com uma “simplicidade de bom gosto” que vem da ordem, limpeza e equilíbrio<sup>15</sup>.

Mesmo em tempos de prosperidade, as comunidades locais deviam continuar a viver com economia e, com autorização dos superiores, aplicar o seu excedente em obras de caridade, como orfanato ou preservação ou então ajudar a Casa Mãe, se tal fosse solicitado. Em todo o caso, o Capítulo estabelecia: “Em qualquer circunstância deve haver uma escola gratuita, em todas as casas do Instituto”. (22 de Agosto, n.º 6)

Os últimos três dias foram “dias de retiro” com uma conferência à tarde. No último dia o Capítulo sintetizava os pontos importantes, sublinhando o tema:

*Todas as superioras presentes com participação no governo da comunidade, são justamente consideradas como fundadoras e, por*

---

14. *ibid.*

15. *Ibid.*,16.

*consequente, devem ser modelos para todas as que lhes sucederem. (23 de Agosto, n.º 5)*<sup>16</sup>

No dia seguinte ao encerramento do Capítulo, todas as religiosas presentes na Casa Mãe celebram as duas cerimônias de tomada de hábito e profissão de quatro noviças, símbolos vivos do crescimento do Instituto<sup>17</sup>.

Em seguida, as superiores começam a regressar às suas comunidades locais, levando consigo as orientações do Capítulo. As duas superiores de Portugal, regressam acompanhadas por um pequeno grupo de religiosas, eventualmente destinadas à nova fundação de Braga. A 3 de Setembro de 1876 realiza-se, às quatro horas, uma cerimônia de envio, na presença de toda a comunidade. Gailhac comenta o texto: “Como o Pai me enviou, assim eu vos envio a vós”, e abençoa as viajantes, entregando a Regra à Madre Saint-Thomas, como símbolo do seu papel na orientação da nova comunidade que vai ser fundada. Duas horas mais tarde, o grupo deixa a Casa Mãe a caminho de Portugal, mais uma vez na linha do esforço de expansão das Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>18</sup>.

### **Bodas de Ouro do fundador**

Mais tarde, ainda em Setembro de 1876, começam os preparativos para a celebração do Jubileu dos cinquenta anos de ordenação sacerdotal de Gailhac. As RSCM decidem comemorar esta data com a maior solenidade e enviam centenas de convites a amigos, família e outras pessoas importantes<sup>19</sup>. Gailhac resolve passar alguns dias em retiro, antes do próprio aniversário, 23 de Setembro. Vai para o mosteiro de Fontfroide, que viria a ser para ele, até à morte, uma fonte de energia espiritual e de conforto. É por esse tempo que o prior, Padre

---

16. *Ibid.*, 18.

17. *Ibid.* Não há referência a esta tomada de hábito no *Registre des Prises d'Habit de 1850 a 1878* Arq. hist./ Cong., Vol II-A, 38. O *Registre d'institution et des Professions des Religieuses du Sacré Coeur de Marie* menciona a profissão de três noviças apenas, em Agosto de 1876: M. St. Maurice Banim, M. Ste. Trinité Rafter e M. St. Leon Maher. Porém a sua profissão é descrita, como tendo lugar em Liverpool. Ver Arq. hist./RSCM., Caixa 1, 23.

18. *Procès Verbal de la Bénédiction de la colonie pour la fondation de Braga*, 3.9.1876, Arq.hist./RSCM., Caixa 2, Pasta 9.

19. Para as respostas a estes convites ver Arq.hist./RSCM., Caixa 2, Pasta 9.

Marie-Jean, se torna seu guia espiritual<sup>20</sup>. Quando Gailhac regressa a Béziers, na sexta-feira, 22 de Setembro, a comunidade surpreende-o com uma celebração íntima “en famille”. Uma testemunha ocular comenta que Gailhac se emocionou muito com tal acontecimento. Na manhã seguinte, no próprio aniversário da ordenação, o fundador diz missa para a comunidade e para todas as crianças, à exceção das alunas internas que estavam em férias<sup>21</sup>.

Porém a celebração solene do Jubileu tem lugar a 11 de Outubro, a seguir às vindimas e ao regresso das internas. Todas as obras e associações fundadas por Gailhac estão representadas. E como a capela é demasiado pequena para conter as centenas de participantes, erguem o altar no pátio do internato e a Missa solene é celebrada ao ar livre. Alguém descreve a procissão de entrada: levava a cruz um rapaz negro da colônia agrícola de Bayssan, seguido por outros rapazes do orfanato dirigido pelos Irmãos do Bom Pastor. Depois iam as moças do Orfanato, da Providência e da Preservação. A seguir as Irmãs Oblatas, as Irmãs coadjutoras, as alunas internas e as Irmãs de coro. O clero, incluindo os Padres do Bom Pastor e muitos outros das cercanias, as autoridades civis, os militares e amigos eram os últimos<sup>22</sup>. Todos iam à frente do homenageado, paramentado com uma casula dourada e ladeado pelos três bispos, Mgr. Cabrières de Montpellier, Mgr. Paulinier de Besançon e Mgr. de Las Casas<sup>23</sup>. O Padre Maymard que estava presente recorda assim o acontecimento:

*E impossível descrever o respeito, a veneração e amor com que as filhas de Gailhac, os seus padres, irmãos, órfãos e alunas o cercaram no dia do seu Jubileu. A alegria e a felicidade irradiavam de todos os rostos e o próprio Gailhac parecia rejuvenescer. Todos sentiam prazer em olhar para ele que prometia ainda uma longa e fecunda carreira<sup>24</sup>.*

---

20. *Notes de la Mère St. Félix, Proc. ap.*, 1326.

21. *Procès Verbal de la Fête des Noces d'Or de Notre bien aimé Père célébrée en famille, seulement dans la Maison Mère.* 23.9.1876 (Ms.manuscritos) Arq.hist./RSCM., Caixa 2, Pasta 9.

22. *Ver Procès de la Cérémonie publique des Noces d'Or de Notre bien Aimé Rev. Père Fondateur*, (Ms. manuscrito) Arq. hist./RSCM., Caixa 2, Pasta 6.

23. Mgr. Las Casas, nomeado para a Sé de Constantine em 1876, resignou por motivo de doença e retirou-se para o Bom Pastor, em Béziers, nos primeiros anos da década de 1870. Em 1873 quando Mgr. Courtier resignou, foi nomeado Vigário Capitular para o Capítulo dos Cônegos da Catedral de Montpellier. Morreu a 1.10.1881.Ver Maymard, 134-135.

24. *Ibid.*, 449.

Depois da Missa, os bispos, o clero, importantes cidadãos locais e amigos de Gailhac participam no banquete para oitenta pessoas, entre brindes em sua honra. Finalmente Gailhac levanta-se para agradecer aos bispos e clero (que ele evoca como “a grande glória de França e a mais bela jóia na coroa da Igreja”), aos magistrados e aos soldados, comparando estes a sacerdotes, pois eram também chamados ao martírio: o soldado dando a vida e o sangue em defesa do seu país, o sacerdote, exposto a fadigas e aos perigos do seu ministério. “Sim, o padre é um mártir, porque a sua vida não é senão privação, sacrifício e imolação de todo o seu ser e a cada momento”<sup>25</sup>.

É visível a comoção em todas as pessoas presentes e mais ainda no fundador. Sempre humilde, agradece aos seus convidados com estas palavras: “Mais uma vez, obrigado a todos por se dignarem rodear-me, como uma coroa de honra, e testemunhar o amor à Igreja e ao seu sacerdócio”<sup>26</sup>. Tal celebração vem a ser uma fonte de coragem, não só para o Instituto e obras de zelo fundadas por Gailhac, mas também para os seus amigos sacerdotes. O semanário diocesano *La Semaine Religieuse de Montpellier* descreve o acontecimento e termina:

*Concluindo: honrado assim, na pessoa de um dos seus membros, o nosso clero, não reconhecido tantas vezes em nossos dias, deve encontrar nestas homenagens solenes, consolação suficiente e um forte incentivo para se renovar no espírito da sua vocação. Deve ainda buscar nelas nova força para enfrentar os combates do Senhor, suportando com paciência as injustiças e os ultrajes recebidos*<sup>27</sup>.

Se alguma sombra escurece a felicidade de Gailhac, neste dia extraordinário, é a ausência das religiosas das casas filiais<sup>28</sup>. A única superiora local com possibilidades de estar presente no Jubileu, é a Madre Saint-Eugène. Todavia as casas locais mandam presentes. Lisburn manda um bolo magnífico que resiste à longa viagem! As irmãs de Bootle, uma lâmpada de cristal, e as do Porto, seis dúzias de garrafas de bom vinho português<sup>29</sup>. Esta comunidade oferece ainda um outro

---

25. Ver discurso de Gailhac, 11.10.1876, Arq. hist./RSCM., Caixa 2, Pasta 7.

26. *Ibid.*

27. *La Semaine Religieuse de Montpellier*, 21.10.1876, 186-187, Arq. hist./ RSCM., Caixa 2, Pasta 10.

28. Gailhac às comunidades, GS/7/X/76/A.

29. As internas ofereceram uma linda taça, as órfãs, uma estátua de Nossa Senhora de Lourdes e as crianças da Providência e Preservação e as Oblatas, uma estátua do seu padroeiro, S. João Evangelista. Ver Procès Verbal de la Cérémonie publique des Noces d’Or de notre bien Aimé Rev. Père fondateur (Ms. manuscrito), Arq. hist./ RSCM, Caixa 2, pasta 9.

precioso tesouro: Margaret Hennessy chega para a celebração acompanhada pela primeira das muitas vocações portuguesas, que se lhe seguiriam no futuro - Maria da Conceição Pancada, mais tarde, Madre Saint-Joseph<sup>30</sup>.

### **Fundação de Braga**

As religiosas que acompanham a Madre Saint-Thomas e a Madre Sainte-Marie no regresso a Portugal, depois do Capítulo, ficam alguns meses no Porto para estudar a língua e cultura portuguesas, enquanto as suas superiores procuram, em Braga, uma casa para alugar, ao menos temporariamente<sup>31</sup>. A Madre Saint-Félix, escrevendo mais tarde acerca desta fundação, diz que a comunidade do Porto, sentindo-se muito isolada da Casa Mãe, insistia em pedir uma nova fundação em Portugal<sup>32</sup>. Vimos também como o Padre Luis Ramond apresentara tal proposta a Margaret Hennessy e à Madre Sainte-Croix, em 1875. Além disso, parece que várias senhoras de Braga, sentindo a necessidade de um colégio para meninas na cidade<sup>33</sup>, tinham decidido convidar para isso uma comunidade religiosa. E bem impressionadas com uma aluna da Academia Inglesa do Porto, Maria José Perry, dirigem-se também às Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>34</sup>. Logo que o bispo de Braga dá o seu consentimento, Gailhac insta com a Madre Saint-Thomas e sua irmã, a que não demorem a aceitar o convite<sup>35</sup>.

---

30. Diz a tradição que Maria Pancada chegou na altura do jubileu, embora a data de entrada seja 21.6.1876. E provável que ela tenha residido com a comunidade do Porto desde essa data. Ver Grande Registro, nº 129.

31. .31 Ver M. St. Félix. *Brief Histories*, 19.

32. *Ibid.*

33. Apesar de haver em Braga várias academias para rapazes, incluindo a Academia a: Espírito Santo, fundada em 1872, não havia nenhuma para meninas. A população de Braga, em 1877, era de 20.000 habitantes, mas sendo menos próspera do que o Porto, é natural que houvesse menos dinheiro para a fundação de escolas. Ver *Por Caminhos Não Andados*. 124-125.

34. Maynard, 354. Ver também M. St. Félix *Brief Histories*, 19 e *Lives Aglow with the Spirit*. 65-67.

35. Gailhac à M. St. Thomas, GS/15/VI/76/A.

Em Dezembro consegue-se a casa e aceleram-se os planos de fundação da comunidade e colégio para o dia 2 de Fevereiro de 1877. *O Comércio do Minho*, jornal de Braga, publica o acontecimento e com o título “Academia Inglesa do Sagrado Coração de Maria, Virgem imaculada”<sup>36</sup>, anuncia:

*Desejando responder aos pedidos que lhe vinham a ser feitos pelas famílias e clero de Braga e arredores, havia já uns cinco anos, Miss Margaret Hennessy decidiu abrir um colégio para alunas internas, semi-internas e externas, sob a direcção de Miss Teresa Hennessy, sua irmã. O estabelecimento, uma linda casa na Rua S. Miguel-o-Anjo... começará a funcionar no dia 2 de Fevereiro [de 1877]*<sup>37</sup>. Para informações dirigir-se, em Braga, a Maria Brígida Bersane Perry, Campo da Feira; ao Padre João Rebello Cardoso de Menezes, ao Padre João Pedro F. Airosa, ou José Maria Dias da Costa, Rua Nova<sup>38</sup>.

Apesar do nome da Academia, Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, a diretora era conhecida pelo seu nome secular Miss Teresa Hennessy. A Academia não era considerada como pertencendo a uma congregação religiosa e os jornais não quiseram identificar o corpo docente com religiosas.

Existe uma descrição dos seis primeiros meses da fundação de Braga, pois uma das pioneiras, Madre Saint-Liguori<sup>39</sup>, a conselho de sua tia, Madre Saint-Charles, escreveu o diário desta fundação<sup>40</sup>. O

---

36. É interessante notar que a Academia de Braga usava este nome (Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada), o que não teria sido possível no Porto. Naturalmente o ambiente era menos hostil.

37. A fundação de Lisburn também abriu a sua escola nesta data, 2.2 (1871), uma data significativa para a comunidade, pois era a data do nascimento da fundadora e festa de Maria.

38. *O Comércio do Minho* de 23.12.1876, Braga: Biblioteca Municipal. Este anúncio é repetido com frequência depois da abertura oficial da escola, para a tornar conhecida. Ver *O Comércio do Minho*, 9 e 23 de Janeiro; 8,10,15,20,27 de Fevereiro; 3,6,13 de Março; 5,10,17 de Abril; 1,15,24,31 de Maio; 5,16, 21, 26 de Junho, 1877.

39. Marie-Anne MacMullen, nasceu em Dublin a 7.6.1853 . Ela e sua irmã Emma foram para o internato de Béziers no ano lectivo 1871-1872. Ver *Registre du Pensionnat de Sacré Coeur de Marie*, Arq.hist./ Cong.,Vol.IV-A, 47. Entrou na comunidade a 1.11.1873, recebeu o hábito a 9.7.1874 e fez os primeiros votos a 27.7.1875. Fez a profissão perpétua a 28.8.1880 e morreu em Béziers em 1940. A sua tia (M. St. Charles) e sua meia irmã (M. Sacré Coeur MacMullen) foram também RSCM. Ver Grande Registro, nº 90. Ver também *Lives Agglow with the Spirit*, 65ff.

40. Ver *Journal de la fondation de Braga* 2.2.77, página 48, manuscrito de M. St. Liguori e uma religiosa não identificada, Arq.hist./Cong.,Volume II-C; encontrado também em *Proc.ap.* 4232-4268. (Referências posteriores, diário de Braga).

diário é pessoal e cheio de emoção. A autora não tinha ainda vinte e quatro anos de idade. Lembra que as viajantes chegaram a Braga num sábado, à noite, cerca das oito horas. Eram quatro religiosas - Madre Saint-Thomas, Irmã Sainte-Julie Romieu, Irmã Sainte-Celeste e ela. A acompanhá-las, Margaret Hennessy, a principal responsável pela fundação. A Madre Saint-Liguori escreve: “Quis a Divina Providência que fizéssemos a experiência da santa pobreza, permitindo que os cobertores de lã e as magras provisões ficassem no Porto”<sup>41</sup>.

Ninguém as esperava na estação e Margaret Hennessy com uma das irmãs tem que procurar a pessoa que guardava as chaves da casa, um Senhor Mello, grande amigo da Madre Saint-Liguori, desde então. Com as chaves, dá-lhes algumas velas. A Madre Saint-Liguori comenta que a casa era “...tão grande, tão fria, tão suja e tão vazia” e acrescenta: “Nessa altura, disse para mim mesma que a minha vida missionária ia começar”<sup>42</sup>. As malas grandes tinham sido enviadas com antecedência, mas as provisões eram escassas. Não havia colchões, nem bastantes cobertores. Nada tinham comido desde o meio dia, exceto uma simples chávena de chá, antes de saírem do Porto, e às dez horas da noite, estão cansadas e têm fome. O “jantar” consiste numa laranja, um pedaço de pão e três ovos cozidos, para as cinco. A Madre Saint-Liguori recorda que todas se juntaram à volta de tal “festa”, com as mangas solenemente descidas, para rezar antes da refeição. Ela, porém, divertida com tal espectáculo, começa a rir às gargalhadas! O seu exemplo é seguido pelas outras e durante alguns minutos não conseguem rezar<sup>43 44</sup>.

Tem-se a impressão de que, nestes primeiros dias, todas achavam graça a ter de levantar as mangas para limpar a casa, tratar com afinco a terra endurecida do quintal ou improvisar a pequena capela. Ao descrever estes dias, a Madre Saint-Liguori lembra as grandes privações por que tiveram de passar - por exemplo, comer muitas couves por ser o único produto do pequeno quintal, o chá e pão seco ao pequeno almoço, usando rotativamente as chávenas e facas, por não haver bastantes para todas. Através do relato, porém, é possível dar--se conta da experiência positiva que isto representa para a autora:

---

41. Diário de Braga, 1 -2.

42. *Ibid.*, 3.

43. *Ibid.*,3-4.

44. *Ibid.*,4-9.

“Mas era tão reconfortante para nós praticar a santa pobreza”<sup>44</sup>!

Uma grande cruz de pedra, mesmo em frente da casa, com uma lâmpada a arder constantemente, foi uma surpresa muito agradável e uma grande consolação para as religiosas, nos primeiros dias tão difíceis. A Madre Saint-Liguori gozava com as gargalhadas e incrível boa disposição da Madre Saint-Thomas, que ela amava e apreciava sinceramente: “Parecia até que eu era a sua criança amimada e eu, por minha vez, amava com todo o meu coração esta mãe tão meiga, tão santa e que tudo fez por mim”<sup>45</sup>.

Apesar da Madre Saint-Thomas ser evidentemente considerada como fundadora da comunidade de Braga, o seu lugar na casa é, mais uma vez, um tanto ambíguo. O plano original de 1875 era que ela permanecesse no Porto e, de tempos a tempos, visitasse Braga para guiar e estimular a nova superiora desta fundação. Este plano, porém, teve que ser alterado pelo fato de as religiosas enviadas serem muito novas. A Madre Saint-Liguori, de vinte e três anos de idade, era a mais velha.

Gailhac escreve à Madre Saint-Thomas, encarregando-a de estabelecer bem na Regra a nova comunidade, uma vez que tudo dependia dos princípios. E confirma-a nos títulos que lhe tinha atribuído antes, nomeando-a “visitadora do [Porto] e minha representante em [Portugal]”<sup>46</sup>. Nos primeiros tempos, pelo menos, a Madre Saint-Thomas vive em Braga, mas passa três ou quatro dias por mês no Porto, onde continua a ser responsável pela direcção da casa. E a Madre Saint-Liguori passa a substituí-la durante as suas ausências<sup>47</sup>.

Apesar dos constantes anúncios nos jornais, o número de estudantes no colégio só lentamente cresce. Uma antiga aluna de Margaret Hennessy, a Senhora Sampaio, é a primeira a matricular as suas filhas, de cinco e sete anos de idade. Em Março, o número de alunas externas é de catorze<sup>48</sup>, mas nos primeiros oito meses, este número a custo se eleva um pouco. A primeira aluna interna, Isabel Giraldes, chega em Abril de 1877, outra em Junho e eventualmente algumas mais. As religiosas começam também a ensinar o catecismo

---

45. *Ibid.*, 2, \0.

46. Gailhac à M. St. Thomas, GS/20/II/77/A.

47. Diário de Braga, 10.

48. *Ibid.*, 8.

às crianças pobres, nos Domingos e o número destas cresce remalmente<sup>49</sup>.

Sem dúvida para tornar o colégio mais conhecido, organiza-se em Braga, a 28 de Junho de 1877, um festival de música. O artigo que descreve o acontecimento menciona que trinta e seis meninas da Academia Inglesa do Porto tomaram parte no festival, das cinco às nove horas da noite, e identifica a diretora de Braga, simplesmente como Miss Hennessy<sup>50</sup>. Assim, o mesmo nome, Miss Hennessy (embora Teresa), e a associação com a Academia Inglesa do Porto, só podiam favorecer a reputação desta nova escola de Braga. O colégio começa a crescer e tem necessidade de mais religiosas. Ao grupo inicial, Madre Sainte-Liguori McMullen, Irmã Sainte-Celeste<sup>51</sup> e a porteira Irmã Sainte-Julie Romieu, juntam-se duas noviças, enviadas em Março de 1877<sup>52</sup>. Uma delas, a Madre Saint-Joseph Pancada, tinha justamente recebido o hábito, na Casa Mãe, a 3 de Janeiro de 1877, mas era enviada de regresso ao seu país, menos de três meses depois, para ensinar português às alunas mais adiantadas<sup>53</sup>. A outra, Madre Saint-Dominique Bousquet, descrita pela Madre Saint-Liguori, como “a noviça do Porto” vinha para a classe de francês<sup>54</sup>. Duas postulantes coadjuvadoras juntavam-se ao grupo, na véspera da festa de S. José, de 1877, para se encarregarem da cozinha<sup>55</sup>.

Apesar deste reforço de irmãs, a Madre Saint-Liguori continua com demasiadas responsabilidades. Ensina piano, canto, francês (até ser substituída) e inglês escrito. É também sacristã e encarregada do dispensário e enfermaria. Admite ter pouco jeito para todas estas tarefas. sendo apenas uma principiante<sup>56</sup>. Trabalhar sem descanso não

---

49. *Ibid.*, 12-13.

50. Ver *O Comércio do Minho*, 3.7.1877, Braga: Biblioteca Municipal.

51. Ir. Ste. Celeste era uma convertida de Liverpool que entrou para a comunidade imediatamente depois do batismo. Tomou o hábito, mas adoeceu no aniversário do seu batismo. Embora enviada para Portugal, para mudar de clima, ficou sempre adoentada. Ver *Diário de Braga*, 13.

52. Ver *Registro*, 24 B.

53. *Diário de Braga*, 10. Ver também *Registre des Prises d’Habit de 1850 a 1878*, *Arq. hist./Cong.*, Vol. II-A, 38.

54. *Diário de Braga*, 13. Recebeu o hábito a 9.7.1874, ao mesmo tempo que a M. SL Liguori, mas é possível que ainda não tivesse 21 em 1877 e por isso não fez a procissão.

55. No princípio, duas postulantes de coro ajudaram, por algum tempo na escola, mas não perseveraram. *Ibid.*, 10-11.

56. *Ibid.*, 11.

a desanima. Com as outras, lava a casa de cima a baixo todos os meses, passa as tardes a tentar desenraizar no quintal as hastes das couves que são mais altas do que ela, e trabalha pela noite adentro com a ferramenta dos carpinteiros, para fazer mochos toscos e bancos<sup>57</sup>.

A maior privação é não terem Missa no convento e terem de usar vestes seculares para ir à igreja. A Madre Saint-Liguori lembra às irmãs que a Madre Saint-Thomas não permitiria que fossem à Missa na catedral, se estivessem muito cansadas ou gripadas, para que não piorassem<sup>58</sup>. Quando iam, tinham que joelhar no soalho úmido da igreja e parece que, por vezes, deviam assistir a três ou quatro Missas antes de encontrarem uma em que pudessem comungar, pois a distribuição da Eucaristia e a comunhão frequente não eram geralmente usadas nesse tempo. A Madre Saint-Liguori fala da sua própria experiência de ser “obrigada a sair cada manhã à procura do seu bom Jesus”<sup>59</sup>.

Em duas ocasiões acompanha a Madre Saint-Thomas ao Senhor Arcebispo a pedir licença, para terem Missa no convento<sup>60</sup>. E acha-o “tão frio” com elas! Elogia-as como boas professoras, mas parece ignorá-las como religiosas, talvez por não serem assim reconhecidas na escola e porque a lei ainda não autorizava a sua presença. Só em 14 de Junho de 1877, meses depois da chegada, têm Missa no convento, pela primeira vez. No dia seguinte Mons. Rebelo, amigo da comunidade de Braga, anuncia-lhes a autorização de guardarem o Santíssimo Sacramento na pequena capela. É imensa, mas curta a alegria de todas. Quinze dias depois, é anulada tal licença, pois descobrem que ela tinha que vir de Roma. A Madre Saint-Liguori recorda a frustração: “Foi no dia 27 de Julho, segundo aniversário da minha profissão, que Jesus nos privou de tal graça”<sup>61</sup>.

Um outro sacrifício ainda maior a esperava, alguns meses mais tarde. No dia 5 de Outubro de 1877, Gailhac escreve à madre Sainte-Marie, no Porto, a demití-la das suas funções de superiora da comunidade. E termina assim a sua carta: “Tenho toda a confiança de

---

57. *Ibid.*

58. *Ibid.*

59. *Ibid.*, 12.

60. Margaret Hennessy acompanhou também por duas vezes, sua irmã, ao bispo, *Ibid.*, 4

61. *Ibid.*, 15-16. Nos domingos e dias de festa, tinham licença de conservar o Santíssimo Sacramento.

que se mostrará, diante das suas irmãs, como modelo de humildade e obediência”<sup>62</sup>. Algum tempo antes escrevera a sua irmã, Madre Saint-Thomas, informando-a desta recente decisão do Conselho. Querendo a todo o custo que a fundação do Porto prosperasse, tinham que nomear a Madre Saint-Thomas para o exercício de plena autoridade, assumindo a função da Madre Sainte-Marie. Embora continuando a ser visitadora de Braga, todas as responsabilidades da Madre Saint-Thomas, como superiora, deviam passar para a Madre Saint-Liguori<sup>63</sup>.

A carta de Gailhac, informando a Madre Saint-Liguori da sua nomeação deve ter sido um grande choque para esta irmã tão jovem, que ainda nem tinha feito a profissão perpétua. O fundador admite mesmo que teria preferido esperar mais algum tempo para lhe pedir este sacrifício, mas que as circunstâncias o tinham levado a agir imediatamente. Esta carta a pedir-lhe que assumisse a responsabilidade de superiora no Instituto crescente, é ao mesmo tempo bondosa e estimulante:

*Foi nomeada superiora da pequena fundação de Braga. Ao receber esta carta, vá aos pés de Maria, Mãe de Jesus e sua Mãe. Entregue-se em suas mãos. Peça-lhe que seja ela a superiora da casa e que a aceite como sua assistente, já que os seus superiores assim ordenaram.*

*Seja forte! Seja corajosa! Deus estará consigo. Dará o exemplo e as suas filhas a seguirão. Sei que fará tudo para agradar a Deus e que Deus a abençoará.*

*Peça à Madre Saint-Thomas que lhe dê a carta que eu escrevi às superiores. Nela esboço a conduta que deve ter. Nas dúvidas, escreva-me e responder-lhe-ei. Se houver alguma coisa urgente, dirija-se à Madre Saint-Thomas que nomeei sua visitadora.*

*Nem inquietações, nem ansiedades. Deus assim o quer e não lhe faltará. Dar-lhe-á a sabedoria para agir bem. E seu pai estará sempre pronto para a ajudar<sup>64</sup>.*

---

62. Gailhac á M. Ste. Marie. GS/5/X/77/D.

63. Gailhac à M. St. Thomas, GS/5/X/77/A. (O fundador pode bem ter insinuado esta mudança mais cedo, quando escreveu à M. St. Thomas, descrevendo alguém como “uma santa”, mas sem qualidades requeridas para uma superiora. Esta pessoa não identificada pode bem ter sido a M. Ste. Marie. Ver Gailhac à M. St. Thomas, GS/8/IV/77/A).

64. Gailhac à M. St. Liguori, GS/5/X/77/C.

A Madre Saint-Liguori aceita esta função e fica superiora durante os quase sessenta e três anos de vida religiosa, não sem sacrifício. Diz a tradição que na sua cópia do manuscrito para superiores tinha escrito ao cimo: “Festa de Nossa Senhora do Rosário - data do terrível cargo”<sup>65</sup>.

---

65. Ver *Aglow with the Spirit*, 67.

## Fundação em Sag Harbor, New York (1877)

### A escolha de Sag Harbor como local

Antecipada por alguns meses a fundação de Braga, os superiores estão longe de esquecer uma outra fundação anteriormente prevista para os Estados Unidos. Esta última tinha sido planejada para Outubro de 1875 e depois para o Verão de 1876. Era evidente que a sua benfeitora, Senhora Peter, tinha dificuldades em encontrar lugar para tal fundação, nas áreas de Cincinnati ou West Liberty. E as RSCM aproveitam esta espera para preparar as irmãs que deviam fazer parte desta nova aventura. Em Dezembro de 1875, a Madre Sainte-Croix envia à Senhora Peter os seus votos de Ano Novo, pedindo a Deus que prolongue a sua vida, lhe conceda abundantes graças, abençoe as suas boas obras, e “as coroe um dia, com uma fundação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada, na sua vizinhança, se tal for a admirável disposição da Divina Providência”<sup>1</sup>.

Entre Dezembro de 1875 e Setembro de 1876, as dificuldades desaparecem e Sarah Peter encontra finalmente a localidade onde se situará a primeira fundação nos Estados Unidos. Era na diocese de Broocklyn, New York, em Sag Harbor, pequena cidade na ponta leste de Long Island.

Uma tradição corrente entre as RSCM pretende que a comunidade enviada para os Estados Unidos ia a caminho de Cincinnati, quando a sua benfeitora faleceu. Ficaram então abandonadas em New York e só ali decidem aceitar um convite inesperado para Sag Harbor. Mas

---

1. M. Ste. Croix a Sarah Peter, Dezembro de 1875, Lettres en Amérique, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 6.

a realidade contradiz esta tradição. Uma carta da Madre Sainte-Croix a John Loughlin, bispo da diocese de Brooklyn, datada de 8 de Setembro de 1876, agradece-lhe a sua proteção e incentivo e lamenta que a comunidade não possa ir imediatamente para Sag Harbor: “Duas novas fundações em vista, obrigam-nos a adiar a nossa ida para a sua diocese, até ao próximo mês de Setembro [1877]”<sup>2</sup>.

Que terá acontecido entre Dezembro de 1875 e Setembro de 1876 para precipitar estes planos, imprevistos uns meses antes? Como é que Sarah Peter, tão eficiente em estabelecer comunidades religiosas na sua própria diocese de Cincinnati, escolhe a diocese de Brooklyn para a fundação das RSCM, e assegura as necessárias licenças eclesiásticas, quer do bispo, quer do pároco? Não é evidente a resposta a estas questões<sup>3</sup>. Há, porém, circunstâncias que podem sugerir uma hipótese plausível de solução. E porque estas interrogações são importantes e porque é persistente a tradição incorreta a respeito do estabelecimento das RSCM em Sag Harbor, examinaremos pormenorizadamente tais circunstâncias, à volta de dois pontos - a presença de Sarah Peter em Long Island durante o Verão intermédio (1876) e a atitude do Bispo Loughlin relativamente ao sistema escolar nos Estados Unidos.

### **Sarah Peter em Long Island**

Sarah Peter tinha perturbações brônquicas e por isso preferia passar os meses de Verão junto do mar. No passado, escolhera Newport, Rhode Island, como local de férias, mas como Newport se tornasse muito frequentado por turistas, procurou um lugar mais tranquilo. A sua nora recorda:

*A Senhora Peter fez a experiência de várias praias de Jersey e finalmente encontrou o que pretendia, no ar puro e no isolamento da costa leste de Long Island. Passou o último Verão da sua vida neste local tranquilo, tão próprio para ela, em todo o sentido*<sup>4</sup>.

---

2. M. Ste. Croix ao Bispo Loughlin, 8.9.1876, Arq.hist./RSCM., Caixa 9, Pasta C.

3. Não há cartas diretamente relacionadas com este tópico em Worthington Papers; King Papers, Cincinnati, Ohio: Sociedade Histórica; ou Mss. de Sarah Peter RCHS; Não há correspondência entre Sarah Peter e o Bispo Purcell, referente a este assunto no Arq. hist./Prop. Fid. (ver SC América Central [1874-1877] vols. 25-27) em Cincinnati: Arquivos da Arquidiocese: nem entre Sarah Peter e o Bispo Loughlin em Douglaston, New York: Arquivos da Diocese de Brooklyn. Não há cartas de Sarah Peter nos Arq. hist./RSCM. ou Arq. hist./Cong.

4. Margaret Rives King, *Memoirs of the life of Mrs. Sarah Peter*, Vol 1,65.

Noutro lugar de *Memoirs*, Margaret Rives King escreve:

*Durante muito tempo a Senhora Peter continuou a passar o Verão na praia. E nos últimos anos da sua vida, foi no pacífico recanto da costa leste de Long Island, que ela encontrou o ar puro mais repousante*<sup>5</sup>.

Outros biógrafos concordam, pormenorizando: “Sarah continuou a passar o Verão à beira mar e achou o North Shore de Long Island particularmente tranquilo e sossegado”<sup>6</sup>. Mais tarde confirma-se ser o North Shore e não a costa do Atlântico (South Shore) de Long Island, porque, numa carta de Rufus King a sua mãe, ele promete procurar um novo local á beira mar: “E uma região plana que não tem interesse Místico nem surf, se bem me recordo”<sup>7</sup>.

Não há sinais da presença de Sarah Peter em nenhuma das pequenas comunidades de North Shore da costa leste de Long Island, mas nem admira, pois é natural que ela evitasse qualquer relação durante as férias<sup>8</sup>. Pode supor-se que Sarah Peter escolhesse um local onde tivesse possibilidades de ir à Missa aos Domingos, pois isto era prioritário na sua vida. Em meados da década de 1870, havia na ponta leste de Long Island, duas paróquias católicas com párocos residentes: *Saint-Andrew*, em Sag Harbor, com o Padre John J. Heffernan e *Saint-Patrick*, Southold, com o Padre John McKenna.

---

5. *Ibid.* Vol. II, 545.

6. MacAllister, *In Winter We Flourish*, 377.

7. Rufus King a Sarah Peter, 21.7.1873, Mss de Sarah Peter, RCHS. Parece não haver nenhuma correspondência escrita por Sarah Peter neste verão em Long Island. Os residentes de Orient admitiam que “região plana, sem interesse turístico” era uma descrição hábil da sua cidade. Um roteiro de 1877, com o título *Long Island Where To Go* menciona que Orient tinha um excelente hotel, O *Orient Point House*, e duas pensões (77). O mesmo roteiro menciona *Judd’s Hotel* e aproximadamente trinta pensões em Southold. Greenport liga New York por meio de caminho de ferro e barco e diligência fazem a ligação com outras cidades, no extremo de Long Island e em Connecticut. Greenport estava registrada como tendo, pelo menos cinco grandes hotéis e as hospedagens em pensões eram descritas como “crescendo cada ano”. O mesmo roteiro diz especificamente: “Durante muitos anos Cincinnati, St. Louis, Chicago e muitas outras cidades da parte ocidental mandaram centenas de turistas a Greenport e estes desejando uma residência à beira-mar. encontraram aqui o que pretendiam”. (75-77) Ver *Long Island and Where To Go*, compilado por caminhos de ferro de Long Island Co. (New York: Lovibord e Jackson, 1877).

8. Não é mencionada no Sag Harbor Express durante o verão de 1876, nem no Sag Harbor Corrector nas edições semanais durante o verão de 1875 e o de 1876. Investigação feita em Long feiand, Orient: Sociedade Histórica; Greenport: Livraria Floyd; Southold: Sociedade Histórica; e Rherhead: O Museu Histórico do Distrito de Suffolk não faz menção de Sarah Peter. Além disso Psui Hunter, historiador dos católicos em North Fork de Long Island nunca encontrou menção de Sarah Peter, nas suas fontes.

A maior e mais antiga das duas igrejas, era a de Saint-Andrew em Sag Harbor. Aqui, a primeira comunidade católica em Suffolk County, fora iniciada por um tanoeiro irlandês, nascido em Londres e chamado Michael Burke. Em 1829 ou 1830, quando Sag Harbor era um florescente porto de pesca da baleia, Michael Burke e sua mulher reuniam em sua casa, aos Domingos, as quinze famílias católicas da localidade para rezarem juntas, pois o sacerdote mais próximo residia em Broocklyn, a cerca de cem quilômetros de distância para oeste, e raramente visitava a ponta de Long Island que correspondia a uma jornada de três dias em diligência. Em pouco tempo, Michael Burke começou a juntar dinheiro para a construção de uma Igreja católica, convencido de que assim a autoridade eclesiástica nomearia um sacerdote para aquela região. Em 1836 ou 1838 conseguiu a compra da Igreja metodista construída em 1810, através da mediação de um notável protestante, que a adquiriu para os Católicos por um milhão, cinquenta e dois mil e cinquenta dólares. Esta igreja chamada Saint-Andrew em 1840, era a primeira Igreja católica a leste de Long Island e em breve se tornou um centro de missão. Pequenas comunidades de Greenport, Southold, Patchogue, Islip, Jamesport, Riverhead, Sayville e Smithtown faziam parte dela<sup>9</sup>.

O primeiro pároco residente. Padre Joseph Brunemann OSF, veio para Saint-Andrew em 1859<sup>10</sup>. Atendia as necessidades espirituais dos Católicos e de toda a metade leste de Long Island e dizia Missa nas várias igrejas e casas onde as comunidades se reuniam. Um dos primeiros paroquianos descreve o ministério do Padre Brunemann naquela área:

*Há onze anos que para aqui vim e naquele tempo estávamos privados das vantagens de que os Católicos gozam nas cidades. Raramente tínhamos a visita de um padre e os nossos Católicos*

---

9. John K. Sharp, *History of the Diocese of Broocklyn: the Catholic Church on Long Island*, Vol. I (New York: Gráfica da Universidade de Fordham, 1954) 26-127.

10. Joseph Brunemann nasceu na Holanda em 1822 e esteve ao serviço da diocese de Cincinnati, Ohio, antes de vir para Broocklyn. Os registros de batismo mostram que ele esteve em St. Andrew desde 29.5.1859 até 26.4.1868. Deixou Sag Harbor em 1868 e foi para Ste. Mary Star of de Sea em Far Rockaway, onde morreu em 15.9.1874. Brunemann deixou uma apólice de seguro de vida ao Bispo Loughlin para satisfazer possíveis credores em Cincinnati. Ver *Ibid.* 337. Provavelmente Sarah Peter não conheceu este sacerdote, pois este deixou a diocese de Cincinnati antes da sua conversão e deixou Sag Harbor antes de Sarah começar a fazer férias em Long Island.

*eram sepultados sem a sua presença. Mas agora, graças a Deus, tudo mudou para melhor. Nestes últimos dois anos temos um sacerdote residente, o Padre Brunemann, cujo esforço incansável tem feito imenso bem na comunidade. Compramos uma extensão de terreno adjacente à Igreja (que quase reconstruímos com reparações) na qual se situa uma casa de habitação, onde o sacerdote vive. Ultimamente construímos também uma bela escola na retaguarda da Igreja e muito superior a qualquer edifício deste gênero, na cidade. A escola abriu sob a direcção do Senhor Murphy, ao mesmo tempo professor e organista... Sinceramente, Seu Catholicus<sup>11</sup>.*

A escola acima mencionada foi iniciada pelo Padre Brunemann em 1860 e era, provavelmente, a primeira escola católica na parte oriental de Long Island. Inicialmente foi frequentada por trinta a quarenta crianças e havia classes noturna para adultos<sup>12</sup>.

Quando o Padre Brunemann deixou Saint-Andrew em 1868, a responsabilidade pela missão das igrejas foi repartida entre o novo pároco de Saint-Andrew, ajudado então pelo Padre John McKenna, e o pároco residente de Saint-Patrick em Southold, no North Shore. Num pequeno artigo sobre a história da Igreja em Long Island, o Padre McKenna diz que ele "... dizia Missa em Southold [na Igreja de Saint-Patrick], Greenport [na Igreja de Saint-Agnes], Cutchogue e, por vezes, na cidade de Orient e Shelter Island, agora uma elegante estação de veraneio"<sup>13</sup>. E pois, possível que Sarah Peter tenha ido passar férias em Shelter Island ou Orient, ou ainda em alguma pequena localidade de North Shore, em que havia possibilidades de Missa<sup>14</sup>.

---

11. New York Freeman's Journal, 9.8.1862.

12. St. Andrew's Our Parish, Our Church, We the People of God (Sag Harbor, New York, 1973) 8.

13. Catholic Review 20.5.1876.

14. Apesar de, na Sociedade Histórica de Shelter Island, não ser isso evidente, é possível que Sarah Peter passasse férias em Shelter Island, desde que este lugar se tornou uma estação de veraneio. A Manhasset House, por exemplo situada nesta ilha e aberta em 1873 "era famosa ao longo de toda a costa atlântica. Era um hotel frequentado pela classe rica, especialmente por timoneiros e donos de iates". Mais ainda, este hotel tinha serviço direto de barco de New York para Shelter Island, Orient, Greenport, Sag Harbor e Block Island. Ver R. Duvall, the History of Shelter Island (Shelter Island, 1952) 185. É interessante que os amigos convertidos de Sarah Peter, Henry e Cynthia Richards de Ohio, com quem parou em Jersey City, a caminho da Europa, estavam relacionados com os Havens, uma família importante de Shelter Island. Ver Joseph Richards, A Loyal Life (St Louis, Mo: B. Herder, 1913) 136.

Não interessa saber se, em 1876, ela está a veranejar nos limites da paróquia de Saint-Patrick ou de Saint-Andrew. É provável que se tenha encontrado com o pároco de Sag Harbor, Padre John J. Heffernan<sup>15</sup> cuja energia e capacidade de angariar fundos eram bem conhecidas na região<sup>16</sup>. O Padre Heffernan tinha sido nomeado pároco de Sag Harbor em 1871 e, em 16 de Junho de 1872, já se lançava a primeira pedra da nova Igreja. O jornal local, *The Sag Harbor Corrector* faz uma descrição da Igreja, pouco tempo depois da sua inauguração, em Dezembro de 1872:

*A Igreja é um edifício simples em estilo moderno, e o mais belo da cidade. Os arranjos interiores são agradáveis e elegantes. A nave central tem capacidade para umas quatrocentas pessoas sentadas e a tribuna do órgão, para umas quarenta ou cinquenta. A parte superior é toda ocupada pela capela mor que consta de três altares e tem ao lado uma boa sacristia. Os treze vitrais de estilo gótico dão muita luz durante o dia, enquanto que durante os ofícios divinos, à noite, o espaço é profusamente iluminado pelos dezoito bicos de gás sobre os bancos e os lustres da capela mor. Os vitrais são ofertas de senhoras e cavalheiros de New York, Brooklin, Boston e da nossa própria cidade. Outros foram também oferecidos, mas já se não encontrou local para os colocar. Os arranjos interiores e exteriores de ambos os edifícios atraem a atenção e o apreço de todos. O Senhor Keely de Broocklyn foi o arquiteto e os senhores Terry e Wells, os construtores. Dificilmente se poderá louvar o Padre Heffernan por tudo o que fez. Ainda não residia aqui havia doze meses, e já tinha conseguido bastante dinheiro para construir a Igreja e a residência paroquial. Vendo a necessidade de tais construções, para aí orientou os seus esforços<sup>17</sup>.*

Já nos referimos à escola católica existente na paróquia de Saint-Andrew desde 1860. Segundo o testemunho de uma senhora que se

---

15. John J. Heffernan nasceu na Irlanda em 1841, converteu-se ao Catolicismo na idade de dezasseis anos e foi ordenado no Seminário de Ste. Mary, Baitimore em Junho dc 1870. Depois de paroquiar durante um ano em Ste. Mary Star of the Sea, foi enviado para a paróquia de St. Andrew em 1871.

16. Por exemplo, há menção de uma exposição feita por Heffernan em 25.6.1874, em favor da Igreja de St. Andrew, na esquina de Jay e Fulton Streets, Brooklin. É-lhe também atribuído grande empenho “na construção da Igreja para os católicos pobres de Sag Harbor”. *Catholic Review*, 23.6. 1874.

17. *The Sag Harbor Corrector*, Dezembro 1872.

lembrava da escola em princípios de 1870, um senhor Phelan tinha então substituído o senhor Murphy como diretor da escola. Em seguida o organista da paróquia, Senhor Connell, foi encarregado dela. Esta foi encerrada ainda no seu tempo e as crianças católicas obrigadas a frequentar a União das Escolas Públicas até à reabertura de Saint-Andrew em 1877<sup>18</sup>. É muito provável que durante o Verão de 1876, o Padre Heffernan soubesse pela Senhora Peter que havia umas “religiosas francesas” a quem ela prometera uma fundação nos Estados Unidos. Consciente da enorme necessidade de professoras para ensinar, e de reabrir a sua escola logo que fosse possível, o pároco podia muito bem ter aproveitado a ocasião para convidar a comunidade de Béziers.

### **Debate entre a educação pública e a educação paroquial**

Estaria, porém, de acordo o bispo da diocese? A resposta a esta pergunta requer também o exame das circunstâncias que a evidenciam. John Loughlin fora nomeado bispo de Brooklyn em 1853 e quase imediatamente teve que participar na controvérsia entre educação pública e o sistema das escolas católicas. Os seguidores do sistema de escolas públicas nos Estados Unidos eram a favor de um sistema único de educação, para todas as crianças na América, a fim de que por meio dele se inculcasse a orientação secular dos valores americanos. Segundo tal sistema, enquanto que as versões protestantes da escritura e orações seriam naturalmente usadas quando necessárias, grandes esforços teriam de ser feitos para substituir a educação secular pela educação católica, nas escolas.

Com o aumento sempre crescente da emigração da Europa católica para os Estados Unidos, os Católicos da América iam-se convencendo cada vez mais de que a educação devia ser impregnada dos valores religiosos e de que a imposição secular estatal de um único sistema escolar era uma violação dos seus direitos. E decidiram pedir,

---

18. Entrevista de Mary Burns (antiga aluna de St, Andrew na década 1870) com o Rev. George Driscoll, historiador da Igreja em Long Island, costa oriental. Ver Rev. George Driscoll, Mss. Notes Easthampton, New York, Long Island Room, Biblioteca pública. (Referências posteriores Driscoll Notes). Não há menção da “Senhora Fannie Connell, professora na Escola Romana Católica desta cidade” dando um concerto a que assistiram as suas “antigas alunas”. Ver *The Sag Harbor Corrector*, \12.\W12.

para os seus filhos, um sistema semelhante ao da Inglaterra, em que os pais católicos podiam selecionar escolas especiais suportadas pelo estado, mas com professores católicos. Tais escolas não eram consideradas religiosas, mas abertas a todos, uma vez que as aulas de religião eram dadas fora do horário escolar.

Tal pedido era sempre indeferido e então resolveram organizar um sistema de escolas católicas financiadas por eles, quer através de pequenos contributos semanais das famílias quer através da paróquia, com peditórios na igreja, festas de caridade, conferências ou sermões. Muitos americanos reagiram fortemente, acusando os Católicos de violação da unidade nacional e de tentativa de imposição do seu sistema. E em 1875 um decreto-lei anunciando fundos estatais para as escolas católicas, sujeitas a inspeção, era anulado. Não só não havia dinheiro para as escolas católicas, mas muitos viam nestas escolas o inconveniente de afastar as crianças católicas do sistema público de ensino<sup>19</sup>.

Muitos Católicos preocupavam-se seriamente com o fato de seus filhos terem de usar livros e textos protestantes, agnósticos e até anti-católicos, no setor público. O Bispo Loughlin era um deles. Em 1859 escrevia a uma sociedade missionária da Baviera, solicitando fundos para as escolas católicas: “quase todas as igrejas têm uma escola, para que as crianças não tenham de frequentar as escolas públicas que as afastam da sua religião”<sup>20</sup>. Seguindo os artigos da *Instrução da Congregação da Propaganda Fide sobre as Crianças Católicas frequentando Escolas Públicas na América, dirigida aos Bispos da América do Norte* (24 de Novembro de 1875)<sup>21</sup> o Bispo Loughlin proibiu as crianças católicas de frequentarem as escolas públicas, cujo ensino'

---

19. Sharp, Vol. I, 182-184.

20. *Ibid.*, 184-185.

21. Depois do exame das respostas dos bispos americanos, a Congregação da Propaganda Fide concluiu que “o sistema [de instrução pública nos Estados Unidos]... parecia muito perigoso e muito em oposição com o Catolicismo. Tais escolas excluía o ensino de princípios religiosos, contratavam professores das diferentes seitas e permitiam a convivência de crianças de ambos os sexos, comprometendo assim a fé e costumes das crianças católicas. A Instrução insistia: “A não ser que este perigo de perversão não seja próximo, mas remoto, este tipo de escolas não pode, em consciência, ser usado”. Os bispos eram assim estimulados, a fundar escolas católicas e a convidar, para as dirigirem, religiosos e religiosas. Para informação sobre o texto completo, ver John Tracy Ellias ed., *Documents of American Catholic History*, Vol. 2 1866-1966 (Wilmington, Delaware: Michael Glazier, 1987) 405-408.

ameaçava a fé. Antecipando o Terceiro Concílio Plenário de Baltimore, em 1884, que ordenava aos párocos a construção de escolas, dentro de dois anos, se possível, o Bispo Loughlin instou com os sacerdotes para que recusassem a absolvição aos pais que voluntariamente se opusessem a enviar os seus filhos para as escolas católicas<sup>22</sup>.

Não foi, pois, difícil ao Bispo Loughlin favorecer a reabertura da única escola paroquial a leste de Huntington, Long Island - a da paróquia de Saint-Andrew - e propocionar educação católica às crianças que tinham sido forçadas a frequentar a escola pública de Sag Harbor. Uma carta do Padre Heffernan ao seu bispo alega este motivo. Quando, a 12 de Março de 1877, era iminente a reabertura da escola, o Padre Heffernan pergunta ao seu bispo a que distância da escola católica deveriam encontrar-se os pais católicos que persistissem em enviar seus filhos à escola pública, para lhes ser negada a absolvição<sup>23</sup>.

### **Sarah Peter e o bispo de Broocklyn**

E certo que o bispo desejava ardentemente ter religiosas no corpo docente das escolas paroquiais, que ele queria estabelecer na sua diocese. Mas, porque favorecer especialmente as Religiosas do Sagrado Coração de Maria? Uma razão poderá ser o fato de conhecer bem a sua benfeitora, Sarah Peter. Apesar de não existir nenhuma menção explícita a qualquer encontro entre eles, é claro que ambos estiveram, ao mesmo tempo em Roma, em duas ocasiões. Em Maio de 1867, por exemplo, quando Sarah Peter ia de Marseille para Roma, escrevia ao seu filho: “O nosso barco é confortável e vai cheio de bispos, sacerdotes, dominicanos e franciscanos”. Mais tarde referia as atenções do arcebispo de New York para com ela<sup>24</sup>. Em Roma, durante o primeiro Concílio Vaticano, escrevia ainda: “Estão cá mais de cinquenta bispos americanos e vão aparecendo, para uma curta visita, à noite”<sup>25</sup>. O Bispo Loughlin estava em Roma em ambas as ocasiões

---

22. Sharp. Vol. I, 185.

23. *Ibid.*, 362. Não se deve concluir daqui, que cada paróquia tivesse a sua escola católica, naquele tempo. Apesar do grande crescimento, aí por 1891, das 101 paróquias da diocese, que falavam inglês, apenas 44 tinham escolas. Nas 23 paróquias de lingua alemã havia 20 escolas. Havia apenas 2 escolas em Suffolk County, Long Island em 1891. Ver *Ibid.*, 202-293.

24. Sarah Peter a Rufus King, 15.6.1867, Mss de Sarah Peter, RCHS.

25. Sarah Peter a Rufus King, 31.12.1869, *Ibid.*

e pode supor-se que esta mulher, tão conhecida e respeitada pelo Papa, cardeais e bispos, fosse também conhecida pelo bispo de Broocklyn.

É ainda provável que Sarah Peter se tenha encontrado com o Bispo Loughlin, em Cincinnati durante a celebração das Bodas de Ouro do Arcebispo John B. Purcell, de 21 a 23 de Maio de 1876. O bispo de Broocklyn era certamente um dos dez bispos presentes e Sarah, notável senhora muito admirada pelo Arcebispo Purcell, era sem dúvida uma das pessoas convidadas<sup>26</sup>. Além disso, Sarah Peter deve ter-se encontrado com ele, anos antes, na sua capacidade de ordinário das Irmãs Franciscanas dos Pobres, no Hospital de Saint-Peter. Segundo a nora de Sarah Peter, esta visitou, como era seu costume, as Irmãs de S. Francisco no Hospital de Broocklyn, em Agosto de 1886, antes de ir à Exposição do Centenário de Philadelphia<sup>27</sup>. Este Hospital não era longe da catedral e da residência do Bispo Loughlin.

Em resumo, é mais que provável que Sarah Peter fosse conhecida e respeitada pelo bispo de Broocklyn. Sendo assim, dado o desejo de estabelecer escolas católicas na sua diocese, é natural que não só ajudasse Sarah Peter a encontrar um lugar para as RSCM, mas que também sancionasse os arranjos informais do Padre Heffernan para trazer as RSCM para Sag Harbor. Uma coisa é certa: a 8 de Setembro de 1876 as Religiosas do Sagrado Coração de Maria sabem que o lugar da sua primeira fundação nos Estados Unidos é Sag Harbor. A Madre Sainte-Croix é muito clara quando escreve que durante alguns anos Deus parecia chamar as RSCM aos Estados Unidos, mas que “agora manifesta claramente a sua vontade, através da aprovação que Vossa Excelência quer dar á realização dos nossos bons projetos”<sup>28</sup>.

### **Planos sobre a comunidade e escola**

Em Outubro é frequente a correspondência entre a Madre Sainte-Croix e o Padre Heffernan. O assunto é a escola e as condições de vida da comunidade que devia constituir o seu corpo docente. O plano original era aproveitar a Igreja antiga para a escola paroquial, externato

---

26. *New York Freeman's Journal*, TI 5. 1876 e 3.6.1876.

27. King, Vol. II, 546.

28. M. Ste. Croix a Loughlin, 8.9.1876, Arq. hist./RSCM., Caixa 9, Pasta 10.

e habitação das irmãs. Isto era perfeitamente aceito pela Madre Sainte-Croix que escrevia ao Padre Heffernan: “Deus abençoa sempre os começos humildes, simples e sem pretensões”. Ela, porém, estava convencida de que seriam necessárias não poucas alterações. O rés-do-chão seria dividido em duas salas grandes com átrio de entrada e pequena sala de visitas para servir os diferentes grupos etários, cada uma das salas grandes seria subdividida com tabiques de madeira, de forma a poderem abrir facilmente quando se pretendesse um espaço maior. A escola paroquial ocuparia um extremo do edifício, o externato, o outro, com uma pequena entrada em cada um deles “para evitar o encontro das diferentes classes de crianças, bem como a circulação no interior da casa”<sup>29</sup>.

O alçado do edifício tinha um declive de nove metros e assim poderia construir-se um meio andar superior, como habitação temporária para as religiosas. Um corredor devia acompanhar toda a extensão do edifício conduzindo à cozinha, despensa, refeitório, lavandaria e dormitórios. A Madre Sainte-Croix insistia em que apenas o essencial era necessário:

*Sobre a mobília, quanto mais simples e lisa melhor. No dormitório, para cada irmã, uma cama, uma cadeira, uma estante e uma bacia. No refeitório uma mesa com gavetas e, ou bancos ao longo da mesa, ou uma cadeira para cada uma, o que for mais conveniente. Para a salinha de visitas, mobiliário simples e elegante. Na cozinha, o que é indispensável, e nas classes, o que é costume haver nas escolas desse país*<sup>30</sup>.

Terminados os aspectos práticos, a Madre Sainte-Croix assegura ao sacerdote que a comunidade enviará “um grupo escolhido de irmãs, de modo que as primeiras sementes do Sagrado Coração de Maria semeadas na América, possam produzir excelentes e abundantes frutos”. Ao terminar, envia-lhe alguns recortes de jornais descrevendo a celebração do Jubileu de Bodas de Ouro do fundador, um mês antes, pois espera que “no futuro tudo seja comum entre nós”<sup>31</sup>.

Escrevendo mais tarde, o Padre Heffernan lembra este plano primitivo e explica a mudança:

---

29. M. Ste Croix a Heffernan, 24.10.1876, Arq. hist./RSCM., Caixa 9, Pasta I C.

30. *Ibid.*

31. *Ibid.*

*As religiosas vieram através da Senhora Peter. Tudo o que eu tinha como habitação para elas, era a minha velha Igreja que a Madre Sainte-Croix aceitou, dando orientações sobre a maneira de ser dividida e adaptada. Entretanto, descobri que havia uma propriedade à venda, pedi dinheiro emprestado e comprei-a<sup>32</sup>.*

Tal casa, perto da Igreja de Saint-Andrew, era o solar do Dr. P.P. King. O jornal da localidade descreve a venda da elegante moradia: "...depois de ter passado por várias mãos, foi comprada pelo Senhor Monks de New York ao preço ridículo de cinco mil dólares e cedida para o fim a que hoje se destina"<sup>33</sup>. Por consequência, só a escola se instalou na velha Igreja e para isso foi preciso colocar a entrada na parte mais extensa e fortalecer os alicerces<sup>34</sup>. O convento e o colégio ocuparam a moradia adquirida em Hampton Street.

Não admira que o Padre Heffernan aproveite a ocasião para comprar a moradia, já que se adaptava bem a convento-escola, e o preço era bom. Nessa altura já estavam totalmente pagos a Igreja e o presbitério que tinham custado respectivamente vinte mil e seis mil dólares<sup>35</sup>. Na paróquia de Saint-Andrew, no ano anterior, tivera lugar a devoção das Quarenta Horas "...em ação de graças a Deus pela ampla e bela Igreja, agora livre de dívidas"<sup>36</sup>. Entusiasmado com o sucesso da recolha de fundos<sup>37</sup>, o Padre Heffernan pensou decerto que brevemente o convento estaria também completamente pago.

Gailhac mostra-se contente com a evolução do plano e, em Dezembro de 1876, começa a falar dos detalhes e escreve a uma superiora:

*Devo dar-lhe agora boas notícias sobre a nossa Congregação. Demos a nossa palavra para a fundação de uma casa na América*

---

32. Mais tarde Heffernan afirma que deu às religiosas o uso do convento, com a condição de o irem pagando aos poucos. Ver Heffernan a Gailhac e M. St. Félix, 5.1.1855, Arq. hist./Prop. Fid., SC América central, Vol. 47,588-594. A superiora da comunidade, M. St. Basil Davis, pensou que a propriedade tinha sido paga antes da chegada das irmãs. Ver M. St. Basil a Loughlin 13.6.1885 *Ibid*, vol 43, 518-521. Esta discordância entre eles viria a ser uma das causas do maior conflito em 1882-1886.

33. *The Sag Harbor Corrector*, 21.4.1877.

34. *The Sag Harbor Express*, 16.11.1876.

35. *The Catholic Review*, 24.2.1877. 36. *Idem*, 11.12.1875.

36. O Padre Heffernan não limitou a Sag Harbor a angariação de fundos. *The*

37. *Catholic Review*, 25.5.1878 registra os seus planos de organizar uma exposição na primeira segunda-feira de Junho, na Fulton Avenue Hall, Broocklyn, em favor "deste belo convento".

*e oferecem-nos as maiores vantagens. O santo sacerdote que nos presta auxílio, comprou uma casa grande com algum terreno, para a comunidade. O edifício para a escola da missão é separado do internato. Todas as despesas de viagens serão pagas<sup>38</sup> e o sacerdote vai esperar as nossas religiosas quando desembarcarem<sup>39</sup>.*

Algumas semanas mais tarde informa a superiora de Lisburn de que três irmãs da sua comunidade foram escolhidas para a missão nos Estados Unidos: Madre Saint-Basil Davis que seria a superiora, a Madre Saint-Benoît Comerford e a Madre Saint-Arsène Buggy. (Substituí-las-ia por Madre Sainte-Philomène e Madre Saint-Pancratius da Casa Mãe e Madre Saint-Sixte de Liverpool)<sup>40</sup>.

Três outras irmãs faziam ainda parte deste grupo destinado aos Estados Unidos: Madre Sainte-Augustine Walsh, Madre Saint-Barthélemy Delaney e Irmã Sainte-Agathe Marley.

### **Preparativos finais**

Que este era um momento importante na vida do Instituto, é o que Gailhac parece sentir e tal sentimento cresce à medida que se ultimava a preparação das seis irmãs, durante o mês de Janeiro de 1877. E pede às suas filhas que rezem por este pequeno grupo. “Que Deus as proteja durante a grande viagem e lhes dê sucesso na sua missão, pois estou certo que Deus nos quer abrir de par em par, as portas deste imenso país”<sup>41</sup>. Escrevendo ao seu bispo a agradecer a carta de recomendação para o bispo da América,<sup>42</sup> Gailhac recorda o próprio chamamento ao sacerdócio e a sua missão:

---

38. A M. St. Félix concorda com esta afirmação, ver Brief Histories, 21-22. Também Maynard afirma que a Senhora Peter pagou as viagens das irmãs aos Estados Unidos. Porém é interessante verificar que Gailhac escreveu ao Ministro da Marinha, em fins de 1876, pedindo isenção do pagamento das passagens de seis irmãs, para New York, em Janeiro de 1877, num dos barcos estatais. Ver Gailhac ao Ministro da Marinha, 1876, Arq.hist./RSCM., Caixa 9, Pasta 1B.

39. Gailhac a uma superiora [provavelmente M. St. Eugène], GS/9/XII/76/A. Maynard, 359, por engano, data esta carta de 1875.

40. Gailhac à M. St. Patrice, GS/28/VII/76/A.

41. Gailhac [à M. St. Thomas], GS/22/I/77/A.

42. Gailhac pediu também uma carta de recomendação ao Cardeal Franchi, prefeito da Propaganda Fide. Ver Gailhac a Sua Eminência, 9.12.1876, Arq.hist/Prop. Fid., SC Francia (1874-1879), Vol 8,625; a cópia da carta de Franchi ao Arcebispo de New York, 2.1.1877, encontra-se nos Arq.hist./RSCM., Caixa 8. Pasta 1.

*Deixe-me falar-lhe como uma criança a seu pai, pois apesar de ser bem idoso, Deus deu-me um coração de criança. Sendo ainda novo, lutei muito contra a inspiração de Deus, por estar convencido de que era preciso ser muito santo, para ser sacerdote. Depois de ter lutado, a graça de Deus pressionou-me e, não podendo resistir-lhe, fui ao Abbé Martin, pároco de Saint-Aphrodise, meu confessor, para lhe dizer tudo o que estava a acontecer no meu íntimo e acerca da minha determinação. Este santo pastor consultou o seu coração e viu o que Deus queria de mim, acrescentando: “Tem cuidado para que ninguém arrebate a tua coroa, se não fores fiel”. Passaram sessenta anos e estas palavras continuam a ressoar constantemente aos meus ouvidos. Desde então, com fraquezas, sem dúvida, tenho um único desejo: amar a Deus e fazer que outros o amem, glorificá-lo e fazer que outros lhe deem glória. Tenho muitas faltas, mas no fundo de mim mesmo, não quero nada senão Deus. E o meu coração que fala ao seu querido pai, com toda a simplicidade<sup>43</sup>.*

A 14 de Fevereiro de 1877 o fundador escreve três importantes cartas - uma ao bispo de Broocklyn, outra ao pároco de Saint-Andrew e uma terceira à benfeitora da comunidade. Sarah Peter. Ao Bispo Loughlin, Gailhac recomenda as suas filhas que ele descreve, como muito observantes, dedicadas e santas, tendo feito muito bem, na Irlanda, Inglaterra, Portugal e França<sup>44</sup>.

Gailhac escreve calorosamente ao Padre Heffeman. Unidos pelos laços comuns do sacerdócio, o fundador reconhece que novos laços os unem sobrenaturalmente, pois “vai ser o pai das minhas queridas filhas”. Como tal, insistia Gailhac, o Padre Heffeman não precisava de informações, tendo já aceitado as irmãs que ele ia adoptar<sup>45</sup>.

A sua carta à Senhora Peter é particularmente comovente. Lembrando o encontro a caminho de Roma, em Junho de 1874, Gailhac louva a sabedoria e o amor com que Deus preparou tal encontro para revelar, uma vez mais, o poder da graça no coração da Senhora Peter,

---

43. Gailhac a Cabrières, 3.1.1877, Arq.hist./RSCM., Caixa 6, Pasta 8.

44. Gailhac a Loughlin, 14.2.1877, Arq. hist./Cong., Vol II-C.64.

45. Gailhac a Heffeman, 14.2.1877, *Ibid.* É interessante notar que, por esse tempo, Gailhac sugeriu um plano ao seu bispo: sacerdotes da diocese que, por uma ou outra razão, precisassem de se distanciar das suas paróquias, podiam vir, por três a cinco anos, para uma colônia das RSCM, num país distante. Seriam substituídos por outro sacerdote, “...seria como que uma missão universal...” Gailhac a Cabrières 3.1.1877, Arq. hist. / RSCM., Caixa 6, Pasta 8.

dando às suas filhas uma nova oportunidade de provar a fidelidade á sua vocação. Depois de Deus, a ela pertence a glória da nova missão:

*Já que é sua fundadora, permita-me constituí-la também sua mãe. Elas vão amá-la como filhas. E porque vão ficar tão longe da casa que as viu nascer para a vida religiosa, sei que as ajudará quando necessário... A minha gratidão e a delas será para sempre”<sup>46</sup>.*

### **Morte da Senhora Peter**

Oito dias antes de o fundador escrever esta carta e sem que ele tenha conhecimento, morre a Senhora Sarah Worthington King Peter. Seu filho Rufus comunica a James Worthington, irmão de Sarah, a série de acidentes que precederam a sua morte:

*Minha mãe partiu um braço [16 de Janeiro] tropeçando num tapete, na capela do convento que ela frequentava diariamente. No dia anterior tinha caído no gelo, sem ferimento, a não ser algumas escoriações. Felizmente é o que os médicos chamam uma fratura simples a meio do braço direito, entre o cotovelo e o ombro. De fato, sofre menos disto do que de dores agudas em ambos os pés, muito semelhantes a arterite mas que parecem ser calos nos joanetes. Tudo isto, com as escoriações, torna difícil qualquer movimento e uma posição cômoda<sup>47</sup>.*

A senhora Peter parecia restabelecer-se gradualmente. Fazia até planos de ir a Roma no mês de Abril, para o Jubileu de Bodas de Ouro<sup>48</sup> de Pio IX, mas os planos de Deus sobre ela eram outros. Terminadas as suas boas obras, e com tudo pronto para a fundação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, nos Estados dos Unidos, Sarah Peter morre na manhã do dia 6 de Fevereiro de 1877.

Elogios sem conta envolveram a sua morte<sup>49</sup>. Citaremos alguns. No funeral, na Igreja de S. [Francisco] Xavier, em Cincinnati, o Arcebispo Purcell fez a oração fúnebre e terminou com estas palavras:

---

46. Gailhac a Sarah Peter, 14.2.1877, Arq. hist./Cong., Vol.II-C. 64.

47. Rufus King a James Worthington, 21.1.1877, papeis manuscritos de Worthington, caixa 2, Pasta 4.

48. McAllister, 379.

49. Ver por exemplo, *Cincinnati Daily Commercial*, 7 e 8.11877; *Cincinnati Daily Enquirer*, 7.2.1877; *Cincinnati Daily Gazette*, 7.2.1877; *The Catholic Telegraph*, 8 e 15.2.1877; *New York Times*, 7.2.1877.

*Nunca ninguém enriqueceu e exaltou tanto Cincinnati, como esta notável senhora. E, não só nesta cidade, mas em várias partes da Europa, é honrada hoje a sua memória. Ela era, na verdade, o que tantas vezes lhe chamamos, uma Rainha americana, uma grande rainha da mais alta realeza e dignidade... É como se sentisse resistência a rezar pela Senhora Peter, tão boa e tão pura. E, enquanto participo da súplica solene, por saber que é bom e salutar orar pelos mortos, penso que temos diante de nós os restos mortais de uma santa, a quem eu rezaria, de preferência a rezar por ela<sup>50</sup>.*

Um outro amigo, o reitor do Colégio de S. [Francisco] Xavier, em Cincinnati, Padre Edward Higgins, S.J., tributou-lhe também as suas homenagens<sup>51</sup>. James McMaster convertido e amigo da Senhora Sarah Peter, editor do *New York Freeman's Journal*, lembra a sua amiga em duas colunas de Necrologia, em que se lê:

*Perguntamo-nos se mulher alguma nascida e morta nos Estados Unidos tenha sido mais abnegada, mais forte de caráter, tenha realizado maiores obras, como católica, do que Sarah Worthington, a Senhora Peter<sup>52</sup>.*

Tal era a mulher de que Deus se serviu para trazer aos Estados Unidos as Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Os superiores maiores quiseram, sem dúvida, alargar as suas obras de zelo a este grande país, mas tiveram que esperar um catalisador, pessoa ou acontecimento, que refletido na fé, pudesse vir a ser um sinal da Providência Divina. A Senhora Sarah Peter foi esse catalisador, um sinal dos desígnios de Deus sobre a comunidade.

## **Viagem e primeiros meses em Sag Harbor**

Ignorando a morte da sua benfeitora, o fundador, a Madre Sainte-Croix e a comunidade da Casa Mãe preparam o envio das seis religiosas aos Estados Unidos. Apesar da recomendação do Capítulo Geral de que cada comunidade do Instituto devia integrar irmãs de todas

---

50. Elogio pronunciado pelo Arcebispo John B. Purcell, 9.2.1877, referido em *The Catholic Review*, 24.2.1877.

51. Obituário de E.A. Higgins, S. J., Presidente do Colégio F. Xavier, elogio fúnebre publicado em 9.2.1877 e citado por McAllister, 381.

52. *New York Freeman's Journal*, 17.2.1877.

as nacionalidades, as seis irmãs inicialmente enviadas são todas irlandesas e em idades compreendidas entre os vinte e seis e os trinta e cinco anos. Apenas três têm votos perpétuos. Das três restantes, duas são ainda noviças<sup>53</sup>.

Como de costume, Gailhac dá à superiora a cópia da Regra e abençoa solenemente a comunidade. Terminado o “cântico de despedida” o grupo inicia a viagem para os Estados Unidos<sup>54</sup>.

Embarcam no S. Laurent, vapor transatlântico que parte do Havre no dia 17 de Fevereiro e chega no dia 28 do mesmo mês. Os jornais de New York, anunciando a chegada do barco, registram entre os passageiros: as Senhoras Kate Davis, Margaret Delaney, Kate Marley, Mary Comerford, Marie Walsh e Ellen Ruggi [Buggy], os nomes seculares das seis irmãs<sup>55</sup>.

Não se sabe se as irmãs aguardavam que a Senhora Peter as fosse esperar. Dada a distância de Cincinnati, não seria fora do normal que ela pedisse a amigos de New York para irem ao encontro das irmãs à chegada. O seu amigo Henry Richards fora muitas vezes esperar grupos de irmãs de outras congregações, em nome dela<sup>56</sup>.

Por outro lado, Gailhac antecipava: “... O pároco J. Heffernan vai esperar as nossas religiosas, quando elas desembarcarem”<sup>57</sup>. Mas tal não acontece. É provável que a morte inesperada da Senhora Peter tenha prejudicado os últimos preparativos em Sag Harbor, e o pároco achasse preferível que as religiosas ficassem em New York, até tudo estar pronto. Alguns anos mais tarde, o Padre Heffernan recorda a confusão: “Lembrem-se de que a Senhora Peter morreu inesperadamente, deixando a meu cargo a alimentação, camas, mobílias e carvão, para as irmãs. E eu tive que correr de um lado para outro, dia e noite a procurar arranjar tudo”<sup>58</sup>.

---

53. Ver grande Registro, n° 53, n° 70, n° 78, n° 85, n° 102, n° 107.

54. Registro, 24. A data deste envio não está correta. Não poderia ter sido a 1 de Março porque já se encontravam então nos Estados Unidos. Foi provavelmente à volta de 15.2.1877. A M. St. Félix em *Brief Histories*, 22, também se engana quando diz que o grupo partiu para os Estados Unidos na primeira semana de Março.

55. *New York Daly Tribune*, 1.3.1877.

56. Richards, 280-285.

57. Gailhac a uma superiora [M. St. Eugène], GS/9/XII/76/A.

58. Heffernan a Gailhac e M. St. Félix 5.1.1885, Arq. hist./Prop Fid. SC América Central, vol 43,518-521.

É pois verdade que nem a Senhora Peter (que tinha falecido algumas semanas antes) nem o Padre Heffernan (muito ocupado com os preparativos da última hora) vão esperar as religiosas, quando desembarcam em New York. Não obstante a tradição persistente das RSCM, não é verdade que as religiosas tenham ficado abandonadas no porto e apenas tenham ouvido falar *acidentalmente* de Sag Harbor, dirigindo-se para lá. A Madre Saint-Félix esclarece em *Brief Histories* "...algumas famílias interessadas no nosso trabalho, esperaram-nas no porto. As irmãs foram saudadas por um pequeno grupo de habitantes de Sag Harbor, quais anjos enviados do céu"<sup>59</sup>.

A Senhora Emilie Dallon de Broocklyn<sup>60</sup> encontrava-se no grupo que veio ao encontro das irmãs. Ou porque a viagem fosse muito longa, ou porque o convento ainda não estivesse pronto, decidiram que a Senhora Dallon conduziria as RSCM às Irmãs Franciscanas dos Pobres, no Hospital de Saint-Peter, em Hicks Street, Broocklyn. Estas Irmãs Franciscanas pertenciam a uma das congregações introduzidas anteriormente nos Estados Unidos por Sarah Peter. De fato ela visitava frequentemente esta comunidade, tendo lá ido recentemente em Agosto de 1876. Não admira pois que as irmãs ficassem no Hospital de Saint-Peter, embora os anais do hospital não mencionem tal estada. E estiveram lá umas duas semanas, antes de irem para Sag Harbor<sup>61</sup>.

Entretanto a chegada das irmãs aos Estados Unidos é anunciada na *Catholic Review*. O Padre Heffernan sente-se feliz com os seus múltiplos empreendimentos, entre os quais se destaca a vinda das RSCM para Sag Harbor. O artigo descreve depois a escola que abriria em breve:

*...comprou-se uma bela vivenda, com mais de doze (mil) metros quadrados de terreno muito bem plantado, com árvores ornamentais, árvores de fruta e traçado em passeios... A situação sadia, tão*

---

59. M. St. Félix, *Brief Histories*, 22. Não é claro quem proporcionou às irmãs terem estas famílias a esperá-las quando chegaram.

60. Emilie McCauley Dallon tomou-se através dos anos, amiga da comunidade em Sag Harbor. A sua filha, Emilie-Josephine, entrou nas RSCM em Fevereiro de 1878 e tomou o nome de M. Madalena. O Senhor Joseph Dallon tomou-se o representante da comunidade durante os anos de tribulação 1883-1886. Não é evidente a relação dele com a Senhora Peter ou com o Padre Heffernan em Fevereiro de 1877.

61. O Hospital de S. Peter, no ângulo de Hicks e Congress Streets em Broocklyn, funcionava num edifício formado pela transformação, em um só bloco, de três andares de casa de habitação. Em 1874 tinha 120 doentes, 16 orfãos, 23 religiosas e 2 postulantes. As irmãs serviam refeições a 50 famílias pobres. Ver *The Catholic Review*, 7.2.1874.

*Importante nas nossas grandes cidades, a oportunidade de aprender francês recomenda-a aos pais que queiram mandar os seus filhos para tal instituição*<sup>62</sup>.

Finalmente, as religiosas chegam a Sag Harbor no dia 15 de Março. Esta cidade de cerca de dois mil habitantes, tinha sido um importante porto baleeiro, na primeira metade do século XIX, mas os atrativos de Gold Rush na Califórnia (1849) e a substituição do óleo de baleia por petróleo refinado, como fonte de iluminação, transformaram a vida da cidade. Na altura em que as religiosas chegaram<sup>63</sup>, a maior parte dos habitantes eram empregados em pequenas oficinas. A Suffolk Steam Mill, a cinco minutos de distância da Igreja de Saint-Andrew empregava muitas pessoas na manufatura de roupa, urdidura de alcatifa e cordas<sup>64</sup>. Precisamente, uma semana antes da chegada das RSCM, um incêndio devastou a área industrial da cidade, causando a perda de trinta e quatro edifícios avaliados em cerca de cento e cinquenta mil dólares<sup>66</sup>. Embora a cidade mostrasse ainda, provavelmente, as marcas do destrutivo incêndio quando as religiosas chegaram, estas não podiam deixar de se sentir felizes pelo fato de a Igreja, a escola e o convento não terem sido atingidos, e por poderem começar as suas “obras de zelo” no novo ambiente.

Não sabemos como é que estas seis religiosas irlandesas reagiram inicialmente à nova realidade sócio-econômica e cultural, porque as

---

62. É interessante notar que esta edição do *The Catholic Review* contém uma longa necrologia sobre Sarah Peter, mas não há relação entre ela e a chegada das RSCM, nas três páginas seguintes. Ao Padre Heffernan era atribuída toda a preparação para a chegada das irmãs. Ver *The Catholic Review*, 24.1.1877.

63. Uma vez que o caminho de ferro de Long Island passava entre Brooklyn e Sag Harbor, como em 1870, provavelmente viajaram de trem. Nesse tempo, bilhetes de ida e volta entre estas localidades custavam 4,50 dólares. Ver *The Sag Harbor Corrector*, 21.4.1877.

64. Este moinho foi destruído por um incêndio em 21.10.1879. Joseph Fahys abriu uma fabriqueta de caixas de relógios no mesmo local, em 1881. E empregava muitos imigrantes alemães, polacos e italianos, muitos deles católicos. Ver Henry Weiburg e Lisa Donneson, *Guide to Sag Harbor: Landmarks, Homes and History* (Sag Harbor, New York: John Street Press, 1975), 39-40.

65. Ibid.

66. *Sag Harbor Express*, 22.2.1877. *The Sag Harbor Corrector*, 24 de Fevereiro estimava os prejuízos aproximadamente em 130 mil dólares.

cartas que escreveram para a Casa Mãe, comunicando a sua adaptação durante esta primeira fase, não se encontram nos arquivos do Instituto. Existem, porém, outras fontes de informação que no seu conjunto nos dão uma imagem desses primeiros tempos, nos Estados Unidos. O jornal da localidade, por exemplo, um mês depois da chegada das irmãs, descreve a bênção do convento pelo bispo de Brooklyn, com o pároco e um sacerdote nascido em Sag Harbor:

*A cerimônia da bênção foi interessante, mas breve e informal. Depois de vésperas na Igreja, às quatro horas da tarde, a escola de instrução religiosa de Domingo avançou em fila no relvado, em frente do convento, onde foi cantada a ladainha da Santíssima Virgem e o bispo fez uma alocução às pessoas presentes. Depois desta, as crianças foram embora e o bispo com os dois sacerdotes procederam à bênção do edifício. Visitaram em primeiro lugar a cozinha, depois todos os compartimentos, aspergindo-os com água benta. Seguiu-se uma pequena refeição na sala de visitas, terminando assim a cerimônia*<sup>67</sup>.

Parece que duas religiosas reabrem quase imediatamente a escola de Saint-Andrew e começam a ensinar. Como sabemos, a Igreja antiga tinha sido dividida em duas grandes salas, ensinando a Madre Barthélemy os rapazes e a Madre Sainie-Augustine as meninas que tinham aceitado deixar a escola pública em Main Street e acabar o período escolar na escola paroquial. Uma antiga aluna destes primeiros anos, descreve assim a escola de então:

*Havia um fogão de lenha para aquecer a casa e, como apenas o acendiam quando as alunas chegavam, na primeira hora de aula quase só se ouvia o bater dos pés para os aquecer, e as palmas para aquecer as mãos frias. O fogão fazia frequentemente mais fumo do que calor e então era preciso abrir as janelas para desanuviar a atmosfera, e por conseguinte, resfriá-la.*

*Ocasionalmente o andamento da escola era interrompido e os alunos iam fazer algum trabalho na Igreja ou no convento. A recompensa por estes trabalhos era uma fatia de pão com melaço feito pela cozinheira [Irmã Agathe], uma santa e excelente padeira*<sup>68</sup>.

---

67. *The Sag Harbor Corredor*, 21.4.1877. Ver também *The Catholic Review*, 21.4.1877.

68. Entrevista da Senhora Mary Bums com o Padre George Driscoll, historiador da Igreja de Eastem Long Island. Ver Notas de Driscoll. Num artigo intitulado "Our Village School" há uma descrição semelhante de um "fogão de lenha", "um aparelho incapaz de manter uma temperatura moderada, insaciável no consumo de lenha, enchendo a sala de fumo e indo, de um momento para o outro da incandescência ao zero" Ver *Sag Harbor Corredor*, 3.7A375.

Além de serem professoras na escola paroquial, as religiosas começam a ensinar catecismo a jovens que ainda não tinham sido preparados para os sacramentos. A Madre Saint-Félix explica:

*O primeiro grupo era de cerca de trinta jovens, de idades entre os dezoito e vinte e cinco anos, que ainda não tinham feito a primeira comunhão. Queriam ser instruídos e preparados para o grande acontecimento. E este era um dos primeiros deveres das irmãs*<sup>69</sup>.

Não se sabe exatamente quando começou o externato nem quando chegou a primeira aluna interna. Sabe-se apenas que foi em 1877. Um longo artigo no *Sag Harbor Express* do mês de Maio, descreve a finalidade da escola e as mensalidades. Numa parte desse artigo lê-se:

*Sendo esta instituição uma filial do Instituto do Sagrado Coração de Maria em França, o sistema de educação é o mesmo da Casa Mãe, à exceção de algumas modificações exigidas pela diferença de clima e de costumes.*

*A situação da Academia é muito agradável e tem as vantagens de estar próxima do mar, da estação de caminho de ferro e da Igreja católica. A casa é cercada por jardins murados e por um excelente terreno para exercícios físicos e recreios. O primeiro objetivo das religiosas na instrução da juventude é inspirar uma alta estima pela nossa santa religião, formar os corações na virtude, cultivar as inteligências pelo estudo de úteis princípios de educação e conhecimentos, tornando assim os alunos não só ornamentos da sociedade, mas modelos de verdadeira e sólida piedade. Enquanto a inteligência e o coração são assim formados, são-lhes inculcados hábitos de economia e a saúde cuidada por meio de exercícios de ginástica. O porte, as maneiras e pronúncia são alvo de contínua atenção*<sup>70</sup>.

---

69. M. St. Félix, *Brief Histories*, 22.

70. *Sag Harbor Express*, 10.5.1877. É interessante que as mensalidades para internato e ensino eram de 100 dólares por um período de cinco meses. Há um outro anúncio no *The Catholic Review*, 1.9.1877, que diz: “É de esperar que, em toda a diocese de Broocklyn, se tenha conhecimento, da abertura de uma escola católica em Sag Harbor, New York, dirigida pelas Irmãs Francesas do Sagrado Coração de Maria, uma das mais excelentes escolas no país, patrocinada por alguns dos melhores juízes entre os pais católicos. O curso completo anual de inglês e francês custa apenas 150 dólares”. Não é claro que esta informação seja correta ou que as taxas fossem reduzidas para facilitar o recrutamento de alunas para a escola nos seus princípios.

O prospecto termina com a informação: “Uma escola de dia e outra escola da noite para jovens, estão ligadas à Academia”<sup>71</sup>. Esta escola da noite era, provavelmente para mulheres ainda novas que trabalhavam em moinhos ou pequenas fábricas na localidade, e que, por consequência, não tinham oportunidade de frequentar o ensino regular. Sendo esta escola da noite semelhante à de Lisburn, para mulheres que trabalhavam em fábricas, incluía provavelmente catecismo, matérias básicas, como leitura, escrita e aritmética. Uma fonte de informação familiar com a história primitiva das RSCM em Sag Harbor, descreve tais mulheres como extremamente pobres e alheias ao ritmo normal da vida. Portanto as religiosas procuravam mostrar-lhes como se deviam comportar na sociedade:

*Tanto quanto nos é possível supor, [as mulheres] iam à noite, ao convento e as religiosas mostravam-lhes como deviam vestir-se. Como alguém disse, era como se lhes dessem cursos de boas maneiras e cultura*<sup>72</sup>.

Parece que o número de estudantes, no internato e externato, crescia muito lentamente e a superiora, Madre Saint-Basil, começava a desanimar. Gailhac escreve-lhe em Julho, para a estimular. Se os poucos alunos, ao cuidado das religiosas, aprendem a amar a virtude, a ter boas maneiras e se são bem instruídos, serão como uma “boa propaganda” para outros, e mais cedo ou mais tarde, Deus os multiplicará. Ao mesmo tempo anima a Madre Saint-Basil a admitir, como Filhas de Maria, as alunas maiores e a confiar-lhes as classes de catecismo dadas às mulheres e até às mães de família. Estimula ainda a comunidade a empregar todos os esforços por trazer para Deus os habitantes da localidade, enquanto se vão estruturando as suas obras. Gailhac insiste com as suas filhas nos Estados Unidos: “aproveitem de todas as ocasiões para atrair e ganhar a estima de todos”<sup>73</sup>.

Na missão dos Estados Unidos, como nas situações de Lisburn e Liverpool, Gailhac deseja ardentemente que as religiosas se ocupem dos Protestantes da sua área. Isto é muito claro, no anúncio relativo à escola: “Aceitam-se alunos de todas as denominações religiosas, mas,

---

71. *Sag Harbor Express*, 10.5.1877,

72. Não se diz qual e à origem desta informação. Ver Notas de Driscoll.

73. Gailhac à M. St. Basil, GS/16/VII/77/A.

para salvaguardar a disciplina, todos devem estar presentes nos exercícios religiosos públicos”<sup>74</sup>.

Mais significativa é ainda a mensagem de Gailhac às irmãs durante os primeiros meses, em Sag Harbor. Convencido de que Deus as chamara aos Estados Unidos para realização dos seus desígnios, escreve:

*Procurem a amizade até mesmo dos Protestantes, mas sempre com muita prudência. Quem sabe se Deus as não destina a serem meios de salvação para um grande número deles! A verdadeira virtude, a virtude sólida dá sempre frutos. Uma palavra a propósito e um exemplo de dedicação são muitas vezes mais eficazes do que um longo sermão. Ninguém é capaz de ver um santo sem o admirar. Ninguém admira sem estimar. Ao desejo de imitar segue-se o amor. É raro que ao desejo de imitar se não siga a realização de tal desejo. Preguem, preguem continuamente pelo bom exemplo e produzirão muitos frutos*<sup>75</sup>.

Através desta primeira comunidade em Sag Harbor, o Instituto participa do grande movimento de evangelização e educação, nos Estados Unidos. Não há dúvida de que a distância da Casa Mãe é causa de sofrimento para a comunidade local, mas a adaptação inicial ao meio americano não é tão dolorosa, como a de outras congregações europeias, vindas para a América<sup>76</sup>. As irmãs da primeira comunidade em Sag Harbor falam todas inglês. Como membros de um Instituto Pontifício, estão ao abrigo de interferências arbitrárias do bispo local, que, muitas vezes litigia com outras congregações da Europa, na América, levando-as a alterar as constituições ou a separar-se das suas casas mães. Além disso, Sag-Harbor, embora não seja uma grande cidade, está bem situada e livre das severas provocações das fronteiras.

O mais importante será talvez que as RSCM em Sag Harbor se não tenham sentido coagidas a mudar radicalmente os seus ministérios, em resposta às necessidades das pessoas nos Estados Unidos. Como na Irlanda e Inglaterra, proporcionam educação gratuita nas escolas paroquiais (chamadas escolas nacionais ou escolas de missão, em outros países), educam os que podem pagar, nos externatos (academias) e

---

74. *Sag Harbor Express*, 10.5.1877.

75. Gailhac à M. St. Basil, GS/16/V11/77/A.

76. Ver no Capítulo 7, uma breve descrição das religiosas da Europa, na igreja da América.

internatos<sup>77</sup>, mantêm classes de catequese na paróquia e dão ensino básico, em escolas da noite, a operárias de fábricas. Se mais tarde, o Instituto se “americaniza” em certa medida, é mais pela adaptação a novos membros, do que por uma mudança de ministérios<sup>78</sup>.

Assim, continuando abertas aos costumes particulares e às necessidades locais, as RSCM, em Sag Harbor, estão firmemente unidas às suas irmãs na Europa, através da sua história comum, carisma, missão e profunda amizade aos seus fundadores e umas às outras. O Instituto, unificado como corpo para a missão, torna-se verdadeiramente internacional.

---

77. É interessante notar, por exemplo, a semelhança entre o anúncio para o internato em Lisbum, Abril de 1871 (*Daily Exatniner*) e o anúncio para a academia de Sag Harbor, encontrado no *Sag Harbor Express*, 10.5.1877. As expressões são praticamente idênticas.

78. Haverá, porém, uma grande mudança entre as formas tradicionais de ministério das RSCM, no século XX, quando elas começam a proporcionar ensino Superior a senhoras, jovens e eventualmente, a homens, nos seus Marymount Colleges.

## Atenções voltadas para a Irlanda - Norte e Sul (1877-1878)

### Crise em Lisburn

Enquanto que as seis religiosas começam a fundação de Sag Harbor, uma outra crise mina a mais antiga fundação do Instituto, Lisburn. A Madre Saint-Patrice, superiora da comunidade desde Julho de 1871, tinha sido sempre doente, mas em Janeiro de 1877, teve que ser temporariamente substituída pela Madre Saint-Charles, visitadora das Ilhas Britânicas<sup>1</sup>. Porém, o estado de saúde da Madre Saint-Patrice piorou de tal maneira, que se impôs a sua substituição permanente. A relutância de Gailhac a esta situação transparece na sua carinhosa carta à comunidade de Lisburn, na qual a informa de que, devido à falta de saúde da “fundadora da vossa casa”, ele se sente forçado a retirá-la<sup>2</sup>.

A Madre Saint-Patrice tinha as suas faltas, é certo. Muitas vezes os superiores maiores insistiam com ela para que comunicasse mais abertamente e desse conta dos problemas financeiros. Mas, ao mesmo tempo deviam ter grande confiança nesta religiosa, para a nomearem superiora da primeira fundação, quando tinha apenas vinte e seis anos de idade.

Preocupação com a saúde e bem estar da Madre Saint-Patrice é o tema constante na correspondência da Casa Mãe, ao longo dos anos. Em fins de Janeiro de 1877 a sua assistente, Madre Saint-Basil vai para a missão dos Estados Unidos e ela não pode continuar a aguentar o peso da responsabilidade de superiora<sup>3</sup>. A Madre Sainte-Philomène Banim é nomeada superiora, no seu lugar<sup>4</sup>.

---

1. Gailhac à M. St. Charles GS/17/I/77/A e Gailhac à M. St. Patrice, GS/17/I/77/B.

2. Gailhac à comunidade de Lisburn, GS/24/I/77/A.

3. Gailhac à M. St. Patrice, GS/21/I/77/B.

4. Gailhac à M. Ste. Philomène, GS/21/I/77/A. Ver também Gailhac à comunidade Lisburn, GS/24/I/77/A.

Durante o mês de Fevereiro, os superiores recebem da Madre Saint-Colomban Darcy, uma das religiosas de Lisburn, uma carta que muito os perturba, pois referia-se a um abuso de álcool na comunidade. No próprio dia em que numa outra parte do mundo, as RSCM desembarcam em New York para começarem a sua missão nos Estados Unidos, Gailhac escreve uma carta muito dura à Madre Sainte-Philomène, em Lisburn. Ela devia parar imediatamente com o uso de bebidas alcoólicas na comunidade. Agradecendo a Deus terem descoberto a tempo este abuso, Gailhac mostra-se muito preocupado com tal acontecimento. E insiste que não deve haver bebidas alcoólicas fortes, na casa. Se um médico as prescrevesse a uma religiosa doente, seria apenas por alguns dias, não habitualmente. Gailhac afirma que até sente vergonha de falar em tais coisas<sup>5</sup>.

Embora geralmente não fosse usado nas comunidades, o vinho não era proibido. O Capítulo Geral de 1876 dera às superiores a faculdade de decidirem discretamente quem precisava de um pouco de vinho ao almoço. Mas o vinho nunca era servido às irmãs que tomavam as refeições com as crianças<sup>6</sup> e devia ser cuidadosamente guardado, após a refeição<sup>7</sup>.

Parece que os superiores em Béziers começavam a suspeitar que este abuso de álcool fosse a causa de certas irregularidades nas contas. A Madre Sainte-Croix tinha sido informada pela Madre Saint-Patrice da existência de uma quantia não registrada e escreve ao Padre Brennan, provisor eclesiástico em Belfast e amigo da comunidade, a pedir-lhe que envie à nova superiora cinquenta das cem Libras pertencentes à comunidade de Lisburn e que ele guardava. A razão de tal pedido era que as casas comerciais e os “fornecedores” de Lisburn enviavam à Madre Sainte-Philomène as suas faturas para pagamento<sup>8</sup>.

A Madre Saint-Charles volta de novo a Lisburn, em 15 de Abril de 1877 para ver o que se passava e para acompanhar a Madre Saint-Patrice de regresso a França. Enquanto aí se encontra, escreve onze grandes cartas a Gailhac, Madre Sainte-Croix e Madre Saint-Félix com muitos pormenores sobre a visita. Mostrando-se apreensiva acerca da

---

5. Gailhac à M. St. Philomène, GS/28/II/77/A.

6. Procès Verbal du 1<sup>er</sup> Chapitre Général, (16.8.1876, n.º 6) Arq. hist./Cong., Vol.II-B2-11.

7. *Ibid*, (19.8.1876, n.º 18).

8. M. Ste. Croix ao P. Brennan, 2.3.1877, Lettres n.º 33.

missão, espera pacientemente que a Casa Mãe confirme as suas mais pequenas sugestões. Ao mesmo tempo agradece a Deus a sua calma e a capacidade de ser “boa como uma avó, para todas”<sup>9</sup>.

Logo que chegou a Belfast, escreve ela, foi à residência episcopal e falou com o Padre Brennan durante duas horas. Ele estava a par das dificuldades que iam aparecendo na comunidade de Lisburn. Justamente, na semana anterior acompanhara o bispo em visita à comunidade, a pedido insistente do pároco a quem a Madre Saint-Sebastien Davis, falara rudemente. Nessa altura notara que “ali não havia união”. A Madre Saint-Charles deve ter partilhado com ele outras preocupações dos superiores maiores - falta de transparência, falhas na contabilidade e a acusação de que a Madre Saint-Patrice bebia. Ao irem falar com o Dr. Dorrian, o bispo, o Padre Brennan avisou a Madre Saint-Charles de que era melhor nada dizer sobre a última acusação. Se fosse verdade, era preferível ser-lhe comunicado pela própria religiosa<sup>10</sup>.

É claro que o bispo de Down and Connor apreciava a comunidade de Lisburn e tinha especial atenção pela ex-superiora, a Madre Saint-Patrice. Ainda não conhecia muito bem a nova superiora, mas também ele sentia que havia ali dificuldades, pelo que resolvera fazer uma visita pastoral à comunidade, no dia seguinte<sup>11</sup>.

Quando a Madre Saint-Charles chega ao convento de Lisburn, a comunidade recebe-a de “braços abertos”. Ela não lhes diz que se encontrara com o bispo no dia anterior. Diz simplesmente que o fim da sua visita era acompanhar a Madre Saint-Patrice, para esta não ter que viajar para França, só e doente. Não a surpreende que cada irmã peça para se encontrar com ela, em particular, com o que ela concorda, esperando diluir um pouco os acontecimentos, antes da chegada do bispo. Como a Madre Saint-Charles refere, a queixa era a mesma em cada uma:

*Ninguém parece feliz com a Madre Sainte-Philomène. Todas, sem exceção, dizem que ela é dura, rude, sarcástica, que nunca tem uma palavra afável para ninguém, que fere, é astuta, que as*

---

9. Parece que a M. St. Charles esteve em Lisburn em fins de Janeiro, fins de Março, Abril e Maio de 1877. Estas suas cartas para a Casa Mãe podem encontrar-se no Arq.hist./Cong., Vol.II- D, 10-17. Ver também *Proc. ap.*, 3191-3233.

10. M. St. Charles à M. Ste. Croix e M. St. Félix, 16.4.1877, *Ibid.*, 10. É de notar que a M. St. Charles dirija esta carta não ao fundador, mas à M. St. Croix e M. St. Félix.

11. *Ibid.*

*crianças não gostam dela e que mal cumpre os deveres de que está encarregada*<sup>12</sup>.

Segundo a comunidade, a nova superiora não fazia conferências, nunca lhes lia a Regra, a meditação ou qualquer outra coisa, nunca dizia uma palavra de estímulo, mas só as feria e exasperava. Mais ainda, a Regra era menos observada agora. Apesar de a Madre Saint-Charles apresentar também o ponto de vista da Madre Sainte-Philomène, os membros da comunidade não concordam, “todas dizem que entraram na comunidade para viver em paz e que vão morrer ou enlouquecer, se as coisas continuarem como, por algum tempo, têm sido”<sup>13</sup>.

O que surpreende a Madre Saint-Charles é que ninguém tenha mencionado o fato de a ex-superiora usar bebidas alcoólicas, nem mesmo a Madre Saint-Colomban Darcy, a religiosa que pela primeira vez trouxera este assunto à atenção dos superiores maiores<sup>14</sup>. Quando a Madre Saint-Charles a interrogou acerca disso, ela respondeu categoricamente que era uma falsa acusação, uma chocante calúnia e que só gostava de saber quem tinha inventado tal coisa. A Madre Saint-Charles interpelou-a então, dizendo ter sido ela mesma a dar essa impressão em carta sua. A Madre Saint-Colomban explicou que não se referia a álcool, mas a medicação prescrita pelo médico. Que se preocupava com a despesa de tantos medicamentos que a Madre Saint-Patrice, Madre Saint-Raphael, Madre Saint-Irénée e Madre Saint-Chrysostome tomavam<sup>15</sup>. Segundo ela, cada uma tinha na sua frente, à mesa, dois frascos de comprimidos sendo o preço de cada comprimido de mais de três shilings [uns quinze escudos]. O mínimo que a Madre Saint-Charles lhe pode dizer foi que a maneira de se exprimir tinha sido muito lamentável e que tinha causado uma grave incompreensão. Mas

---

12. *Ibid.*

13. *Ibid.*

14. AM. St. Colomban Darcy (não parente da M. St. Patrice Darcy) veio para a comunidade de Lisburn, como noviça e fez aí os primeiros votos, em Julho de 1872. Em 1877 ainda não tinha feito os votos perpétuos, apesar de já ter cinquenta e seis anos de idade, sendo uma vocação tardia. Parece que a simplicidade de vida era uma das suas prioridades e por vezes era muito crítica a respeito do estilo de vida da comunidade ou daquilo que ela julgava ser falta de pobreza. Por exemplo, critica uma das irmãs por ter queimado a roupa branca da M. St. Chrysostome depois da sua morte por tuberculose. A M. St. Colomban pensava que essa roupa poderia ser dada aos pobres. *Ibid.* Ver também o Grande Registro. n° 80.

15. M. St. Chrysostome Loughlin morreu em Lisburn a 18.6.1876 aos trinta e um anos de idade. As outras mencionadas, M. St. Patrice, M. St. Irénée e M. St. Raphael estavam quase sempre doentes, provavelmente tuberculosas.

a Madre Saint-Colomban assegura-a:

*Nenhuma irmã na casa era mais sóbria e mais cautelosa do que ela, [Madre Saint-Patrice] e que só pela força ela consentira em tomar algum brandy quando o médico lho prescreveu. E nunca tocou em uísque ou em qualquer outra qualidade de vinho<sup>16</sup>.*

Não se sabe se a Madre Saint-Patrice se deu alguma vez conta das acusações injustas contra ela, pois a Madre Saint-Charles nunca lhas mencionou diretamente. No entanto deve-se ter apreendido de alguma coisa, pois mostrava-se muito magoada e chorando dizia à Madre Saint-Charles: “Não sei o que poderão ter dito de mim aos meus superiores para me tratarem desta maneira”. A Madre Saint-Charles comunica que, para agravar a situação, a Madre Saint-Patrice estava muito doente. Dos joelhos para baixo não tinha sensibilidade alguma. E pedia para não sair de Lisburn, pois estava muito cansada e o clima do Midi lhe era prejudicial. Sentia que não sobreviveria um mês, se tivesse que regressar a França<sup>17</sup>.

Entretanto o bispo completara as suas entrevistas privadas com cada religiosa na comunidade e partilhava as suas impressões gerais com a Madre Saint-Charles. Também ele achava que nem uma só religiosa queria a Madre Sainte-Philomène como sua superiora. Mostrava-se extremamente pesaroso com a acusação de que a Madre Saint-Patrice tinha um problema de álcool. A Madre Saint-Charles conta que ele, com as lágrimas nos olhos e a voz trêmula de emoção e desgosto, dissera:

*Não é verdade. Não é verdade. É uma calúnia. É uma falsidade. Ela é a mais cândida, a mais delicada, a mais santa... Retirar a esta pobre filha quase moribunda, algumas gotas de brandy que ela junta ao leite, seu único alimento, não pode ser. Não, não. Não é possível<sup>18</sup>.*

O bispo então começa a explorar as razões para as elevadas contas do álcool. A quantia representava o fornecimento para o ano inteiro. Neste ano, pelo menos em duas ocasiões, as irmãs deram hospitalidade a muitos sacerdotes: na Missa de funeral da Madre Saint-

---

16. M. St. Charles á M. Ste. Croix e M. St. Félix, 16.4.1877 Arq.hist/Cong.,Vol. II-D10.

17. *Ibid.*

18. *Ibid.*

-Chrysostome e no aniversário da fundação, a 22 de Novembro<sup>19</sup>. Foi nestas ocasiões que quase se gastou o fornecimento anual<sup>20</sup>. Parece que, por amabilidade e em ocasiões de hospitalidade, a Madre Saint- Patrice oferecia presentes, sobretudo ao clero. Apesar de se prestarem a uma falsa interpretação pela Casa Mãe, estes donativos ganhavam- lhe a estima da comunidade, de muita gente em Lisburn, de muitos padres e até do bispo<sup>21</sup>. Este, segundo o testemunho da Madre Saint- Charles, ficou num estado “impossível de descrever” com a perspectiva da saída daquela “cuja simples sombra” segundo ele, “fez grande bem no país, onde é venerada como uma santa!”<sup>22</sup>.

Depois da troca de muitas cartas e telegramas e conforme a opinião da Madre Saint- Charles, chegaram à conclusão de que o melhor seria chamar de novo a Madre Sainte- Philoméne à Casa Mãe<sup>23</sup> e reconduzir a Madre Saint-Patrice, embora doente. A Madre Saint-Raphael Cahill e a Madre Saint-Maurice Banim foram nomeadas suas assistentes. Inútil dizer a satisfação do bispo e da comunidade<sup>24</sup>.

Resolvido este delicado problema das superiores, a Madre Saint-Charles volta as suas atenções para a escola de Lisburn. Na altura da

---

19. Desde o princípio da fundação de Lisburn, a comunidade celebrava o aniversário da fundação a 22 de Novembro, dia de Sta. Cecília. Os *Annales* mencionam especialmente este dia em 1871 e 1872, sendo o clero da localidade convidado para jantar e para uma dramática representação feita pelas alunas internas. Pode presumir-se que, não sendo costume tomar vinho, na Irlanda, se faziam em tais ocasiões fornecimentos de whisky e brandy. A M. St. Colomban criticava estas dispendiosas celebrações, organizadas pela sua superiora. Ver *Annales*, 29 .

20. M. St. Charles à M. Ste. Croix e M. St. Félix , 16.4.1877, Arq. hist.,/ Cong., Vol.II -D, 10.

21. M. St. Charles a Gailhac , 24.4.1877, *Ibid*, 11.

22. *Ibid*.

23. A M. St. Charles previne a superiora geral de que esteja atenta ao receber na Casa Mãe a M. Ste. Philoméne, pois esta era “muito teimosa” (s.d. *Ibid.*,). A M. Ste. Philomène deixou Lisburn a 2 de Maio, ameaçando ir para casa, se lhe pedissem para ali continuar, (M. St. Charles a Gailhac, 18.4.1877, *Ibid.*, 11). Mais tarde a M. Ste. Philomène saiu do Instituto por motivos de saúde, em 1879. Voltou a entrar dezasseis anos mais tarde, em 26.10.1895! Fez votos perpétuos a 1.5.1897 e viveu na comunidade até morrerem Long Island City, New York a 1.3.1918. Ver Grande Registro, nº 244.

24. Deve ter sido extremamente importante não decepcionar o Dr. Dorrian, especialmente, porque a decisão unilateral de retirar a M. St. Thomas de Lisburn, em 1872, o tinha irritado muito. No século XIX, na Irlanda, os bispos, controlavam consideravelmente, senão totalmente, os conventos das suas dioceses. Ao mesmo tempo Caitriona Clear diz também: “As relações entre bispos, sacerdotes e casas religiosas femininas tinham um cunho tanto pessoal como oficial: havia na verdade grande amizade, respeito mútuo e boa relação entre religiosas e os seus superiores eclesiásticos”. Ver Clear, 55-57.

sua visita, o bispo tinha observado que havia religiosas a mais para o decrescente número de crianças, na escola<sup>25</sup>. Por sua vez, a Madre Saint-Charles via que a escola não prosperava. As inscrições variavam constantemente, as crianças iam e vinham “como o vento” e, como o pagamento prévio de mensalidades não era requerido, a receita estava reduzida a quase nada. “Posso afirmar-lhes que não há aqui nada *de luxe!*”, escrevia a Madre Saint-Charles, comentando o pequeno número de alunos e os escassos recursos<sup>26</sup>.

Ao mesmo tempo, a Madre Saint-Charles procura investigar a existência de propriedades, como possível e novo local para o convento e escola. O Padre Edward Kelly, o pároco, leva-a um dia a ver algumas dessas propriedades. Uma delas era magnífica, mas tão longe da cidade, que havia o receio de que as religiosas se sentissem muito isoladas. Uma outra, Rose Vale, que ela refere como “a casa de um velho ministro protestante” estava em perfeitas condições. Tinha quatro andares com trinta quartos, com bom terreno e jardins e a pequena distância da Igreja paroquial. A Madre Saint-Charles informa que a Madre Saint-Patrice andava a ver como comprar esta propriedade, sem a Casa Mãe dispender um centavo! Como o proprietário desejava vender, era possível negociar favoravelmente o preço. Este fato conjugado com o resultado da venda do convento e empréstimos sem juros de alguns amigos, poderiam tornar possível a compra. A comunidade rezava por esta intenção. Se a compra se não concretizasse, o convento precisava de grandes remodelações para receber alunas internas<sup>27</sup>.

Terminada a sua missão em Lisburn, a Madre Saint-Charles regressa à Casa Mãe, passando primeiro em Liverpool<sup>28</sup>, daqui de trem para Londres, Paris e finalmente, Béziers<sup>29</sup>. Na sua última carta ao fundador escreve: “Meu Pai, espero que Lisburn não lhe cause mais preocupações. Todas as religiosas *sem exceção*, parecem bem dedicadas a Deus e aos seus deveres”<sup>30</sup>.

---

25. M.St. Charles a Gailhac, 26.4.1877, Arq. hist./Cong.. Vol. II-D, 12 .

26. M. St. Charles à M. Ste. Croix, s.d. *Ibid*, 14.

27. M. St. Charles a Gailhac, 27.3 [a data correcta e provavelmente 27.4]. 1877, *Ibid.*, 10.

28. A M. St. Charles faz um bom relatório da comunidade de Liverpool: “Aqui tudo tem a marca da Casa Mãe”. Ver M. St. Charles a Gailhac 9.5.1877. *Ibid.*, 16.

29. A viagem de Liverpool a Béziers, via Londres e Paris, levou-lhe quase três dias, de quinta feira à noite a domingo às 11 horas. Ver *Ibid*.

30. *Ibid*J.

Sem dúvida, este tempo foi de grande desgaste para Gailhac. Ele começava a sentir os efeitos da idade, já não podia segurar a caneta nas mãos trêmulas. Escrevendo a lápis, a 4 de Junho de 1877, admitia:

*A idade está a fazer-se sentir e o peso dos anos diz-me que não somos imortais cá na terra. Estamos no exílio e temos que pensar seriamente na pátria. O Inverno foi difícil. As forças faltam-me e, depois de pouco tempo de trabalho, o corpo diz-me: “para antes de desfaleceres”. Porém, sinto-me melhor. Trabalho ainda bem, mas os setenta e cinco anos cá estão! Contudo, porque falo tanto deste pobre animal? Passemos ao espiritual. O espírito não envelhece e o coração também não. Quando o corpo se rende, deixemos o espírito e o coração livres para Deus e entretanto vamos-lhe oferecendo tudo o que é transitório<sup>31</sup>.*

Tudo parecia acalmar-se em Lisburn, quando chega a triste notícia da morte da Madre Saint-Patrice Darcy, no dia 2 de Julho de 1877, aos trinta e um anos de idade. O atestado de óbito indicava que tinha morrido de tuberculose lenta e progressiva que a minava há um ano<sup>32</sup>. A notícia da sua morte espalhou-se depressa no Instituto. A grande distância, em Braga, a Madre Saint-Liguori registrava a reação da Madre Saint-Thomas. “A morte desta santa religiosa foi muito dolorosa para ela. A Madre Saint-Patrice tinha sido uma das suas filhas na altura em que foi mestra de noviças, na querida Casa Mãe”<sup>33</sup>. Não é fácil imaginar a tristeza do fundador e da Madre Sainte-Croix pela morte desta religiosa que, apesar de muitas incompreensões, serviu sempre até à morte, como superiora da primeira fundação do Instituto<sup>34</sup>.

---

31. Gailhac [à M. Ste. Marie], GS/4/VI/77/A. Para uma descrição do envelhecimento de Gailhac ver também Maynard, 476-477.

32. O certificado de óbito indica que ela morreu de tuberculose, mas isto pode não ser verdade, pois não estava presente médico algum quando ela morreu. Ver Ms. do seu certificado de óbito no Registro das Mortes, no Distrito de Lisburn 1877, 427 encontrado em Dublin, Irlanda: Joyce House.

33. Diário de Braga, 16.

34. Depois da morte da M. St. Patrice, a M. St. Raphael Cahill foi nomeada superiora em Lisburn e a M. St. Maurice Banim ficou sua assistente e secretária. A M. St. Colmban Darcy, que tinha mostrado preocupação com o estilo de vida em Lisburn, foi nomeada assistente e ecônoma da comunidade. Ver Gailhac a uma superiora, GS/9/VIII/77/A.

## Novos planos na fundação de Ferrybank

Quando a Madre Saint-Patrice morreu, não havia grande esperança de uma outra fundação na Irlanda, num futuro próximo<sup>35</sup>. Em 1875, o Padre Joseph Dunphy, então recentemente nomeado para a paróquia de Slieverue, tivera esperança de interessar as Religiosas do Sagrado Coração de Maria numa fundação em Ferrybank, uma pequena cidade nas margens do Rio Suir, do outro lado da ponte de Waterford City. Quer a Madre Sainte-Croix quer a Madre Saint-Charles tinham visitado a propriedade, no Verão de 1875. Quando o bispo da diocese, Dr. Moran, contactou formalmente Béziers, a Madre Sainte-Croix mostrou grande interesse no convite, mas dando a entender que a comunidade tinha dificuldades de financiamento, nessa altura. E, em Maio de 1876, anulava com muita relutância a possível ida da comunidade. O fato de terem acontecido inesperados revezes financeiros e desastres naturais, a dispendiosa construção em Bootle e a perspectiva de duas novas fundações - em Braga e nos Estados Unidos - tornava impossível o plano de Ferrybank<sup>36</sup>.

Decepcionado, o Dr. Moran dirigiu-se a Margaret Aylward, uma senhora muito rica de Waterford, fundadora das Irmãs da Santa Fé, em Dublin, em 1876. Estas irmãs tinham votos simples, não tinham clausura e orientavam escolas particulares e escolas gratuitas bem como orfanatos<sup>37</sup>. O Dr. Moran descobrira que estas irmãs projetavam a construção de um convento em Mullinavat, não longe de Ferrybank, com um arrendamento de apenas trinta e um anos. Ele pensou oferecer-lhes um arrendamento de novecentos e noventa e nove anos, num local em frente ao Rio Suir, se elas decidissem mudar e construir lá. A descrição que ele faz das necessidades daquela gente é muito viva:

*... a pobre população de Ferrybank precisa de tanto apoio espiritual e educação, como qualquer outra, em toda a diocese. Os homens trabalham no porto ou nos caminhos de ferro e as mães são muito negligentes em mandar os seus filhos à escola. De fato, não conheço nenhuma parte na Irlanda, onde um convento pudesse fazer maior bem do que entre esta pobre gente<sup>38</sup>.*

---

35. Dunphy à M. St. Charles, 20.7.1877. Cahier des Négociations - Ferrybank.

36. M. Ste. Croix a Dunphy, Maio de 1876. Lettres d'affaires, 20-21.

37. Ver Clear, 51.

38. Moran a Aylward, 5.8.1876, SCM. Província A/I, Caixa Ferrybank, H3ii.

Durante vários meses, o bispo e as Irmãs da Santa Fé negociam os termos do arrendamento. Em Dezembro de 1876 Margaret Aylward devolve ao bispo o documento por assinar. Interpretando este gesto como recusa, o Dr. Moran aceita amavelmente a decisão e comunica a Margaret Aylward que procuraria uma outra comunidade:

*Não prevejo grandes dificuldades em conseguir uma outra comunidade para Ferrybank. Nas minhas negociações consigo, achei sempre que o meu único motivo foi realizar o melhor para a promoção dos interesses da religião. E nunca fico decepcionado quando falho em tais negociações. Graças à piedade da nossa pobre gente, a Providência concede-nos muitas graças e espero que o céu enviará para Ferrybank uma comunidade cheia de energia, porque em consciência vejo que não há parte alguma da diocese que mais precise de tal bênção<sup>39</sup>.*

Parece, porém, que só em Setembro de 1877 é finalizada a recusa das Irmãs da Santa Fé. E o Padre Dunphy volta-se novamente para a comunidade que ele sempre desejou para a sua paróquia. Comunica à Madre Saint-Charles<sup>40</sup> que as Irmãs da Santa Fé, não concordando com os termos do arrendamento, tinham desistido do convite. O Padre Dunphy explica ainda que tinha sido autorizado pelo seu bispo a fazer a proposta de uns quinhentos metros quadrados de terreno, arrendado por trezentos anos pelos administradores da diocese com a renda anual de umas quarenta libras: “Nós próprios construiremos as escolas pobres. As Religiosas pagarão a renda e impostos e construirão o convento, pagando alguma coisa para sustento do capelão”<sup>41</sup>.

Pode imaginar-se a preocupação e decepção do Padre Dunphy, por não receber resposta de Béziers. Em Outubro escreve novamente à Madre Saint-Charles: “Começo a pensar que se transferiu para o Novo Mundo, enquanto a minha carta anda à sua procura no Velho Mundo”<sup>42</sup>. Cinco semanas mais tarde, quando a escola para pobres estava pronta, escreve de novo, repetindo a oferta inicial, com uma certa urgência e pequena ameaça: “Há algumas religiosas inglesas a negociar

---

39. Moran a Aylward, 10.12.1876, *Ibid*.

40. Talvez porque a primeira língua da M. St. Charles fosse o inglês, o P. Dunphy era com ela que tratava a princípio. E também porque, sendo ela visitadora para as Ilhas Britânicas, esta era uma das suas responsabilidades.

41. Dunphy à M. St. Charles, 12.9.1877, Cahier des Négociations-Ferrybank.

42. Dunphy a M. St. Charles, 15.10.1877, *Ibid*.

também o lugar”. Ele precisa de uma resposta imediata, sim ou não, das Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>43</sup>.

### **Planos da Madre Sainte-Croix para a sua última fundação**

A fundação na diocese de Ossory foi a grande esperança da comunidade em 1868. A fundadora chegou a dar a sua bênção ao grupo destinado para Callan<sup>44</sup>. Não é por isso evidente a razão por que os superiores, em Béziers, tiveram necessidade de tanto tempo, exatamente de Setembro a Dezembro de 1877, para darem alguma resposta. Será esta demora mais um exemplo da conduta habitual seguida pelo Instituto, nas suas primeiras décadas - esperar por um sinal de Deus, suspender os planos humanos até que uma “bendita coincidência” um catalisador mostre os planos de Deus para a comunidade? E se assim é, qual é o catalisador neste caso? Será a pequena ameaça do Padre Dunphy, de que uma outra congregação possa ocupar, em Ferrybank o lugar duas vezes oferecido às Religiosas do Sagrado Coração de Maria? Ou então, as notícias dos Estados Unidos, assegurando Béziers de que tudo está a correr bem e que algumas jovens americanas exprimem já o desejo de entrar na comunidade<sup>45</sup>?

Qualquer que tenha sido o catalisador, a decisão é tomada a 1 de Dezembro de 1877. A Madre Sainte-Croix tem de negociar os termos do contrato com o bispo, comunicar com o Padre Dunphy e com o arquiteto para acertar os custos da construção do convento e orientar - pelo menos à distância - os progressos da obra.

A Madre Sainte-Croix teve a seu cargo muitos e diferentes tipos de responsabilidade durante o seu mandato de superiora geral do Instituto. Entre outros, ela foi inspiração para as irmãs e apoio para as comunidades, conforto para o fundador. Tratou com Roma a aprovação do Instituto e das suas Constituições e orientou os primeiros passos de muitas postulantes para Béziers.

---

43. Dunphy á M. St. Charles, 24.11.1877, *Ibid*.

44. Ver Maynard, 290.

45. Gailhac à M. St. Basil, GS/16/XI//77/A. Três estudantes da Academia de Sag Harbor entraram nessa altura: Mary Cunehan de New York, (entrou a 8.12.1877), Emilie Josephine Dallon de Flatsbush (entrou a 2.2.1877), e a sobrinha do pároco, Suzanne Heffernan de Cambridge, Mass. (entrou a 8.12.1880). Todas professaram e foram enviadas para Sag Harbor. Ver Grande Registro, n° 157, n° 142, n° 159.

Agora assume a responsabilidade de mais uma fundação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a sexta do Instituto e a sua última fundação. No dia 1 de Dezembro de 1877 escreve ao Padre Dunphy:

*O nosso querido Pai sente-se muito feliz por lhe enviar uma comunidade de irmãs nossas, que assumirão a educação e instrução das crianças pobres da localidade, darão catecismo às crianças e adultos nos Domingos e orientarão escolas noturnas, se forem úteis à população. Nestas escolas será ensinada costura. E serão sobretudo para jovens adultas<sup>46</sup>.*

Então a superiora geral define e esclarece alguns pormenores com a precisão de uma longa experiência. As RSCM pagariam renda anual, mas inferior à que era paga pela Igreja e seu quintal, escolas pobres e casa paroquial<sup>47</sup>.

Como as irmãs frequentariam a Igreja paroquial, não havia necessidade de pagar ao capelão, ao menos por então. O arrendamento devia ser assinado por algumas RSCM escolhidas pelos superiores<sup>48</sup>. A Casa Mãe pagaria a construção, mas não mais de três mil Libras, em três prestações, num prazo de dois anos<sup>49</sup>. E termina a sua carta com a promessa:

*Se as nossas irmãs forem para Ferrybank, tenho a certeza de que depressa serão apreciadas como têm sido em outras localidades, onde temos casas filiais e onde se diz que a população em breve começa a transformar-se, após a sua chegada<sup>50</sup>.*

O Padre Dunphy envia imediatamente esta carta ao seu bispo que, depois de alguns esclarecimentos, aceita as condições postas pela Madre Sainte-Croix e acrescenta:

*...Confio que, com a graça de Deus, as suas boas irmãs serão uma fonte de grandes bênçãos para Ferrybank e hão-de adquirir*

---

46. M. Ste Croix a J. Dunphy, 1.12.1877, Cahier des Négociations, Ferrybank.

47. Foi esclarecido mais tarde, que a igreja com o seu quintal e a casa paroquial não faziam parte da área da propriedade. Ver Moran à M. Ste. Croix, 9.12.1877, *Ibid*.

48. O arrendamento de Ferrybank foi feito nos nomes de Eulalie Vidal, Mary Maynard, Teresa Hennessy, Rosanna MacMullen, Francês Granier e [Catherine] Davis. As duas últimas sobreviventes deviam encontrar substitutas para as outras quatro. Ver M.Ste. Croix a Dunphy, 6.1.1878, *Ibid*.

49. Esta era a estimativa feita pelo arquitecto John Walker em 1875.

50. Ver M. Ste. Croix a Dunphy, 1.12.1877, Cahier des Négociations -Ferrybank.

*abundantes méritos, educando as crianças pobres e praticando muitas outras obras de caridade*<sup>51</sup>.

Nem nesta carta nem na carta de 1 de Dezembro da Madre Sainte-Croix, há qualquer referência ao estabelecimento de escola paga, internato ou externato, o que não é normal, visto que era uma intenção muito clara desde o princípio. A referência do bispo a “muitas outras obras de caridade” podia entender-se que as irmãs visitariam os doentes. A Madre Sainte-Croix disse-lhe antes que as irmãs coadjuvadoras, não obrigadas como as irmãs de coro à meia clausura, podiam fazer essas obras de caridade, se o seu número o permitisse<sup>52</sup>.

O Padre Dunphy fica eufórico com tão boas notícias. E assegura a Madre Saint-Charles: *Em nenhum dos dois Mundos [Velho ou Novo] encontraria sítio mais agradável para a construção... Temos a mais bela escola para pobres que só espera pelas religiosas. Não abriremos as escolas até à Primavera*<sup>53</sup>.

À superiora geral do Instituto, que ele conheceu pessoalmente, Joseph Dunphy exprime a sua profunda satisfação: “No momento em que recebi [a notícia] mandei-a para Lisburn e disse-lhes que a propagassem até que a última filha do Coração de Maria pudesse conhecer tão boas e alegres notícias”<sup>54</sup>.

Em seguida e sem perder tempo, a Madre Sainte-Croix envia ao Padre Dunphy uma longa lista de pormenores sobre a construção. Este devia entregá-la ao arquiteto. A superiora geral parece ver o edifício na sua imaginação. Antes de mais, o convento deve ser construído de modo a poder ser ampliado, por meio de alas. No centro da fachada principal deve haver, como em Bootle, um nicho para a estátua de Nossa Senhora. Serão suficientes alguns quartos, sendo preferíveis dormitórios grandes e arejados. As crianças precisam de um grande refeitório, enquanto que para as religiosas basta um, pequeno. Três ou quatro salas de aulas de bom tamanho separadas por divisórias móveis, que possam deslizar para alargar o espaço e fazer a sala de música.

---

51. Moran à Irmã Superiora [M.Ste. Croix], 9.12.1877, *Ibid*.

52. Ver M. Ste. Croix a Moran, 24.10.1875, Arq. hist./RSCM., Caixa 8, Pasta 4. Não há provas de que as irmãs coadjuvadoras fossem visitar os doentes, em Ferrybank, naquele tempo.

53. Dunphy à M. St. Charles 9.12.1877, Cahier des Négociations, Ferrybank.

54. Dunphy à M.Ste Croix, 19.12.1877, *Ibid*.

Não vendo razão para esconder o edifício, a Madre Sainte-Croix não quer salas nas caves. Nestas devem ter lugar um oratório, salas de visitas, a cozinha, a despensa, o vestiário etc. Deve existir um belo átrio de entrada separado do interior por uma porta de vitral. As janelas da casa devem ser de estilo francês, abrindo pelo centro. Haverá ainda longos e espaçosos corredores para exercício no inverno. O convento deve ser construído no ponto mais alto, em frente de Waterford. No fim a Madre Sainte-Croix pede desculpa ao Padre Dunphy pela sua longa e enfadonha carta, mas explica que quer poupar ao arquiteto a maçada de ter de modificar o seu projeto, mais tarde<sup>55</sup>.

O sacerdote responde-lhe com uma certa ironia, dizendo-lhe que provavelmente não conseguiria a sua “casa sonho” por três mil Libras, pois os materiais de construção eram caros e não eram raras as greves de comerciantes<sup>56</sup>. No entanto, enviara a John Walker, o arquiteto e construtor, as sugestões recebidas e recebera dele o esboço de um grande edifício com dois andares, dominando o rio<sup>57</sup>. A estimativa do arquiteto, porém, era de que uma construção assim iria para umas quatro mil duzentas e cinquenta Libras<sup>58</sup>.

A Madre Sainte-Croix ficou satisfeita com o esboço e com as dimensões das estruturas. A Casa Mãe podia apenas dispender as três mil Libras. Para o restante, ela sugeria que “...uma lotaria ou bazar em seu favor, organizado por um grupo de amigos dele e delas [RSCM] o pagaria depressa, depois de estarem instaladas no novo convento”<sup>59</sup>.

Entretanto pede ao Padre Dunphy que procure interessar alguns rapazinhos no traçado de passeios na propriedade e alguém que ofereça árvores “e assim o nosso querido convento possa ter, o mais depressa possível, um certo aspecto”. Ouvira dizer que o terreno era grande e fértil, por isso quer aproveitá-lo imediatamente. Por conseguinte pede também que contrate alguém para o plantar com “grandes quantidades de batatas, cenouras e nabos etc. de modo que as nossas irmãs possam ter boas provisões no ano seguinte ou até vender uma parte, a fim de terem recursos para comprar muitas outras coisas indispensáveis”<sup>60</sup>.

---

55. M. Ste. Croix a Dunphy, 15.12.1877, *Ibid.* A única condição que não pode ser aceita foi a das janelas à francesa. Não eram práticas na Irlanda.

56. Dunphy à M. St. Croix, 19.12.1877, *Ibid.*

57. Dunphy à M. Ste. Croix, 13.1.1878, ZbítZ.

58. John Walker a Dunphy 6. 2.1878, *Ibid.*

59. M. Ste. Croix a Dunphy, 24.1.1878, *Ibid.*

60. *Ibid.*

Esta minuciosa carta ao Padre Dunphy revela entusiasmo, urgência e até uma certa impaciência da Madre Sainte-Croix por ver finalmente as religiosas na diocese de Ossory. Ela própria explica a causa desta urgência:

*As desilusões que tivemos nesta região [antigos esforços por uma fundação] só intensificaram o nosso desejo. Esperamos que o sucesso seja proporcional à demora na realização das nossas esperanças<sup>61</sup>.*

Ao entusiasmo da Madre Sainte-Croix o Padre Dunphy responde com realismo. Em primeiro lugar, diz ele, um bazar não teria sucesso, pois toda a gente está saturada de bazares<sup>62</sup>. Mais ainda, o bispo de Waterford nunca permitiria que se pedisse dinheiro para as RSCM na cidade, pois consideraria tal gesto “em oposição ao convento das Ursulinas”<sup>63</sup>. Segundo: o Padre Dunphy convence-a a não plantar tão cedo, pois prevê que “as pessoas da cidade, sabendo que os proprietários estão tão distantes, tratem os produtos sem cerimônia”<sup>64</sup>.

A Madre Sainte-Croix aceita as sugestões do Padre Dunphy e concorda em não limitar os custos da construção, mas pagar tudo o que for além das três mil Libras. Isto pode levar algum tempo, mas assegura--lhe:

*Não gostamos de dívidas e por conseguinte pagaremos tudo logo que nos seja possível após o pagamento das três mil Libras, nas condições já aceitas<sup>65</sup>.*

Também a Madre Sainte-Croix é realista ao comprometer-se com o que for necessário para a realização da grande esperança: que, em Ferrybank as Religiosas do Sagrado Coração de Maria possam

---

61. *Ibid.*

62. Dunphy à M. Ste. Croix, 5. 2.1878, *Ibid.* É curioso notar que no mês seguinte, o *Kilkenny Journal*, 23.3.1878, dava a notícia: “[um bazar] de ajuda às novas escolas pobres de Ferrybank, quase completas agora, foi organizado. Domingo na escola, sob os mais felizes auspícios... Entre as individualidades vindas da cidade, para o efeito, contavam-se o Major [Ald Manning], Ald. P. A. Power. J. P., ... e um convidado entre amigos influentes e dedicados. Os atractivos que o Padre Dunphy conseguiu eram primorosos”. Ver Arquivos Província A/I Caixa Ferrybank, H3hi. Parece que este bazar era unicamente em favor das escolas pobres, e não do convento, então em construção.

63. Dunphy à M. Ste. Croix,, 7.2.1878. *Cahier des Négociations – Ferrybank.*

64. Dunphy à M. Ste. Croix, 5.2.1878. *Ibid.*

65. Dunphy à M. Ste. Croix, 27.2.1878. *Ibid.*

brevemente trabalhar e dedicar toda a sua existência ao bem espiritual e temporal dos ricos e dos pobres”<sup>66</sup>.

Iniciada a construção, o Padre Dunphy convida o seu bispo para benzer a pedra angular. O Dr. Moran concorda em fazer a cerimônia na festa da Anunciação, em 1878<sup>67</sup>. O bispo comentava mais tarde o acontecimento, em carta a um seu amigo, de Roma:

*Tivemos uma bela cerimônia, a 25 de Março, em Ferrybank, nas margens do Suir, mesmo em frente da sua cidade natal. Foi a bênção dos alicerces do novo convento da comunidade religiosa de Béziers, França, que nos vai dar algumas religiosas. Dizem que é uma comunidade francesa, mas na realidade grande parte delas são irlandesas. Um dos nossos padres, que há tempos visitou Béziers, disse-me que encontrou lá, no noviciado, vinte e sete jovens irlandesas. Espero que a comunidade seja eficiente para ensinar nas escolas gratuitas, bem como nas que são pagas. Visitarão também os pobres na nossa margem do rio. Há agora aí uma grande população sendo a maior parte pescadores ou operários dos caminhos de ferro. Penso que é a parte mais abandonada da diocese e em maior necessidade de alguém que acorde nela o espírito e a prática da piedade. Vamos ter ali uma missão dirigida pelos Redentoristas, em Junho. Depois as irmãs conservarão vivo o fervor dessa gente, tornando-a como espero, cada vez melhor*<sup>68</sup>.

A Madre Sainte-Croix escreve em seguida ao bispo, agradecendo-lhe ter presidido à bênção da pedra angular. E acrescenta que está convencida de que esse gesto atrairá as bênçãos de Deus não só sobre o local, mas também sobre as religiosas, que ardentemente desejam começar a sua missão em Ferrybank<sup>69</sup>. Mas as RSCM só chegariam passado quase ano e meio, pois um trabalhador embriagado e descontente incendiara e destruíra a ala oriental e a fachada do edifício<sup>70</sup>. As religiosas só dariam entrada em Ferrybank, em Setembro de 1879. E a Madre Sainte-Croix já não veria esse dia, pois antes dele a surpreenderia a morte.

---

66. *ibid.*

67. Moran a Dunphy, 6. 3. 1878 *Ibid.*

68. Moran a Mons. Thomas Kirby, Presidente do Colégio Irlandês em Roma, 2.4.1878, Arquivos do S.C.M. Província A/I, Caixa Ferrybank, H3hii.

69. M. Ste. Croix a Moran, s.d., 1878, Cahier des Négociations-Ferrybank.

70. Para detalhes deste incêndio, ver Dunphy à M. St. Félix, 28.1.1879, *Ibid.*

## Os últimos meses de vida da Madre Sainte-Croix (1878)

### Gailhac e a Madre Saint-Félix em Portugal

Um mês antes da bênção da pedra angular em Ferrybank, Gailhac faz a sua primeira visita a Portugal<sup>1</sup>. Visitara muitas vezes as irmãs, em Liverpool e Lisburn para lhes pregar o retiro anual e presidir às cerimônias de profissão. Agora, acompanhado pela Madre Saint-Félix, viaja para Portugal, a fim de visitar as comunidades do Porto e de Braga. Tinha então setenta e seis anos.

Nos últimos anos da vida de Gailhac, Maynard descreve-o viajando de um lugar para outro “como bagagem, sem nada ver e ouvir, sempre no mesmo lugar, comendo apenas quando insistiam com ele”<sup>2</sup>. Porém em 1878, mostra-se muito mais observador. Escreve à Madre Sainte-Croix, uma carta cheia de humor e de pormenores descrevendo, de forma pouco vulgar, a longa viagem a Portugal, através da Espanha<sup>3</sup>. E de estranhar que não haja menção da visita de Gailhac nem no *Journal de la Fondation de Braga*<sup>4</sup> nem no *Journal de la Maison de Porto*<sup>5</sup>. Pode apenas conjecturar-se o que ele terá feito em Portugal. É fora de dúvida que o bem espiritual das comunidades tenha sido uma das prioridades. Era muito importante para ele encontrar-se com a Madre Saint-Thomas, sua representante em Portugal e animar a Madre Saint-Liguori, a jovem superiora de Braga que ele tinha nomeado, havia alguns meses. A vitalidade das duas escolas terá sido também muito importante para ele.

---

1. Gailhac visitaria Portugal mais duas vezes, em 1882 e 1885.

2. Maynard, 469.

3. Gailhac à M. Ste. Croix, GS/12/II/78/A.

4. Ver Arq.hist./Cong., Vol. II-C,64.

5. Ver *Ibid.*, 63. Também não há referência a esta visita em *Vidas Vivas*. A única informação existente é *Brief Histories* e as cartas de Gailhac.

Um assunto de particular interesse deve ter sido o fato de as propriedades do Porto e de Braga serem ainda alugadas. No ano anterior tinha escrito uma carta muito forte relativamente a este problema:

*... Uma comunidade que não é dona da sua casa é uma comunidade móvel. Penso que é imprudente começar uma fundação antes de comprar casa. Nunca mais consentirei numa tal situação. Fi-lo com muita relutância, mas estou muito preocupado. É urgente terem casas próprias no Porto e em Braga. Devem fazer tudo para o conseguir<sup>6</sup>.*

A questão torna-se mais urgente quando o proprietário da casa do Porto decide, uma vez mais, vender a propriedade. Alguns anos mais tarde, a Madre Saint-Félix declara que este foi um dos motivos da sua visita:

*O nosso Muito Reverendo Fundador acompanhado pela...[Madre Saint-Félix] partiu para visitar a propriedade e a casa antes de investir nelas. Tendo achado que era um bom investimento, apropriado para o trabalho começado, negociaram o preço e os termos da venda<sup>7</sup>.*

Todavia a comunidade de Braga, então na Rua de S. Miguel, o Anjo, teria que mudar para outra casa arrendada<sup>8</sup>.

Gailhac refere que fora bem recebido pelo bispo do Porto, pelos vigários e padres do seminário<sup>9</sup>. E muito provável que ele e a Madre Saint-Félix tenham visto o Padre Joseph Eigenman da Congregação do Espírito Santo. Este sacerdote a quem as RSCM chamam “Padre Superior” deu imenso apoio às religiosas, tanto a nível espiritual como temporal<sup>10</sup>.

---

6. Gailhac à M. St. Thomas, GS/8/IV/77/A. Deve notar-se, porém, que se não fosse esta possibilidade de arrendamento, a fundação de Braga não se faria em 1877, pois o período (1875- 1876) foi de grandes dificuldades financeiras no Instituto.

7. *Brief Histories*, 10. A propriedade na Praça Coronel Pacheco foi comprada em Janeiro de 1879. A compra da propriedade tomou possível o estabelecimento de escolas para pobres e para a classe média.

8. Em 1880-1881, a comunidade de Braga arrendou uma outra casa no Campo da Vinha, e mais tarde comprou-a.

9. Gailhac à M. St. Basil, GS/6/II1/78/A.

10. Ver Gailhac a Eigenman, 26.9.1878, Arq.hist/Cong., Vol. II-D, 95, 1-3 e M. St. Félix a Eigenman, 30.9.1878, *Ibid.*, 4-6. O Padre Joseph Eigenman era suíço e membro da Congregação do Espírito Santo. Esta chegou a Portugal em 1868. Começou uma escola para rapazes em Braga em 1872 e foi por duas vezes superior provincial. A M. Chantal faz-lhe referência como “co-fundador da nossa província”, ver *Por caminhos Não Andados*, 78-79. Para a correspondência com a comunidade do Espírito Santo, ver Arq.hist/RSCM., Caixa 18, Pasta 14.

Logo após o seu regresso a Béziers, o fundador escreve a algumas superiores. Sabendo que “cada missão do Instituto se sente feliz por saber o bem que as outras fazem” não tarda a informá-las:

*As duas casas [de Portugal] são abençoadas por Deus. Estão indo bem. Todos os habitantes apreciam e estimam as nossas queridas filhas. No Porto há cento e cinco alunas internas. Braga, fundada apenas há um ano, tem quarenta. Não é possível exprimir toda a simpatia que as crianças e os pais nos manifestaram<sup>11</sup>.*

Gailhac acrescenta que acaba de chegar de Portugal com a Madre Saint-Félix, tendo feito mais de quatro mil e oitocentos quilômetros em treze dias<sup>12</sup>. A visita tinha sido muito animadora:

*Regressei [a Béziers] inteiramente satisfeito e não muito cansado, embora tivéssemos passado oito noites no trem, durante esses treze dias de ausência. Encontrei tudo em tão bom andamento, que me senti amplamente compensado<sup>13</sup>.*

*A visita a Portugal proporcionou a Gailhac tanta vitalidade que chegou a pensar em ir aos Estados Unidos visitar as religiosas, confiando em que, do zelo e dedicação delas, tiraria forças para a viagem. E escreve à Madre Saint-Basil: Faça o possível por se inserir tão bem na sua nova missão [nos Estados Unidos] que todos possam reconhecer que Deus a enviou para estender o reino de Jesus Cristo. Procure que todos os corações com os quais entra em contato, se deixem tocar pelo amor de Deus. Enviadas a uma terra inteiramente nova, as irmãs praticarão o zelo de tal modo que, quando eu chegar tenha a impressão de estar vivendo nos primeiros séculos da Igreja, consciente do bom odor de Jesus Cristo, exalado por cada uma, nos corações de todos<sup>14</sup>.*

### **No termo da sua carreira**

A Madre Sainte-Croix deve ter tido grande parte na alegria de Gailhac por estas fundações. Porém, a partir de 1876, a frequência das

---

11. Gailhac à M. St Basil. GS/6/III/78/A.

12. Gailhac diz que percorreram “Plus de douze Cents lieues”. A légua vale cinco quilômetros.

13. Gailhac à M-St. Eugène, GS/7/III/78/A.

14. Gailhac `à M. St Basil. GS/6/III/78/A.

suas visitas às comunidades diminuí gradualmente, provavelmente por doença, dedicando os últimos meses de vida a diversas atividades orientadas para o futuro do Instituto. Continua a sua correspondência com o Padre Dunphy, durante os meses da Primavera de 1878, acompanhando o progresso da construção de Ferrybank e enviando cuidadosamente os pagamentos estipulados<sup>15</sup>. Continua ainda a corresponder-se com jovens interessadas na vida religiosa. Desde os seus primeiros tempos, como Religiosa do Sagrado Coração de Maria, e ainda antes, recrutara elementos para o Instituto. Agora, nesta última primavera da sua vida, a Madre Sainte-Croix responde ainda a uma jovem irlandesa que pede informações sobre a comunidade. E a última carta deste gênero que ela escreve:

*Em resposta à sua carta de 16 de Abril, deixe-me dizer-lhe que me sentirei muito feliz em a poder contar um dia entre as minhas filhas espirituais, se realmente estiver convencida de que Nosso Senhor a chama ao nosso Instituto. Como provavelmente sabe, é um Instituto de ensino e, por conseguinte, requer da parte de todos e cada um dos seus membros, ao menos um certo grau de instrução e suficientes qualidades intelectuais para o exercer. Consideramos adequadas para a nossa Ordem as jovens ativas, dinâmicas, de caráter vivo, cheias de zelo e dedicação, incapazes de hesitar diante das dificuldades e tribulações, quando se trata da glória de Deus e salvação das pessoas. Escreva-me de novo, minha querida filha e diga-me francamente se possui em si estas qualidades indispensáveis ou se, ao menos, sente um desejo ardente e suficiente força de vontade para trabalhar corajosamente em as alcançar<sup>16</sup>.*

Um dos seus últimos empreendimentos é a preparação do material necessário para a segunda aprovação do Instituto. Pio IX morrera em Fevereiro de 1878 e os superiores maiores querem apresentar o Instituto ao seu sucessor, Leão XIII. A Madre Sainte-Croix explica ao bispo de Brooklyn as razões desta intenção. Pio IX sancionara o Instituto pelo Decreto de Louvor (*Decretum Laudis*) em 1873, abençoando-o, bem como as suas obras e missões e dando à comunidade “as mais expressivas manifestações da sua proteção”. Agora a comunidade

---

15. M. Ste. Croix a Dunphy, 24.4; 3.5; 1.6; 1.7.78, *Cahier des Négociations-Ferrybank*.

16. M. Ste. Croix a uma candidata de Freshford, Kilkenny, 26.4.1878, *Lettres* n° 37.

pede ao sucessor de Pio IX a segunda aprovação<sup>17</sup>. Gailhac, na sua capacidade de “fundador e superior” das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, faz as minutas da petição formal, solicitando a Leão XIII a sua aprovação<sup>18</sup>. É da responsabilidade da Madre Sainte-Croix preparar todo o material requerido. Exatamente como em 1873, é necessário escrever a cada um dos bispos em cujas dioceses a comunidade se encontra. A carta ao bispo de Down and Connor é provavelmente típica:

*Desejando ardentemente obter da Santa Sé a segunda aprovação do nosso Instituto, muito gratos ficaríamos se Vossa Excelência nos desse uma carta de recomendação dirigida a Sua Santidade. Tal carta deveria declarar que as Religieuses du Sacré Coeur de Marie, Vierge Immaculée, da sua diocese, são fieis à observância das suas Regras e Constituições e que trabalham eficazmente pela glória de Deus e salvação das pessoas de todas as classes da sociedade. Se vossa Excelência se dignasse juntar algumas palavras dizendo que seria do seu agrado a aprovação do Instituto, ficar-lhe-íamos muito agradecidos<sup>19</sup>.*

Não foi fácil conseguir que os bispos anuíssem a este simples pedido<sup>20</sup>. Alguns enviaram as suas cartas diretamente à Santa Sé<sup>21</sup>. A Madre Sainte-Croix tem que incluir no processo a justificação para a recusa do bispo do Porto: a situação política em Portugal era ainda muito

---

17. M. Ste. Croix a Loughlin, 1.7.1878, Arq. hist./RSCM., Caixa 9, Pasta 1C.

18. Ver *Copie da la Lettre de demande de l'Approbation de l'Institut à Sa Sainteté Léon XIII* datada de 20.4.1878 e assinada por Gailhac. Arq.hist./RSCM., Caixa 3, Pasta 8. Não é claro que esta petição, embora enviada a Roma, fosse despachada devido à morte da superiora geral. Gailhac e a M. St. Félix, então superiora geral, enviam pedido idêntico em 1.11.1879. Ver Arq. hist./CRIS, M. 30.

19. M. Ste. Croix a Dorrian, 13.3.1878, Lettres, nº 34. Este bispo escreveu a Leão XIII a carta recomendando o Instituto, mas acrescentou que não fora capaz de modificar o costume de transferirem religiosas sem o consentimento do bispo ou do pároco. Referia-se, sem dúvida, à transferência da M. St. Thomas em Março de 1872 e, mais recentemente, ao plano de mudança da M. St. Patrice, na Primavera de 1877. Ver Patrick Dorrian a Leão XIII, 19.3.1878. Arq.hist./CRIS, M. 30.

20. Ver M. Ste Croix a Moran, 4.4.1878. Teve que pedir várias vezes ao P. Dunphy, que mostrasse ao bispo a necessidade da carta. Ver M. Ste. Croix a Dunphy 4.4; 24. 4; 5, 1878 *Cahier des Négociations Ferrybank*. Finalmente a 1 de Junho, ela diz a J. Dunphy que não se preocupe acerca da carta, uma vez que as RSCM ainda não estão na diocese do Dr. Moran e que o dossiê está já nas mãos da Congregação dos Bispos e Regulares, em Roma. *Ibid*.

21. M. Ste. Croix a um bispo não identificado, 27.4.1878. Lettres nº 40.

insegura para arriscar a recomendação<sup>22</sup>. Até ao bispo de Montpellier, Mgr. de Cabrières, tem que lembrar que, em 1878, os superiores maiores lhe submeteram um livreto com as observações feitas em Roma sobre emendas nas Constituições e uma cópia manuscrita das Constituições emendadas. Tudo isto tinha que lhes ser devolvido, com uma carta do bispo, declarando que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria tinham modificado as suas Constituições, segundo os desejos da Santa Sé e que, por consequência, ele recomendava a aprovação do Instituto<sup>23</sup>. Estando incapacitada de viajar para Montpellier, a Madre Sainte-Croix pede ao capelão da Providência para lhe ir buscar os manuscritos e a carta<sup>24</sup>.

A Madre Sainte-Croix tinha tido correspondência com todos estes bispos - o bispo de Montpellier, os bispos de Down and Connor, Porto, Liverpool, Braga, Broocklyn e Ossory. E é sob a protecção deles que as Religiosas do Sagrado Coração de Maria servem a Deus e ao povo de todas as classes, em França, Irlanda, Portugal, Inglaterra e Estados Unidos. Ela viu crescer o Instituto. Foi uma das suas fundadoras. Agora podia contar todos os membros desta família: na Casa Mãe, trinta e seis religiosas de coro e trinta irmãs coadjutoras. Nas casas filiais, quarenta e nove religiosas de coro e dezassete irmãs coadjutoras. Havia ainda vinte e três noviças e dezoito postulantes no noviciado<sup>25</sup>. A tomada de hábito e profissão de 26 de Julho de 1878, a última da sua vida, deve ter sido para ela uma forte esperança para o futuro<sup>26</sup>.

### **A última doença**

Não é claro por quanto tempo esteve a Madre Sainte-Croix gravemente doente. Já a 2 de Agosto de 1878 a Madre Saint-Thomas se queixa de que esperava uma carta da Madre Sainte-Croix, mas

---

22. Ver *Réponse à la demande faite à l'Evêque de Porto d'une lettre pour Rome*, escrita pela M. Ste. Croix, s.d. [Primavera de 1878], Arq. hist./CRIS, M.30.

23. M. Ste. Croix a Cabrières, Abril 1878, *Ibid*, 38.

24. M. Ste. Croix a M. l'Abbé Ricanne, Abril 1878, *Ibid.*, 39.

25. Para cópias de todos os documentos para a segunda aprovação, ver Arq. hist./RSCM., Caixa 18, Pasta 16. Esta lista de números no Instituto, não tem data precisa, mas foi provavelmente compilada na primavera de 1878.

26. Nesta cerimônia receberam o hábito quatro postulantes, incluindo as duas primeiras americanas M. Madeleine Dallon (n° 42) e M. François Cunehan (n° 157). Duas noviças, pelo menos, fizeram a primeira profissão sendo uma, M. St. Jean Madden (n° 111), a primeira vocação de Lisbum. Ver o Grande Registro.

soubera que ela estava doente e incapaz de escrever<sup>27</sup>. Por essa mesma altura a Madre Saint-Charles deve ter informado o Padre Dunphy sobre o estado de saúde da superiora geral, pois aquele responde-lhe a 8 de Agosto, prometendo as suas orações:

*... pois o seu grande coração tem mais que direito à minha especial simpatia. Sou egoísta na minha súplica ao céu para que Deus no-la conserve ainda por alguns anos para que possa ver completa a grande e gloriosa obra que ela empreendeu aqui para Sua Glória e salvação de muitos nesta querida e Velha Ilha - a terra da sua adoção<sup>28</sup>.*

Quando mais tarde, a Madre Saint-Félix comunica que a Madre Sainte-Croix enfraquecia cada vez mais, a Madre Saint-Thomas não fica surpreendida. De fato ela responde dizendo que esperava piores notícias devido a certas visões de uma jovem candidata portuguesa no Porto, Maria José Perry<sup>29</sup>. Referindo-se a esta candidata de dezoito anos, como a “nossa santa menina”, a Madre Saint-Thomas descreve detalhadamente e com ingenuidade surpreendente numa pessoa tão experiente, o que a candidata lhe dissera sobre experiências suas, três semanas antes. Pela sua natureza extraordinária, este relato é aqui apresentado extensivamente:

*Jesus mostrou-lhe duas pessoas doentes e recomendou-lhe que rezasse por elas. Ela pensa que uma era Gailhac, e não conhecia a outra, mas uma vez que me disse que a Reverenda Madre estava doente, pensei que fosse ela. Depois disse que a Santíssima Virgem obtivera de seu Filho a graça de deixar o nosso Reverendo Pai ainda por algum tempo, mas que a sua [Madre Sainte-Croix] morte era necessária à prosperidade do Instituto e que no céu nos seria ainda mais útil do que na terra. Então viu apenas uma pessoa doente e viu-a a si [Madre Saint-Félix] ao lado da cama. Penso que foi no sábado, 3 de Agosto, que ela foi transportada à nossa capela em Béziers para assistir a uma Missa pelos mortos, celebrada pelo nosso Reverendo Pai. Viu a desolação da comunidade e das alunas*

---

27. M. St. Thomas à M. St. Félix, 2.8.1878, Arq.hist/Cong., Vol. II-D, 109.

28. Dunphy à M. St. Charles, 8.8.1878, *Cahier des Négociations-Ferrybank*.

29. Maria José Perry era antiga aluna do Porto, a quem Maynard atribui o fato de levar algumas senhoras de Braga a pedir às RSCM para ensinarem na sua escola. Ver Maynard, 354. Entrou oficialmente no Instituto a 8.12.1878, recebeu o hábito com o nome de Maria de Jesus, a 7.8.1879, fez a sua primeira profissão a 8.2.1882 e a última profissão a 19.9.1887. Morreu em Tuy, Espanha, a 30.10.1930. Ver Grande Registro, nº 45.

*internas e, no meio da capela, uma religiosa, como que dormindo, com um belo sorriso na face e cercada de anjos. Se não estou enganada, foi num Domingo que ela teve esta experiência...*

*Depois pareceu-lhe que estava com Jesus num lugar escuro onde viu duas almas indo para o purgatório. Jesus disse-lhe que uma era a alma da religiosa que lhe tinha mostrado na capela, que ela apenas passara pelo purgatório e que já estava no céu. Mas a outra ainda lá ficara. Ele não lhe disse os nomes destas pessoas. Assegurou-lhe que aquela religiosa era uma santa, que já estava no céu, que tinha recebido a coroa de esposa e a recompensa por tudo o que fizera pela sua glória. Assistiu também ao funeral e ouviu o cântico dos anjos. Penso que a Santíssima Virgem lhe disse que o que tinha causado à Reverenda Madre maior prazer era o encontrar-se muito perto da nossa Veneranda Madre [Madre Saint-Jean]. E viu também no céu outros tronos vazios; naturalmente são os nossos. Coragem, pois, e trabalhemos por os alcançar<sup>30</sup>.*

A Madre Saint-Thomas termina este relato dizendo: “Tudo isto é segredo para a comunidade. Jesus é tão bom e ama tanto a nossa comunidade, que nos quer dar já uma santa”<sup>31</sup>.

As cartas seguintes da Madre Saint-Thomas são ainda mais incríveis. Escreve de novo à Madre Saint-Félix, descrevendo desta vez uma visão de Nossa Senhora por uma noviça coadjutora, a Irmã Sainte-Celeste, que era uma convertida ao catolicismo e estivera habitualmente doente, mesmo antes da sua chegada a Braga, em 1877. Esta noviça recebeu uma certa cura física e a graça de fazer os seus primeiros votos algumas horas depois daquela experiência<sup>32</sup>. No fim da carta, escrita quase três semanas antes da morte da Madre Sainte-Croix, a Madre Saint-Thomas acrescenta que não precisa de perguntar pela Madre

---

30. M. St. Thomas à M. St. Félix, 12.8.1878, Arq. Hist./Cong., Vol. II-D, 110.

31. *Ibid.*

32. M. St. Thomas à M. St. Félix, 16.8.1878, *Ibid.*, 111. A Irmã Ste. Celeste pareceu melhorar fisicamente durante algum tempo. A M. St. Thomas preocupava-se mais com a sua cura espiritual e ficou atônita quando esta noviça, muitas vezes tentada a sair, durante o ano anterior, pediu para fazer os votos. M. St. Thomas a Gailhac, 21.8.1878, *Ibid.* Alguns dos membros da comunidade de Braga pareciam mais incrédulos acerca da visão, pensando alguns, que podia ser o resultado do delírio. Parece que a sua cura física não foi total. Quatro anos mais tarde era enviada a Ferrybank em razão de saúde e parece que melhorou. Ver Braga Journal, 32.

Sainte-Croix, porque sabe, segundo a revelação da candidata, que a superiora geral “já está no céu e por conseguinte é muito mais feliz do que nós”. E, como que transmitindo uma mensagem: “Diga às nossas irmãs que não devem chorar demasiado esta morte, que aceitem a vontade de Deus e que o Sagrado Coração de Jesus se queixa da sua imoderada tristeza”<sup>33</sup>.

Parece evidente que a Madre Saint-Thomas estava totalmente persuadida que as visitas à Maria José, de Jesus e Maria eram genuínas. Mais ainda, parece certo que esta superiora experiente, enquanto que pedia a Gailhac orientação para os assuntos importantes da comunidade, encorajava a candidata a solicitar o conselho das suas celestes visitas! Por exemplo, ao pedir licença para mudar a capela do Porto, a Madre Saint-Thomas escreve: “A Maria José comunicou-me que Jesus lhe disse ser tal a sua vontade, mas eu não quis fazê-lo sem a licença do nosso Pai”<sup>34</sup>. Um outro exemplo relativo a um empréstimo da parte de um amigo rico: a Madre Saint-Thomas escreve a Gailhac para o informar de que a Maria José recebera uma mensagem de Jesus dizendo que, se Gailhac falasse com o Senhor Lurgan, ele lhe emprestaria sem juros o dinheiro necessário para a casa do Porto<sup>35</sup>. Na mesma carta diz a Gailhac que o Padre Eigenman orientaria o retiro anual das religiosas, em Portugal, “pois a Maria José me disse que Jesus assim o queria”<sup>36</sup>.

De todas, a mensagem mais séria diz respeito ao hábito usado pela comunidade. A Madre Saint-Thomas informa que a Maria José foi visitada várias vezes pela Santíssima Virgem, usando o hábito das RSCM, mas com algumas modificações: a touca, véu, cruz e fio eram idênticos, mas o vestido era como uma túnica, com um escapulário pendente do pescoço sobre o peito e as costas, e apanhado na cinta por um cordão azul do qual pendia um rosário. O vestido, bem como as mangas, era um pouco mais longo, não tinha mangas pequenas e o avental era azul<sup>37</sup>. Segundo a visão da candidata, a Virgem queria que Gailhac escrevesse imediatamente para Roma, pedindo para transformar o hábito segundo o que a Virgem usava quando apareceu. Além disso, a candidata disse que deveria receber este hábito modificado, no

---

33. M. St. Thomas à M. St. Félix, 16.8.1878. Arq. histJCong.. Vol. II-D 111.

34. M. St. Thomas à M. St. Félix. 12.8.1878 Arq. histJ Cong.. *Ibid.*, 110.

35. M. St. Thomas a Gailhac. 21.8.1878. *Ibid.*, 111.

36. *Ibid.*

37. *Ibid.*

Porto, no fim do retiro<sup>38</sup>. A Madre Saint-Thomas insiste:

*A Santíssima Virgem disse que o hábito devia ser modificado o mais depressa possível, que o Santo Padre autorizaria porque é a vontade de Nossa Senhora e que, se ela o não quisesse imediatamente, teria esperado mais tempo para o revelar. Ó meu Pai desejo impacientemente usar o hábito como o da Santíssima Virgem<sup>39</sup>!*

Entretanto, enquanto a Madre Saint-Thomas anda entretida com o que ela acredita serem “graças extraordinárias e visões” concedidas à candidata, Gailhac está preocupado com a doença grave da Madre Sainte-Croix e começa a angustiar-se. Escrevendo a uma religiosa admite:

*Querida filha, eu que em idade avançada tive que chorar a morte de tantas filhas que me foram arrebatadas, estou agora prestes a chorar a morte da segunda Madre Geral. A perda da primeira deixou, no meu coração, uma ferida que jamais cicatrizou. Agora, a perda da segunda vai abrir a primeira chaga e juntar amargura sobre amargura<sup>40</sup>.*

No mesmo dia escreve a outra religiosa:

*Uma nova provação espera o Instituto. A Reverenda Madre está muito doente e os médicos têm pouca esperança. Deus é todo poderoso. Peçamos-lhe que tenha piedade de nós... A minha vida é um perpétuo martírio, mas eu submeto-me<sup>41</sup>.*

Sem dúvida, parte do martírio de Gailhac é a decisão de ir a Liverpool e Lisburn, como previsto, para pregar o retiro e presidir à profissão de votos a 21 de Agosto. A Madre Saint Charles devia mandar-lhe notícias sobre a condição da Madre Sainte Croix. Numa das suas cartas, depois de descrever a doença da superiora geral, a Madre Saint-Charles acrescenta: “Toda a casa está convencida de que ela estará em pé quando o meu Pai regressar”<sup>42</sup>. Porém numa outra carta escreve: “A nossa querida doente está sempre na mesma. Os médicos dizem que ela está um pouco melhor, mas a sua fraqueza é extrema”<sup>43</sup>.

---

38. Ibid.

39. Ibid.

40. Gailhac a uma religiosa [provavelmente M. St. Thomas], GS/22/VIII/78/A.

41. Gailhac a uma religiosa [provavelmente M. St Liguori], GS/22/VIII/78/B.

42. M. St. Charles a Gailhac, s.d., Arq.hist./ Cong. Vol. II-d, 17.

43. Ibid.

Apesar destas mensagens de leve esperança, seria erro pensar que a morte da Madre Sainte-Croix é uma surpresa para Gailhac. No dia anterior, Gailhac responde à longa carta sobre visões, da Madre Saint-Thomas e escreve simplesmente: “Minha filha, reze e faça rezar pela nossa querida Reverenda Madre. Está em agonia”<sup>44</sup>. Porém, por muito que Gailhac queira acreditar na visão de Maria José acerca da Madre Sainte-Croix já no céu, o fundador é por demais prudente e experiente, para ser influenciado. Com firmeza e com doçura previne a Madre Saint-Thomas de que não há nada mais perigoso do que as visões extraordinárias, e que os relatos da candidata não passam de sonhos e de fantasias. Convencido de que esta forma de revelações privadas é muito perigosa para a Madre Saint-Thomas, bem como para a Maria José, proíbe a superiora de ouvir e discutir estes sonhos e fantasias com a candidata, de os estimular ou mesmo deter-se neles voluntariamente<sup>45</sup>.

#### **4 de Setembro de 1878 - morte da Madre Sainte-Croix**

A Madre Sainte-Croix Vidal morre no dia seguinte, quarta-feira, 4 de Setembro de 1878. Tinha feito sessenta e três anos no dia 25 de Agosto.<sup>46</sup> A causa da sua morte não é clara<sup>47</sup>. Pode presumir-se que a sua saúde piorava desde os princípios de 1877 e isso justifica a nomeação da Madre Saint-Charles, como visitadora das Ilhas Britânicas. A falta de saúde é também o motivo de não viajar com Gailhac, em Fevereiro de 1878, na primeira visita às comunidades portuguesas. Por outro lado, a Madre Saint-Félix descreve a doença da Madre Sainte-Croix como “breve, mas muito dolorosa”<sup>48</sup>. É muito possível que a Madre Sainte-Croix tenha morrido de alguma forma de cancro que tinha tido havia, pelo menos, dezoito meses, mas que entrou em fase aguda

---

44. Gailhac à M. St. Thomas, GS/3/IX/78/A.

45. *Ibid.*

46. Há uma certa discordância acerca da idade da M. Ste. Croix. A notícia da sua morte atribuí-a-lhe sessenta e dois anos. Arq. hist./Cong., Vol. II-D, 79. Isto corresponde a 1816 como ano do seu nascimento, que é a data indicada por Maynard. O Grande Registro, nº 2 dá o seu nascimento em 1815 e este é o ano usado no texto.

47. O certificado de óbito fornecido pelo Arquivo Municipal de Béziers, não contém tal informação e não é correcto acerca da sua idade e data da morte.

48. Ver M. St. Félix, Notas, *Proc. ap.* 1333.

no Verão de 1878. Isto é compatível com a descrição de Gailhac sobre a doença da Madre Sainte-Croix. Escrevendo às comunidades nos fins de Agosto de 1878, Gailhac explica: “Uma doença das ‘entrailles’ [órgãos internos], acompanhada de uma extrema fraqueza, no-la arrebatava”<sup>49</sup>.

Apesar de esperada, a morte da Madre Sainte-Croix impressionou e emocionou muito todas as religiosas. Escrevendo mais tarde, a Madre Saint-Félix refere-se ao grande vazio deixado no Instituto pela morte da superiora geral e resume assim a dedicação da Madre Sainte-Croix:

*Pela sua gentileza, interesse maternal e espírito de sacrifício tornou feliz a comunidade e continuou com zelo e solicitude o trabalho da formação das religiosas, já bem avançado pelos dois venerados fundadores*<sup>50</sup>.

Não é fácil imaginar a desolação causada na Casa Mãe pela perda da superiora geral, uma das cinco irmãs fundadoras, que governou o Instituto durante esta importante década das primeiras fundações.

A notícia da sua morte espalha-se rapidamente. A Madre Saint-Thomas recebe-a dentro de cinco dias. Segundo o seu testemunho, todas as religiosas em Portugal sentem profundamente a sua falta, especialmente ela mesma e a Madre Sainte-Marie. Duas Missas serão celebradas e toda a comunidade receberá a sagrada comunhão por sua intenção - “a única maneira de mostrarem o seu amor filial” por ela<sup>51</sup>.

O Padre Dunphy recebe a notícia por volta de 15 de Setembro e escreve imediatamente à Madre Saint-Charles uma longa e efusiva carta:

*Fora do círculo íntimo de superiores, na Casa Mãe, não há nenhum mortal que tenha maior razão para sentir a perda da feliz defunta - magnânima, generosa e de nobre coração, a Reverenda Madre - do que este humilde, sincero e solidário amigo. Eu partilhei mais as suas simpatias, as suas caridades e o seu santo e maternal carinho do que qualquer outro sacerdote ou bispo. Esta paróquia tem com ela uma dívida de gratidão que as presentes e futuras*

---

49. Gailhac às religiosas, GS/23/VI11/78/A.

50. M. St. Félix, Notas, Proc. ap., 1333.

51. A M. St. Thomas mostra-se consideravelmente mais calma nesta carta. Agradece a Gailhac os seus avisos acerca da Maria José, promete segui-los exatamente e ser mais cautelosa acerca de tais coisas, no futuro. M. St. Thomas a Gailhac, 9.9.1878, Arq. hist./ Cong., Vol II-D, 114.

52. Dunphy à M. St. Charles, 15.9.1878, Cahier des Négociations-Ferrybank,

*gerações não serão capazes de pagar. As obras de caridade, os benefícios à sociedade, o alívio dos pobres e a honra e glória de Deus que daqui resultarão, através das gerações futuras, servirá para a sua glória accidental no céu*<sup>52</sup>.

“O pequeno rebanho de exiladas” em Sag Harbor, longe da Casa Mãe, só tem conhecimento desta morte no dia 18 de Setembro. A Madre Saint-Basil escreve longas cartas a Gailhac e à Madre Saint-Charles, exprimindo o pesar da comunidade. Tinham sido muito sensíveis à bênção especial para as RSCM na América, dada pela Madre Sainte-Croix, no seu leito de morte<sup>53</sup> e nelas trava-se a luta entre o desejo de que ela continuasse a viver e o desejo de a ver no lugar da bem-aventurança.

O Padre Heffernan, pastor de Saint-Andrew, envia os seus sentimentos à comunidade, acrescentando que “as suas cartas para ele, embora poucas, o levavam a reverenciá-la como santa”. No fim da sua carta, a Madre Saint-Basil comenta a sua própria experiência:

*Sinto que ela está muito, muito próxima de mim. Desde que recebi a sua carta, várias vezes tenho falado com ela, como se ela estivesse ao meu lado e peço a esta mãe querida, que tanto nos amou, que me diga uma palavra, mostrando-me se eu estou orientando tudo de modo a agradar ao nosso Celeste Esposo. E sei que, se as coisas não correrem bem, hei-de ouvir do novo a sua voz, tão doce, tão amável*<sup>54</sup>.

A própria família da Madre Sainte-Croix chora a sua morte. Atrás dela ficam uma irmã mais velha, Pauline, que entrara nas Irmãs da Caridade de Nevers com o nome de Irmã Saint-Joseph, uma irmã mais nova, Adèle, viúva com dois filhos, Louis e Leon e a mais nova, Irmã Saint-Louis, religiosa de Notre Dame<sup>55</sup>. Numa longa e carinhosa carta às suas duas irmãs, a Irmã Saint-Joseph Vidal descreve a sua reação à morte da Madre Sainte-Croix. Parece que a notícia lhe chegou durante o seu retiro por uma carta da Irmã Saint-Louis. E conta que correu para Bernadette Soubirous, um membro da sua comunidade que, nessa altura fazia o retiro de profissão perpétua<sup>56</sup>. Ouvindo a carta que lhe fora lida,

---

53. M. St. Basil a Gailhac, 19.9.1878, *Proc. ap.*, 3819-3821.

54. M. St. Basil à M. St. Charles, 19.9.1878, *Ibid.*, 3822-3823.

55. Ver a Notícia da Morte da M. Ste. Croix, *Arq.hist./ Cong.*, II-D,79.

56. Conhecida em religião como Ir. M. Bernard, Bernadette, a jovem a quem a Santíssima Virgem apareceu em Lourdes fez a profissão final a 22.9.1878. Ver Margaret Blanton, *The Miracle of Bernadette* (New Jersey: Prentice Hall, 1958).

a santa comoveu-se até às lágrimas e disse à Irmã Saint-Joseph que deviam regozijar-se e dar graças a Deus por levar para junto de Si a querida Madre Sainte-Croix<sup>57</sup>.

Convencida de que a vida de sua santa irmã seria um dia escrita, a Irmã Saint-Joseph não quer esquecer algumas das “belas páginas” e acontecimentos ocorridos antes da entrada de Eulalie para as Religiosas do Sagrado Coração de Maria<sup>58</sup>. Recolhendo, com suas irmãs, algumas lembranças conta-nos esta anedota comovente:

*Toda a sua vida foi de alguém verdadeiramente predestinado. Como criança toda ela era inocência e ternura, toda entregue ao estudo e ao trabalho. Eulalie foi a única, antes da idade de seis anos, a ganhar na classe o prêmio prometido àquelas que recitassem toda a Paixão, sem nenhum erro. E ela era a mais nova, não tendo ainda completado seis anos. Lembro ainda a felicidade do pobre Papá quando, ao vir buscar-nos ao convento naquela tarde, como de costume, encontra a nossa querida Eulalie toda coroada de louros e a leva a casa nos braços, com a coroa e em triunfo<sup>59</sup>.*

Agora a sua querida Eulalie, “querida Sainte-Croix” como lhe chamam, tinha partido, com a mesma idade de sua mãe “e também numa quarta-feira, pelas nove horas”<sup>60</sup>.

Mas como é que Gailhac reage à morte da Madre Sainte-Croix, que ele dirigiu espiritualmente por mais de trinta anos e que, com outras quatro religiosas, iniciou o Instituto das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, a 24 de Fevereiro de 1849? Desde então assumiu grandes responsabilidades na comunidade, primeiro como assistente e depois como superiora geral. Gailhac compreende a necessidade que as suas filhas têm de chorar a perda da sua superiora. De fato, consciente da sua bondade e santidade e da amizade delas, Gailhac aceita que chorem, como que em atitude de gratidão, quem viveu só para elas, dedicando-se totalmente à sua santificação e ao bem da comunidade. Porém, na

---

57. Sr. St. Joseph Vidal às suas duas irmãs, s.d. [provavelmente Setembro 1878]. Arq. hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 4.

58. Sr. St. Louis Vidal fez o mesmo. Ver Sr. St. Louis à M. St. Félix, 9.1.1879, Ibid. Maynard usa algumas destas anedotas na sua seção sobre Eulalie Vidal. Ver Maynard, 248-252.

59. Sr. St. Joseph Vidal às suas duas irmãs, s.d., Arq.hist./RSCM., Caixa 5, Pasta 4.

60. *Ibid.* A Senhora Vidal tinha sessenta e dois anos e seis meses quando morreu, vinte e nove anos antes.

sua carta às religiosas, insiste em que não bastam lágrimas. A memória da Madre Sainte-Croix impõe certos deveres. Apesar de terem muitas provas da sua santidade, devem pedir que ela possa entrar já na união eterna com Deus. Já que tem que se ser tão puro, tão perfeito para entrar na união com a Infinita Santidade e porque não se sabe se esse momento de união é imediato ou não, as religiosas devem rezar por ela sem cessar. Gailhac estimula também as religiosas a converter-se, a renovar-se no espírito da sua vocação, cumprindo assim o mais profundo desejo da sua superiora geral. Há ainda um último dever. Se elas forem fiéis à sua memória, devem estar perfeitamente unidas à Casa Mãe. Foi esta unidade que a Madre Sainte-Croix sempre fomentou com o seu exemplo, as suas cartas e os seus conselhos<sup>61</sup>.

Sim, com Gailhac, ela lançou as sementes das fundações e ambos cultivaram com esmero o seu jardim. Num olhar retrospectivo Gailhac pode descobrir novas energias, ao pensar que a Madre Sainte-Croix se juntara no céu com a Madre Saint-Jean, Madre Saint-Stanislas Gibbal, Madre Saint-Patrice Darcy e com todas as outras RSCM que tão jovens ainda, Deus levou para Si “para formar uma comunidade no céu”.

A melhor maneira de terminar este volume acerca das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, nos primeiros anos das suas fundações, parece ser a citação das palavras que o Padre Gailhac escreveu, há mais de cem anos por ocasião da morte da Madre Sainte-Croix:

*As nossas queridas irmãs falecidas, mortas para a terra, mas usufruindo agora da verdadeira vida, devem ser de grande conforto para nós. No céu continuam a servir-nos, como intercessoras diante de Deus. Aqui em baixo, a memória dos seus grandes exemplos de virtude jamais se apagará e será para nós um grande estímulo para caminhar sobre as suas pegadas até, um dia, nos reunirmos com elas<sup>62</sup>.*

---

61. Gailhac às religiosas, GS/9/IX/78/A.

62. Gailhac às religiosas, GS/7/X/78/B.



# APÊNDICE





PADRE JEAN GAILHAC EM 1874





**MADRE SAINTE-CROIX VIDAL EM 1874**





**MADRE SAINT-THOMAS HENNESSY**





MADRE SAINT-EUGÈNE GRANIER





**MADRE SAINT-CHARLES McMULLEN**





SENHORA SARAH PETER



## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM	
1869	A reunião do Primeiro Concílio Vaticano começa a 8 de Dezembro A Igreja da Irlanda (C e I) é separada por Gladstone	Ulysses Grant é o 18.º presidente dos Estados Unidos  Abertura do Canal Suez As prisões dos devedores ingleses são abolidas	1869  4 de Mar. 1 de Mai.	Tentativas de fundações em França, Bury St. Edmund e Callan Morte de M. St. Jean Pellissier Cure Eleição de M. Ste. Croix Vidal como segunda superiora geral do Instituto M. St. Thomas Hennessy é enviada a Dublin numa "dupla missão"
1870	É promulgada a Infalibilidade Papal O primeiro Concílio Vaticano é formalmente suspenso	Cincinnati Red Stokings toma-se o primeiro assalariado de uma equipa de baseball A França declara guerra à Prússia O Ato de Educação na Grã-Bretanha toma a educação obrigatória dos 5 aos 13 anos de idade Napoleão III foge e é declarada a República em França. A cidade de Béziers regozija-se Os italianos entram em Roma e reclamam-na como sua capital O movimento Home Rule começa na Irlanda Nasce Nikolai Lenin Morre Charles Dickens Morre Robert E. Lee	1870 Jan.  Fev.  Primavera  Set.  22 de Nov.	O'Keefe levanta um processo contra o seu bispo diante do Queen's Bench em Dublin A M. St. Thomas recebe a visita de Michael Buckley de Lisbum Jean Gibbal está em Roma para pedir a aprovação do Instituto  A M. Ste. Croix, receando os efeitos da invasão da Prússia em França, pede ao Cardeal Cullen de Dublin e ao Arcebispo Manning de Westminster, que recebam as RSCM nas suas dioceses Fundação em Lisbum Superiora: M. Sacré Coeur McMullen (11/70-7/71)

## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM
1871	D. Américo Ferreira dos Santos Silva é bispo do Porto	<p>A França rende-se à Prússia                      William I proclamado Imperador da Alemanha em Versailles                      A Inglaterra legaliza as uniões dos trabalhadores                      Nos Bancos são introduzidos ferias-                      dos na Inglaterra e País de Gales                      Darwin escreve "The Descent of Man"                      Verdi compõe "Aida"                      David Livingston e Henry Stanley encontram-se em África.</p>	<p>Comunidade: Purification Dunne (noviça)                      St. Ignace Banim (noviça)                      St. Colomban Darcy (noviça)                      St. Chrisostome Loughlin                      St. Benoit Comerford                      Ste. Irenée Murphy                      St. Patrice Darcy                      Ste. Melanie Condoyer                      Ste. Rosalie Alvesque</p> <p>Representante da Casa-Mãe:                      M. St. Thomas Hennessy</p> <p>1871 2 de Jul.</p> <p>Ag.</p> <p>8 de Ag.</p> <p>31 de Set.</p> <p>Gailhac visita Lisbum acompanhado pela M. St. Charles McMullen, levando para Lisbum Ste. Sophie Alvesque, St. Epiphanie Salles e St. Sebastien Davis (noviça).                      St. Patrice Darcy é nomeada superiora de Lisburn 7/71 - 1/77 e 5/77 - 7/77.                      M. St. Thomas Hennessy encontra-se com P. Thomas Kelly da paróquia de St. James, Bootle e fala da possibilidade de uma fundação RSCM.                      St. Basil Davis e St. Raphael Cahill vão para Lisbum.                      Fundação no Porto                      Superiora: Ste. Marie Hennessy                      Comunidade: Ste. Appolonie Fenayrou                      St. Gabriel Moylan                      duas postulantes francesas</p>

## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM
1872	<p>Os Jesuítas são expulsos da Alemanha</p> <p>Morre Alexander Goss, bispo de Liverpool</p>	<p>É introduzido na Grã-Bretanha o voto secreto</p> <p>Tumultos sectários em Belfast</p> <p>É aberta a ponte de Brooklin</p> <p>Primeiro jogo internacional de foot-ball</p>	<p>1872 20 de Mar. St. Thomas Hennessy é chamada a Béziers; St. Gabriel Moylan regressa doente a Béziers, acompanhada pela Miss Margaret Hennessy</p> <p>Abr St. Thomas Hennessy é enviada ao Porto, acompanhada por St. Athanase e St. Vincent Philip</p> <p>22 de Jun. Fundação de Bootle (Liverpool) Superiora: St. Eugène Granier Assistente: St. Joseph de Koka Comunidade: Ste. Thérèse Butler St. Cyprien Cahill St. Ambroise Power St. Dominique Hoyne (esta irmã morreu na viagem) Ste. Melanie Condoyer (enviada de Lisburn) Ste. Rosalie Alvesque (enviada de Lisburn)</p> <p>14-31 Jul. Ste. Croix Vidal visita Lisburn</p> <p>16 de Jul. Primeira Profissão em Lisburn: St. Colomban Darcy, St. Ignace Banim, St. Sebastien Davis</p> <p>1 de Ag. Ste. Croix Vidal regressa a Bootle com St. Ignace Banim e Basil Davis St. Alphonse Keane (noviça) é enviada para Bootle</p> <p>10 de Out. O Convento de Lisburn é apedrejado por Orangistas</p>

## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM			
1873	<p>O bispo de Montpellier François Marie LeCourtier, é forçado a resignar.</p> <p>Bernard O'Reilly é nomeado Bispo de Liverpool</p>	<p>Napoleão III morre no exílio em Inglaterra</p> <p>Thiers cai e Mac Mahon é eleito presidente em França</p> <p>As cidades de Buda e Pest são unificadas para formar a capital da Hungria</p> <p>Nasce Eurico Caruso</p> <p>Remington inicia a produção de máquinas dactilográficas</p>	1873	<p>Abr. Sacré Coeur MacMullen era para ir para Béziers substituir St. Louis Gonzague Roger, mas vai para Bootle.</p> <p>Mai. Ste. Croix Vidal regressa a Béziers depois de 11 meses em Bootle</p> <p>Fim Jun.-Jul. Ste. Croix Vidal e Ste. Colombe Dejean vão a Roma apresentar o pedido de aprovação papal do Instituto</p> <p>Ag.-Set. Gailhac e Ste. Croix em Bootle/Lisburn</p> <p>16 de Set. A Santa Sé concede o Decretum Laudis</p>		
1874	<p>François-Marie de Cabrières é consagrado bispo de Montpellier</p> <p>Realiza-se a primeira peregrinação oficial americana a Roma</p>	<p>Disraeli é nomeado Primeiro Ministro da Grã-Bretanha</p> <p>Afonso XII é proclamado Rei de Espanha</p> <p>Primeira Exposição Impressionista em Paris</p> <p>Primeiro Jardim Zoológico americano abre em Filadélfia</p> <p>Nasce Winston Churchill</p> <p>O ténis é introduzido na América</p>	1874	<p>Abr./Mai. A M. St. Félix visita a comunidade do Porto</p> <p>30 Mai.-</p> <p>-18 Jun. Gailhac, Ste. Croix e St. Félix vão a Roma</p> <p>2 Jun. As RSCM encontram-se com Sarah Peter que as convida a fazerem uma fundação nos Estados Unidos</p> <p>Set. Ste. Croix vai a Bootle/Lisburn</p>		
1875	<p>As ordens religiosas são abolidas na Prússia</p>	<p>A família real portuguesa está no Porto para inaugurar o caminho de ferro entre Porto e Braga</p>	1875	<p>10 Fev. Pedido de dispensa de votos St. Athanase Handy e St. Vincent Phälip</p>		





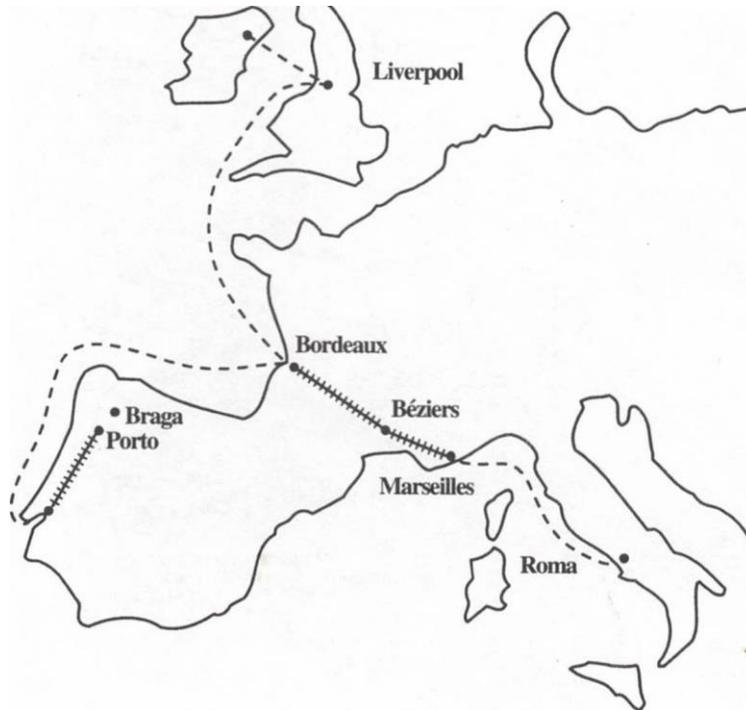
## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM
		<p>Grande incêndio em Sag Harbor devasta a área industrial da cidade Edison inventa o fonógrafo</p>	<p>2 Fev. Fundação em Braga A M. St. Thomas Hennessy, representante de Gailhac em Portugal e Visitadora do Porto, assume a direcção da casa Comunidade: St. Liguori McMullen St. Julien Romieu Ste. Celeste Mais tarde foram enviadas para Braga St. Joseph Pancada (noviça), St. Dominique Bousquet (noviça) e 2 postulantes</p> <p>Mar. St. Charles McMullen está em Bootle como Visitadora das Ilhas Britânicas e regressa a Lisbum</p> <p>15 Mar. Fundação em Sag Harbor Superiora: St. Basil Davis Assistente da Superiora: St. Benoit Comerford Comunidade: St. Arsène Buggy Ste. Augustine Walsh St. Barthèlemy Delaney Ste. Agathe Marley</p> <p>2 Maio Ste. Philomène Banim é substituída, como superiora de Lisbum e chamada a Béziers St. Patrice Darcy é de novo nomeada superiora em Lisbum, mas morre em Julho</p> <p>10 Maio St. Charles McMullen regressa a Béziers Julho M. Ste. Croix vai a Lisburn</p>

## CRONOLOGIA

ANO	ACONTECIMENTOS NA IGREJA	ACONTECIMENTOS NO MUNDO	ACONTECIMENTOS NO INSTITUTO DAS RSCM
1878	<p>Morre Pio IX                      O Cardeal Count Pecei é eleito Papa Leão XIII                      Em Scotland a Hierarquia é restaurada por Leão XIII</p>	<p>O Rei Victor Emmanuel II de Itália morre                      A.A. Pope fabrica as primeiras bicicletas nos Estados Unidos                      A luz eléctrica é introduzida nas ruas de Londres                      Exposição Mundial de Paris</p>	<p>9 Ag. St. Raphael Cahill é nomeada superiora em Lisbum, tendo como assistentes St. Colomban Darcy e St. Maurice Banim</p> <p>11-31 Ag. Gailhac vai a Lisbum e Bootle</p> <p>Set. Ste. Croix Vidal regressa a Béziers</p> <p>5 Out. St. Thomas Hennessy é nomeada superiora no Porto e Visitadora de Braga</p> <p>7 Out. St. Liguori MacMullen é nomeada superiora em Braga</p> <p>Nov. Ste. Croix visita Lisburn e Bootle pela última vez</p> <p>Dez. Finalizam-se os planos para a fundação de Ferrybank</p> <p>1878</p> <p>10-12 Fev. Pela primeira vez Gailhac visita Portugal com St. Félix Maymard</p> <p>21 Ag. Gailhac vai a Lisbum e Bootle</p> <p>4 Set. Morte de M. Ste. Croix Vidal</p>

Lisburn



Lisboa

**VIAGENS DA MADRE SAINTE-CROIX VIDAL LIVERPOOL/LISBURN 1872-1877**  
**ROMA 1873, 1874**  
**PORTO 1875**



**LUGARES MENCIONADOS NA IRLANDA**

# ARQUIVOS HISTÓRICOS

## Casa Generalícia RSCM: Roma, Itália

Este guia bibliográfico limita-se aos documentos que se podem encontrar na Casa Generalícia das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Roma, Itália. Há documentos adicionais históricos na Casa Mãe, Béziers, França e nos arquivos das Províncias.

Os documentos abaixo mencionados indicam a fonte principal usada na história do Instituto desde as suas origens até 1905.

### 1. Escritos do Padre Gailhac.

1.1. *Escritos do Padre Gailhac, sacerdote da Diocese de Montpellier*. Montispezzulan Beatificationes. Montpellier: 1949

1.1.1. Um volume de 121 páginas. Cópias datilografadas das cartas de Gailhac. Algumas destas cartas encontram-se nos volumes abaixo descritos.

1.1.2. Treze volumes num total de 4.788 páginas. Volumes 1-11, 1-4130. Cópias dactilografadas baseadas em cartas originais. Volumes 12-13, 4131-4788. Cópias dactilografadas de cartas tradicionalmente atribuídas a Gailhac, mas cujos originais se não encontraram. Encontra-se um índice dos volumes, no princípio do volume 13. 1-39.

1.2. *Escritos do Padre Gailhac encontrados durante o Processo Apostólico*. Montispezzulan Beatificationes, Montpellier: 1955. A página 259 deste volume, número 14 das séries, contém escritos do Padre Gailhac descobertos durante o Processo Apostólico de Beatificação. Tem um índice no princípio do volume, 255-259.

1.3. *Cartas do Padre Gailhac*. Todas as cartas dirigidas individualmente a irmãs ou a comunidade, incluindo cartas conhecidas, encontradas depois de 1955, foram de novo dactilografadas e colocadas por ordem cronológica. Cada carta tem um código de referência.

1.4. *La Vie Religieuse*. Contém longos tratados e cartas escritas por Gailhac às Religiosas do Sagrado Coração de Maria, colecionadas e publicadas depois da morte de Gailhac.

1.4.1. *La Vie Religieuse*. Lille: Societé St. Augustin, Desclée de Brouwer et Cie 1892. Volume I : 1-416. Volume II: 1-422.

1.4.2. *La Vie Religieuse*. Segunda edição. Lille: S.I.L.I.C 1937, 1-316.

Contém as mesmas cartas e tratados, mas organizados por temas. Eliminaram-se certas repetições.

1.4.3. *La Vie Religieuse*, traduzida pelas Religiosas do Sagrado Coração de Maria. Tarrytown on Hudson, New York, Marymount, 1934-1-305. É uma tradução inglesa da primeira edição francesa, a que se juntou a carta circular de 1932 escrita pela M. M. Joseph Butler, em honra do Sagrado Coração de Maria.

### 2. Arquivos Históricos das Religiosas do Sagrado Coração de Maria.

2.1. *Arquivos Históricos da Congregação do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada*. Uma colecção de documentos originais sobre Gailhac, os primeiros membros e obras

do Instituto. Alguns destes documentos estão dactilografados no *Processo Apostólico* (conf. 3 abaixo). Há 16 volumes encadernados em couro, numerados de I a VII com vários volumes subdivididos. As subdivisões são indicadas por letras do alfabeto. Os volumes foram encadernados em 1964.

2.2 Arquivos históricos das RSCM. inclui documentos encontrados ou coleccionados depois de 1964. Estes documentos estão classificados em caixas com um número de classificação. Em Agosto de 1992 as caixas são:

A-Z Livros e panfletos AA-AE

1 -29 Documentos originais e cópias de documentos.

30-65 Cópias de cartas dirigidas a M. M. Joseph Butler (arquivos "secretos"). 66-189

Vários documentos originais e cópias.

Fotografias e artefatos são classificados separadamente.

3. Processo de beatificação do Padre Gailhac.

3.1. *Processus Informativus super fama sanctitatis virtutum et miraculorum servi Dei Joannis Gailhac*. Montpellier 1949.

Este volume de 400 páginas dactilografadas contém não só os primeiros testemunhos ouvidos sobre a santidade de Gailhac, mas também cópias dactilografadas de documentos.

3.2. *Processus informativus super fama sanctitatis virtutum et miraculorum servi Dei Joannis Gailhac*.

*Processiculus Additionalis*. Montispeessulan. Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1951.

Estes cinco volumes de 1738 páginas contém não somente subsequentes testemunhos ouvidos, mas também documentos relativos à santidade de Gailhac.

Com o volume precedente constituem o Processo Diocesano de Beatificação.

3.3. *Processus Apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac*.

Montispeessulan. Beatificationis et Canonizationis. Montpellier: 1955.

Estes vinte e quatro volumes (7079 páginas dactilografadas) incluem outros testemunhos e documentação suplementar, parte do Processo Apostólico de Beatificação.

4. *Principais Biografias do Padre Gailhac*.

4.1. *Escritos do Padre Gibbal relativos ao Padre Gailhac*.

O Padre Gibbal (1816-1871), padre do Bom Pastor e irmão da M. St. Stanislas (Rosalie Gibbal), deixou quatro manuscritos e algumas folhas soltas sobre Gailhac. Podem encontrar-se nos Arquivos Históricos da Congregação, Volume VI.

4.1.1. *Versão A*. Texto incompleto escrito em páginas soltas. Falta um capítulo do qual só existe o título. Na addenda, perderam-se as páginas 22 a 27 e 31.0 texto é nitidamente um rascunho.

4.1.2 *Versão B*. Este texto tem 56 páginas. Falta a página 41.0 texto contém a vida de Gailhac até 1865. É também um rascunho.

4.1.3. *Versão C*. É uma cópia editada da Versão B escrita num livro de apontamentos, com um título.

4.1.4. *Versão D*. No capítulo XIII há notáveis diferenças entre este texto e a Versão C. Termina com a morte da fundadora, em 1869. O último capítulo não é completo.

4.2. Maynard, Henri Victor, *R.P. Gailhac... Sa vie et ses oeuvres*. P. Maynard era também um Padre do Bom Pastor e irmão de M. St. Félix Maynard (Marie Maynard), uma das primeiras irmãs. Existem duas edições desta biografia do P. Gailhac.

4.2.1. *R.P. Gailhac... Sa vie et ses oeuvres*: Béziers: Librairie Bénézech-Roques, 1895, XIV-482.

4.2.2. *R.P. Gailhac... Sa vie et ses oeuvres*: Béziers: Librairie Bénézech-Roques. s.d. XIV-482. Esta edição tem o imprimatur do Bispo de Cabrières. O texto não foi modificado nas áreas em que exprime opiniões acerca do bispo e do seu relacionamento com os Padres do Bom Pastor. Há “errata” na página 487.

4.2.3. *Inquisitio circa valorem historicum vitae servi Dei a sacerdote V. Maynard concinnatae*. Vaticano: Typis Polyglottis Vaticanus. 1962. XXI-493. Este volume, parte do Processo Apostólico de Beatificação, procura estabelecer a base histórica da biografia de Maynard. Tem cinco partes:

- Informatio do R.P.D.Relatoris Generalis de ratione hujus inquisitionis (A.P.Frutaz)
- O texto completo da biografia de Maynard conforme a primeira edição com notas explicativas de P. Michel de Lattre
- Documentos
- Apêndices
- Ilustrações.

4.2.4. *Jean Gailhac*. Westminster, Maryland, Christian Classics, Inc.,1977. IX-311. Uma tradução inglesa do *Inquisitio* é iniciada por M. Joseph Rogan e continuada, depois da sua morte, por Sr. Françoise Thérèse Rogan. Foram omitidos alguns itens de pouca importância.



# BIBLIOGRAFIA

## 1. FONTES PRIMÁRIAS

### 1.1. RSCM

#### 1.1.1. Roma: Casa Generalícia RSCM

- *Ecrits du P. Gailhac, prêtre du Diocese de Montpellier. Montispeessulan Beatificationis*. 13 Vols. Montpellier: 1949.
- *Letters of Father Gailhac* (série GS: Janeiro de 1871-Outubro de 1878). Arquivos históricos da Congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Maria, Virgem Imaculada: Vols. I-A, I-B, I-B2, II-A, II-B2, II-C, II-D, II-E, IV-A, VII. Arquivos históricos das RSCM: Caixas 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 14, 15, 16, 17, 18, 117, G, K, J.
- *Processus apostolicus super virtutibus et miraculis in specie servi Dei Joannis Gailhac*. Montispeessulan Beatificationis et Canonizationis, 24 vols. Montpellier: 1955. Vols. V, X, XI, XV, XVI, XVIII, XXII.

#### 1.1.2. Béziers: Arquivos da Casa Mãe.

- Grande Registro dos membros incorporados
- Livros de notas e cartas.

#### 1.1.3. London: Arquivos SCM da Província Anglo-Irlandesa

- Cartas e livros de notas: Caixas Hlgi, Hlhi, H2j, D5e, H3, H3hi, H3hii.

#### 1.1.4. Tarrytown, New York: Arquivos RSCM da Província Americana de Leste

- Notas e cartas.

### 1.2. CIDADE DO VATICANO

#### 1.2.1. Cidade do Vaticano: Arquivos Históricos da Congregação para a Evangelização dos Povos

- SC Irlanda 1868-1873, vol.36.
- SC Francia 1869-1879, vols. 7-8.
- SC América Central 1874-1877, vols. 25-27; 1885-1887, Vols. 42-47.

#### 1.2.2. Cidade do Vaticano: Arquivos da Congregação para Religiosos e Institutos Seculares Caixas M. 30.

### 1.3. FRANÇA

#### 1.3.1. Béziers: Biblioteca Municipal

- *L'Indicateur du Hérault* (1847).

#### 1.3.2. Montpellier: Arquivos Diocesanos

- *La Semaine Religieuse de Montpellier* (1876,1877).

### 1.4. INGLATERRA

#### 1.4.1. Biblioteca Pública de Bootle: História Local

- Relatórios Trienais do Conselho Escolar de Bootle 1885-1888, 1888-1891, 1891-1894.
- Atas do Conselho Escolar (5.12.1870-10.11.1876).
- Relatório do Conselho Escolar (1894).
- Actas da Comissão de Frequência (11.7.1884-10.9.1886).

### 1.5. IRLANDA

#### 1.5.1. Belfast, Irlanda do Norte: Repartição Pública de Arquivos

- *Daily Examiner* (Abn\ 1871).
- *Belfast Morning News* (Novembro 1870).

- *Belfast and Ulster Directory* (1860-1880).
- Livro das Actas das Comissões da Cidade (Lisbum) (Outubro 1853-Feveireiro 1873). Documentos Ed. 1/4/, 1/8,1/9; Vai. 12B/14, 28/1.
- Mortes Registadas no Distrito de Lisburn, 1877.

## 1.6. ESTADOS UNIDOS

### 1.6.1. NEW YORK

#### 1.6.1.1. Arquivos da Arquidiocese de New York

- *The New York Freeman's Journal and Catholic Register* (Agosto 1862, Abril-Julho 1874, Maio-Junho 1876, Feveireiro 1877).
- *The Catholic Review* (Janeiro, Feveireiro, Marco 1874, Julho, Dezembro 1875, Maio 1876, Feveireiro, Setembro 1877, Maio 1878).

#### 1.6.1.2. Arquivos da Diocese de Broocklyn

- Cartas dirigidas ao Bispo Loughlin.

#### 1.6.1.3. Biblioteca Pública de New York, 42 St. Annex

- *New York Daily Tribune* (\.3AZTT).
- *New York Times* (7.2.1877).

#### 1.6.1.4. Biblioteca Pública de Sag Harbor

- *Sag Harbor Corrector* (Dezembro 1873, Maio, Junho, Julho, Agosto, Setembro 1876, Feveireiro, Abril 1877)

#### 1.6.1.5. Easthampton, Biblioteca Pública: Long Island

- Notas não publicadas do Rev. George Driscoll.

#### 1.6.1.6. Museu Histórico de Suffolk (Riverhead).

#### 1.6.1.7. Sociedades Históricas (Orient, Southold)

#### 1.6.1.8. Biblioteca Floyd (Greenport).

#### 1.6.1.9. Sociedade Histórica (Shelter Island)

### 1.6.2. OHIO

#### 1.6.2.1. Sociedade Histórica de Cincinnati

- Documentos King.

#### 1.6.2.2. Arquivos da Arquidiocese de Cincinnati

- Documentos do Arcebispo Purcell 1874, 1875, 1876-79.
- *Catholic Telegraph* (Outubro 1872, 1874, Feveireiro 1877).

#### 1.6.2.3. Sociedade Histórica de Ohio, Columbus

- Worthington: Documentos 54, Caixas 2,11.20.

#### 1.6.2.4. Ross County Historical Society, Chillicothe.

- Cartas de Sarah Peter de Viagens no Estrangeiro.

## 1.7. PORTUGAL

### 1.7.1. Biblioteca Municipal do Porto

- *Almanak do Porto e seu Distrito* (1856-1879).
- *O Primeiro de Janeiro* (Setembro 1873-Setembro 1874).
- *O Comércio do Porto* (Setembro, Outubro 1871).

### 1.7.2. Biblioteca Municipal de Braga

- *O Comércio do Minho* (Dezembro 1876-Julho 1877).

## 2. FONTES SECUNDÁRIAS

### 2.1. ESTUDOS RELACIONADOS COM AS RSCM

- Carvalhoes, M. de Chantal, RSCM. *Vidas Vivas*. Coimbra: RSCM, 1948. Ver também a tradução inglesa de M. Benedict Murphy. *Lives Aglow with the Spirit*. Coimbra RSCM, 1948.  
*Por Caminhos Não Andados: Sessenta Anos de História 1871-1931* 2 vols. Lisboa: Instituto do Sagrado Coração de Maria, 1970. Ver também a tradução francesa *Fondations du Père Jean Gailhac au Portugal, 1871-1886 e Histoire de la Province Portugaise: Deuxième partie 1892-1933*.
- Comissão des Sources. *Aperçu Historique sur le 19 ième Siècle: Béziers et l'Origine des Oeuvres du Père Gailhac*. Rome 1968.
- Lattre, Michel de. *Inquisitio circa valorum historicum vitae serv Dei sacerdote V. Maynard concinnatae*. Cidade do Vaticano: Typis Polyglottis, 1962
- Maynard, Henri Visctor. *R.P. Gailhac ... Sa Vie e ses Oeuvres*. Béziers: Biblioteca Bénézech-Roques, 1895.  
*Jean Gailhac*. Traduzido por M. Joseph Rogan. RSCM e Françoise Thérèse Rogan, RSCM. Westminster, Maryland: Christian Classics, 1977.
- Maynard, M. St. Félix, *Brief Histories of the Early Foundations. Sources of Life*, Doc. n° 1. Roma: RSCM, 1983.
- Mary Milligan, RSCM. *That they may Have Life*. Roma: Universidade Gregoriana, 1975.
- Sampaio, Rosa do Carmo, RSCM. *Gênese do Instituto: seu Desenvolvimento com o Madre St. Jean 1802-1869*. Vol. I de *Uma Caminhada na Fé e no Tempo*. .4 *História das Religiosas do Sagrado Coração de Maria*. RSCM. 1992. Traduzida por Mary Milligan, RSCM. *The Birth of the Institute: It's development during Mother St. Jean's Lifetlme (1802-1869)*. Vol. I of *A joumey in Faith and Time: History of the Religious of the Sacred Heart of Mary*. RSCM, 1990.

### 2.2. ESTUDOS RELACIONADOS COM A IGREJA

- Aubert *Nouvelle Historie de FEglise* vol. V de *L'Eglise dans le Monde Moderne*. Paris: Seuil, 1975.
- Ellis, John Tracy, ed. *Documents of American Catholic History*. Vol. 2. Wilmington, Delaware: *Michael Glazier*, 1987
- Hostie, Raymond. *Vie et mort des Ordres Religieux*. Paris: Desclée de Brower, 1972.
- Hugues, Philip. *The Church in Crisis: A History of the General Councils 325-1870*. Garden City, N.Y.: Hanover House, 1961.

### 2.3. ESTUDOS RELACIONADOS COM A FRANÇA

- Cholvy. Gerard. *Religion et Societé au XIX siècle: Le Diocese de Montpellier*. Não pub., doctora thesis, Universidade de Paris, 1972
- Frigugliette, James e Emmet Kennedy, ed. *The Shaping of Modem France: Writings on French History Since 1715*. London: Collier - Macmill Limited, 1969.
- Gagnon, Paul A. *France Since 1789* ed. revista New York. Harper and Row, 1972.
- Keller, E. *Les Congrégations Religieuses en France: leurs Oeuvres et leurs Services*. Paris: Librairie Poussielgue Frères, 1880.
- Langlois, Claude. *le Catholicisme au féminin: Les Congrégations Françaises à Supérieure Générale au XIX siècle*. Paris: Cerf, 1984.
- Lapeyre. Claude e Alain Roque. *Béziers Pas à Pas*. Béziers: Le Coteau, 1984.
- Latreille, A. e René Remond. *Histoire du Catholicisme en France*. Vol.III, Paris: Spes, 1962.

- Mayer, Françoise. *L'éducation des Filles en France au XIX siècle*. Paris: Hachette, 1979
- Sagues, Jean. *Histoire de Béziers*. Toulouse: Privat, 1986.
- Thompson, J.M. *Louis Napoléon and the Second Empire*. New York: Noonday Press, 1955.
- Wright, Gordon. *France in Modern Times*. 3ª ed. New York W.W. Norton and Co., 1981
- Zeldin, Theodore. *France 1848-1945*. Oxford, Clarendon Press, 1977.

#### 2.4. ESTUDOS RELACIONADOS COM A INGLATERRA

- Burke, Thomas. *Catholic History of Liverpool*. Liverpool: C. Trinling and Co. Ltd. 1910.
- *Catholic Family Annual Almanac for the Diocese of Liverpool*. Liverpool: n.p., 1884.
- *Church of St. James Centenary 1845-1945*. Liverpool: Kilburn Ltd., 1945.
- Herington, Pat. *Bootle in Times Past*. Chorley, Lancashire. Countryside Pub., 1979.
- Marsden, W.E. *Social Environment in a Merseyside Town 1870-1900. Popular Education and Socialization in the nineteenth Century*. Philip McCann, ed. London: Methusen and Co. Ltd., 1977.
- *Official Handbook of Bootle*. Liverpool: Littlebury Bros. 1971.
- Regan, Millicent. *Children of Bootle: A Socio-Medical History*. Bootle: não pub., 1968.

#### 2.5. ESTUDOS RELACIONADOS COM A IRLANDA

- Clear, Caitrona. *Nuns in nineteenth Century Ireland*. Washington D.C.:linprensa da Universidade Católica, 1988.
- Corrigan, William. *The History and Antiquities of the Diocese of Ossory*. Vol.I. Dublin: Sealy, Bryers and Walker, 1905.
- Daily, Mary E. *The Famine in Ireland*. Dundalk: Daudalgan Press, 1986.
- Foster, Roy F. *Modern Ireland 1600-1972*. New York: Viking Penguin Inc., 1988.
- Greene, W. J. A. *Consisse History of Lisburn and Neighbourhood*. Bclfast: T.H. Jordan, 1906.
- Larkin, Emmet: "The Irish Bishops at the First Vatican Council". *The Recorder*, Winter 1988, 34-60.
- Lyons, F.S.L. *Ireland Since the Famine*. New York: Charles Scibner's Sons, 1971.
- McCashin, Mark. *The Book of the Bazaar: St. Patrick's Catholic Church in Lisburn*: Lisburn n.p., 1906.
- Moody, T.W. e F.X. Martin, ed. *The course of Irish History*. Cork: The Mercier Press, 1967.
- O'Laverty, James. *Diocese of Down and Connor*. Vol.II. Dublin M.H. Gill and Son, 1880.
- Vaughan, W.E. e A.J. Fitzpatrick. ed. *Irish Historical Statistics: Population 1821-1870*. Dublin: Dublin Royal Irish Academy, 1978.
- Woodham-Smith, Cecil. *The Great Hunger*. London: New English Lybrary Ltd., 1970.

#### 2.6. ESTUDOS RELACIONADOS COM PORTUGAL

- Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Vol.III. Porto. Lisboa: Livraria Civilização, 1970.
- Oliveira Marques, A.H. de. *History of Portugal*, 2ª ed. 2 vols. New York: Columbia University Press, 1976.

#### 2.7. ESTUDOS RELACIONADOS COM OS ESTADOS UNIDOS

- Burlon, Katherine. *In no Strange Land: Some American Catholic Convents*. New York: Longmans, Greene and Co., 1942.
- Duvall. R. *The History of Shelter Island*. Shelter Island: n.p. 1952.
- Ewens, Mary, O. P. *The Role of the Nun in 19th C. América: Variations on the International Theme*. New York: Arno Press Inc., 1978.

- *“Women in the Convent” Catholic Women: A Historical Exploration*. Karen Kennelly. New York McMillan Pub. Co., 1989.
- King, Margaret Rives. *Memoirs of the Life of Mrs. Sarah Peter*. 2 vols. Cincinnati: Robert Clarke and Co., 1889.
- Kruthaupt, M. Rose, SFP. “Sara Worthington King Peter’s Influence on the Foundation and Growth of the Franciscan Sisters of the Poor in América 1858-1877”. Dissertação não publicada M.A., University of Dayton 1965.
- Long Island Railroad Co. ed. *Long Island and Where to go*. New York: Lovibord and Jackson, 1877.
- McAllister, Anna Shannon. *In Winterwe Flourish*. New York Longmans, Green and Co., 1993.
- Milligan, Mary, RSCM. “Development of Religious Life in the United States from its European Roots”. Conferência não pub. no North American College, Roma, 18 de Março, 1990.
- Misner, Barbara, SCSC. *Highly Respectable and Accomplished Ladies: Catholic Women Religious in América 1790-1850*. New York: Garland Pub. Inc., 1988.
- Power, Watts, Alma. *Sarah Peter: The Dream and the Harvest*. New York: Vision Books, 1965.
- Richards, Joseph Havens. *A Loyal Life*. St. Louis: B. Herder, 1913.
- *St. Andrew’s: Our Parish, (>ur Church, we the People of God*. Sag Harbor, New York: não pub., 1973.
- Sharp, John K. *History of the Diocese of Brooklyn: The Catholic Church on Jung Island*. 2 vols. New York: Fordham University Press, 1954.
- Weisburg, Henry and Donneson, Lisa. *Guide to Sag Harbor. Landmarks, Homes and History*. Sag Harbor, New York: John Street Press, 1975.



## INDICE

Prefácio.....	5
1. Ultrapassando Béziers: determinação e desilusões (1868-1869).....	7
Motivos para a expansão.....	9
Tentativas de fundações.....	14
Callan.....	18
2. Á procura da missão na Irlanda: O chamamento para Lisburn (1870).....	31
A Irlanda nos anos 1868-1870 .....	31
A Madre Saint-Thomas em Dublin - uma dupla missão.....	32
Novas tentativas para uma fundação.....	40
A Guerra Franco-Prussiana - Um temível catalisador.....	42
Lisburn - uma realidade.....	47
3. Católicos numa cidade protestante: A fundação em Lisburn (1870-1871).....	51
A cerimônia do envio.....	51
Antecedentes de Ulster e Lisburn.....	53
As primeiras semanas em Lisburn.....	54
Início das obras de zelo.....	56
Relações entre a Casa Mãe e a fundação de Lisburn.....	60
Primeira viagem de Gailhac a Lisburn.....	65
Correspondência da Madre Sainte-Croix com a comunidade de Lisburn.....	67
Ultrapassando Lisburn.....	72
4. Uma segunda fundação - Porto (1871-1872).....	75
Cenário de Portugal no século XIX.....	75
O convite de Margaret Hennessy.....	81
A viagem para o Porto.....	82
Reações à fundação.....	84
A Madre Saint-Thomas enviada ao Porto.....	85
5. A fundação de Bootle - O contexto inglês (1872).....	89
Últimos preparativos.....	89
Viagem missionária e trágica.....	93
Antecedentes da vila de Bootle.....	95
Reações ao Decreto sobre Educação de 1870.....	96

6.	Conduzindo as primeiras fundações (1872-1873).....	105
	Função da Madre Sainte-Croix em Bootle.....	105
	A primeira viagem da Madre Sainte-Croix a Lisburn.....	106
	Formação da “Querida Superiora” de Bootle.....	109
	Espírito de pobreza - opiniões diferentes.....	111
	Motins anti-católicos em Lisburn.....	115
	Reação da Casa Mãe.....	119
	Gailhac em Bootle.....	122
7.	Peregrinos no coração da Igreja: Encontro com Sarah Peter (1873-1874).....	125
	Pedido do Decretum Laudis.....	125
	RSCM peregrinas em Roma.....	131
	Encontro com Sarah Peter.....	135
	Planos para uma fundação na América.....	142
	As religiosas na Igreja da América.....	145
8.	Renovando a comunidade: visita da Madre Sainte-Croix ao Porto (1875).....	149
	Visita à comunidade do Porto.....	149
	Renovando a comunidade do Porto.....	158
	Postulantes retidas no Porto.....	161
	Dames Auxiliatrices.....	163
	Convite para uma fundação em Braga.....	165
	Margaret Hennessy e o espírito e missão das RSCM.....	168
9.	9. Dificuldades e esperanças (1875-1876).....	173
	Dificuldades financeiras na Casa Mãe.....	173
	As comunidades de Bootle e Lisburn em 1875.....	174
	Primeira visita a Ferrybank.....	177
	Conselho de comunidade em Bootle.....	178
	Vocações para congregações femininas na Irlanda.....	181
	Papel da Madre Sainte-Croix na promoção vocacional.....	183
	Outros planos.....	189
10.	Capítulos Gerais, Jubileus e novos empreendimentos (1876-1877).....	193
	A cura da Irmã Jeanne Moreau.....	193
	Conclusões do primeiro Capítulo Geral.....	194
	Bodas de Ouro do Fundador.....	198
	Fundação de Braga.....	201

11. Fundação em Sag Harbor, New York (1877).....	209
A escolha de Sag Harbor como local.....	209
Sarah Peter em Long Island.....	210
Debate entre educação pública e educação paroquial.....	215
Sarah Peter e o bispo de Broocklyn.....	217
Planos sobre a comunidade e escola.....	218
Preparativos finais.....	221
Morte da Senhora Peter.....	223
Viagem e primeiros meses em SagHarbor.....	224
12. Atenções voltadas para a Irlanda - Norte e Sul (1877-1878).....	233
Crise em Lisburn.....	233
Novos planos na fundação de Ferrybank.....	241
Planos da Madre Sainte-Croix para a sua última fundação.....	243
13. Os últimos meses de vida da Madre Sainte-Croix (1878).....	249
Gailhac e a Madre Saint-Félix em Portugal.....	249
No termo da sua carreira.....	251
A última doença.....	254
4 de Setembro de 1878 - morte da Madre Sainte-Croix.....	259
Apêndice.....	265
A. Padre Gailhac em 1874.....	267
B. Madre Sainte-Croix Vidal em 1874.....	269
C. Madre Saint-Thomas Hennessy.....	271
D. Madre Saint-Eugène Granier.....	273
E. Madre Saint-Charles McMullen.....	275
F. Senhora Sarah Peter.....	277
G. Cronologia.....	279
H. Mapa: as viagens da Madre Sainte-Croix Vidal.....	287
I. Mapa: lugares mencionados na Irlanda.....	288
Arquivos históricos das RSCM.....	289
Bibliografia.....	293
Índice.....	299



